



RAÍZES

Ano XII - Nº 23

São Caetano do Sul

Julho de 2001





Nossa Capa

O personagem homenageado pela obra do artista plástico e cartunista sancaetanense Jayme da Costa Patrão é o bandeirante Fernão Dias Paes Leme, que contribuiu para a formação territorial do Município de São Caetano do Sul. Com efeito, as terras doadas pelo explorador paulista, juntamente com áreas que haviam pertencido ao capitão Duarte Machado e esposa, foram destinadas à ordem beneditina, a qual fundou no local a Fazenda São Caetano. A região em que se fixaram os religiosos faz parte dos limites atuais da cidade.

O quadro, de 1946, pintado a mão, é composto de 48 azulejos e possui um metro e 37 centímetros de altura por um metro e oito centímetros de largura. Foi instalado no Bar Bandeirante (propriedade de Avelino e Villa), estabelecimento comercial que ficava na Rua Amazonas, nº 546. Há cinco anos, o artista doou o painel ao Museu Municipal (onde pode ser visto), participando diretamente, por meio de técnica especial, da remontagem do tra-

balho. Devido ao rebuscamento dos traços e também às cores utilizadas, o próprio pintor definiu-o como barroco.

Quanto a Fernão Dias Paes Leme, homem rico de São Paulo, notabilizou-se pela busca que empreendeu, chegando mesmo a desbravar o sertão de Minas Gerais, à procura de esmeraldas. Por conta própria, organizou expedição, em 1673, com o intuito de encontrar as pedras preciosas. Durante muito tempo vagou pelas matas sem obter resultados. A demora fez com que boa parte de seus homens desistisse da empreitada. O bandeirante, contudo, mandando vir recursos de São Paulo, insistiu no propósito e, encarando várias adversidades, encontrou as jóias que tanto procurava. O esforço, entretanto, foi em vão: Fernão Dias Paes Leme, enfraquecido pelos inúmeros percalços, não suportou a jornada de volta, falecendo às margens do rio das Velhas. A morte poupou-lhe da decepção de descobrir que o tesouro trazido das matas não se constituía de esmeraldas, mas de pedras menos valorosas.



Fundação Pró-Memória

São Caetano do Sul

Ano XII - Número 23
Publicação semestral
Distribuição gratuita

ISSN 1415-3173

Publicação da Fundação
Pró-Memória de São Caetano do Sul

Julho de 2001

Avenida Goiás, 600 - Térreo
CEP 09521-300 - São Caetano do Sul (SP)
Fonefax (011) 4221-9008 e 4221-7420
www.fpm.org.br
e-mail: fpm@fpm.org.br e
raizes@fpm.org.br

Jornalista responsável

Valdenizio Petrolli
(MTb 10.883 - Sjesp 5.514)

Coordenação geral

Sônia Maria Franco Xavier

Redação

Alexandre Toler Russo (pesquisa e redação)
José Roberto Gianello (pesquisa)
Maria A. M. Fedatto (secretaria e coordenação)
Paula Ferreira Florotti (assessoria)

Imagens

Antônio Reginaldo Canhoni (fotografia)
Jayme da Costa Patrão (ilustração)
Neusa Schllaro Scaléa (arte)

Programação Visual e Paginação Eletrônica

Maria Antônia dos Reis-ME

Conselho Editorial

Ademir Médici, Aleksandar Jovanovic, Alexandre Toler Russo, Humberto Pastore, Jayme da Costa Patrão, João da Costa Farla, José Roberto Gianello, Maria Aparecida M. Fedatto, Mário Del Rey, Mário Porfírio Rodrigues, José de Souza Martins, Sílvio José Buso, Sônia Maria Franco Xavier (presidente), **Valdenizio Petrolli, Yolanda Ascêncio.**

Fotolitos e Impressão

Provo Distribuidora e Gráfica Ltda.

A revista está aberta à colaboração de pesquisadores da História do ABC paulista. A seleção do material é de responsabilidade do Conselho Editorial. Originais encaminhados à Redação não serão devolvidos, com exceção de fotografias. Opiniões emitidas nos artigos são de exclusiva responsabilidade de seus autores e não refletem, necessariamente, a opinião da revista.

Editorial

O projeto editorial da revista *Raízes* atinge o seu décimo segundo ano. Estamos no número 23, e a seção *Dossiê*, iniciada na edição anterior, tem como enfoque a década de 30 e os conturbados reflexos na região do ABC. Contempla os desdobramentos do processo histórico, desencadeado com a crise de 1929, no tocante ao recrudescimento das contradições entre os setores agrário e industrial, que emergem com a Revolução de 1930 e o Movimento Constitucionalista de 1932.

Trazemos também nova seção, dedicada à cultura em geral e, mais especificamente, aos artistas plásticos, poetas e músicos. A inovação tem o intuito de resgatar obras e manifestações de grande valor estético, aqui realizadas ou feitas em outras regiões do Brasil e no exterior, de artistas sancaetanenses. Além disso, a partir deste número a publicação conta, juntamente com as valiosas contribuições habituais, com uma safra de novos memorialistas que, possuindo grande competência de pesquisa e habilidade descritiva, desvendam os encantos dos anos 60 e 70, pródigos em divergências culturais e comportamentais do povo brasileiro.

Atentem, da mesma forma, para a cobertura do processo histórico regional, em que notórios acadêmicos nos transportam para o ABC dos séculos passados ao lado de outras ricas contribuições sobre São Bernardo nos anos 30 e Santo André nos decênios de 40 e 50. Eis, pois, *Raízes* 23, fiel à História de nossa gente e à procura daqueles que fazem a nossa História.

Sônia Maria Franco Xavier

O passado e os reais fatores da História

Luiz TORTORELLO(*)

O grande mérito da Fundação Pró-Memória é a perseverança no resgate de fatos capazes de configurarem a identidade de uma comunidade, uma região e um país. Jamais insistiremos o suficiente na verdade de que um povo sem identidade não tem liberdade, e a revista *Raízes* é, nesse cenário, elemento ímpar na realidade nacional, seja por sua qualidade editorial e gráfica, seja por seu trabalho de consolidar a História com um projeto sóbrio e sério, realizado por pessoas cuja principal característica é, ao lado do conhecimento e elevado nível cultural, o mais autêntico idealismo.

Identidade, Liberdade e Idealismo são, na História da Humanidade, o mais extraordinário motor para suas mais notáveis realizações. Aberta ao debate, diversificada na temática, cuidadosa na forma e

tratamento do conteúdo, ao falar do passado *Raízes* esclarece as conquistas do presente e cria as condições para facilitar a realização das mais elevadas aspirações futuras, pelo fato de dar bases sólidas não apenas sobre o que já ocorreu, mas também, e principalmente, sobre os princípios e valores determinantes da trajetória de uma comunidade no transcurso do tempo, a exemplo de São Caetano do Sul.

Tem, por isso, de ser lida com respeito, atenção e carinho, pelo fato de tratar-se não de simples almanaque, mas de instrumento de altíssimo nível em nosso posicionamento no dia-a-dia. Tem de ser vista como o espelho da trajetória de pessoas, núcleos e movimentos sociais construtivos que são, sempre, os reais fatores da História.



(*) Luiz Olinto Tortorello, prefeito de São Caetano do Sul, é professor e jurista

ÍNDICE

Dossiê

Os movimentos revolucionários de 1930 e 1932

5 *Política e economia do ABC no fim da década de 20 e início dos anos 30*

Alexandre Toler RUSSO

15 *A tranqüila Revolução de 1930 no Município de São Bernardo*

18 *A contribuição de Washington Luiz para o desenvolvimento rodoviário brasileiro*

José Roberto GIANELLO

22 *Epopéia dos paulistas: a Revolução Constitucionalista de 1932*

Robinson CASTROPIL

Artigos

28 *O ABC paulista na rota da economia açucareira*

Arlete Assumpção MONTEIRO

35 *A história dos cartórios é feita de memória e esquecimento*

Eliane MIMESSE

38 *50 anos de Rotary: consolidação do ideal de servir*

Mário Porfírio RODRIGUES

42 *O que fomos: transformações desde a época da emancipação*

Narciso FERRARI

44 *São Caetano no início do século XX*

Nívio TESSITORE

49 *Três décadas de agitação noturna*

Ricardo MARTINS

Personagens

52 *Bons tempos de Santo André dos anos 40 e 50 e a presença do professor Nicola Tortorelli*

Celso de Almeida CINI

60 *Eliseu Leoni(e), um dos primeiros imigrantes italianos do Núcleo Colonial*

Mário DEL REY

63 *Frederico De Marco: a relevante contribuição de um pesquisador*

65 *Leonardo Sperate, vida dedicada a prestar serviços à comunidade*

Yolanda ASCENCIO

Cultura

67 *Sinval, patrimônio artístico do município*

Sônia Maria Franco XAVIER

69 *Arte de Nino Ferraz: homem do aço supera-se como escultor do aço*

71 *Estátua de São Pedro: referência artística marcante*

Oscar GARBELOTTO

74 *Dagoberto Linhares Júnior representa a música brasileira no exterior*

Gilda Patusca Ribeiro das NEVES

77 *São Caetano do Sul em uma visão poética*

Claudino de LUCCA

78 *Tempos Felizes: lembranças da infância nos bairros da cidade*

Cláudio Rogério BRACO

Depoimentos

81 *Viva! O carteiro chegou! Dois antigos profissionais relatam as experiências vividas*

Humberto Domingos PASTORE

84 *A trajetória quase ininterrupta dos 80 anos de Ângelo Tomazella na cidade*

89 *O alemão Jean Wild finca raízes no município*

93 *Ada e Wilson Morelato, narradores da história da família em São Caetano*

Memória

99 *Narração de episódio da meninice se transforma em dissertação sobre o ensino infantil*

Gisberto GRIGOLETTO

101 *Os detalhes trazidos à tona pelo relato de um filho de imigrantes*

Mário BOTTEON

Esporte

104 *História da AD São Caetano, da fundação ao primeiro título*

José Odair da SILVA

107 *Armando Amadeu, craque que passou pelo São Caetano EC na década de 40*

Registro

111 *Início da segunda fase do projeto de musealização da Arqueologia*

Memória Fotográfica

118

Política e economia do ABC no fim da década de 20 e início dos anos 30

Alexandre Toler RUSSO (*)



Dossiê

No final dos anos 20 e início da década de 30, o Município de São Bernardo comportava área que hoje corresponde a todo o ABC. Instalado em 1890, logo após a Proclamação da República, até à Revolução de 1930 foi politicamente dominado pelos coronéis da República Velha. Economicamente, a região começava a destacar-se no cenário industrial paulista, principalmente devido às fábricas atraídas pela Estrada de Ferro São Paulo Railway. Ligando a capital paulista ao porto de Santos, a ferrovia proporcionava grande economia no transporte de produtos e matéria-prima.

O núcleo criado em torno da Estação de São Bernardo (posteriormente chamada de Santo André) foi o que mais prosperou nesse tempo. Várias empresas, como Rhodia, Pirelli ou Fichet E.S. Hautman transformaram o então Distrito de Santo André no mais próspero de todo o Município.

O Distrito de São Caetano também se destacava. Ao longo dos anos 20, as olarias perderam espaço para metalúrgicas, montadoras e outras empresas. A economia local era fortemente impulsionada por duas indústrias: o grupo Matarazzo e a General Motors do Brasil. As áreas restantes do território de

Vista aérea da Companhia Química Rhodia Brasileira, criada em 1919 para a fabricação de ácido sulfúrico e lança-perfumes. Ano de 1936



Album de São Bernardo - 1937

Album de São Bernardo - 1937



Vista geral da Companhia Brasileira Fichet, em 1936, quando fabricava grandes estruturas metálicas, cofres, esquadrias e pontes rolantes

A Companhia Streiff, fundada em 1897, localizava-se na Avenida Antônio Queiroz dos Santos, 58, onde hoje está instalada uma das lojas da Cooperativa da Rhodia



Album de São Bernardo - 1937

Album de São Bernardo - 1937



Aspecto da sede da Fábrica de Botões de Osso, marca *Elefante* que se localizava na Rua Marechal Deodoro, 306, São Bernardo. Ano de 1936

São Bernardo, locais que hoje correspondem a Mauá, Ribeirão Pires, Diadema e Rio Grande da Serra, eram bem menos desenvolvidas.

As transformações políticas de 1930 atingiram o município. O desenvolvimento econômico, entretanto, tinha ritmo próprio. Os coronéis da República Velha foram substituídos pelos representantes da nova ordem que se instalava. A região do atual ABC, uma das primeiras e mais importantes áreas fabris de São Paulo, era palco de alterações políticas – que se processavam em âmbito nacional – e começava a sofrer as conseqüências sociais advindas do desenvolvimento da economia industrial (uma lista das principais atividades industriais do ABC no fim da década de 20 e início dos anos 30 é dada no fim do artigo).

SANTO ANDRÉ - Em Janeiro de 1929, tomava posse da Prefeitura de São Bernardo o coronel Saladino Cardoso Franco. O município, instalado em 1890, possuía 800 km² e tinha limites estabelecidos pela Lei nº 804, de Outubro de 1901. A Estrada de Ferro São Paulo Railway, inaugurada em 1867, passava pelo local, e a Estação de São Ber-

nardo (conhecida como Santo André) era parada obrigatória.

A região vizinha à Estação de São Bernardo era a que mais se desenvolvia. Em 1929, já era uma das mais prósperas de São Paulo. Junto à ferrovia, o local atraía indústrias, e estas, por sua vez, acabavam por aumentar o número de pessoas que passavam a morar nos arredores. Nesse ano, foi fundada, próximo à estação, a Companhia Brasileira Rhodiaceta, produtora de fios sintéticos tipo náilon, *albene* e outros.

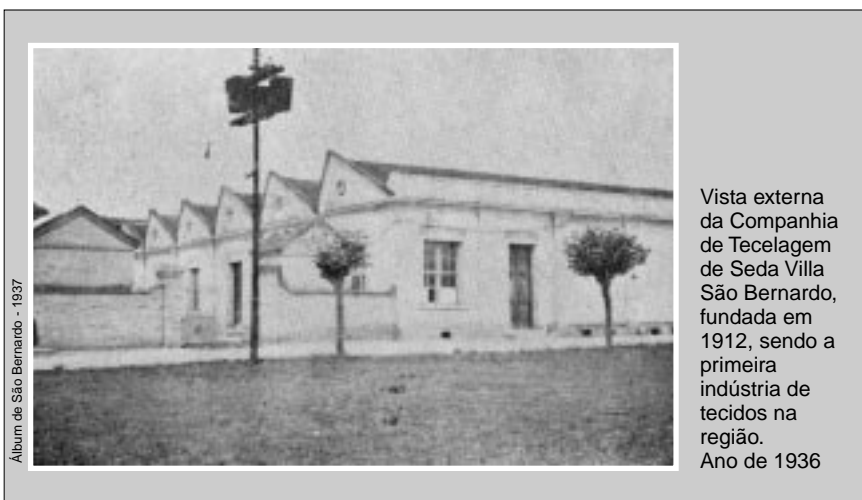
Desde o início da década de 20, a localidade vinha se destacando entre as demais áreas do Município de São Bernardo. Em 1919, a Companhia Química Rhodia Brasileira (proprietária da Rhodiaceta), consórcio francês com participação de brasileiros, dedicava-se à fabricação de ácido sulfúrico e lança-perfumes. Em seguida, passou a fabricar inúmeros produtos farmacêuticos, especializando-se nos campos da medicina, da veterinária e da lavoura. Em 1923, surgiu a Companhia Brasileira Fichet E.S. Hautmont, metalúrgica dedicada à elaboração de grandes estruturas metálicas, cofres, esquadrias, pontes rolan-

tes, etc. No mesmo ano, a Fábrica de Condutores Elétricos e Pneus Pirelli iniciou atividades.

As vizinhanças da Estação de São Bernardo tornaram-se o centro financeiro do município. As principais decisões eram tomadas ali, tanto que, em 1934, foi solicitada a transferência da sede municipal para o Distrito de Santo André. A própria Estação de São Bernardo, nesse mesmo ano, teve o nome alterado para Santo André. Em 1934, aliás, o quadro político era completamente outro. No segundo semestre de 1930, um movimento revolucionário provocara a queda de Washington Luiz, Presidente da República. Todas as funções das autoridades federais, estaduais e municipais em exercício foram extintas. Em 29 de Outubro desse ano, foi anunciado que a Junta Governativa Revolucionária Provisória iria tomar posse. Armando Setti, presidente da Junta, foi empossado como novo prefeito de São Bernardo.

Em 1932, quando irrompeu a Revolução Constitucionalista, São Bernardo engrossou as fileiras paulistas no combate a outros estados da Federação. A Prefeitura, na época, tomou várias providências, entre as quais a de estabelecer preços máximos para a venda de gêneros alimentícios e a de tornar obrigatória a fabricação do *pão de guerra*. Um ano depois, Justino Paixão assumia a Prefeitura. Em Dezembro de 1933, já era Felício Laurito o prefeito de São Bernardo (os cargos, nesse tempo, eram obtidos por indicação).

No tocante à economia, os anos entre 1932 e 1935 foram marcados pela implantação de mais indústrias no Distrito de



Vista externa da Companhia de Tecelagem de Seda Villa São Bernardo, fundada em 1912, sendo a primeira indústria de tecidos na região. Ano de 1936

Santo André. Vieram: Estiragem de Fios Santo André; Fiação e Tecelagem Begliomini & Filhos; Sociedade Industrial Tetracap (especializada em tubulações de concreto e amianto para instalações hidráulicas); e Laminação Nacional de Metais (os altos salários pagos por esta firma revolucionaram o mercado). A relevância econômica do distrito foi definitivamente co-rouda em 1938, quando o Município de São Bernardo passou a chamar-se Município de Santo André.

SÃO CAETANO - Assim como Santo André, São Caetano era distrito de São Bernardo. Quanto à economia, era uma das mais prósperas localidades da região. Ao longo dos anos 20 e início dos anos 30, as olarias, abundantes, começaram a ceder espaço para indústrias dos mais diferentes ramos. No que concernia à política, o principal fato foi a tentativa de autonomia empreendida por alguns habitantes.

Em 1928, o parque industrial de São Caetano já era bem diversificado. Possuía fábricas de botões, correias, formicida, fundição, ladrilhos, manteiga de coco, etc. A presença de olarias ainda era significativa, contudo, o declínio da atividade acentuava-se com a crescente urbanização e industrialização.

O número crescente de indústrias fez com que novos loteamentos surgissem. Isso levou a Prefeitura a ampliar a malha urbana duas vezes, em 1923 e em 1939 (maneira jurídico-administrativa de promover maior arrecadação de impostos). Em realidade, no final dos anos 20 os loteamentos pipocavam em toda a região do que hoje corresponde ao Grande ABC (em especial na faixa

ferroviária entre São Caetano e Santo André).

Por trás da chegada das indústrias e da proliferação dos loteamentos estavam as ferrovias. De fato, representavam o melhor meio de transporte para a condução de cargas, bem como de passageiros. A localização junto a estradas de ferro era vantajosa para as fábricas, pois, através de desvios, podiam receber matéria-prima e expedir produtos. Além disso, graças ao transporte ferroviário foi possível a formação dos subúrbios residenciais (em áreas mais afastadas da cidade). Tais subúrbios serviam como reserva potencial da mão-de-obra necessária às indústrias.

A faixa São Caetano - Santo André foi a única porção das cercanias paulistanas a transformar-se em verdadeira zona industrial suburbana durante o período em questão. O território destacava-se pelo grande número de fábricas, pelo porte das mesmas, e pela diversidade de atividades.

Uma das principais indústrias a estabelecer-se na faixa ferroviária do Município de São Bernardo foi a General Motors do Brasil S.A., com sua linha de montagem de automóveis. A princípio, fixou-se no Ipiranga. O desenvolvimento do automobilismo, entretanto, fez com que fossem ampliadas as instalações. Em 1927, iniciou-se, em São Caetano, a construção de novo edifício. Foi, então, adquirido terreno de 100 mil m², de um lado vizinho da ferrovia, de outro da estrada que ligava São Caetano a Santo André. Juergen Richard Langenbuch, no livro *Estruturação da Grande São Paulo*, procura mostrar como era vantajoso, para as indústrias,

instalar as dependências junto à ferrovia que fazia a ligação entre São Paulo e Santos:

As peças e acessórios, como os veículos desmontados, são embarcados no porto de Santos e chegam até à fábrica através da estrada de ferro (...) As vantagens oferecidas pela ferrovia também foram aproveitadas pela Fábrica de Raiom das IRF Matarazzo. O estabelecimento foi criado em 1926.

A história política de São Caetano tem como marco a fundação do Partido Municipal, em 1928. Esse foi o ano da primeira tentativa de emancipação, encabeçada por algumas das figuras mais destacadas do distrito (Armando de Arruda Pereira, Antônio Barile, coronel Bonifácio de Carvalho e outros). Em Março desse ano, Antônio Flaquer participou da fundação do Partido Municipal de São Caetano. Como os sancaetanenses haviam apoiado os partidários de Flaquer (do Partido Democrático) nas eleições ocorridas um mês antes, os deputados Antônio Feliciano e Gama Cerqueira, eleitos pelo Partido Democrático, retribuíram o apoio apresentando à Câmara Estadual projeto pela autonomia do distrito. O plano não foi aprovado, e as expectativas dos autonomistas foram frustradas.

Em análise mais profunda, o movimento autonomista de 1928 mostrava antigo embate de forças na região, isto é, briga de coronéis preocupados com o poder local. Saladino Cardoso Franco, prefeito, tinha na família Flaquer a oposição maior. O coronel Alfredo Luiz Flaquer e o filho Antônio Flaquer, proprietário de cartório em São Caetano, ofereciam resistência ao domínio de Saladino.

BILLINGS - Em 1925, o Presidente da República, Arthur Bernardes, concedeu à Light o direito de represar as águas dos rios Grande (Jurubatuba) e Pequeno, entre outros, o que deu origem à represa Billings. A partir desse ano, a empresa canadense iniciou as obras de construção do reservatório do Alto da Serra (o nome Billings, homenagem ao engenheiro norte-americano responsável pelo projeto, só seria dado em 1949), que chegou a empregar, no auge dos trabalhos, mais de 6000 pessoas (muitas das quais moravam em casas de madeira cobertas com folhas de zinco, em verdadeiras cidades encravadas na Serra do Mar). Dezenas de trabalhadores que atuaram na construção das barragens da Billings eram portugueses oriundos da Província de Leira. Haviam sido deslocados, pela Light, para a pedreira de Campo Grande (Santo André), de onde vinham as pedras britadas usadas nas barragens. As vilas construídas pela Light mantinham escola e professores para os filhos dos funcionários.

Muitas vilas desse tipo surgiram, na região do atual ABC, em função de algumas fábricas. Foi o caso da Vila Metalúrgica, em Santo André, que surgiu devido à Laminação Nacional de Metais e abrigou diversos operários. Estes, no fim do decênio de 20 e começo da década de 30, tiveram muitas dificuldades para reivindicar melhores condições de serviço. Entre 1917 e 1920, ocorreram 156 greves em São Paulo. De 1920 a 1940, apenas 127. A repressão desencadeada pelo governo de Arthur Bernardes, a partir de 1924, foi dura. A União Operária de São Bernardo não resistiu. Líderes

como José Rigueti foram presos. A Revolução de 1930 veio agravar ainda mais a situação dos trabalhadores.

Ademir Medici, no livro *1º de Maio e os principais momentos da luta sindical em São Bernardo: 1902-1990*, resume a situação do operariado no fim da República Velha e no começo dos anos 30: *Foi com muito sacrifício que o trabalhador do Município de São Bernardo superou as investidas finais da velha República e se reorganizou a partir dos anos 30. Os reflexos nacionais, como os da perseguição à Aliança Nacional Libertadora, atingem diretamente a região, com novas prisões e perseguições de outras ordens ao militante local. De qualquer forma, é neste período que surgem os mais antigos sindicatos que resistem até hoje, como os dos Metalúrgicos de Santo André, Marceneiros de São Bernardo, Químicos do ABC (...)*

A história do sindicalismo no ABC remonta ao início do século passado, quando ocorreu a greve na indústria têxtil Silva Seabra & Cia. O processo de industrialização iniciava-se no Município de São Bernardo. Em 1904, a principal atividade local era a fabricação de carvão nos lotes coloniais (tais lotes, abertos em 1877, atraíram à cidade mão-de-obra formada por imigrantes europeus, especialmente italianos). Em Junho de 1907, foi fundada, em São Bernardo, a Liga Operária, vinculada à Federação Operária de São Paulo. Nesse mesmo ano, surgiu o Centro Operário de São Bernardo. O anarco-sindicalismo era a força política mais importante dentro do movimento operário do início do século XX. Tanto a Liga como a Federação eram

orientadas por tal ideologia. Em 1917, houve greve geral em São Paulo, envolvendo 45 mil trabalhadores. Vários choques entre policiais e operários foram registrados. As greves eram consideradas casos de polícia. Em São Bernardo, no dia 18 de Novembro de 1918, soldados da Força Pública, enviados para reprimir uma greve, dispararam os fuzis contra a multidão, causando grande número de vítimas. Um ano depois, o operário Constante Castellani foi morto com um tiro no peito quando participava de uma passeata.

SÃO BERNARDO - O lugar que hoje corresponde ao Município de São Bernardo do Campo, apesar de nitidamente inferior, no aspecto industrial, a São Caetano, Santo André e a outros subúrbios-estações, foi beneficiado pelo crescimento demográfico e desenvolvimento econômico entre finais dos anos 20 e início dos anos 30.

No início do século precedente, a Vila de São Bernardo, com suas linhas coloniais, incluindo o Bairro dos Meninos (hoje Rudge Ramos), Piraporinha e a Rua Marechal Deodoro, mantinha pelo menos 60 fabricantes de carvão e nenhuma fábrica de móveis (atividade que se tornaria comum nos anos seguintes). Na Vila existiam, além dos carvoeiros, 11 engenhos de serra, seis moinhos de fubá, seis olarias, cinco oficinas de carpintaria, três funileiros, duas fábricas de bebidas – uma das quais de cerveja –, duas fábricas de charutos, uma marcenaria, uma pedreira e uma empreiteira de obras.

Boa parte das atividades comerciais foi desenvolvida pelos imigrantes italianos que aí fixa-

ram residência. Esse foi um dos fatores que permitiram o desenvolvimento econômico de São Bernardo nas décadas de 20 e 30, quando tinha início o processo que transformaria a região em subúrbio paulistano. Outro aspecto que favoreceu o crescimento da Vila foi o fato de estar próxima a Santo André, um dos maiores e mais antigos subúrbios industriais de São Paulo. A mão-de-obra existente em São Bernardo era relevante para as indústrias da região. A industrialização, contudo, ficou quase restrita a um único ramo: a fabricação de móveis. Ao longo da década de 30, São Bernardo contava com 37 fábricas e 1551 trabalhadores, ao passo que os vizinhos São Caetano e Santo André possuíam cifras muito mais elevadas (respectivamente 69/8127 e 72/7661).

Alguns fatores podem explicar a hegemonia de São Caetano e Santo André no desenvolvimento industrial suburbano. Em primeiro lugar, a área era cortada pela estrada de ferro que unia a capital paulista ao porto de Santos. Além disso, a presença, em grande extensão linear, do trinômio *ferrovia - terrenos grandes e planos rejeitados pela expansão residencial - curso fluvial*, constituía fator favorável - que se combinou com o potencial ferroviário - ao progresso. Finalmente, a própria evolução industrial pioneira da faixa São Caetano - Santo André também explica a primazia da região, não somente devido às relações funcionais que se poderiam estabelecer, mas graças ao equipamento energético e reservas de mão-de-obra que se iam formando.

IMPLICAÇÕES - Economia e po-

Publicidade da Indústria Steárica Paulista, de 1927, no álbum do cinquentenário de São Caetano, editado em 1927

INDUSTRIA * STEARICA * PAULISTA
MARENGO & LANTIERI
 Velas Gêneros e Seleção Sabões Doces e Perola Stearinas Óleos
 FABRICA: SÃO CAETANO RUA CORONEL FERNANDO PRESTES

Escritório - São Paulo
Largo do Tesouro N.º 5
 2.º andar
 TELEPHONE 5461 CENTRAL

Fábrica em São Caetano de Indústrias Steáricas Paulista

Album de São Bernardo - 1937

lítica, na região do ABC, em fins da segunda década e início do terceiro decênio do século XX, foram conseqüências de uma trama de implicações tecida desde a Proclamação da República. De fato, o Município de São Bernardo, instituído em 1890, é obra dos primeiros anos de República Velha e, até a Revolução de 1930, espelhou as disputas políticas dos coronéis da época. O próprio movimento autonomista de 1928, iniciativa dos habitantes do Distrito de São Caetano, estava intimamente vinculado aos conflitos entre as famílias mais influentes pelo controle político da região.

Do ponto de vista econômico, a industrialização, datada do início do século antecedente, consolidava-se no Município de São Bernardo e anunciava o perfil urbano que se firmaria com o passar do tempo. A vinda de muitas fábricas esteve relacionada à presença da Estrada de Ferro São Paulo Railway que, passando por São Bernardo, ligava a capital paulista a Santos.

O núcleo formado ao redor da ferrovia logo se tornou o mais próspero de todo o muni-

cípio. O Distrito de Santo André, juntamente com o território contíguo, isto é, São Caetano, prosperou economicamente e concentrou grande população (atraída pelas indústrias). Isso teve implicações políticas, visto que, em razão da importância do Distrito de Santo André, este foi em pouco tempo promovido a centro de decisões municipais e, em 1938, todo o Município de São Bernardo passou a chamar-se Município de Santo André.

Se o Distrito de São Caetano, por localizar-se na mesma faixa territorial de Santo André, compartilhava do progresso industrial, o mesmo não se pode dizer das demais regiões que compunham o então Município de São Bernardo (locais que, hoje, correspondem a Ribeirão Pires, Mauá e Rio Grande da Serra). A despeito de estarem situadas na rota da ferrovia, tais localidades possuíam poucos habitantes e baixa industrialização. Diadema (parte do Município de São Bernardo), longe das imediações da São Paulo Railway, também era pouco desenvolvida. São Bernardo, contu-

do, apesar de estar fora do eixo ferroviário, alcançou, na época, certo desenvolvimento industrial. Isso, porém, decorria do fato de que a Vila de São Bernardo (território do atual Município de São Bernardo do Campo) havia desenvolvido relativa industrialização através dos empreendimentos dos imigrantes italianos. Ademais, era vizinha do pujante Distrito de Santo André.

Fica claro, pois, como acontecimentos econômicos e políticos com gênese no período da Proclamação da República vieram preparando o palco dos eventos que tiveram lugar no fim da década de 20 e início da de 30. Quanto ao aspecto político, outro ponto relevante pode ser levantado. Com efeito, foi após a Revolução de 1930, já sob a ideologia dos novos comandantes do País, que as emancipações dos distritos retalharam o Município de São Bernardo e deram origem ao Grande ABC (claro que muitos dos movimentos autonomistas ocorreram nas décadas de 40 e 50, entretanto, o terreno vinha sendo preparado desde o final dos anos 20, como bem mostra o movimento autonomista sancaetanense de 1928).

LISTA - Os ramos de atividade industrial no ABC, no fim da década de 20 e início dos anos 30, eram, principalmente, os de olaria, fabricação de móveis e produção de carvão. É certo que várias metalúrgicas funcionavam na região, e grandes corporações, como o grupo Matarazzo, lidavam com diferentes setores de produção fabril, porém, a maior parte dos declarantes de impostos do período era composta por pessoas que exerciam as profissões de olei-

ro, fabricante de móveis e produtor de carvão. As maiores arrecadações, evidentemente, eram obtidas junto às grandes indústrias - que, nessa época, cada vez mais chegavam a São Caetano e Santo André -, todavia, o capital movimentado pelos empreendimentos mais modestos, somado ao número de pessoas empregadas nas pequenas indústrias, era relevante à economia local.

A presente lista, sem a intenção de ser definitiva, isto quer dizer, está aberta a colaborações por parte de quem possa acrescentar-lhe dados, expõe os nomes dos contribuintes de impostos, nos anos de 1929, 1930 e 1931, revelando, ao mesmo tempo, o campo profissional de cada um deles. Certos declarantes aparecem nos três anos, enquanto outros figuram duas ou apenas uma vez. No final, é apresentada relação das indústrias de maior capital do então Distrito de São Caetano. Também são catalogadas algumas significativas empresas da região hoje denominada ABC.

1929 - Antônio Caputo (*serraria e fábrica de móveis*); Antônio Barile & Cia (*olaria*); Antônio Mattos (*tecidos de algodão*); Ângelo Rossi (*fabricante de carvão*); Ângelo Pessoni (*fabricante de carvão*); Ângelo Linguanotto (*serraria hidráulica. Assumiu a propriedade do estabelecimento em 1906, visto que antes pertencia a Francisco Julien*); Arcângelo Campanella (*olaria*); Amadeu Rosa (*fabricante de carvão*); Alfredo Banini (*moagem de café*); Campoi & Cia (*torrefação de café*); Agostinho Fanani (*fabricante de carvão*); Amaro Fernandes (*fabricante de carvão*); Antenor Grotti (*fabricante de carvão*);

Arthur Marçon (*fábrica de carvão*); Benedito da Silva (*serraria a vapor*); Baeta Neves (*cerâmica e olaria*); Coronel Sechler (*olaria*); Cassetari & Cia (*fábrica de móveis*); Companhia Streiff (*fundada em 1897, localizava-se na Avenida Antônio Queiroz dos Santos, 58. Fabricava cadeiras e móveis pequenos*); Domingos Perigo (*serralheria*); Enemézio Louzada (*olaria*); Emílio Scopel (*olaria*); Elias Rodrigues da Silva (*fabricante de carvão*); Francisco Dalla (*olaria*); Francisco Arsuíffi (*olaria*); Francisco Ougaro (*fábrica de móveis*); Fortunato Finco (*fábrica de cadeiras, situada no Bairro do Finco, Caminho do Mar. Também era fabricante de carvão*); Fabrício Fabrini (*moinho de fubá*); Felice Rossi (*fabricante de carvão*); Giovanni Picoli (*fabricante de carvão*); Gabriele Sabatini (*fabricante de carvão*); Guido Dulcin (*olaria*); Irmãos Rossi (*moinho de fubá*); Irmãos Pedrão (*olaria*); Irmãos Tognato (*olaria*); Irmãos Angelis (*olaria*); Irmãos Corazza (*serraria e fábrica de móveis a vapor, fundada em 19 de Março de 1919, situava-se à Rua Marechal Deodoro, 108*); Irmãos Basso (*fábrica de móveis*); Irmãos Coppini (*fábrica de móveis*); Irmãos Guazzelli & Cia (*fabricante de carvão*); Irmãos Morassi (*fabricante de carvão*); João Pedroso (*olaria*); João Scopel & Cia (*olaria*); João Estafonquer (*olaria*); João Cavinelli (*fabricante de carvão*); João Paronetti (*fábrica de artefatos de vime*); João Messias (*fabricante de carvão*); José Zoboli & Cia (*Fábrica de Móveis Santa Clara. Fundada em 1924, estava instalada na Rua Santa Filomena, 23*); José Pelo-

sini (*fábrica de móveis*); José Muraro (*fabricante de carvão*); Joaquim Seguro (*fabricante de carvão*); Joaquim Poly Barbosa (*fabricante de carvão*); Giuseppe Pierone (*fabricante de carvão*); Luiz Scarpelli (*olaria*); Leoni Angelis (*olaria*); Lui Júlio (*fabricante de carvão*); Manoel de Paula (*fabricante de carvão*); Manoel Antônio Lopes (*fabricante de carvão*); Mose Vani (*fabricante de carvão*); Mieli, Mieli & Balotim (*fábrica de móveis, cujo nome era Marcenaria Sul-Americana. Fundada em 1920, ficava na Rua Marechal Deodoro, 102*); Mauro Cerchiarri (*moinho de fubá*); Oscar Marques (*olaria*); Pedro Villa (*Fábrica de Botões de Osso, marca Elephante. Foi fundada, em 1917, na Rua Marechal Deodoro, 306*); Pedro Bitolli (*fabricante de carvão*); Paschoal Manzzo (*serraria a vapor e fabricante de carvão*); Perrella, Barile & Cia (*olaria*); Pedro Picoli (*fabricante de carvão*); Raphael Thomé (*olaria*); Raimundo Tavardelli (*fabricante de carvão*); Sabatini Lali (*olaria*); Tecelagem de Seda Sul-Americana (*tecidos de seda. Estava situada na Rua Marechal Deodoro, 72*); Vicente Boratini (*fábrica de carvão*); Ângelo Rocco (*fabricante de carvão*); Amaro Antônio da Cruz (*fabricante de carvão*); Antônio Rodrigues da Silva (*fabricante de carvão*); Antônio Rocco (*fabricante de carvão*); Azevedo Rodrigues de Carvalho (*fabricante de carvão*); Antônio Mendes Pereira (*fabricante de carvão*); Amaro Francisco (*fabricante de carvão*); Amaro Antônio Escudeiro (*fabricante de carvão*); Ângelo Mantovani (*olaria*); Narciso Pelosini & Irmão (*fábrica de móveis*); Nello

A Manteiga de Coco Brasil era fabricada pela firma Giorgi, Picossi & Cia., desde 1913, no Distrito de São Caetano. Ano de 1936



Album de São Bernardo - 1937

Rosa (*fabricante de carvão*); Primo Gianelli & Irmãs (*fabricante de carvão*); Pelegrino Martinelli (*fabricante de carvão*); Pedro Bitolo (*fabricante de carvão*); Pedro Erba (*fabricante de carvão*); Graciano Mendes (*fabricante de carvão*); Gregório Guizze (*fabricante de carvão*); Giácomo Viezzer (*fabricante de carvão*); Francisco Rosenbam Filho (*fabricante de carvão*); João Messias (*fabricante de carvão*); João Ferrari (*fabricante de carvão*); João Manoel Pedroso (*fabricante de carvão*); João Sacilotti (*fabricante de carvão*); João Batista Viezzer (*fabricante de carvão*); Benedito Pereira (*fabricante de carvão*); Dante Romolli (*fabricante de carvão*); Luiz Nicoletti (*fabricante de carvão*); Leonardo Tomacheski (*fabricante de carvão*); Olímpio Fabrini (*fabricante de carvão*); Ciriaco Spessotto (*fabricante de carvão*); Serafim da Silva (*fabricante de carvão*).

1930 - Agostinho Campi (*torrefação de café*); Amadeu Rosa (*fabricante de carvão*); Amaro Antônio da Cruz (*fabricante de carvão*); Amaro Francisco (*fabricante de carvão*); Ângelo Lin-

guanotto (*serraria hidráulica*); Ângelo Pessoni (*fabricante de carvão*); Ângelo Rossi (*fabricante de carvão*); Antônio Barile & Cia (*olaria*); Antônio Caputo (*fábrica de móveis*); Antônio Miolaro (*Fábrica de Móveis São Manuel, fundada em 1928 e situada à Rua Lopes Trovão, 17*); Antônio Rocco (*fabricante de carvão*); Arcângelo Campanella (*olaria*); Arthur Cerode (*fabricante de carvão*); Atílio Savordelli (*fabricante de carvão*); Agostinho Fanani (*fabricante de carvão*); Antônio Paes do Prado (*serraria a vapor*); Ângelo Mantovani (*olaria*); Baeta Neves (*cerâmica*); Benedito Pereira (*fabricante de carvão*); Benedito Galdino da Silva (*serraria a vapor*); Campanella & Cia (*olaria*); Cassettari & Cia (*fábrica de móveis*); Companhia Streiff de São Bernardo (*fabricante de carvão*); Companhia Tecelagem de Seda Vila São Bernardo (*fábrica de seda, fundada em 1912, sendo a primeira indústria de tecidos da região*); Coronel Sechler (*olaria*); Ciriaco Spessotto (*fabricante de carvão*); Dante Romoli (*fabricante de carvão*); Domingos Perigo (*oficina de serralheria*); Emílio



Aspecto externo da Fábrica de Produtos Refratários Ragot, no Distrito de São Caetano. Ano de 1936

Scopel (*olaria*); Enemézio Louzada (*olaria*); Fabrício Fabrini (*moinho de fubá*); Fanti Natale & Cia (*fabricante de carvão*); Fortunato Finco & Cia (*serraria a vapor e fabricante de carvão*); Francisco Dalla (*olarias*); Frederico Calembeck (*fabricante de carvão*); Francisco Aruffi (*moinho de fubá*); Giacomo Viezzer (*fabricante de carvão*); Gregório Guizze (*fabricante de carvão*); Guido Dulcin (*olaria*); Irmãos Angelis (*olaria*); Irmãos Basso (*fábrica de móveis*); Irmãos Boralí (*fábrica de móveis*); Irmãos Coppini (*fábrica de móveis*); Irmãos Corazza (*fábrica e móveis*); Irmãos Guazzelli (*fabricante de carvão*); Irmãos Pedrão (*olaria*); Irmãos Tognato (*olaria*); Irmãos Zoboli (*Fábrica de Móveis São Pedro. Ficava na Rua Marechal Deodoro, 88*); Ítalo Cerchiari (*moinho de fubá*); José Baraldi Sobrinho (*fabricante de carvão*); José Pelosini (*fábrica de móveis*); João Cavinellic (*fabricante de carvão*); João Ferrari (*fabricante de carvão*); João Pedroso (*fabricante de carvão*); João Messias (*fabricante de carvão*); João Paulo de Oliveira (*olaria*); João Paronetti (*fabricante de carvão*); João

Saccilotti (*fabricante de carvão*); João Grassi (*fabricante de carvão*); Leoni Angelis (*olaria*); Luiz Nicoletti (*fabricante de carvão*); Lui Júlio (*fabricante de carvão*); Luiz Scarpelli (*olaria*); Manoel Antônio Lopes (*fabricante de carvão*); Manoel de Paula (*fabricante de carvão*); Mieli, Mieli & Balotim (*fábrica de móveis*); Narciso Pelosini & Irmão (*tecelagem de seda e fábrica de móveis*); Olímpio Carlos Fabrini (*fabricante de carvão*); Oscar Marques (*olaria*); Paschoal Manzzo (*serraria a vapor e fabricante de carvão*); Pedro Picoli (*fabricante de carvão*); Pedro Villa (*fábrica de botões de osso*); Pedro Erba (*fabricante de carvão*); Pedro Bitolo & Cia (*fabricante de carvão*); Raphael Lazzuri (*fabricante de carvão*); Raphael Thomé (*olaria*); Tecelagem de Seda Sul-Americana (*tecidos de seda ou lã*); Texaco (*2 bombas de gasolina*); Ugo Olori (*fabricante de carvão*); Vicente Boratini (*fabricante de carvão*).

1931 - André Carbiache (*fabricante de carvão*); Agostinho Campi (*torrefação e moagem de café*); Agostinho Fanani (*fabricante de carvão*); Arcângelo

Campanella (*olaria*); Amadeu Rosa (*fabricante de carvão*); Anglo Mexican Petróleo (*bomba de gasolina*); Ângelo Franchini & Cia (*moinho de café*); Ângelo Rossi (*fabricante de carvão*); Ângelo Mantovani (*olaria*); Ângelo Gaiça (*olaria*); Antônio Barile & Cia (*olaria*); Antônio Caputo (*serraria a vapor e fábrica de móveis*); Antônio Miolaro (*fábrica de móveis*); Atílio Savoldelli (*fabricante de carvão*); Ângelo Linguanotto (*serraria hidráulica*); Atílio Martinelli (*fabricante de carvão*); Ângelo Rossi (*fabricante de carvão*); Antônio Rocco (*fabricante de carvão*); Ângelo Moracce (*fabricante de carvão*); Antônio dos Santos (*fabricante de carvão*); Arthur Cerode (*fabricante de carvão*); Angelino Gai (*fabricante de carvão*); Ângelo Delprat (*fabricante de carvão*); Ângelo Adamo (*fabricante de carvão*); Amaro Cruz (*fabricante de carvão*); Ângelo Multom (*fabricante de carvão*); Basso Ferraretto (*cerâmica*); Basso Souza & Cia (*fábrica de seda e fábrica de móveis*); Baldi Giuseppe (*fabricante de carvão*); Benvenuto Dini (*fabricante de carvão*); Baeta Neves (*cerâmica*); Benedito Antônio Rodrigues (*fabricante de carvão*); Benedito de Moraes (*fabricante de carvão*); Cia Tecelagem de Seda São Bernardo (*fabricante de seda*); Cassetari & Cia (*fábrica de móveis*); Coronel Sechler (*olaria*); Cipriano Benedito de Moraes (*fabricante de carvão*); Cristiano Angeli & Irmãos (*fabricante de carvão*); Carlos Krem (*olaria*); Domingos Perigo (*serraria*); David dos Santos (*serraria hidráulica*); Enemézio Louzada (*olaria*); Eduardo Werneck (*fabricante de car-*

vão); Estanislau Osquiris (*fabricante de carvão*); Elias da Silva (*fabricante de carvão*); Francisco Romoli (*fabricante de carvão*); Francisco Arsuffi (*moinho de fubá*); Francisco Dalla (*olaria*); Frederico Callembeck (*fabricante de carvão*); Fortunato Finco & Cia (*fábrica de móveis*); Fiorindo Guizze (*fabricante de carvão*); Giuseppe Stiavelli (*fabricante de carvão*); Gustavo Chechia (*torrefação e moagem de café*); Guazzelli Pelegrino (*fabricante de carvão*); Gregório Guizze (*fabricante de carvão*); Ítalo Cerchiarri (*moinho de fubá*); Irmãos Guazzelli (*fabricante de carvão*); Irmãos Angelis (*olaria*); Irmãos Pedrão (*olaria*); Irmãos Borali (*fábrica de móveis*); Irmãos Coppini (*fábrica de móveis*); Irmãos Corazza (*fábrica de móveis*); Irmãos Zoboli (*fábrica de móveis*); João Breda (*fabricante de carvão*); João Paulo de Oliveira (*olaria*); João Manoel Pedroso (*fabricante de carvão*); João Ferrari (*fabricante de carvão*); João Tomacheschi (*fabricante de carvão*); João Paronetti (*fábrica de artigos de vime*); José Baraldi (*fabricante de carvão*); José Gerbelli (*fabricante de carvão*); José Pessane (*fabricante de carvão*); José Pelosini (*fábrica de móveis*); João Botteom (*olaria*); José Bernardinelli (*fabricante de carvão*); José Oliari (*fabricante de carvão*); João Cardoso (*fabricante de carvão*); João Antônio da Luz (*fabricante de carvão*); João Glasser (*fabricante de carvão*); João Sacilotto (*fabricante de carvão*); Joaquim Antônio Barbosa (*fabricante de carvão*); Joaquim Cerode (*fabricante de carvão*); Júlio Pedro de Berba (*fabricante de carvão*); José Fernandes



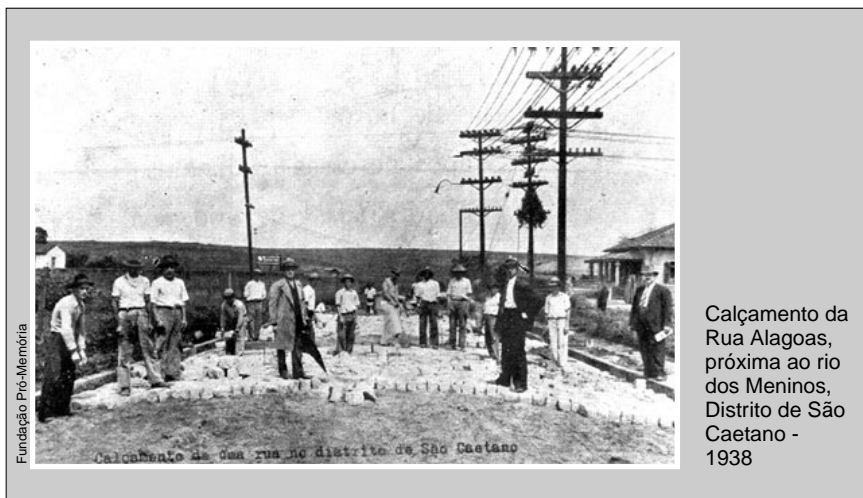
Funcionários da Louças Adelina de São Caetano, no pátio interno da fábrica, Ano de 1937

Fundação Pró-Memória

Pinto (*cerâmica*); Lui Júlio (*fabricante de carvão*); Luiz Béchelli (*moinho de fubá*); Luiz Scarpelli (*olaria*); Luiz Martins (*fabricante de carvão*); Leone Angelis (*olaria*); Luiz Nicoletti (*fabricante de carvão*); Lorenço Gavinelli (*fabricante de carvão*); Luiz Antônio de Araújo (*fabricante de carvão*); Mieli, Mieli & Balotim (*fábrica de móveis*); Micheleti Guido (*fábrica de calçados*); Manoel da Silva (*fabricante de carvão*); Manoel Antônio Lopes (*fabricante de carvão*); Nello Rosa (*fabricante de carvão*); Narciso Pelosini & Irmão (*tecelagem de seda e fábrica de móveis*); Nicola Demarchi (*fabricante de carvão*); Narciso Aprodov (*fabricante de carvão*); Pedro Bittole & Cia (*fabricante de carvão*); Pedro Villa (*Fábrica de Botões de Osso*); Perrella, Barile & Cia (*olaria*); Pedro Erba (*fabricante de carvão*); Pedro Magalhães (*fabricante de carvão*); Paulino Cipriano (*fabricante de carvão*); Pedro Daré (*fabricante de carvão*); Paschoal Manzzo (*serraria a vapor*); Pedro Spesso Sobrinho (*fabricante de carvão*); Raphael Thomé (*olaria*); Riccioli Americo (*fabricante de carvão*); Ro-

berto Cristóforo (*fabricante de carvão*); Sétimo Rossi (*fabricante de carvão*); Stefano Daré & Júlio Thomé (*fabricante de carvão*); Texas Company (*óleo*); Tecelagem de Seda Sul-Americana (*tecelagem de seda*); Ugo Olori (*fabricante de carvão*); Vicente Boratini (*fabricante de carvão*).

Em São Caetano, especificamente, as fábricas que mais arrecadavam impostos eram: Companhia Metalúrgica Brasileira; Visco - Seda Matarazzo; Indústrias Reunidas São Caetano; Produtos Químicos São Pedro; Cerâmica São Caetano; Fábrica de Louças Adelina; Mantega de Coco Brasil; Fábrica de Cartuchos e Munições; Fábrica de Tecidos Pedro Giorgi; Fábrica de Casemira São Caetano; Fábrica Metalúrgica Masini; Fábrica Stearica Paulista; Fábrica de Botões Corazza; Fábrica São Miguel; Fábrica de Botões Aliberti (*fundada em 11 de Março de 1923, situava-se na Rua Senador Vergueiro, São Caetano*); Fábrica de Bueiros Armico; Formicida Matarazzo; Curtume Matarazzo; Fábrica de Malhas Castellari; Fábrica de Ladrilhos Capelli; Fábrica de Camas São Caetano; Fábrica de



Calçamento da Rua Alagoas, próxima ao rio dos Meninos, Distrito de São Caetano - 1938

Móveis de Luxo; Fábrica de Pregos Sant'Anna Coelho (*fundada em 1927, estava instalada na esquina das ruas Senador Vergueiro e Mato Grosso*); Fábrica de Extrato Tânico. A General Motors, que não aparece no levantamento, fora instalada em 1925, vindo a tornar-se, ao longo dos anos, uma das principais empresas de toda a região.

No tocante à localidade em geral (hoje denominada ABC), o *Álbum de São Bernardo*, de João Netto Caldeira, fornece listagem de relevantes fábricas que funcionavam no fim dos anos 20 e início da década de 30. Entre elas estavam: Companhia Química Rhodia Brasileira S/A (*fundada em 1919, era especializada em produtos químicos. A sede central e as usinas localizavam-se na Avenida Antônio Cardoso, 31, Santo André*); Cerâmica Santo André (*criada em Julho de 1922, pertencia a Dale Caiuby*); Tecelagem Santo André (*iniciada em 1925, por Anchise Begliuomini, ficava na Rua Luiz Pinto Flaquer*); Companhia Brasileira Fichet & Schwartz - Hautmont (*fundada em 1923, dedicava-se à produção de artefatos de metal. Possuía várias unidades em*

Santo André); Companhia Brasileira de Seda Rhodiaceta (*iniciadas as construções em 1929, a firma começou a produzir em 1931. Ficava na Rua Silva Jardim, 52 a 56*); José Albanese & Filho (*fábrica de fogos de artifício. Estava situada à Avenida dr. Antônio Álvaro, 8, Vila Assunção*); Tecelagem de Seda Santo André (*propriedade de Irmãos Pezzolo*); Fábrica de Cadeiras Aliança (*fundada em 1927, pertencia à firma Morganti & Cia. Estava instalada na Avenida João Ramalho, 9*); Fábrica de Toalhas (*propriedade de Júlio Pacini. Situava-se à Rua Senador Flaquer, 107*); Fábrica de Tecidos de Algodão (*fundada em 1920, estava localizada na Rua Gertrudes de Lima, 65. Pertencia à firma J. Novella & Cia*); Fábrica de Tecidos São Geraldo (*propriedade da firma Geraldo Rocco & Cia. Foi inaugurada em 1926, situando-se na Rua Coronel Ortiz, 53*); Indústria de Móveis Artísticos e Modernos Gianoglio (*fundada em 1924, por Giacomo Gianoglio, foi instalada na Rua Coronel Oliveira Lima, 274 a 276*); Pezzolo & Cia (*estabelecida na Rua Xavier de Toledo, foi fundada em 1908.*

Era composta de serraria, seção de construção e fábrica de geladeiras da marca Algida); F. Kowarick & Cia (*fábrica de casemiras fundada, em 1899, por Frederico Kowarick Júnior*); Metalúrgica Barile (*fundada, em 1928, por Antônio Barile. Estava instalada na Rua Heloísa Pamplona, 37, São Caetano*); Fábrica de Isoladores Porcelana Santo Antônio (*inaugurada em 1928 por Ettore e Henrique Turelli. Estava localizada na Rua Capitão José Galo, 85, Ribeirão Pires. Destinava-se à manufatura de isoladores de porcelana e objetos congêneres*); Olaria de Pedro Del Corto (*fundada, em Ribeirão Pires, no ano de 1918*); Fábrica de Louças de Pó de Pedra Paulistana (*criada, em 1923, em Mauá, pela firma Manetti, Pedotti & Cia*); Fábrica de Louças Mauá (*firma paulistana que abriu, em 1926, filial em Mauá*); Fábrica Nacional de Artefatos de Porcelana Brasilusa (*aberta por Antônio Garcia Villela, em 1925, ficava na Rua Santa Helena, Mauá*); Metalúrgica Mauá (*inaugurada em Janeiro de 1930, pertencia à firma Konecny, Braga & Cia. Funcionava na Avenida Barão de Mauá, 54, em Mauá*).

FONTES

Livro de Indústria e Profissão (1924-1931) da Câmara Municipal de São Bernardo; Levantamento Estatístico do Distrito de São Caetano (promovido, em 1929, pelo São Caetano Jornal); e Álbum de São Bernardo, livro de João Netto Caldeira.

(*) Alexandre Toler Russo é jornalista

A tranqüila Revolução de 1930 no Município de São Bernardo

O Livro de Atas n.º 13, da Câmara Municipal de São Bernardo, foi interrompido no dia 29 de Outubro de 1930. Deveria, no entanto, relatar os acontecimentos das sessões da Câmara até 15 de Janeiro de 1932, fim dos mandatos de prefeito e vereadores eleitos no pleito de 30 de Outubro de 1928.

A Revolução de 1930, liderada por Getúlio Vargas, depôs Washington Luiz e impediu que Júlio Prestes, candidato da situação e que havia vencido a disputa presidencial de primeiro de Março de 1930, tomasse posse do cargo. Com Júlio Prestes e Washington Luiz caíam todos os políticos da República Velha. Em São Bernardo, o coronel Saladino Cardoso Franco, prefeito durante 16 anos (de 20 de Julho de 1914 a 29 de Outubro de 1930), chegou mesmo a ficar preso por 28 dias.

O fim do poder de Saladino Cardoso Franco foi acompanhado da extinção da Câmara Municipal. Assumiu o comando a Junta Governativa Revolucionária Provisória, e Armando Setti foi nomeado prefeito. Em 1932, foi organizado um Conselho Municipal. A Câmara só voltou a atuar quatro anos depois.

Tratou-se de período em que os cargos eram distribuídos. A função legislativa era desenvolvida pelo Conselho Consultivo, com membros nomeados entre os maiores contribuintes de impostos e homens de confiança do poder dominante. A constituição dos Conselhos Municipais foi determinada pelo decreto n.º 20.348, de 29 de Agosto de 1931. De acordo com ela, três conselheiros deveriam ser



Fundação Pro-Memória

O líder político da região do ABC, na década de 20, José Luiz Flaquer, participava das reuniões do P.R.P. (Partido Republicano Paulista). Da esquerda para a direita, sentados: Jorge Americano, Washington Luiz, Antônio Cândido Rodrigues, Gabriel Rodrigues de Resende, Olavo Egydio de Souza Aranha e Altino Arantes. De pé: Benedito Salles Guerra, José Luiz Flaquer, Gelásio Pimenta, Luiz Silveira, Ataliba Leonel, Carlos de Campos e Cesário Bastos

escolhidos entre os dez maiores contribuintes de impostos do município, um ou mais seriam indicados pelo interventor estadual e somente um era apontado pelo prefeito. O primeiro Conselho Consultivo, reunido em 18 de Junho de 1932, foi composto por Francisco Carneiro da Cunha (presidente), Armando de Arruda Pereira (vice-presidente), Giacinto Tognato, Alberto Kowarick e Peri Ronchetti Carlos.

A posse de Armando Setti e o advento dos Conselhos Consultivos significou paralisação no ciclo de eleições partidárias do município. Com efeito, de 1892 - quando houve eleição direta para vereador - a 1928, São Bernardo teve pleitos dentro das regras então vigentes, isto é, voto em aberto e exclusão de mulheres e analfabetos. A Revolução de 1930 extinguiu as eleições diretas e populares, insti-

tuindo regime de indicação de cargos. Por causa disso, a região, muitas vezes, foi comandada por dirigentes sem nenhum vínculo com as necessidades locais.

TRANSIÇÃO - Apesar das significativas mudanças políticas, a transição do poder da República Velha para a nova ordem que se instalava com Getúlio Vargas não foi violenta. É certo que houve prisões e algumas figuras foram excluídas dos negócios públicos, entretanto, os revolucionários não estavam lidando com gente simplória, mas com homens ricos e influentes. Em essência, os antigos donos do poder foram apenas colocados de lado no cenário político, e as detenções, em muitos casos, serviram para mostrar que o comando estava em outras mãos. A despeito disso, muitos dos afastados não perderam o poderio financeiro e, de

um modo ou de outro, continuaram participando das decisões locais (o que é comprovado pelo destino de certos vereadores, destituídos do cargo em 1930, mas ativos politicamente nos anos seguintes).

De fato, as biografias dos parlamentares depostos pela Revolução de 1930 revelam o caráter do movimento. Ademir Medici, no livro *Almanaque de Vereadores*, preocupou-se em mostrar o destino de todos os legisladores desde a fundação do Município de São Bernardo. Interessam-nos, sobretudo, as vidas dos políticos que perderam os cargos em Outubro de 1930.

Em 30 de Outubro de 1928, foram realizadas as últimas eleições municipais da República Velha. Para a disputa, a região foi dividida em 13 seções eleitorais. Os eleitos para o triênio 1929-30-31 foram Afonso Pedro de Oliveira, Antônio Barile, Felício Laurito, Francisco Perrone (presidente), José Maria de Figueiredo e Saladino Cardoso Franco (prefeito). Ninguém completou o mandato.

Afonso Pedro de Oliveira, nascido em Amparo, estava em São Bernardo desde 1920. Era farmacêutico. Eleito para a Câmara Municipal no triênio 1929-30-31, acabou destituído das funções devido aos acontecimentos que mudaram a face do País em 1930. Mesmo não tendo, a partir de então, assumido qualquer outro cargo público, continuou influente na região. Em 27 de Setembro de 1944, fundou, com outros companheiros, a Associação Comercial e Industrial de São Bernardo.

Antônio Barile, nascido em Boiano, Província de Campobasso, Itália, em 13 de Dezembro de 1875, veio para São Caetano em 1885. Iniciou atividades com uma olaria e, em 1928, montou a Metalúrgica Barile, em sociedade com o irmão João Barile e o filho Orlando. Er-



guido à condição de vereador nas eleições de Outubro de 1928, foi obrigado a abrir mão da legislatura por causa da Revolução de 1930. Não retornou à vida pública, preferindo dedicar-se aos próprios negócios até o falecimento, em 1938.

Felício Laurito representa aqueles que, mesmo perdendo as funções com a Revolução, retornaram ao centro das decisões políticas e aí granjearam prestígio. Nascido em Ribeirão Pires, em seis de Dezembro de 1895, formou-se pela Faculdade de Medicina de São Paulo, em 1925, e, desde então, concentrou atividades no Município de São Bernardo. Em 1928, conquistou nas urnas uma vaga no Legislativo, permanecendo no posto até à Revolução de 1930. Por seis anos não assumiu funções públicas, mas trabalhou a fim de reinserir-se no palco dos eventos políticos. Em 1936, foi pela segunda vez eleito vereador. No mesmo dia em que tomou posse, 16 de Agosto de 1936, foi escolhido, por seus pares, para assumir o posto de prefeito municipal. Faleceu em sete de Dezembro de 1944.

Francisco Perrone, nascido em Montevidéu, Uruguai, em cinco de Maio de 1890, formou-se em Medicina, pela Universidade do Rio de Janeiro, em 1916. No ano seguinte, transferiu-se para Santo André, fixando-se profissionalmente no distrito. Exerceu atividades parlamentares em três triênios consecutivos, de 1923 a 1930, deixando apenas de completar o último, visto que o movimento encabeçado por Getúlio Vargas extinguiu a Câmara Municipal. Não retornou à vida pública após os eventos de 1930, porém, continuou clinicando em Santo André. Faleceu em dez de Janeiro de 1964.

Foi Francisco Perrone que propôs a mudança do nome da Estação de São Bernardo para Santo André. Na verdade, o Distrito de Santo André, muito mais desenvolvido economicamente do que a sede do município (São Bernardo), concentrava as mais importantes decisões políticas. A Revolução de 1930, contudo, mudou ligeiramente esse quadro. Jovens emergentes, oriundos da sede municipal, filiaram-se ao partido de Getúlio Vargas (Partido Democrático). Nomes como Humberto Coppini, Armando Setti, Francisco Miele, João Balottim e João Corazza ganharam prestígio com a ascensão do caudilho gaúcho. Todavia, as principais atividades econômicas, e também muitas das decisões políticas, ainda tinham lugar em Santo André.

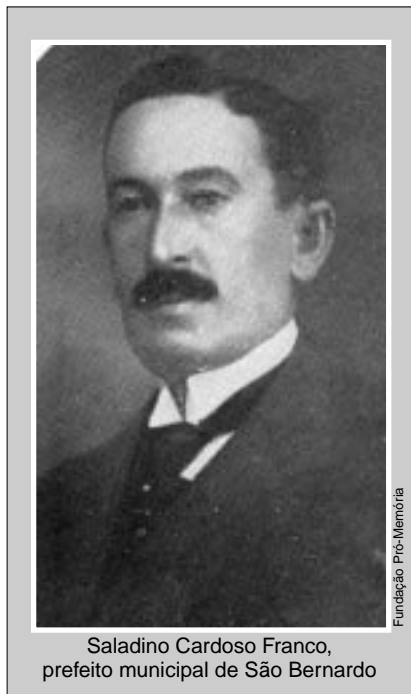
José Maria de Figueiredo era proveniente de Alijó, Portugal, onde nasceu a 19 de Julho de 1878. Chegou ao Brasil em 1889. Iniciou estudos em Pindamonhangaba, transferindo-se, ao completar 17 anos, para Ribeirão Pires. Antes de adquirir uma cadeira entre os parlamentares, foi subprefeito de Parana-piacaba. Eleito para os anos de 1929-30-31, perdeu o cargo junto com os demais colegas em 1930.

Não mais voltou à cena pública, ocupando-se, desse momento em diante, com diversas atividades (em realidade, teve várias profissões, tanto antes como depois de ser guindado à Câmara Municipal. Foi construtor, fotógrafo, lenhador e enfermeiro). Faleceu em 1935.

Saladino Cardoso Franco foi o personagem principal da República Velha no Município de São Bernardo. Nascido na Fazenda Oratório, hoje Parque Novo Oratório (Santo André), em cinco de Fevereiro de 1873, era filho de Antônio Cardoso Leite Franco, grande proprietário de terras na região. Faleceu em 19 de Maio de 1951. O primeiro cargo eletivo de Saladino Cardoso Franco foi o de vereador em 1913 (possuía 40 anos de idade). A bem da verdade, despontou para a política um pouco antes, em 1905, quando questionou judicialmente o modo pelo qual o coronel Alfredo Flaquer conduzia o município.

O conflito Franco - Flaquer, aliás, foi um capítulo marcante da República Velha em São Bernardo. As divergências, originadas no litígio entre Saladino Cardoso Franco e Alfredo Flaquer, prolongaram-se por décadas. Entretanto, quando estavam em pauta grandes assuntos nacionais, havia tréguas. Foi assim, por exemplo, na oportunidade em que o Município de São Bernardo, por unanimidade das forças políticas, resolveu apoiar o candidato governista Júlio Prestes, do PRP (Partido Republicano Paulista), na corrida presidencial de 1930. O ex-governador de São Paulo jamais chegou a assumir a Presidência da República.

Após o cumprimento das funções parlamentares, Saladino Cardoso Franco exerceu hegemonia à frente da Prefeitura de São Bernardo. Chefiou o Executivo local por 16 anos consecutivos, de 1914 a 1930. É certo que, durante esse



tempo, foi muito respeitado e prestigiado, entretanto, no fim dos anos 20, pouco antes de ser deposto pela Revolução, já estava desgastado politicamente.

O movimento autonomista de São Caetano, em 1928, mostra como a imagem de Saladino Cardoso Franco estava desbotando. Em Outubro desse ano, houve eleições, no Distrito de São Caetano, para vereadores e juízes de paz. Os membros do recém-criado Partido Municipal de São Caetano, cuja proposta era a emancipação local, bateram os correligionários de Saladino Cardoso Franco nas votações para ambos os cargos.

A tentativa de emancipação de São Caetano não deu certo. O pedido foi rejeitado pelo Estado e Saladino Cardoso Franco manteve inalterados os limites territoriais do município. Esta, porém, foi a última vitória política expressiva do prefeito. Em Outubro de 1930, teve o mandato interrompido pela reviravolta encabeçada por Vargas. Chegou até a ser preso e recolhido ao Gabinete Geral de Investigação

de São Paulo. O jornal *O Democrata* – claramente anti-saladinista –, de nove de Novembro de 1930, informava que Saladino Cardoso Franco e Nicolau Antônio Arnani (jornalista pró-Saladino) estavam detidos no Presídio da Imigração. Em 30 de Novembro de 1930, a mesma folha informou que ambos haviam sido postos em liberdade.

A prisão de Saladino Cardoso Franco, principal nome da República Velha no Município de São Bernardo, foi uma demonstração de força dos líderes da região. De fato, o PRP, partido do prefeito deposto, sofria perseguição e perdia espaço na cena pública nacional. Ainda que o ex-chefe do Executivo não tenha voltado a assumir cargos políticos, tentou, com os meios ao seu alcance, reestruturar o PRP em São Bernardo.

TERMO - Com Saladino Cardoso Franco terminava a República Velha em São Bernardo. As linhas em branco do Livro de Atas da Câmara Municipal, que deveriam conter as decisões dos políticos eleitos pelo regime republicano da época (votos em aberto e exclusão de mulheres e analfabetos) dos coronéis, só voltariam a ser preenchidas em 1936 (para, em seguida, serem novamente interrompidas pelo Estado Novo).

A transição do poder não foi violenta no Município. Os destinos dos vereadores depostos comprovam isso: ninguém foi preso, e alguns chegaram mesmo a retornar ao cenário das decisões políticas. A prisão de Saladino Cardoso Franco foi uma exceção, ou melhor, uma demonstração de poder dos novos dirigentes, no intuito de intimidar os opositores. A República Velha, em toda a Nação, terminava quase que pacificamente, assim como o marechal Deodoro da Fonseca, sem derrubar uma única gota de sangue, havia lhe dado início. (Alexandre Toler Russo)

A contribuição de Washington Luiz para o desenvolvimento rodoviário brasileiro

José Roberto GIANELLO(*)

Um dos bairros mais populosos e desenvolvidos do ABC, o Bairro Rudge Ramos, localizado no Município de São Bernardo do Campo, leva o nome de um pioneiro do rodoviário brasileiro. Trata-se de homenagem a Arthur Rudge da Silva Ramos, restaurador do Caminho do Mar, estrada que ligou, a partir de 1913, a capital do Estado ao porto de Santos. Nessa empreitada, Rudge Ramos apelou para amigos particulares que, em número superior a 200, resolveram contribuir financeiramente - por meio de parcelas - com uma soma que atingiu o total de quatro contos mensais. Ainda buscou, junto a outras pessoas, empréstimos de maquinaria, ferramentas e lubrificantes. Todavia, o maior auxílio que Rudge Ramos recebeu veio de um político emblemático e, ao mesmo tempo, símbolo da chamada Primeira República ou República Velha (1889-1930): Washington Luiz Pereira de Souza, *o paulista de Macaé*, autor da expressão *rodovia* e da frase *governar é abrir estradas*. Com efeito, quando Rudge Ramos, então delegado - auxiliar, iniciou a empresa para restaurar a estrada do Caminho do Mar, Washington Luiz, na função de secretário da segurança pública de São Paulo, permitiu que os detentos da Delegacia de Vadiagem fossem aproveitados como mão-de-obra para os trabalhos.



Em 1913, o Caminho do Mar ainda era transitado por tropas, boiadas, pedestres etc. Nesse ano, Rudge Ramos, conseguindo o auxílio de particulares e dos governos municipal e estadual, deu início à reconstrução da estrada. Em 1917, já puderam os participantes do Primeiro Congresso Paulista de Estradas de Rodagem ir em caravana a Santos. Em 1920, Washington Luiz, em visita ao Caminho do Mar, procurou localizar trechos abandonados da vereda construída por Bernardo José de Lorena. Não só os localizou, como também descobriu, quase enterrado, o *Padrão do Lorena* (1788), que ali havia sido construído e do qual o viajante norte - americano Kidder deu notícia em 1839. Ainda nesse ano, Rudge Ramos já havia conseguido melhorar as condições da estrada de Cubatão, macadamizando um trecho da serra e parte do planalto entre a serra e Rio Grande - atual Riacho Grande (o processo de macadamização consiste no empedramento do leito de estradas de rodagem,

por meio da utilização de uma camada de pedra britada, com cerca de 0,3 m de espessura, misturada com saibros ou areia grossa e comprimida a rolo).

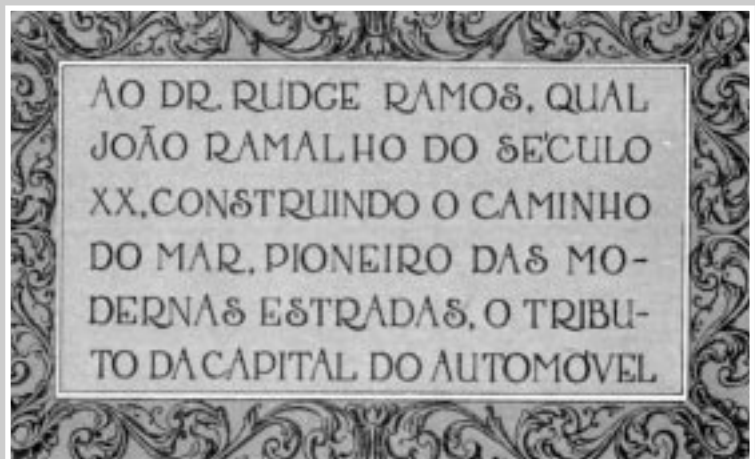
A partir de 1920, faltando apenas o trecho entre Rio Grande e São Paulo para concluir, Rudge Ramos deixou de lado toda e qualquer colaboração alheia e fundou a Sociedade Caminho do Mar. Por meio de compras e doações, obteve uma faixa de terreno, ao lado da antiga Estrada Vergueiro, e construiu nova via de acesso entre São Paulo e Rio Grande. Em 1921, a média diária de tráfego entre Santos e São Paulo era, nos dois sentidos, de 82 automóveis. Em 1923, Washington Luiz resolveu adquirir a Sociedade Caminho do Mar. Uma vez realizado o negócio, liberou o trânsito no trecho entre Rio Grande e São Paulo. O revestimento de concreto e cimento, programado para o referido trecho de serra, foi iniciado em 1925 e concluído em 1926. Quanto à baixada santista, somente em 1928 é

que o caminho entre Santos e Cubatão foi asfaltado.

Até 1913, o histórico das comunicações terrestres entre São Paulo e Santos pode ser assim resumido: Trilha dos Índios (de 1500 a 1600. É o chamado Caminho do Perequê ou de João Ramalho. Foi abandonado em 1560); Caminho do Padre José (a partir de 1560. Não se sabe exatamente se era a trilha dos índios ou se era uma estrada construída sob as ordens do padre Manoel da Nóbrega. Na serra, desenvolveu-se junto ao Rio das Pedras); Caminho do Mar (tratava-se de uma nova denominação, usada no século XVII, para identificar o Caminho do Padre José); Trecho do Planalto (em 1661, foi feita uma ligação desde o Rio Pequeno até São Paulo. Ficou abandonado, assim, o percurso de canoa que, partindo dos rios Pequeno, Grande, Jurubatuba e Pinheiros, ia até Santo Amaro e São Paulo); Estrada do Lorena (em 1788, foi modificado o antigo Caminho do Mar. Um novo traçado foi adotado, possivelmente optando pela ver-



Arthur Rudge Ramos e placa comemorativa: homenagem da Prefeitura Municipal de São Bernardo do Campo - 1967



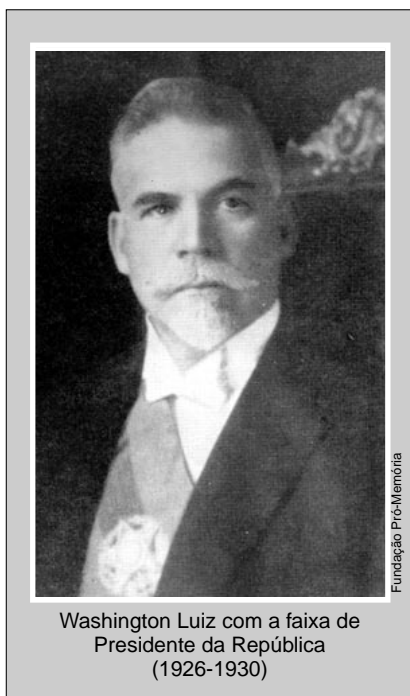
Seção de Obras do Estado de São Paulo

tente oposta. Assim, no alto da serra, ambos os caminhos - velho e novo - divergiam); Estrada da Maioridade (em 1814, foram começados estudos para a criação de uma nova via, no intuito de substituir a Estrada do Lorena. Em 1844, iniciou-se, através da Estrada da Maioridade, o tráfego de carros de boi pela serra, permitindo o transporte de pesadas e volumosas cargas); Aterro do Cubatão (em 1827, é inaugurado o aterro de Cubatão. Foi suprimido o percurso, em embarcações, ligando Cubatão a Santos); Estrada do Vergueiro (inaugurada em 1863). Em 1913, o Caminho do Mar começou a comportar o tráfego de automóveis.

O auxílio prestado a Rudge Ramos na recuperação do Caminho do Mar foi uma dentre várias intervenções de Washington Luiz no campo rodoviário. Nas funções de prefeito de São Paulo, governador do Estado e Presidente da República, teve a oportunidade de contribuir inclusive para o desenvolvimento da indústria automobilística no País. Quando chegou a São Paulo, em 1904 (nessa época, já era deputado estadual), encontrou ambiente favorável à divulgação e à concretização de idéias que desde há muito tempo acaalentava. Não demorou muito para iniciar relações de amizade com Antônio Prado Júnior, então o maior automobilista de São Paulo. Juntos, participaram de históricos eventos automobilísticos. Em 1908, quando foi realizado o célebre Circuito de Itapeirica, foi Washington Luiz, secretário de Justiça do Governo do Estado, quem dirigiu o pro-

liciamento da competição. Antônio Prado, na oportunidade, conquistou o primeiro posto na classe de *Voitures*.

Washington Luiz, em 1909, no intuito de conhecer melhor a região de São Paulo, aventurou-se pela tortuosa estrada existente entre a capital paulista e o litoral. Quando Rudge Ramos iniciou, em 1913, a reconstrução do velho Caminho do Mar, objetivando torná-lo



transitável para veículos automotores, Washington Luiz, entusiasmado com a possibilidade de um grande progresso para o Estado de São Paulo, não poupou esforços para ajudar o rodoviário. Ainda nesse ano, acompanhou Antônio Prado Júnior na primeira viagem São Paulo - Curitiba, vencendo 700 quilômetros em uma jornada de 12 dias.

Quando assumiu a Prefeitura de São Paulo, em 1915, a cidade contava com pouco mais de 100 quilômetros de

estradas de rodagem, ou seja, possuía apenas o Caminho do Mar e parte da rodovia São Paulo-Campinas, cuja construção mal havia sido iniciada. Uma de suas primeiras providências, portanto, foi criar a Seção Técnica de Estradas de Rodagem. E não ficou nisso: até 1919, fez construir nada menos do que 500 quilômetros de estrada, isto é, quase toda a rede viária do município. Entretanto, foi à frente do Governo do Estado que Washington Luiz realizou alguns dos mais importantes serviços para o desenvolvimento de São Paulo. Sem descuidar dos demais meios de transporte e vias de comunicação - que considerava essenciais para a conveniente circulação de riquezas -, deu início a um amplo programa de construção de estradas de rodagem. Quando deixou o governo, em 1924, São Paulo desfrutava de uma situação privilegiada dentro da União: mais de 1200 quilômetros de rodovias estaduais haviam sido construídos.

Conduzido à presidência da República, em 1926, procurou ampliar ainda mais a extensão prática do famoso slogan *governar é abrir estradas*. Organizou, em 1927, a Comissão de Estradas de Rodagem Federais (que deu origem ao Departamento Nacional de Estradas de Rodagem) e, a despeito das dificuldades, conseguiu concluir a Rodovia Rio-São Paulo e reconstruiu a Estrada Rio-Petrópolis.

Os acontecimentos de 1930 obrigaram-no a exilar-se por 17 anos, de maneira que sua carreira política acabou com o fim da República Velha. No entanto, o *presidente-estradei-*

Washington Luiz,
no primeiro
automóvel
da fila, com
um grupo de
participantes do
Primeiro Congresso
Paulista de
Estradas de
Rodagem. Sete de
Junho de 1917



Fundação Pró-Memória

ro – apelido lançado pelos adversários com o intuito de ridicularizá-lo – aos olhos da História foi exaltado. De fato, as obras rodoviárias efetivadas no tempo em que exerceu sua atividade política tiveram fundamental importância para o desenvolvimento do Brasil.

BIOGRAFIA - Washington Luiz Pereira de Sousa nasceu na cidade de Macaé, Estado do Rio de Janeiro, a 26 de Outubro de 1869. Foram seus pais o tenente-coronel Joaquim Luiz Pereira de Sousa e Florinda Sá Pinto Pereira de Souza. Em 1884, matriculou-se no Colégio Pedro II, no Rio. Quatro anos depois, veio para São Paulo, onde concluiu os estudos preparatórios no Curso Anexo à Faculdade de Direito. No ano seguinte, matriculou-se em Direito. Em primeiro de Dezembro de 1891, recebeu o diploma de bacharel pela Faculdade de Direito de São Paulo. Em 1892, foi nomeado promotor público da Comarca de Barra Mansa, no Estado do Rio de Janeiro. Deixando esse cargo, estabeleceu-se como advoga-

do na cidade de Batatais, Estado de São Paulo. Em 1897, foi eleito vereador e presidente da Câmara Municipal de Batatais, assumindo, no ano seguinte, a Prefeitura do município. Em 1899, foi reeleito. Em 1904, foi eleito deputado para o triênio 1904-1906. Tomou parte na revisão constitucional de 1905. Em 13 de Março de 1906, foi nomeado, durante o governo de Jorge Tibiriçá, secretário da Justiça. Continuou nesse cargo até primeiro de Maio de 1912. Em Setembro desse ano, foi eleito deputado estadual, tomando posse de suas funções em 11 de Outubro do ano seguinte. Em 30 de Outubro de 1913, foi eleito prefeito de São Paulo, tomando posse a 15 de Janeiro de 1914. Reeleito, exerceu as funções de prefeito da capital até 16 de Agosto de 1919. A 11 de Setembro de 1920, foi proclamado candidato do Partido Republicano Paulista ao cargo de presidente (governador). Em primeiro de Março de 1920, foi eleito presidente (governador) de São Paulo. Em 1926, assumiu a presidên-

cia da República, dirigindo os destinos do Brasil até 1930. Após a Revolução de 1930, Washington Luiz viveu um longo exílio de 17 anos na Europa. Retornou ao Brasil, em 1947, e faleceu em São Paulo, no dia quatro de Agosto de 1957.

BIBLIOGRAFIA

RAMOS, Arthur Rudge - Relatório sobre os trabalhos na estrada do Vergueiro - Seção de Obras do Estado de São Paulo, 1920

Washington Luiz (visto pelos contemporâneos no primeiro centenário de seu nascimento) - publicação do Instituto Histórico e Geográfico de São Paulo, 1969

DEBES, Celio - Washington Luiz: primeira parte (1869-1924) - São Paulo, Imprensa Oficial do Estado, 1994 - Coleção Centenário

(*) José Roberto Gianello é sociólogo e assessor da divisão cultural da Fundação Pró-Memória de São Caetano do Sul

Epopéia dos paulistas: a Revolução Constitucionalista de 1932

Robinson CASTROPIL(*)

Fico muito à vontade para falar da Revolução Constitucionalista de 32 – *a epopéia dos paulistas* –, pois apesar de, obviamente, não ter participado do conflito, sempre foi um assunto que muito me interessou e acabou se tornando uma espécie de passatempo. Formado pela Academia de Oficiais da Polícia Militar do Barro Branco, turma de 1992 (coincidentalmente, ano do sexagésimo aniversário da revolução e como foi batizada a minha turma), já nos bancos escolares da Academia aprendíamos sobre os conflitos estaduais, nacionais e internacionais que a gloriosa Força Pública do Estado de São Paulo, predecessora da atual Polícia Militar do Estado de São Paulo, havia participado. Dentre eles, sempre o que mais me intrigou foi a Revolução Constitucionalista de 1932, impulsionando-me a querer saber mais sobre o conflito, nos livros, em documentários e ouvindo as histórias dos veteranos. Tra-

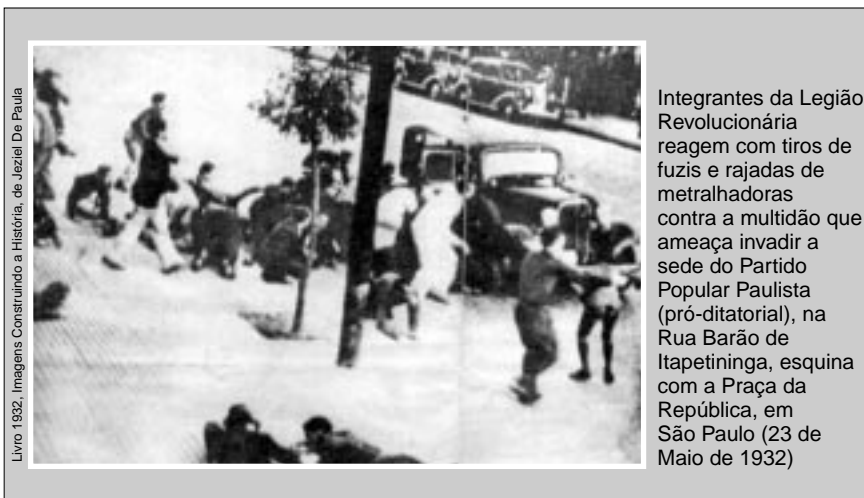
balhei, inclusive, como voluntário, por um breve período, na Sociedade Veteranos de 32 - MMDC, sita à Rua Anita Garibaldi, 25 - Centro - São Paulo.

Para entendermos o que levou o Estado de São Paulo a levantar-se em armas contra o governo federal, no que foi o maior confronto militar do País neste século, devemos retornar à Revolução de 1930 quando, em 24 de Outubro, Getúlio Vargas, apoiado pela Aliança Liberal e pelos Tenentes, destituiu Washington Luís e impediu a posse do presidente eleito, Júlio Prestes, que o havia derrotado. Este movimento ficou conhecido como Outubrista ou Tenentista.

Em três de Novembro de 1930, Getúlio Vargas é empossado na presidência da República em caráter provisório. Tem início o pesadelo paulista. Sistemáticamente, várias decisões tomadas por Getúlio Vargas desagradam ao povo paulista. Por exemplo: em todo País iniciam-se perseguições a integrantes da República

Velha; São Paulo é invadido pelas forças revolucionárias (quem era aliado passou a território tomado); nomeação de interventores não paulistas e não comprometidos com o estado, que não defendiam os interesses de São Paulo junto ao Governo Federal; repressão, com uso de força, a qualquer tipo de manifestação popular; vigilância a clubes, entidades e sociedades e censura à imprensa; crise na lavoura e queda na exportação e no preço do café; desemprego, baixos salários e greves; governo pressionou o proletariado e a burguesia; provocações e disputas entre os Tenentes (Legião Revolucionária) e políticos, principalmente do Partido Democrático Paulista, para assumir o Governo do Estado; rivalidade entre a Força Pública de São Paulo (que era na época a segunda maior força militar da América Latina) e o Exército; demora para o término do governo transitório e a reconstitucionalização do País.

São Paulo encontrava-se literalmente ocupado e, mais do que isso, várias atitudes tomadas pelos interventores e líderes da Legião Revolucionária, além das acima citadas, tinham o objetivo claro de humilhar o povo paulista. Entre tais atitudes, foram particularmente relevantes o desarmamento da Força Pública; o confisco de obras de arte do Palácio dos Campos Elísios, então sede do governo paulista; o sacrifício de gado reprodutor para fazer churrasco aos integrantes da Legião Revolucionária; a confraternização de menidos paulistas, no palácio de governo, regada a sorvete.



Integrantes da Legião Revolucionária reagem com tiros de fuzis e rajadas de metralhadoras contra a multidão que ameaça invadir a sede do Partido Popular Paulista (pró-ditatorial), na Rua Barão de Itapetininga, esquina com a Praça da República, em São Paulo (23 de Maio de 1932)

Livro 1932. Imagens Construindo a História, de Jeziel De Paula

O movimento constitucionalista iniciou-se com a formação das Frentes Únicas, principalmente em São Paulo, Rio Grande do Sul e Minas Gerais, onde os antigos partidos políticos uniram-se em oposição a Vargas, exigindo a reconstitucionalização do País o mais breve possível. Ao mesmo tempo em que se desenvolviam negociações políticas, os chefes das diferentes correntes partidárias preparavam a articulação das forças militares e populares, que seriam mobilizadas em caso de fracasso dos entendimentos políticos. Em consequência desses entendimentos, estabeleceu-se uma sólida aliança entre os estados de São Paulo, Rio Grande do Sul, Mato Grosso e Minas Gerais, além de ramificações em outros estados como Rio de Janeiro, Paraná e Santa Catarina.

Para tentar acalmar os ânimos paulistas, Getúlio Vargas nomeia como interventor, em São Paulo, Pedro de Toledo, paulista, ex-deputado e ex-ministro da agricultura, antigo plenipotenciário na Itália, na Espanha e na Argentina, e que vivia no Rio de Janeiro. Estava, portanto, longe das terras de Piratininga. Possuía, na época, 73 anos de idade, estando cansado e curado do espírito de aventura.

No dia 21 de Maio de 1932, chegou a São Paulo, enviado por Getúlio Vargas, Oswaldo Aranha, então ministro da Fazenda, com a missão de resolver o caso paulista. Como protesto do povo foram programados vários comícios populares pela Frente Única, sendo marcado o primeiro para iniciar às 15 horas na Praça do Patriarca, onde fora montado poderoso alto-falante na fachada da Casa Prado. Ibrahim Nobre e outros ilustres paulistas moldam o comportamento da multidão que ali se instalou e, tendo-a coman-



Cerimônia de posse do embaixador Pedro de Toledo, aclamado governador de São Paulo pelo Exército, Força Pública, partidos políticos e pelo povo no Largo do Palácio (dez de Julho de 1932)

Livro 1932, Imagens Construindo a História, de Jeziel De Paula

dada e decidida, conduzem-na pelo Viaduto do Chá, rumo à Rua Conselheiro Crispiniano, à sede da Região Militar, onde são recebidos por flores espargidas pelos oficiais do Exército. Tal atitude é traduzida pelos oradores para a massa como sendo a passagem de uma senha secreta de incentivo: *O Exército está comprometido com a revolução.*



Folheto que anunciava grande comício cívico - no intuito de conquistar voluntários, da região do ABC, para atuar no movimento constitucionalista de 1932 - a ser realizado na Praça Senador Flaquer, em Santo André, no dia 14 de Julho de 1932

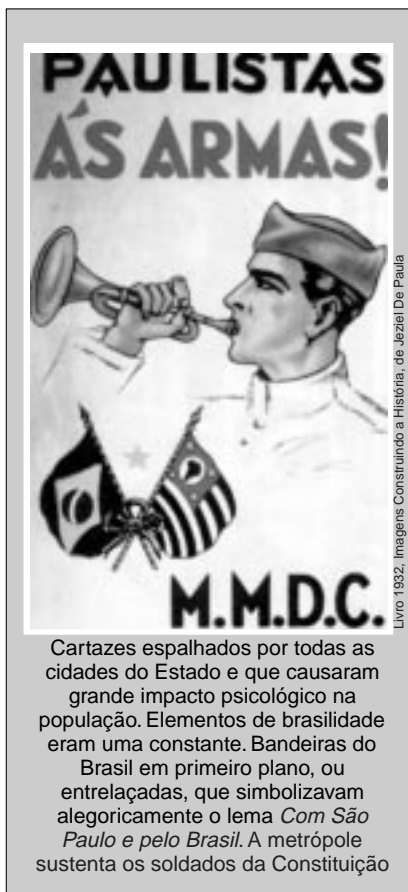
Família Spinello

Os líderes arrastam a massa para o Bairro da Luz, onde está o quartel-general da Força Pública, e uma comissão é recebida pelo coronel Elisário de Paiva. Contudo, súbito, na Avenida Tiradentes, rompe o Esquadrão de Cavalaria. No chão escorre o sangue inaugural da campanha que está por iniciar: o do estudante Lima Neto. Os membros da comissão, alertados, saem do quartel-general e, atônitos, utilizam o verbo para remendar os rasgões abertos pelos cascos e golpes de sabre. Novamente cerram fileira em direção ao Palácio do Governo, onde Pedro de Toledo terá que decidir se permanece ao lado do povo paulista ou dos servidores da ditadura. A guarda dos Campos Elísios imobilizou-se. Armas na mão, Pedro de Toledo ordenou a abertura dos portões e apresentou-se. Ibrahim Nobre, inflamado, discursava e apresenta o estudante ferido ao interventor: Já começa a correr o sangue paulista. *Estamos algemados, e algemados dentro de uma senzala. E V. Ex^a, Sr. Pedro de Toledo, está preso conosco. V. Ex^a deve sair dela e, com estes homens, vir às ruas reivindicar a nossa liberdade. V. Ex^a está no fim de sua vida e deve escolher: um simples epitáfio ou uma estátua.*

No dia 23 de Maio, Carlos Nazaré, presidente da Associação Comercial, solicita aos comerciantes que cerrem as portas dos estabelecimentos e mandem os funcionários engrossar a massa de manifestantes, que se recusa a voltar para o trabalho ou para as residências até que São Paulo tenha um governo completamente paulista, livre das ingerências do ditador. O *Diário da Noite* publica largo e vibrante manifesto, assinado por centenas de oficiais da Força Pública, repudiando a ação do dia anterior e colocando-se ao lado do povo.

Nos jardins dos Campos Elísios, centenas de homens reclamam os nomes do novo secretariado. Contudo, foi onde São Paulo é mais São Paulo, no lugar em que nasceu, no Pátio do Colégio, que o interventor rompeu os laços de obediência que o haviam até ali manipulado e nomeou auxiliares tidos como inimigos do ditador. E mais, dava-lhes posse dos cargos, em meio ao povo, em sítio histórico, local sagrado para a afetividade paulista. Cada nome anunciado era motivo para efusivos aplausos dos populares que ali se encontravam. Waldemar Ferreira, já secretário da Justiça, não aguarda um minuto: reforma o general Miguel Costa, leal a Vargas, e nomeia comandante geral da Força Pública o coronel Júlio Marcondes Salgado, publicamente comprometido com os planos da revolução.

São Paulo era só alegria. A multidão invade, corre pela Rua Barão de Itapetininga e alcança a esquina da Praça da República, onde decide atacar a sede do Partido Popular Paulista, instrumento político com o qual a Legião Revolucionária defendia os interesses do governo provisório. Dentro, homens bem armados e



fartamente municiados. Palavrões, tiros de revólver, fuzis e metralhadoras rompem a gritaria da multidão, e os corpos dos primeiros heróis que ousaram contra Vargas tombam agonizantes. Troteio até às quatro e quinze da manhã do dia 24 de Maio. Na esquina da rua com a praça estão mortos Euclides Bueno Miragaia, Antônio Américo de Camargo Andrade, Dráusio Marcondes de Souza, de apenas 14 anos, e Mário Martins de Almeida, que morre ao ser levado ao pronto-socorro. Estavam feridos Orlando de Oliveira e Jacinto de Oliveira Alvarenga, que virá a falecer após algumas horas. Está criado o MMDC, em homenagem aos mortos Martins, Miragaia, Dráusio e Camargo, organização secreta, civil, e que apoiaria crucialmente os planos de revolução.

Durante os meses que se sucederam, antes do dia nove de Julho, as lideranças das Frentes Únicas articulavam politicamente e mantinham-se unidas. Do Rio Grande, São Paulo contava com apoio que arrastaria o Paraná e Santa Catarina. De Minas Gerais, os paulistas contavam com uma neutralidade solidária à revolução. Bertoldo Klinger promete arrastar consigo 6 mil soldados e dezenas de canhões do Mato Grosso. O general João Gomes apoiaria a revolução no Rio de Janeiro. Enquanto isso, Euclides Figueiredo, pai do ex-presidente João Batista Figueiredo, a quem fora entregue a elaboração dos planos práticos do movimento armado, articulava estratégias.

No dia nove de Julho, o general Isidoro Dias Lopes, que havia sido reformado contra a vontade por Vargas, reunido na Rua Sergipe, 37, prédio oficialmente vazio, com outros militares, decide deflagrar a revolução. Mesmo com a desaprovação dos demais, o coronel Euclides Figueiredo recebe a ordem: comandar o levante em São Paulo e assumir, imediatamente, o comando da região. Decide-se dar o nome de Exército Constitucionalista ao conjunto civil-militar que dará estrutura bélica ao movimento.

No dia seguinte, dez de Julho, Pedro de Toledo renuncia ao cargo de interventor e é aclamado pelo povo paulista como governador do Estado de São Paulo. Mas, ao fim do primeiro dia de revolução, São Paulo estava deserdado pelos dois principais parceiros de Frente Única: Rio Grande do Sul e Minas Gerais. No Rio de Janeiro, os articulistas são tirados de circulação e, um dia depois, o general Bertoldo Klinger chega do Mato Grosso com um punhado de oficiais, seu

cavalo e a informação de que não virão nem tropas, nem munições e nem a copiosa artilharia esperada. Os aliados de ontem são os inimigos de amanhã.

A comunidade revolucionária, que forneceu 40 mil voluntários para a guerra, dispôs apenas de algumas horas para organizar-se e conduzir a batalha. Fê-lo primorosamente, no campo militar e civil. Além do fabrico de armas, munições, fardamentos, da inventividade posta a serviço da criação de armas especiais e de adaptações de algumas convencionais, como a matraca, a bombarda e o trem blindado, organizou campanhas como a Campanha do Ouro Para o Bem de São Paulo, que arrecadou tanto dinheiro que, ao final da guerra, deu para colocar de pé o prédio de 12 andares da Santa Casa de Misericórdia.

As operações de guerra iniciaram-se em dez de Julho, quando as tropas paulistas, sob o comando do coronel Euclides Figueiredo, ocuparam Cruzeiro e bloquearam o túnel que separa essa cidade de Passa Quatro, em Minas. Durante três meses, esse seria o palco mais sangrento de todo o confronto. A disparidade entre as forças em conflito, todavia, foi notável desde os primeiros combates. Na frente norte (Mogi - Mi-



Família Spinello

Primeiro Pelotão da Segunda Companhia do Batalhão Marcondes Salgado, em plena operação de guerra, no setor de Pedreira, em Julho de 1932, durante o movimento constitucionalista. O tenente Alcides Spinello é o segundo soldado ajoelhado, da esquerda para a direita, com a mão na cintura. Era filho de João Spinello, fundador do periódico *O Progresso*, de 1915, jornal pioneiro de São Caetano do Sul

rim - Campinas), por exemplo, os paulistas dispunham de cerca de 10 mil homens. Do outro lado da fronteira, as forças federais, sob o comando de Góis Monteiro, contavam com 20 mil soldados.

Entre Agosto e Setembro, as ações de guerra já se revelam inteiramente desfavoráveis aos paulistas. As tropas de Minas haviam atravessado a fronteira e, depois de tomarem Guaxupé e Pouso Alegre, ameaçavam Piquete, Cruzeiro e Campinas. Em Santos, a

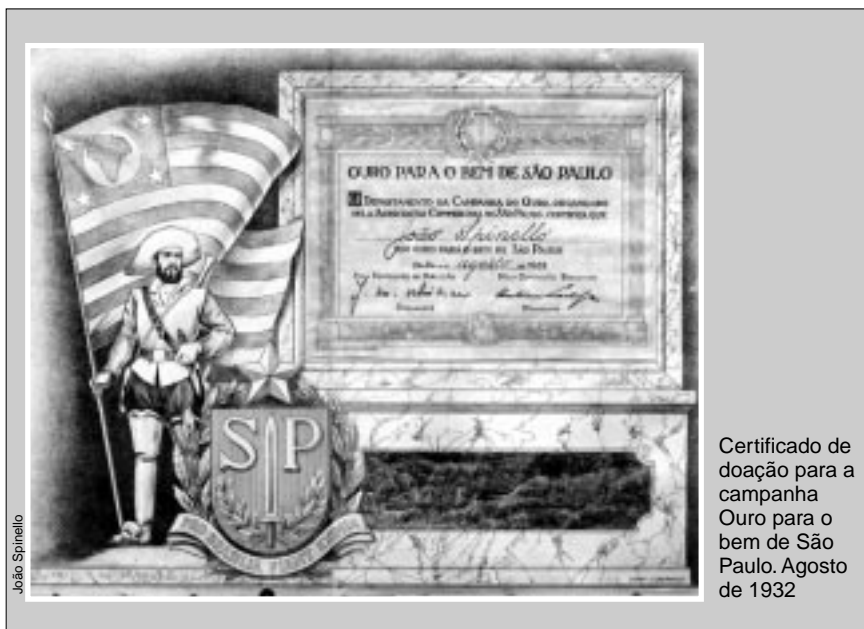
Marinha bloqueia o porto. Cunha é ocupada por fuzileiros navais. Em 13 e 15 de Agosto, em Buri, na frente sul, trava-se violenta batalha, em que são disparados mais de mil tiros de artilharia. Os combates são encarniçados, mas as tropas federais avançam e sítiam Itapetininga. Teve lugar o primeiro combate aéreo em solo brasileiro. A força aérea paulista era insignificante. São Paulo contava apenas com quatro aviões do tipo Waco e dois do modelo Potez. Depois, foram comprados mais três aparelhos e, durante o combate, foram acrescentados mais dois aviões, trazidos do Rio de Janeiro por pilotos desertores. A maior façanha aconteceu em 21 de Setembro, quando destruíram cinco dos sete aparelhos legalistas estacionados em Mogi - Mirim.

Em 1932, São Paulo uniu-se em torno de uma bandeira chamada democracia, pois desejava-se a formação de uma constituinte num País que parecia marchar para uma ditadura militar perma-



Livro 1932. Imagens Construindo a História, de Jeziel De Paula

À boca do Túnel da Mantiqueira, do lado de São Paulo, vê-se a locomotiva 51, da Rede Sul-Mineira, descarrilhada para obstruir a passagem. Trata-se do local em que foram travadas as batalhas mais sangrentas da revolução



Certificado de doação para a campanha Ouro para o bem de São Paulo. Agosto de 1932

nente. Apesar de encontrar-se sozinho contra Vargas, São Paulo contou com apoio de homens e mulheres anônimos, que aderiram à causa da revolução em seus respectivos estados, demonstrando que o espírito democrático e patriótico não se limitava apenas às fronteiras paulistas. Existe notícia, por exemplo, de um batalhão inteiro, na Bahia, que teria sido dizimado sem deixar vestígios. No Rio Grande do Sul, após o retrocesso do general Flores da Cunha, a Brigada Militar Gaúcha, comandada pelo general Cândido Carneiro Júnior e apoiada por populares simpatizantes da revolução, toma iniciativas isoladas com intuito de retardar o apoio militar do estado às tropas federais. No Amazonas, artilheiros do Forte Óbidos pronunciam-se solidários à constitucionalização do País e, ocupando pequenos barcos, armados de fuzis e metralhadoras, partem para tomar Manaus. Porém são afundados em Itacoatiara e os sobreviventes são metralhados dentro da água. Estudantes universitários e secundaristas, em Belém

do Pará, proclamam-se solidários à revolução e tomam um quartel do Tiro de Guerra. O interventor organizou a reação e, encurralados, os rebeldes ouviram o ultimato: render-se imediatamente para continuar a viver. Um deles, estudante do quarto ano ginasial, Paulo Cícero Teixeira, posta-se junto a uma metralhadora Hotchkiss e resiste a madrugada inteira. Um menino manteve a Revolução Constitucionalista acesa uma noite inteira em Belém do Pará. Foi abatido por um atirador de elite. Na Bahia, 427 rapazes e 312 moças tomaram o prédio da Faculdade de Medicina, que teve imediatamente luz e água cortadas. As mulheres, convidadas para permanecerem no auditório da Faculdade, recusaram, afirmando que ficariam para morrer com os colegas.

Não se pode, portanto, alegar que São Paulo foi traído. Noventa por cento do Brasil estava com São Paulo. Houve, sim, na minha modesta opinião, um tremendo erro de estratégia por parte dos comandantes constitucionalistas. Dois dos equívocos foram cru-

ciais: a revolução foi deflagrada com precipitação, sem que todas as articulações tivessem sido terminadas e sem a logística necessária para manter o confronto; o Exército Constitucionalista, em desvantagem numérica, material e pessoal, deveria ter marchado imediatamente para o Rio de Janeiro, para depor o ditador, e não ter permanecido em posição de defesa territorial, em São Paulo, isolando-se do restante do País.

Em dois de Outubro é assinado o armistício. Chegava ao fim o sonho paulista de que podia o pequeno derrotar o gigante. A Revolução Constitucionalista foi o maior confronto militar do País, envolvendo 135 mil homens e matando mais brasileiros do que as duas grandes guerras mundiais. De fato, na Primeira Guerra Mundial, nenhum brasileiro morreu. Na Segunda Guerra Mundial, morreram 465 homens em combate. Na Revolução de 1932, morreram 633 paulistas e 200 federais, com a seguinte ressalva: não existem dados concretos quanto ao número exato de civis e de mortos em outros estados.

Apesar de não ter vencido Vargas em armas, os objetivos da Revolução foram em parte alcançados, pois em três de Maio de 1933 foram realizadas as eleições para a Assembléia Constituinte. Em 16 de Julho de 1934, garantido pela espada do Exército, o ditador promulga a nova Constituição Federal e, no dia seguinte, em 17 de Julho, Getúlio Vargas é eleito Presidente da República pela maioria dos Constituintes. Mas isso é uma nova história...

Anualmente, no dia nove de Julho, em frente ao Mausoléu do Soldado Constitucionalista, no Parque do Ibirapuera, velhinhos retiram orgulhosamente, de seus guarda-roupas, velhas fardas em-

Oração ante a última trincheira

Agora é o silêncio
É o silêncio que faz a última chamada
É o silêncio que responde:
- Presente!

Depois será a grande asa tutelar de São Paulo -
asa que é dia e noite e sangue e estrela e mapa - des-
cendo, petrificada, sobre um sono que é vigília.

E aqui ficareis, Heróis-Mártires, plantados, firmes:
para sempre, neste santificado torrão de chão paulista.

Para receber-vos, feriu-se ele da máxima de entre
as únicas feridas, na terra, que nunca cicatrizam,
porque delas uma imensa coisa emerge e impõe-se
que as eterniza.

Só para o alicerce, a lavra, a sepultura e a trinchei-
ra se tem o direito de ferir a terra.

E, mais legítima que a ferida do alicerce, que se
eterniza a casa, a dar teto para o amor, a família, a
honra, a paz.

Mais legítima que a ferida da lavra, que se eterniza
a árvore, a dar lenho para o leito, a mesa, o cabo da
enxada, a coroa do fuzil: mais legítima que a ferida
da sepultura, que se eterniza o mármore a dar ima-
gem para a saudade, o consolo, a bênção, a inspira-
ção, mais legítima que essas feridas é a ferida da
trincheira, que se eterniza a pátria a dar a pura razão
de ser da casa, da árvore e do mármore.

Este cavado trapo de terra - corpo místico de São
Paulo, em que ora existia, consubstanciados, mais
que corte de alicerce, sulco de lavra, cova de sepul-
tura, é rasgão de trincheira.

E esta, perene, que povoais, é a nossa última trin-
cheira.

Esta é a trincheira que não se rendeu,
a que deu à terra o seu suor,

a que deu à terra a sua lágrima,
a que deu à terra o seu sangue!
Esta é a trincheira que não se rendeu,
a que nossa bandeira gravada no chão,
pelo branco do nosso Ideal,
pelo negro do nosso Luto,
pelo vermelho do nosso Coração.

Esta é a trincheira que não se rendeu:
a que, atenta, nos vigia:

a que, invicta, nos defende;
a que, eterna, nos glorifica!

Esta é a trincheira que não se rendeu:
a que não transigiu,

a que não esqueceu,
a que não perdoou!

Esta é a trincheira que não se rendeu:
aqui a vossa presença, que é relíquia,

transfigura e consagra um altar,
para o vôo até Deus da nossa Fé!

E, pois, ante este altar, alma de joelho,
a vós rogamos:

- Soldados santos de 32,
sem armas em vossos ombros, velai por nós!;

sem balas na cartucheira, velai por nós!;

sem pão em vosso bernal, velai por nós!;

sem galões de ouro no braço, velai por nós!;

sem medalhas sobre o cáqui, velai por nós!;

sem mancha no pensamento, velai por nós!;

sem medo no coração, velai por nós!;

sem sangue já pelas veias, velai por nós!;

sem lágrimas ainda nos olhos, velai por nós!;

sem sopro mais entre os lábios, velai por nós!;

sem nada a não ser vós mesmos, velai por nós!;

sem nada senão São Paulo, velai por nós!

poeiradas e desgastadas pelo tem-
po, capacetes de aço, medalhas,
para envengarem novamente o cá-
qui que um dia ousaram vestir pa-
ra lutar contra a tirania de um di-
tador. A cada ano, o número de
veteranos diminui, mas com emo-
ção eles insistem em dizer: *Pre-
sente!*, após a leitura dos nomes
daqueles que retornaram ao
oriente eterno. Nesta oportuni-
dade, um corneteiro soa o toque de
silêncio em homenagem àqueles
que partiram e, com a voz embar-

gada pelas lágrimas, o orador da
cerimônia faz a leitura da *Oração
ante a última trincheira*, de auto-
ria do poeta revolucionário Gui-
lherme de Almeida, que represen-
ta, em sua plenitude, o ideal revo-
lucionário, o amor às coisas pau-
listas e o supremo patriotismo que
levaram esses leais brasileiros a
gritar não à ditadura.

BIBLIOGRAFIA:

FILHO, José Canavó e MELO Edilberto de
Oliveira. *Asas e Glórias de São Paulo*: Im-

prensa Oficial do Estado - IMESP, 1978.

Nosso Século - Brasil: Abril S. A. Cultural.

DONATO, Hernâni. *A Revolução de 32*: Abril
S.A. Cultural.

Veja São Paulo, ano 23, número 27. Julho,
1990.

(*) *Robinson Castropil, primeiro tenen-
te da Polícia Militar, atualmente coor-
denador da Escola de Formação de
Soldados de São Caetano do Sul*

O ABC paulista na rota da economia açucareira

Arlete Assumpção MONTEIRO(*)



Tendo como objetivo entender a região do atual Grande ABC Paulista^[1] antes do advento da ferrovia The São Paulo Railway, pretende-se neste artigo apresentar um panorama da região - dos Setecentos aos meados dos Oitocentos - a partir do olhar dos viajantes e catequistas que transitaram pela Borda do Campo e dos Relatórios dos presidentes da Província de São Paulo, no período de 1822 a 1889. Para a construção desse panorama fez-se um corte no tempo. Priorizou-se um período de 100 anos (1765-1867), periodizado de 1765, quando a Capitania de São Paulo conseguiu sua restauração, até a virada para o Oitocentos, e dos Oitocentos até 1865, quando a Estrada de Ferro Santos Jundiaí - a The São Paulo Railway - rasgava com seus trilhos a Mata Atlântica, vindo a acarretar inúmeras modificações na região, no Estado e no País.

Até a chegada da ferrovia, o movimento de tropas, tropeiros e viajantes fora intenso, nas terras da Borda do Campo, devido a sua localização na rota Litoral-Planalto Paulista - Litoral. A principal causa era a economia canieira que se desenvolvia no interior de São Paulo, quando, imbuído dos ideais pombalinos e preocupado com o despovoamento e decadência da Capitania de São Paulo^[2], seu governador, D. Luiz



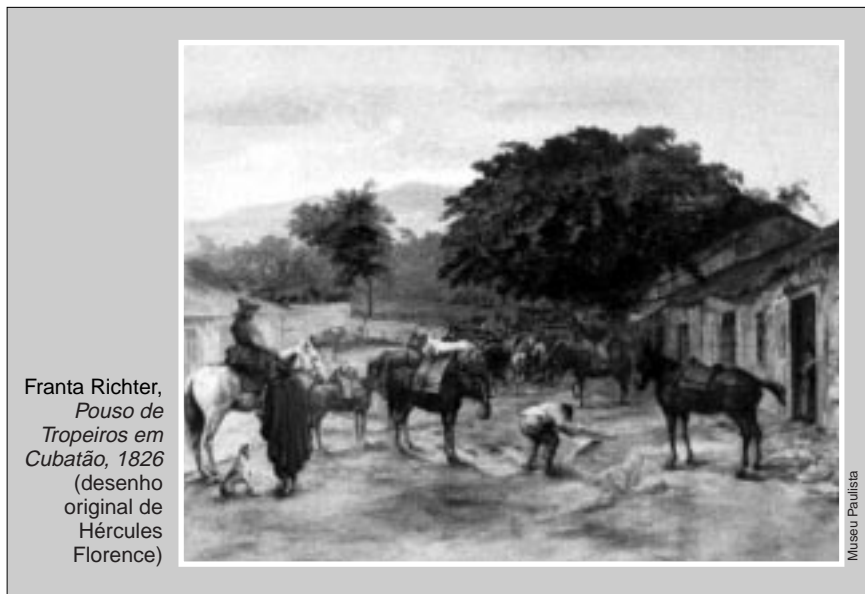
Mapa da região de São Paulo e Grande ABC em 1759

Fundação Pró-Memória

Antonio de Souza Botelho Mourão, o Morgado Mateus, em 1765, incentivou a agricultura da cana-de-açúcar, objetivando maior lucro para a coroa portuguesa^[3].

No final do Setecentismo, no litoral norte da Capitania de São Paulo, a cultura da cana-de-açúcar conheceu bom desenvolvimento, garantindo um mercado consumidor através do Rio de Janeiro onde se efetivava a exportação do açúcar. Em 1789, o governador Bernardo José de Lorena determinou que as exportações da Capitania só poderiam ser feitas através do porto de Santos e diretamente para o Reino. Os produtores do litoral norte, sentindo-se prejudicados, desinteressaram-se da fabricação do açúcar^[4]. Em contrapartida, os agricultores do sertão paulista viram nessa determinação uma oportunidade para aumentar seus lucros. Investiram mais na agricultura canavieira, mesmo conhecendo as dificuldades de transporte do açúcar até o porto de Santos. Como já buscavam outras mercadorias como sal e tecidos, aproveitaram as tropas para transportar o açúcar. A demanda pelo açúcar paulista aumentou de tal maneira que exigiu a expansão dos canaviais. Conseqüentemente, as plagas da Borda do Campo, passagem obrigatória para o porto de Santos, tiveram o movimento de tropas e tropeiros intensificado.

Em 1791 e 1792, durante o governo de Bernardo José de Lorena, a estrada, no trecho da serra, foi reformada. Tortuosa, entalhada entre rochedos, beirando abismos profundíssimos, a Calçada do Lorena, como ficou conhecida, foi pavimentada. Considerada como uma obra avançadíssima para a época, chamava a atenção de viajantes estrangeiros que por



ela transitavam. Escrevia John Mawe em seu relato de viagem pelo interior do Brasil no início dos Oitocentos: *Poucas obras públicas, mesmo na Europa, são superiores a esta*^[5].

Em 1839, o pastor metodista Daniel P. Kidder galgou a Serra de Cubatão para chegar à Borda do Campo e se surpreendeu com a estrada. *Compreende cerca de quatro milhas de sólida pavimentação e mais de cento e oitenta curvas em todo o seu sinuoso percurso. A conclusão dessa importante obra mereceu ser comemorada como acontecimento notável da história colonial portuguesa*^[6].

A Calçada do Lorena facilitava o percurso para as tropas mas ainda era uma estrada estreita e inviável para carroções. Possibilitou o crescimento da produção açucareira e intensificou o desenvolvimento do comércio no porto de Santos. E o Caminho do Mar se tornou o Caminho do Açúcar. *A calçada era um caminho de tropas (...) A cultura da cana se desenvolveu de maneira extraordinária (...) Os primeiros grandes carregamentos de açúcar desce-*

ram a serra e o comércio do porto (...) progrediu muito^[7].

Em 1832, o governo já pensava em construir uma estrada para carroções na Serra do Mar, conforme se verifica no relatório de Raphael Tobias de Aguiar, sexto presidente da Província de São Paulo: *Continuavam os estudos sobre a possibilidade de uma estrada para carros na Serra do Mar*^[8]. A exportação do açúcar se intensificava. O presidente José Cesario de Miranda Ribeiro, visconde de Uberaba - 1835/1836 -, autorizou o projeto para a construção de estrada carroçável e aprovou verba para a vinda de 100 colonos da Suíça, ou das Canárias, para o trabalho nas estradas da província.

Achando-se o Governo auctorizado pelo artigo 14 da lei do orçamento provincial para mandar formar um plano de uma estrada para carro desde Cubatão de Santos até ás povoações mais consideráveis, que para ali exportam productos (...) Em virtude do artigo 13 da referida lei o governo entrou com a quantia de 8:000\$000, ou com as des-



Oscar Pereira da Silva
(1867-1939) *Calçada de Lorena 1826* (desenho original de Hércules Florence)

pezas necessárias para a vin-
da de 100 colonos da Suíça,
ou das ilhas Canarias, que
uma sociedade de particula-
res se propoz a mandar con-
tractar (...)»^[9].

O décimo primeiro presidente da Província, brigadeiro Tobias de Aguiar – 1840/1841 –, concluiu que era impossível a construção de uma estrada para carros no trecho da serra. *As tentativas para se obter uma estrada de carro na Serra de Cubatão tinham sido infructíferas (...)»*^[10].

O Caminho do Mar serpenteava pelas terras da Borda do Campo e chegava ao alto da serra, onde as dificuldades para transpô-la, tanto na subida como em direção ao litoral, eram muitas. *Até a tarde prosseguimos a jornada, caminhando em estrada sofrível (...)»*^[11]. Conforme observação de Spix e Martius, que, em 1817-1820, empreenderam viagem pelo Brasil, a Estrada de Cubatão, como era chamado o trecho da serra, era transitável apenas por mulas, e os produtos que saíam para exportação, como aqueles advindos de importações, tinham que ser repartidos em pequenos volumes^[12].

O reverendo Daniel Kidder, em seus apontamentos, relata que,

no percurso da serra, a voz dos tropeiros anunciava que uma tropa vinha pelo caminho: *Primeiramente ouvíamos a voz áspera dos tropeiros, incitando os muares, ressoar muito acima de nós como se os brados proviessem das nuvens. Logo mais começávamos a distinguir o tropel das alimárias e, finalmente, as avistávamos erectis auribus (...), quais rodando serra abaixo sob o enorme pêso da carga*^[13]. Os viajantes que subiam a serra, ao verificar que uma tropa se aproximava, procuravam rapidamente um local onde parar e dar passagem, porque era muito difícil segurar a tropa na descida da serra. Kidder, para não ser atropelado, descobria um lugar para ficar esperando a tropa passar. *Enquanto passavam as diversas secções da tropa era necessário descobrir lugar para ficarmos a espera*^[14].

Em 1825, as tropas que passavam pela Borda do Campo eram formadas de 40 a 80 animais, conforme anotações de Hercules Florence^[15]. Na década seguinte esse número duplicou. Eram compostas de cem a trezentas mulas cada uma^[16]. Com destino a Santos, as tropas carregavam açúcar bruto, aguardente, toucinho ou outra mercadoria. Volta-

vam com sal, vinhos portugueses, vidros, ferramentas etc. Também transportavam produtos franceses, apreciados pelos paulistas, mas esse comércio era pequeno devido aos altos impostos^[17].

As tropas apresentavam aspecto interessante. Os burros levavam uma cangalha com dois jacás de mercadorias. Um animal amestrado, escolhido pelo seu conhecimento do caminho, conduzia os outros, distinguindo-se pelo penacho na cabeça e um sineiro pendurado no pescoço. As tropas eram *guiadas por um tropeiro e divididas em lotes de oito animais que caminham sob a direção de um camarada*^[18]. O tropeiro-chefe também se destacava: *(...) vai sempre muito bem montado e leva um laço preso à cincha, pronto para ser arremessado sobre qualquer animal que desgarrar*^[19]. Acompanhavam a tropa alguns homens responsáveis pelo carregamento e descarregamento das mercadorias. *Levavam número suficiente de homens para lidar com os cargueiros e guardá-los*^[20].

Em 1797, passaram pela Borda do Campo 83.835 arrobas de açúcar do total de 101.795 produzido no interior paulista^[21]. Segundo Spix e Martius, em

1808, de acordo com listas oficiais, existiam em São Paulo 458 engenhos de açúcar e 601 alambiques. Em 1825, a quantidade de açúcar exportado variou de 500 a 550.000 arrobas^[22]. Com um aumento de 656 % em relação a 1797, as terras do Grande ABC Paulista serviram de passagem e abrigo aos que percorriam a rota Planalto Paulista-Litoral-Planalto Paulista, pois necessitavam realizar algumas paradas, as quais deram origem a ranchos e pousadas.

Por volta de 1839, após a subida da serra, em direção ao planalto, o viajante percorria muitas milhas até o rancho no Rio Pequeno e só encontrava duas casas^[23]. Prosseguindo viagem, na metade do caminho São Paulo-Santos, no Rio Grande^[24], um estabelecimento dispunha de serviços para o viajante: aluguel de mulas e acomodações para aqueles que se utilizavam de seus animais, exercendo uma espécie de

monopólio. *Paramos junto a um estabelecimento de cujo proprietário nos informaram que o negócio principal consistia em alugar mulas para os que faziam a viagem (...) Os que se serviam de seus animais podiam ter a certeza de lá encontrar acomodação e alimento (...) Procurava estabelecer um monopólio*^[25]. Desse modo, aos que não se utilizavam de seus animais e serviços restava prosseguir viagem ou acampar ao relento^[26].

Tratou-nos com civilidade, mas apresentando numerosas desculpas recusou-se a nos receber. Era quasi noite e uma bruma expêssa baixava sôbre tudo (...) Fomos forçados a prosseguir viagem, sem nenhuma certeza de melhor acolhida mais adiante^[27].

Outra estalagem havia na freguesia de São Bernardo. Raras casas apareciam no trecho do Rio Grande até a freguesia e não se dispunham a receber viajantes.

Pretendíamos seguir até a freguesia, alguma milhas além (...) Tendo a noite caído, nosso companheiro decidiu bater em tôdas as casas que encontrasse até conseguir pouso. Depois de repetidas recusas (...)^[28].

Em São Bernardo - década de 30 dos Oitocentos - existia uma igreja, algumas casas e um paradoro que dispunha de serviços de aluguel de mulas e guias. *Chegámos à paróquia de São Bernardo (...) A principal casa era uma hospedaria (...) Nos surpreendeu sermos recebidos com hospitalidade simples, mas, leal (...) O senhor (...) forneceu-nos mulas e arranjou-nos um guia (...)*^[29].

Kidder observou a presença de amazonas, que montavam com habilidade e destreza e sem cilhã. *Na falta de carruagem, era de se esperar que as mulheres, a menos que se ativessem exclusivamente aos afazeres domésticos, fôssem hábeis amazonas. Por di-*



Fundação Pró-Memória



A Calçada do Lorena foi uma inovação e permitiu que os produtos vindos do sertão em cargas de mulas chegassem ao porto de Santos, a fim de serem encaminhados à Europa e outras partes do Brasil. Ano de 1995

versas vezes testemunhamos a destreza das damas ao se servirem do estribo e das rédeas. Difícilmente, porém, nos sentimos inclinados a admirar seu estilo de montar, apesar da habilidade que revelavam e da fogueira de seus corcéis; entretanto, na falta do cilhão dificilmente poderiam fazer mais^[30].

De tal anotação pode-se inferir que uma parcela das mulheres que habitavam a Borda do Campo, ao longo do Caminho do Mar, na primeira metade do século XIX, não se encerrava nos lares, dedicando-se exclusivamente aos afazeres domésticos.

Mesmo com o intenso movimento, a região da Borda do Campo era praticamente despovoada: (...) *era aprazível, levemente ondulada, mas parcamente habitada*^[31]. À medida que a economia canavieira paulista se intensificava no quadrilátero do açúcar, nas terras da Borda do Campo, foi se formando uma nova camada de trabalhadores livres: os tropeiros, constituída pelos donos de tropas e seus camaradas - capatazes e peões^[32].

Na primeira metade dos Oitocentos, era a estrada São Paulo-Porto de Santos a mais importante da Província. Na realidade, um simples trilho que exigia manutenção constante cujo trabalho de reparação era executado por mulatos, índios e europeus, principalmente alemães. *Tivemos ocasião de passar por diversas turmas de conserva sob a superintendência oficial. Nesse serviço encontramos um grupo de alemães recém chegados. Os demais operários eram principalmente mulatos e índios*^[33].

O apogeu do ciclo do açúcar em São Paulo se deu na primeira metade do século XIX. Para ser exportado através do porto de

Santos, o açúcar produzido no interior precisou construir toda uma rede de serviços. Conforme Maria Tereza Petrone, o açúcar teve de organizar toda a infraestrutura indispensável à sua comercialização. As estradas, o porto, o comércio, tudo se desenvolveu em consequência da nova atividade dos paulistas (...) ^[34].

Em 1852, a Estrada da Maioridade, um novo caminho na serra, proporcionava o tráfego de carroções carregados. O movimento na rota para o litoral continuava intenso. Com base nos registros da Barreira de Cubatão, apresentados por Inez Peralta, de Outubro de 1852 a Junho de 1853, passaram 728 carros, elevando-se para 763 no período de 1854 e 1855, além de 178.900 animais^[35]. Se cruzaram Cubatão, esses carros e animais passaram pelas terras da Borda do Campo.

Em 1858, o médico Robert Avé-Lallement realizou uma viagem de Santos para São Paulo. *Completamente só, saí de Santos pelo meio-dia, a cavalo, para a serra*^[36]. Após algumas horas, chegou Avé-Lallement a Cubatão^[37], onde existia uma ponte coberta e um ponto em que cada burro pagava uma taxa. Assinala o viajante que a Serra do Mar se erguia como gigantesca muralha. A estrada, muito ruim, era cheia de pedras, buracos e erosões que a tornavam muito perigosa. Por isso, homens e senhoras realizavam a viagem a cavalo e raramente em liteiras. Se a cavalo, observava Avé-Lallement, que se prestasse atenção ao animal durante o percurso pois, além da insegurança da estrada, existiam partes minadas pelas águas que desciam a serra. Deslumbrou-se com a beleza da vegetação do caminho, da água das cachoeirinhas e da paisagem. *Essa água dá ma-*

ravilhoso encanto à viagem na serra (...) Para fora se avista a planície com a sua baía e o mar distante como um quadro de rara graça (...)^[38].

O movimento de viajantes e tropas na rota Litoral-Planalto Paulista-Litoral mantinha-se intenso com uma média de 3.000 animais por dia. A passos lentos arrastam os bois as rangeladoras carretas e, a passos curtos, vão os burros debaixo de suas pesadas cargas. O número desses últimos animais sobe a 3.000 por dia^[39]. Comprova tal afirmação a descrição do viajante, incomodado pelos burros e comboios de carretas que passavam pela estrada.

Nos meados do século XIX, as terras que beiravam a estrada para o litoral nas proximidades do alto da serra, atual ABC Paulista, não apresentavam agricultura significativa, continuavam pouco povoadas. Os moradores sobreviviam, em geral, do apoio e pousada que ofertavam ao viajante. Avé Lallement utilizou-se de dois desses paradores. *Num lugar quase deserto fica, aqui, a estalagem de um alemão procedente de Dona Francisca. Recebeu-me muito bem e me pediu que ficasse; o lugar chama-se Rio das Pedras. Mas para trocar os meus burros, tinha de viajar mais de duas léguas (...)*^[40].

Esta anotação de Avé-Lallement leva à seguinte reflexão: quando Kidder passou pelo Caminho do Mar, em 1839, comentou a existência de alemães recém-chegados trabalhando na recuperação da estrada^[41]. Depois de 20 anos, Avé-Lallement anotou a presença de um alemão proveniente de Dona Francisca instalado com serviços para os viajantes, na beira do Caminho do Mar. A princípio poderia se supor ter

havido uma fixação dos alemães na região e até certo ponto uma ascensão social - de operário para proprietário de estalagem. Se o alemão da estalagem provinha de Dona Francisca, provavelmente não era daquela leva de trabalhadores da estrada. Até que ponto os alemães que recuperavam o caminho na Borda do Campo não serviram de incentivo para colonos insatisfeitos no projeto de colonização européia que se implantava no sul do País?⁴⁴²

A outra parada feita pelo médico foi nas proximidades do Rio Grande, onde pernitoiu. O paradoro estava preparado para atender e hospedar quatro viajantes, sendo muito procurado. *Fiz alto diante do Rio Grande. Ali se estabeleceu um jovem (...) e se ocupava, com numerosos burros próprios, do transporte de viajantes e mercadorias entre São Paulo e Santos. Ainda que não tivesse estalagem em sua casa de família, todos os viajantes que se serviam de seus animais encontravam excelente hospedagem em sua casa, que pode alojar uns quarenta viajantes*⁴⁴³.

Pode-se deduzir que as mulheres que habitavam ao longo do percurso do Caminho do Mar, nas terras da Borda do Campo, cujos maridos se dedicavam ao atendimento de tropas e tropeiros, foram se integrando ao processo de atendimento ao viajante, combinando os serviços domésticos com a oferta de refeições e limpeza dos aposentos.

- Para mim, sozinho, em estrada estrangeira, foi sem dúvida uma agradável surpresa, já ao escurecer, em vez de uma espelunca, entre gente estranha, achar uma bem arranjada casa de família e logo ouvir chamar-me pelo nome. A isso se juntou exce-

*lente jantar e um quarto de dormir separado, apesar de já ter chegado muita gente antes de mim*⁴⁴⁴.

Os viajantes, tanto em direção a São Paulo como a Santos, logo ao amanhecer, tornavam o paradoro movimentado devido à azáfama dos grupos preocupados em se equipar para dar prosseguimento à viagem que, do Rio Grande até São Paulo, durava meio-dia. Em 1860, Von Tschudi - nomeado, pela Confederação Helvética, para estudar os problemas da imigração suíça no Brasil - visitou as províncias do sul do País. Em viagem a São Paulo utilizou-se do paradoro do Rio Grande.

*- Comprei uma mula de sela, aluguei as bêstas de carga que me eram necessárias, e deixei, terça-feira, dia 24 de julho, a cidade portuária, em companhia do major Von Sukow (...) Ao cair da noite, resolvemos pousar em Rio Grande, onde encontramos todas as comodidades que um albergue pode oferecer, no interior de um país*⁴⁴⁵.

Outro ponto de parada utilizado pelos viajantes nos idos de 1860 era o albergue Zanzalá, de propriedade do suíço Jean Perraud, que oferecia boa comida e aposentos regulares a elevado preço.

As fortes chuvas que até hoje ocorrem na região, típicas de um país tropical, deixavam o caminho da serra encharcado e escorregadio, atrasando o viajante e dificultando o carregamento da bagagem nas mulas (ver mapa). *Na manhã seguinte, fui obrigado a esperar até as 10 horas pela minha bagagem, dado o mau tempo e as chuvas da véspera. A estrada serra abaixo era um mar de lama (...) Sob uma chuva torrencial, cheguei a Santos, à uma hora, nadando, antes que cavalgando*⁴⁴⁶.

Nas terras da Borda do Campo, como passagem obrigatória do açúcar para o porto, ocorreu um aumento no número de tropas e tropeiros. Depois, os canaviais foram, paulatinamente, sendo substituídos por cafezais. Propositadamente, não se discorrerá sobre café porquanto, na área foco de atenção desta pesquisa, o café passava fechado, lacrado para a demanda do porto de Santos. Entretanto, não era uma zona nó atado. Foi a economia cafeeira que trouxe à região o desenvolvido meio de transporte que o mundo conhecia: a ferrovia.

Na segunda metade do século XIX, para transportar o café até o porto de Santos, a economia cafeeira encontrou uma infra-estrutura viária pronta no percurso pela Borda do Campo rumo à serra: tropas organizadas, tropeiros habilitados, ranchos e pousos. Concluiu-se que, no decorrer dos Oitocentos, foi surgindo, na Borda do Campo, ao longo do Caminho do Mar, um serviço de atendimento ao viajante, que foi se aprimorando com o desenvolvimento da economia açucareira. Era desempenhado por uma população livre, constituída de nacionais e estrangeiros, que foi se fixando nas clareiras da Mata Atlântica. Encontrou no atender e apoiar tropas, tropeiros e viajantes que percorriam a rota Planalto Paulista-Litoral-Planalto Paulista um meio de sobreviver, primeiro com o açúcar, depois, com a economia cafeeira. Essa população não só contribuiu com o povoamento da Borda do Campo, atual Grande ABC, como veio a servir de mão de obra para a São Paulo Railway, a partir da segunda metade dos Oitocentos, e colaborou, decisivamente, com o processo de industrialização emergente no Grande ABC Paulista, no raiar do século XX.

NOTAS

[1] A antiga Freguesia de São Bernardo

[2] O Setecentismo para a Capitania de São Paulo foi um período de decadência. Em 1720, a Coroa portuguesa separou Minas Gerais da Capitania de São Paulo. Em 1748, tão acentuado era o empobrecimento e o despovoamento da capitania, que esta passou a simples comarca do Rio de Janeiro, voltando a conseguir o porte de Capitania em 1765.

[3] PERALTA, Inez G. O Caminho do Mar como fator de localização, progresso e decadência de Cubatão - subsídios para a História de São Paulo. São Paulo, USP, 1971, FFLCH, Depto. História. Tese de Mestrado, p.27.

[4] (...) em 1797, São Sebastião, dos 25 engenhos só possuía seis e, em Ubatuba, dos catorze havia apenas cinco. PETRONE, Maria Thereza Schorder. A lavoura canaveieira em São Paulo. São Paulo: Difusão Européia do Livro, 1968, p.28.

[5] MAWE, John. Travels in the interior of Brazil. Londres, 1812, pp. 63-81, apud MORSE, Richard M., De Comunidade a Metrópole, Biografia de São Paulo, Comissão IV Centenário da Cidade de São Paulo, Serviço de Comunicações Culturais, São Paulo: Irmãos Adrioli AS, 1953, p.20.

[6] KIDDER, Daniel P. Reminiscências de viagens e permanências no Brasil (províncias do Sul). São Paulo: Martins Fontes e Ed. da Universidade de São Paulo, 1972, p.173.

[7] PETRONE, Maria Thereza Schorder, op. cit., p.193.

[8] EGAS, Eugenio. Galeria dos Presidentes de São Paulo, período monarchico, 1822-1889. São Paulo: seção de obras d'O Estado de São Paulo, 1926, p.48.

[9] Id. ib., p.57.

[10] Id. ib., p.110.

[11] FLORENCE, Hercules. Viagem Fluvial do Tietê ao Amazonas: 1825-1829. Tradução de Alfredo D'Escragnoille Taunay. São Paulo: Melhoramentos, 1941, p.5.

[12] SPIX, J.B. e MARTIUS, P.F., Viagens pelo Brasil (1817-1820). São Paulo: Melhoramentos, 2ª. ed., sd.

[13] KIDDER, D.P., op. cit., p.174; erectis

auribus: orelhas levantadas (nota da autora).

[14] Id. ib., p.174.

[15] Hercules Florence, desenhista da comissão científica do dr. Langsdorff. Partiu do Rio de Janeiro em setembro de 1825, com destino a Santos. Deste porto, a comissão empreendeu viagem para São Paulo, deixando anotadas suas impressões. FLORENCE, Hercules. Viagem Fluvial do Tietê ao Amazonas: 1825-1829. Tradução de Alfredo D'Escragnoille Taunay. São Paulo: Melhoramentos, 1941.

[16] KIDDER, D.P., op. cit., p. 171.

[17] FLORENCE, Hercules. Viagem Fluvial... op. cit., p.3.

[18] Id. ib., p.3. Sobre as tropas no caminho do litoral paulista ver KIDDER, D.P., op. cit., p. 177 e 178 e sobre tropeiros no Brasil ver TRINDADE, Jaelson B., TROPEIROS. São Paulo: Editora Publicações e Comunicações Ltda. 1992.

[19] KIDDER, D.P., op. cit., p.182.

[20] KIDDER, D.P., op. cit., p.181.

[21] PERALTA, Inez G. O caminho... op. cit., p.87.

[22] FLORENCE, Hercules. Viagem Fluvial... op. cit., p.4.

[23] (...) foi essa a segunda casa que vimos, muitas milhas depois do alto da serra. KIDDER, D.P., op. cit., p.176.

[24] Rio Grande era a denominação dada à região onde acabava a subida da serra no sentido Litoral Paulista. Hoje é conhecida como Riacho Grande, porque a São Paulo Railway construiu uma parada de trem chamada Rio Grande da Serra que se tornou o município de Rio Grande da Serra.

[25] KIDDER, D. P., op. cit., p.178.

[26] O reverendo Kidder, referindo-se ao costume de os tropeiros acamparem ao lento, anotou: (...) fato da grande maioria dos que viajam pelo interior do Brasil preferir esta espécie de acampamento, provém da escassez de melhores acomodações. Id. ib., p.178.

[27] Id. ib., pp. 178 e 179.

[28] Id. ib., p. 179.

[29] Id. ib., p. 180.

[30] Id. ib., p. 181.

[31] Id. ib., p. 180.

[32] Maiores detalhes sobre as tropas que cruzavam o Caminho do Mar ver Kidder, D.P., id., ib., pp. 173 a 181, e FLORENCE, Hercules. Viagem Fluvial... op. cit., pp. 1 a 6.

[33] KIDDER, D.P., op. cit., p. 180.

[34] PETRONE, M.T. A lavoura... op. cit., p. 223.

[35] PERALTA, Inez G. O caminho do mar como fator de localização, progresso e decadência de Cubatão... op. cit., p. 118.

[36] AVÉ - LALLEMANT, Viagens pelas Províncias de Santa Catarina, Paraná e São Paulo: Ed. da USP, 1980, pp. 320-329.

[37] Ver PERALTA, Inez G., op. cit.

[38] Id. ib., p. 329.

[39] AVÉ - LALLEMANT, Robert., op. cit., p. 328.

[40] AVÉ - LALLEMANT, Robert., op. cit., p. 329.

[41] KIDDER, D.P., op. cit., p. 180.

[42] A colonização alemã do dr. Herman Blumenau iniciou-se em 1850, no Estado de Santa Catarina.

[43] AVÉ - LALLEMANT, Robert., op. cit., p. 330.

[44] AVÉ - LALLEMANT, Robert., op. cit., p. 330.

[45] TSCHUDI, J. J. Von. Viagens às Províncias do Rio de Janeiro e São Paulo. São Paulo, Livraria Martins Editora S.A. , 1953, p. 120.

[46] TSCHUDI, J.J. Von. op. cit., p. 209.

(*) Profa. dra. Arlete Assumpção Monteiro é diretora segunda secretária do CERU – Centro de Estudos Rurais e Urbanos – USP, docente na Faculdade de Educação da PUC/SP, pesquisadora colaboradora do Centro de Memória Unicamp/SP e membro do Gipem

A história dos cartórios é feita de memória e esquecimento

Eliane MIMESSE(*)

Faz-se necessária a retomada da história de uma das instituições mais importantes de qualquer cidade: o Cartório. Na verdade, essa denominação foi alterada pela Constituição Federal de 1988, que determinou a mudança do nome para *Serviço Notarial ou Registral*. Dez anos depois, os cartórios passaram a ser chamados *Tabeliães de Notas e Oficiais de Registro*. O termo *tabelião*, usado para identificar o funcionário, também sofreu mudança de denominação: foi substituído por *delegado do Poder Público*.

Mudanças ocorreram em função da necessidade de distinguir os *Tabeliães de Notas* dos *Oficiais de Registro*. Em 1998, houve uma alteração definitiva nos atos e denominações desses órgãos. Desse modo, o Cartório de Notas passou a chamar-se *Tabelião de Notas*, o de Registro de Imóveis passou a ser *Oficial de Registro de Imóveis*, e o de Registro Civil foi denominado *Oficial de Registro das Pessoas Naturais e de Interdições e Tutela da Sede*. A expressão *cartório* permaneceu somente para designar as instituições localizadas no Fórum de cada cidade.

O cartório mais antigo do município é o *Oficial de Registro das Pessoas Naturais e de Interdições e Tutela da Sede*, conhecido como de *Registro Civil*, que já existia desde antes da criação da Comarca

Interior do Terceiro Cartório de Notas, em 1973, com os funcionários da época (ainda são os mesmos hoje em dia). Da direita para a esquerda: Mário Simões Pato, Laerci Pereira, Ronaldo Morselli, (?), (?). Na mesa ao fundo, uma das primeiras máquinas de material gelatinoso, cuja função era transladar as escrituras e procurações para os livros de escrituração. E, ainda, a foto do presidente da época, general Emílio Garrastazu Médici, ao lado da bandeira do Brasil, que permanecia hasteada dentro da repartição



Terceiro Cartório de Notas

de São Caetano do Sul, em quatro de Abril de 1955. Com a criação da Comarca, o antigo *Cartório de Registro Civil* não precisava mais assumir funções além das do próprio registro civil (até então, era responsável por atos notariais). De fato, o referido cartório só não mantinha as ações do registro de imóveis, que deveriam ser tratadas, dependendo da época, em São Paulo ou em Santo André.

Atualmente, São Caetano conta com quatro *Tabeliães de Notas*, dois *Oficiais de Registro de Imóveis e Anexos*, e um *Oficial de Registro das Pessoas Naturais*. Cada um assume funções características, como diz Eduardo Liebana, integrante do *Terceiro Tabelião de Notas*. As do *Tabelião de Notas* são: redigir o que presenciou ou conduziu, orientando vendedores e compradores quando da venda e compra de imóveis; elaborar procurações

e testamentos; autenticar documentos expedidos por meio de cópias reprográficas e reconhecer firma. São vários os tipos de escrituras feitas nesse *Tabelião*: venda e compra; doação; doação em pagamento; declaratória; de instituição e renúncia dos direitos de usufruto sobre imóvel; constituição de hipoteca; de emancipação e reconhecimento de paternidade.

O *Oficial de Registro de Imóveis e Anexos* deve criar e controlar o cadastro das propriedades imobiliárias, arquivando todo o histórico dos imóveis. Os atos jurídicos relativos aos imóveis localizados na cidade devem ser registrados em livro próprio, conhecido como *matrícula*. A palavra *Anexos*, agregada ao termo *Oficial de Registro*, indica que o órgão, por estar situado em um centro urbano que não comporta a criação de uma instituição à parte, acumula funções com o *Oficial de Registro*



Festa realizada no interior do Terceiro Cartório de Notas, em 1973, com a participação dos funcionários e familiares, juizes, promotores, oficiais de justiça e clientes

de Protestos de Letras e Títulos, Títulos e Documentos e Registro Civil das Pessoas Jurídicas (é para essa instituição que todo credor de uma dívida lícita deve encaminhar cheques, notas promissórias e outros títulos de crédito).

A partir do momento em que determinado título é protestado, o credor pode iniciar a execução judicial da dívida. Em caso de aquisição de bens imóveis ou móveis, é possível requerer uma certidão de protesto em nome de qualquer cidadão. O *Oficial de Registro de Protesto* tem a atribuição de registrar documentos, isto é, contratos que tenham como objeto bens móveis, contratos de locação de imóveis, atas, contratos de honorários, contratos de assistência técnica, carteira profissional, contrato de trabalho, boletins de ocorrências e vários outros, chegando a quase 200 tipos de documentos.

O *Oficial de Registro Civil das Pessoas Naturais* executa o registro dos nascimentos, dos óbitos, casamentos, emancipações, interdições, tutela e curatelas. Além disso, envia mapas

aos órgãos oficiais de estatísticas, de forma que o Poder Executivo fica habilitado a desenvolver planejamentos em diferentes áreas. O *Oficial de Registro Civil* pode também efetuar a abertura de cartões para o reconhecimento de firma, autenticar documentos e lavrar procurações.

OBSTÁCULOS - Mesmo com a criação da Comarca de São Caetano e a conseqüente instalação de cartórios, no ano de 1955, as dificuldades eram muitas. De acordo com João de Conti, do *Primeiro Oficial de Registro de Imóveis*, era complicado fixar residência no município. Quando chegou em São Caetano do Sul, em Abril de 1955, não encontrou facilmente uma casa para alugar e, por isso, teve que se instalar em hotéis de São Paulo ou mesmo na casa de conhecidos. Somente após quatro meses é que conseguiu alugar um local para acomodar a família. Caso semelhante é o de Zigomar Leme da Silva, do *Primeiro Tabelião de Notas*. Não conseguindo, de imediato, um lugar para morar, instalou-se em uma das salas - transformadas em quar-

to, no intuito de atender a tais emergências - do prédio Vitória. Uma vez que a cidade apenas começava a crescer, não era possível fornecer a infraestrutura adequada ao abrigo de novos serviços e habitantes. No ano de 1955, o edifício Vitória, a pouco inaugurado, mantinha a Prefeitura Municipal, a Câmara Municipal, o Fórum, o *Primeiro Cartório de Registro de Imóveis* (na época possuía esse nome) e um restaurante, que dividia o andar com a Câmara Municipal.

Já nesse tempo, contudo, era perceptível o progresso do município. Foram criados novos órgãos oficiais, e muita gente (com experiência profissional) do interior chegou para trabalhar nos primeiros cartórios instalados. Novos restaurantes e pensões foram inaugurados para receber novas pessoas.

Existia, no entanto, um obstáculo: era difícil encontrar pessoal habilitado em São Caetano do Sul. Por esse motivo, foi muito importante a vinda de trabalhadores - com prática - oriundos do interior do Estado. De fato, com o passar do tempo, a experiência dessas pessoas era transmitida aos mais novos. Todavia, o saber estava nas mãos de um número reduzido de indivíduos - os que já haviam trabalhado na área -, e os novos funcionários demoravam para adquirir todo o conhecimento necessário ao desempenho correto das funções.

MEMÓRIA - Graças aos depoimentos dos funcionários mais antigos, foi possível reconstituir a maneira pela qual a documentação era ordenada. A princípio, os documentos eram

manuscritos, e muitas pessoas eram contratadas para transcreverem-nos nos livros. Tais livros eram encadernados, de acordo com as leis, de modo a não permitir que as páginas fossem datilografadas. Era essa também uma forma de ampliar os conhecimentos, pois quem datilograva ou copiava os documentos apreendia a forma da elaboração da redação, atenta à caligrafia e à ortografia e, ao mesmo tempo, assimilava a elaboração correta dos conteúdos. Com a utilização de novos métodos, as cópias manuscritas foram reduzidas, evitando a permanência no trabalho durante as noites e os finais de semana. Com o uso de um material gelatinoso, para a colocação da cópia datilograda no livro de registros, o documento passou a ser escrito apenas uma vez. A utilização dos computadores facilitou e agilizou os serviços. De acordo com Zigomar Leme da Silva, o *Primeiro Tabelião de Notas* foi o precursor da área na adoção de computadores em toda a região do ABC (em 1985). A partir de 1998, foi permitido o uso legal de folhas soltas para a elaboração dos documentos.

Os cartórios sempre foram importantes para a população; de fato, além de efetivarem documentações, eram tidos como instituições fundamentais ao progresso local (as pessoas tinham na mesma conta, por exemplo, os cartórios e a Prefeitura). O tabelião, em uma cidade, era elemento chave no processo de desenvolvimento. Hoje em dia, não existe mais este respeito. Em função do próprio crescimento das cidades, muitos habitantes, vindos de outras localidades e desco-

Foto de inauguração do Serviço Notarial, antigo Terceiro Cartório de Notas, quando de sua mudança da Rua Santo Antônio para a Rua Visconde de Inhaúma, em seis de Junho de 1991. Participaram da cerimônia de abertura a Banda Municipal de São Caetano do Sul, funcionários, amigos e o prefeito Luiz Olinto Tortorello



Terceiro Cartório de Notas

nhecedores da História do Município, acabam por descaracterizar e desvalorizar as funções respeitáveis dos cartorários. A relevância do serviço desses trabalhadores acabou por cair no esquecimento.

A tarefa do tabelião, estabelecida pelo Poder Judiciário, é a de dar fé, isto é, confirmar a veracidade e a autenticidade dos documentos. Essa fé pública talvez seja resquício do respeito e admiração que a população prestava ao cartorário; com efeito, o povo conhecia quem quer que assumisse as responsabilidades em um cartório. E acreditava em sua honestidade e idoneidade. A fé era quase religiosa; de fato, o tabelião era responsável pela decisão de casos que nem o pároco conseguia julgar. Era preciso, então, acreditar.

ACERVO - Tem-se como regra, de acordo com as normas do Judiciário, o arquivamento dos documentos emitidos por essa instância do Poder Público. Até finais da década de 60, segundo João de Conti, funcionário do *Primeiro Oficial de Registro de Imóveis*, os car-

tórios de registro de imóveis mandavam uma cópia, com a súmula dos registros, para o Arquivo Nacional, localizado na cidade do Rio de Janeiro. Atualmente, os documentos permanecem nos locais onde foram executados, inseridos em um arquivo próprio. É possível, dessa forma, preservar a memória das cidades e possibilitar o acesso a informações importantes, que podem ajudar a reconstituir mudanças no espaço geográfico, a levantar a origem das pessoas que participaram das transações, calcular a renda que tinham na época e descobrir suas profissões. Além disso, tais registros são uma fonte acessível e completa para o resgate da história local e, de um outro ponto de vista, garantem certas prerrogativas da historiografia atual; ou seja, as análises da vida cotidiana baseadas em dados verossímeis.

(*) Eliane Mimesse é professora universitária e mestre em Educação na PUC de São Paulo

50 anos de Rotary: consolidação do ideal de servir

Mário Porfírio RODRIGUES(*)

Com a criação do Município de São Caetano do Sul, muitas organizações importantes – industriais, comerciais e também associativas – mostraram-se interessadas em vir para a cidade. Isso fez com que se concebesse a idéia da criação de um rotary clube.

Em 1949, foi fundado, por rotarianos de São Paulo, o Rotary Clube de Santo André, o primeiro em todo o ABC. Transcorridos dois anos, seu presidente, João Evangelista de Paiva Azevedo, acompanhado de Adalberto Bueno Netto, Jorge Bereta, Vicente Martins Júnior, Francisco Garcia Bastos e Herbert de Arruda Pereira, procurou o prefeito Ângelo Rafael Pellegrino, a fim de propor-lhe a criação de um clube em São Caetano. A idéia foi muito bem recebida e, com seu prestígio, Pellegrino conseguiu que um grupo de pessoas, incluindo industriais, comerciantes e empresários, realizasse reuniões preliminares já no mês de Fevereiro.

As primeiras reuniões tiveram lugar no Instituto de Ensino São Caetano do Sul, na esquina das ruas Baraldi e Amazonas, e na sede do São Caetano Esporte Clube, na Rua Perrella. Os rotarianos que procuraram o prefeito estiveram presentes a todos os encontros iniciais, orientando os sancaetanenses e explicando as finalidades da instituição. A primeira reunião - jantar aconteceu no dia 11 de Março de 1951, no restaurante São Caetano, localizado na Rua João Pessoa.



Presidente Washington Luiz, entre rotarianos, prestigiando a Primeira Conferência Brasileira de Rotary, em 1927

FUNDAÇÃO - Embora o clube não estivesse oficializado, foi eleita, no jantar, a primeira diretoria que, a partir dessa data, passou a dirigir as reuniões, realizadas todas as segundas-feiras. Em festiva reunião - jantar, ocorrida em 19 de Maio de

1951, o Rotary Clube de São Caetano do Sul recebeu, do Rotary Internacional, o diploma de admissão. Foi um evento memorável, que contou com a presença de autoridades dos municípios do ABC, vereadores e rotarianos de Santo André e de São Paulo, além dos membros da nova entidade rotária.

Integraram o primeiro conselho – diretor: José Luiz Flaquer Netto, Celso Wlademiro Marchesan, Hélio Migliori, Manoel Cláudio Novaes, Mário Porfírio Rodrigues, Jordano P. S. Vincenzi, Olindo Quaglia, Oswaldo Falchero e João Míllo Ferrari. Participaram da fundação, além dos diretores mencionados, Ajzik Goldberg, Alfredo Rodrigues, Aníbal Cantos, Anacleto Campagna, Alberto Wilhelmsen, Antônio Caparrós Guevara, Armando Marcon, Benito Campoi, Biaggio Cersósimo Júnior, Geraldo Cambaúva, Girsz Kogan, José Varella, Lauro Garcia e Ricardo Falchero.



Os primeiros presidentes dos Rotaries de Santo André e de São Caetano do Sul: casais Maria/João Evangelista de Paiva Azevedo e Yone/José Luiz Flaquer Neto. 19 de Maio de 1951

O primeiro presidente foi o médico José Luiz Flaquer Netto. Hoje em dia, quem dirige os destinos do Rotary Clube de São Caetano do Sul é o engenheiro Paulo Gualter Gonzaga.

Vale lembrar, que o Rotary Internacional foi fundado em Chicago (E.U.A), no dia 23 de Maio de 1905, por Paul P. Harris, e o primeiro clube instalado no Brasil foi o do Rio de Janeiro, em 15 de Dezembro de 1922. Os cariocas fundaram o Rotary Clube de São Paulo em 13 de Fevereiro de 1924.

ATIVIDADES - O trabalho desenvolvido pela organização rotária, fundada há 96 anos, é digno dos maiores elogios. No âmbito internacional, incentivou a criação da ONU (Organização das Nações Unidas), órgão que luta pela paz mundial, pela preservação do meio ambiente, e que praticamente acabou com o problema da poliomielite. Além disso, os Rotarys pregam a ética entre os profissionais, mantêm intercâmbio de jovens de diversos países, instituem clubes de moços (Interact e Rotaract), e reúnem os membros, em conferências anuais – locais e internacionais –, para um melhor conhecimento entre todos os associados.



Jantar festivo de instalação oficial do Rotary Clube de São Caetano do Sul, realizado no salão do General Motors EC, em 19 de Maio de 1951

Mário Porfírio Rodrigues

Estatísticas do ano passado indicavam que os rotarianos existentes no mundo somavam 1.188.816, espalhados entre 29.367 clubes localizados em 160 países. Os rotaractianos eram 145.000 e os interactianos 144.210. No Brasil, havia, de acordo com os mesmos dados, 56.623 rotaractianos em 2.172 clubes. A instituição rotária abriga pessoas de diferentes profissões e atividades, sem fazer distinção de crenças, raças e ideologias, além de adotar a ética e o companheirismo como condições essenciais para fomentar e estimular o ideal de servir.

As principais atividades do Rotary Clube de São Caetano do

Sul, em seu início, foram: Campanha do Natal das Crianças Pobres, apoio às construções do Hospital Beneficente São Caetano, do Hospital da Beneficência local e da Creche Nossa Senhora da Glória, fundação da Guarda Infante - Juvenil, auxílio à Associação Santa Luzia de Amparo aos Cegos e ao Abrigo Irmã Teresa à Velhice Desamparada, e distribuição de enxovais para recém-nascidos de famílias de baixa renda. O escotismo e o bandeirantismo também receberam muitos auxílios.

Em 1953, na presidência de Mário Porfírio Rodrigues, o clube de São Caetano construiu o primeiro posto de puericultura da cidade – localizado na Avenida Goiás –, denominado Aracy Torres Campanella, em homenagem à esposa do rotariano Anacleto Campanella, prefeito do município. Logo em seguida, fundou a Apami (Associação de Proteção à Maternidade e à Infância de São Caetano), entidade que gerenciou o referido posto de puericultura. Ainda na presidência de Mário Porfírio Rodrigues, foi criada a Biblioteca Pública Paul P. Harris pela Lei nº 0381 de 20 de Novembro de 1953.

Nesse mesmo período de



Os casais Aracy-Anacleto Campanella e Macária-Mário Porfírio Rodrigues dançam após o jantar de posse do Rotary, dia 19 de Maio de 1951

Mário Porfírio Rodrigues



Instalação do Clube Pan - Americano, em 1954, no Instituto de Ensino São Caetano. Entre os presentes, estavam os rotarianos Sebastião Sampaio de Assis, Oswaldo Luiz, Carmo Barille, Manoel Gutierrez Durán, Mário Porfírio Rodrigues e Antônio de Mello Neto

1953/1954, os rotarays de São Caetano do Sul e de Santo André fundaram a CTBC (Companhia Telefônica da Borda do Campo), dirigida por rotarianos durante muitos anos, e que teve Ângelo Raphael Pellegrino como diretor - técnico. Foram conselheiros da companhia: Jordano P. S. Vincenzi, Keigo Toyoda, Mário Porfírio Rodrigues, Manoel Gutierrez Duran, Enéas Chiochetti, Francisco Braz e Jayme da Costa Patrão (pertencentes ao Rotary de São Caetano).

O Clube Pan - Americano foi instalado em três de Maio de 1954 com 22 alunos do Instituto de Ensino São Caetano do Sul. Isso só foi possível graças à iniciativa dos presidentes Mário Porfírio Rodrigues e Manoel Gutierrez Duran e ao apoio do professor Vicente Bastos, diretor do colégio. Em 1956, foi fundado o Orbis Clube e, acompanhando os padrões internacionais, surgiram o Rotaract, em 1969, e a Interact, em 1974.

Em homenagem aos *pracinhas* que lutaram na Segunda Guerra Mundial, especialmente os de São Caetano do Sul, a entidade construiu e inaugurou, em quatro de Maio de 1955, na presidência de Manoel Gutierrez

Duran, o *Monumento aos Expedicionários*, situado na confluência da Avenida Goiás com a Rua Alegre.

Para imortalizar o sancaetanense Armando de Arruda Pereira, primeiro brasileiro a ocupar o cargo de presidente do Rotary Internacional, o Rotary Clube de São Caetano do Sul construiu e doou à Prefeitura um busto do engenheiro. A obra foi inaugurada no dia 12 de Novembro de 1956, durante a presidência de Urames Pires dos Santos.

Foi instalada, em 29 de Março de 1957, devido a um trabalho perseverante do rotariano Cristovam Miguel Sanchez, a delegacia

local do Ciesp (Centro das Indústrias do Estado de São Paulo).

No 80º aniversário da cidade, o clube de São Caetano patrocinou e lançou o primeiro livro do professor José de Souza Martins: *São Caetano do Sul em IV Séculos de História*.

Quando completou nove anos de existência, o clube da cidade conseguiu eleger um membro para o elevado cargo de governador de distrito. Foi indicado e aprovado, em conferência internacional, contando com a presença de representantes de todos os clubes, o nome de Manoel Gutierrez Duran. O rotariano sancaetanense ocupou o cargo em 1960/1961.

Seguindo o modelo de São Paulo, foi criada, em 21 de Maio de 1962, com o fim de melhorar a coordenação dos trabalhos assistenciais (mais a cargo das mulheres), a Casa da Amizade das Famílias de Rotarianos de São Caetano do Sul. As pessoas que mais se esforçaram para a fundação da entidade foram Irma Bottas (primeira presidente) e Maria José de Lima Duran. A atual presidenta é Maria Neusa Zola dos Santos.

SÓCIOS - No intuito de facilitar a admissão de novos sócios, o

Inauguração da secretaria do Rotary, na Rua Serafim Constantino, em dez de Novembro de 1951. Presentes: Benito Campoi, Mário Porfírio Rodrigues, Geraldo Cambaúva, Celso Wlademiro Marchesan, Biaggio Cersósimo Júnior, Herbert F. de Arruda Pereira, Antônio Virgílio Infante, José Luiz Flaquer Neto, Edward Adami, Antônio Caparrós Guevara, Jordano P. S. Vincenzi, Ajzik Goldberg, Anton Holger Wilhelmsen, Alfredo Rodrigues, José Varella e Oswaldo Falchero



clube cedeu parte do território para a criação de uma nova agremiação. Em primeiro de Fevereiro de 1967, sob a orientação dos rotarianos Antônio Augusto da Silva e Oswaldo Falchero, foi instalado o Rotary Clube de São Caetano do Sul - Oeste, presidido por Alarico Suhadolnik e contando com 29 associados. O atual presidente é Gilberto Staingel.

Cinco anos após a criação do novo clube, mais uma parte da área foi doada, desta vez para possibilitar o surgimento do Rotary Clube de São Caetano do Sul - Leste. Com a orientação dos rotarianos Mustapha Abdouni e Abib João Kirche, o clube foi instalado, em Setembro de 1972, contando com 14 sócios (que elegeram Álvaro Marconi para presidente). Hoje é presidido por Eliel Delcol.

Em três de Abril de 1987, os dois novos Rotarys cederam território para a fundação do Rotary Club de São Caetano do Sul - Olímpico, sob a orientação dos rotarianos Wanderley Moreira dos Santos e Iberê Di Tizio. O primeiro presidente do quarto clube foi Raul Wosniak. Nivaldo Bertozzo é quem atualmente comanda a entidade.

A exemplo do que foi feito em



Mário Porfírio Rodrigues

Manoel Gutierrez Duran, presidente, em 1954/1955, e governador do distrito rotário, em 1960/1961

São Paulo - na intenção de possibilitar um trabalho conjunto dos clubes existentes na capital -, em 19 de Maio de 1981 foi criada a Fundação dos Rotarianos de São Caetano do Sul. Na oportunidade, foram aprovados os estatutos da organização e houve votação para compor o conselho - deliberativo. Foram eleitos os seguintes membros: Manoel Gutierrez Duran, presidente; Ademar Salgosa, vice-presidente; e Mauro Russo, secretário. Em 22 de Junho de 1981, foi eleito o conselho de curadores, presidido por João Caparrós Ruiz. Atualmente, o presidente do con-

selho é José Benedito Ramos Prado, integrante do Rotary Clube São Caetano do Sul - Leste.

A Fundação ainda criou o Colégio Eduardo Gomes, em 15 de Fevereiro de 1982, instalado inicialmente no IMES (Instituto Municipal de Ensino Superior). O primeiro diretor foi Milton de Andrade. Posteriormente, o estabelecimento de ensino foi transferido para o edifício da Faculdade Paulista de Serviço Social de São Caetano do Sul. Hoje em dia, possui duas unidades.

VACINAÇÃO - Finalizando, é válido lembrar um ponto muito importante: os Rotarys, em geral, aplicaram, nos últimos anos, alguns milhões de dólares na Campanha Pólio - Plus (de alcance internacional). Dessa forma, a instituição rotária tornou-se uma das mais ativas e importantes organizações mundiais na luta contra a poliomielite. Os quatro clubes de São Caetano, como não poderia deixar de ser, também se dedicaram e continuam dedicando-se com afinco ao combate à pólio e a outras doenças.

As campanhas beneficentes, a barraca da Feira das Nações e outras iniciativas, além de incentivar o ideal de servir, ainda garantem os fundos necessários para suprir as despesas decorrentes das atividades dos rotarianos. Além de fazer amigos, os membros dos Rotarys colaboram com donativos e muito trabalho em benefício dos mais necessitados. O ideal de servir tem sido o motivo principal da existência da organização e dos quatro clubes de São Caetano do Sul.



Mário Porfírio Rodrigues

Os primeiros presidentes do Rotary Clube de São Caetano do Sul: José Luiz Flaquer Neto (1951-52), Geraldo Cambaúva (1952-53), Mário Porfírio Rodrigues (1953-54), Oswaldo Falchero (1955-56), Urames Pires dos Santos (1956-57) e Jordano P. S. Vincenzi (1957-58)

(*) Mário Porfírio Rodrigues é fundador do Rotary Clube de São Caetano do Sul, do Jornal de São Caetano, do Hospital Beneficente São Caetano e, atualmente, é membro do Rotary Clube de São Paulo

O que fomos: transformações desde a época da emancipação

Narciso FERRARI(*)

Quando São Caetano tentava emancipar-se de Santo André, os líderes autonomistas levavam dados estatísticos para a Assembléia Legislativa. O que mais despertava a atenção era a grande quantidade de indústrias situadas na cidade, proporcionando alta arrecadação para os cofres públicos municipal, estadual e federal. Logo que foi decretada a autonomia, mais indústrias vieram para a cidade. A condição geográfica do recém-formado município, próximo à capital e de fácil acesso às cidades vizinhas, como Santo André, São Bernardo e também ao porto de Santos, encorajava as empresas.

Em seguida, a cidade de São Caetano passou a ser conhecida como *Príncipe dos Novos Municípios Paulistas*, em virtude da grande arrecadação que proporcionava o seu parque industrial, que, em cifras, perdia somente para os municípios da capital, Santo André, Campinas e Santos. Desse modo, ocupava a quinta colocação entre todos os municípios paulistas.

A receita municipal baseava-se principalmente em dois impostos: o Imposto Imobiliário, incidente sobre os valores venais dos imóveis, e o de Indústrias e Profissões, incidente sobre o movimento de venda das empresas. Este imposto é bem antigo, pois data do início da era cristã. De fato, o coletor de impostos Matheus o *Levi* cobrava de pequenos artesãos,

fundições, carpintarias, tecelagens, cerâmicas (Indústria), pescadores, lavradores, agricultores e pecuaristas (Profissões). Arrecadava em favor do governo romano.

Pelo Diário Oficial do Estado de 21 de Outubro de 2000, na distribuição do Imposto de Circulação de Mercadorias e Serviços aos Municípios, São Caetano do Sul estava no déci-



Dal'Mas S/A., desativada na década de 90

mo sexto lugar, atrás dos municípios, respectivamente, da Capital, São José dos Campos, Guarulhos, São Bernardo do Campo, Paulínia, Campinas, Barueri, Cubatão, Santo André, Jundiaí, Sorocaba, Diadema, Mauá, Osasco e Ribeirão Preto. Pela população, ocupava a trigésima quarta posição, com 149.519 habitantes.

Os motivos do posterior êxodo das indústrias da cidade são vários, entretanto, destacam-se os seguintes: a) as empresas de família, as chamadas *fechadas*,

isto é, as que passam de pai para filho, quando este não acompanha o pai, preferindo outra atividade, conseqüentemente acabam fechando as portas; b) falta de espaço físico para expansão, pois o município possui apenas 15km² e o terreno na cidade fica mais valorizado; c) a guerra fiscal entre os municípios, isto é, um município com grande área oferece vantagens fiscais para as indústrias se instalarem. Por exemplo, isenção de Imposto Imobiliário a longo prazo, além da cessão do terreno; d) falta de capital de giro próprio. Quando Mário Henrique Simonsen era Ministro da Fazenda, a legislação permitia que as empresas usassem o dinheiro do governo, obtido por meio da cobrança de impostos, com prazo de vencimento dilatado: IPI, IRPF e IRPJ. As empresas faturavam, recebiam e repassavam ao governo depois de terem recebido Hoje, ao contrário, primeiramente recolhem os tributos para receberem no futuro. Era uma forma de o Governo Federal obrigar as empresas a criar capital de giro. Posteriormente, com a anexação da Vila Prosperidade a São Caetano do Sul, algumas indústrias vieram para a cidade. Em contrapartida, outras transferiram parte da produção para outros locais. Entre essas, a Confab Industrial S/A.

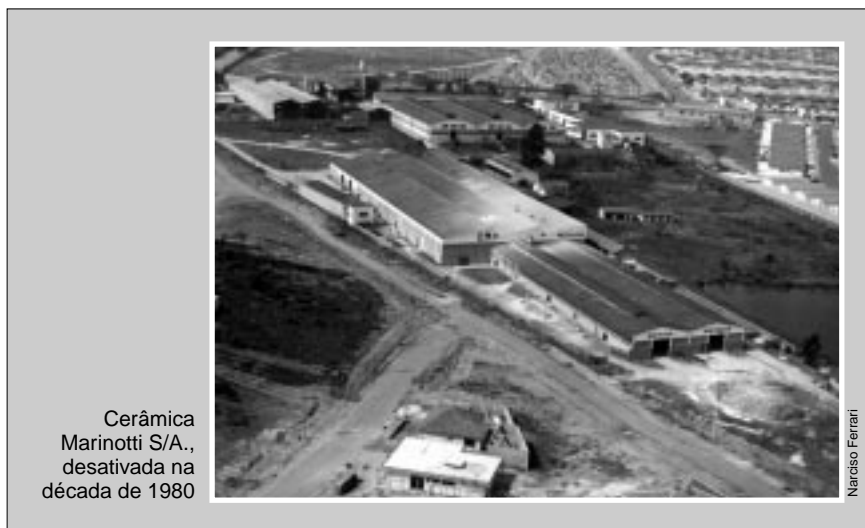
A seguir, estão relacionadas dezenas de empresas de médio e grande porte que possuíam, no mínimo, 50 empregados, e que, por um ou outro motivo

acima enumerado, não fazem mais parte do nosso parque industrial. Também estão indicadas as respectivas localizações por nome das vilas antigas. Vale lembrar que, em apenas duas dessas empresas, IRF Matarazzo e Cerâmica São Caetano, trabalhavam cerca de 10 mil pessoas.

Vila Barcelona - Tecelagem Nice S/A.; Fábrica de Bebidas Dunga Ltda.; Jean Lietaud (fundição); Indústria de Refratários Jopesil Ltda.; Metalúrgica Polone S/A.; Indústria de Móveis Olympic Ltda.; Cerâmica Ada Ltda.; Caldeiraria São Caetano Ltda.

Centro - Ferro Enamel (esmalte e corante); Usina Colombina S/A. (produtos químicos); Lanifício São Paulo S/A. (tecelagem); Anderson Clayton S/A. (beneficiamento de algodão); Dall'Antonia e Manilli Ltda. (carrocerias); Irmãos Dall'Antonia Ltda. (serraria); Tintas Ideal Ltda.; Serraria Pandolphi Ltda.; Brasinca S/A. (carrocerias); Fábrica Produtos Químicos Brasitex Ltda.; Armindo Ribeiro e Irmãos (serraria); Lanifício Kenia Ltda.; Engrenagens Z.F. S/A.; Indústria Aliberti S/A. (botões de madrepérola); Cristaleria Americana Ltda.; Produtos Alimentícios Glutelar Ltda.; Artefatos de Metais Roveri Ltda.; Fábrica de Camisas Alberto Ltda. (confeções); Cerâmica Toyoda Ltda.; Barros, Loureiro S/A. (Louças Adalina); Marmoraria Alfredo Navari; Formicida 4 Paus Ltda.; Metalquímica Glória Ltda.; Indústrias Químicas Anhembi S/A. (Cândida); Cerâmica Rosalino Ltda.; Produtos Alimentícios Lignanotto Ltda.

Rua Major Carlo Del Prete e adjacências (considerada a rua



Cerâmica
Marinotti S/A.,
desativada na
década de 1980

Narciso Ferrari

que possuía maior número de indústrias): Metalúrgica São Francisco S/A.; Cerâmica Itabasil S/A.; Dal'Mas S/A. (adubos, sebo derretido); Cerâmica Sul Americana S/A.; Quimbrasil S/A. (produtos químicos); Cerâmica Scatone S/A.; Aparelhos Sanitários Vitrex Ltda.; Cerâmica São Caetano S/A.; Cerâmica Brasil Ltda.; Marmoraria Alfredo Rodrigues; Soc. El. Química Selqui Ltda.; Correntes São Caetano S/A.; Fábrica de Brinquedos São Jorge Ltda.; Indústria de Plásticos Lenasul Ltda.

Vila São José - Cerâmica Tupã S/A.; Mecânica Thiene Ltda.; Cerâmica Marinotti S/A.

Vila Olinda - F. Assumpção Ltda. (produtos químicos); Porcelana Argilex S/A.; Fábrica de Pregos Fermo Ltda.; Portoville Embalagens Ltda.

Vila Paula - Indústria de Botões Mirage Ltda.; Porcelana Santa Maria Ltda.; Porcelana Rex Ltda.; Porcelana Monte Alegre Ltda.; Fábrica de Calçados Floreal Ltda.; Antonio Prats Masó & Cia. Ltda. (fundição); Mecânica Paulista S/A.

Fundação - Indústrias Reunidas F. Matarazzo S/A.; In-

dústria de Botões São Caetano Ltda.; Antonio Dassie e Irmão (mecânica); Artefatos de Madeira Willo Ltda.; Jaff Artefatos de Madeira Ltda.; Ermena & Pasqual Ltda. (fábrica de botões);

Vila Lucinda - Mecânica São Paulo S/A. (Irmãos Saad); Elevadores Atlas S/A.; Manesmann S/A. (metalúrgica); Texaco S/A. (refinaria); Aços Villares S/A.

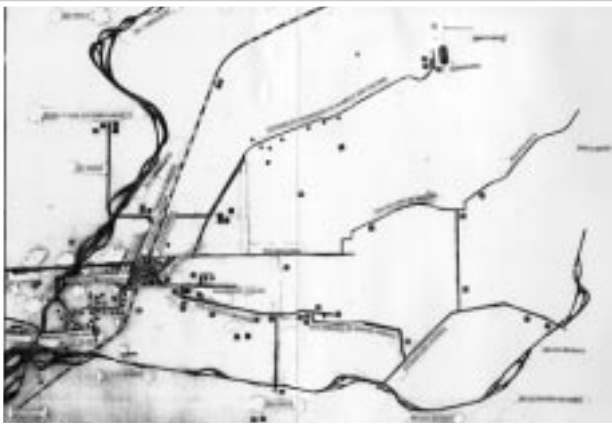
Vila Santa Maria - Trefilação de Metais Tratec Ltda.; Ferros Elétricos Tupi S/A.; Canzi. Artefatos de Madeira Ltda.; Móveis Moform Ltda.

Vila Gerty - Metalúrgica Etna Ltda.

Cerâmica - Escadas Patamar Ltda.; Ferrari, França & Cia. Ltda. (serraria); A. D. Ferrari & Irmãos Ltda. (refratários); Móveis Artelar Ltda.; Sofart Indústria e Comércio de Móveis Ltda.

Bairro Monte Alegre - Cerâmica Tupi Ltda.; Fábrica de Pincéis Olindo Ltda.

(*) Narciso Ferrari, contador e ex-presidente do São Caetano Esporte Clube



São Caetano no início do século XX com a marcação das principais vias



Mapa atual de São Caetano do Sul onde estão registrados os caminhos do início do século XX

Fundação Pró-Memória

São Caetano no início do século XX

Nívio TESSITORE(*)

Com as mãos nos bolsos, ele foi andando, tremendo de frio, pelas várzeas do rio Tamanduateí, coisa que sempre fez, mas não como naquele dia. Ia preocupado com a situação, pois estava cada vez pior. Falta de clientes, desinteresse pelos produtos... São Caetano nunca fora boa para o comércio, muito menos naqueles dias.

Ia preocupado. Dobrava aquela que depois seria conhecida como Avenida Conde Francisco Matarazzo. Ia até o fim, e de lá continuava até à estação. A estação, que existia desde 1883, estava repleta de gente pelo horário, de manhã cedo, cheia de operários, trabalhadores que iam para São Paulo. São Caetano continuava sendo aquilo que sempre fora: uma cidade dormitório. Com seus trabalhadores especializados, de fábrica, misturando-se aos operários do Brás, numa época de grande procura por

gente com as respectivas especialidades, 1910.

Ia, então, com frio, mãos nos bolsos, o Amadeo Boscoli, o *Tchichulí*, Pequeninho, como o chamavam. Era um anarquista de procedência italiana, vêneto. Frequentava a Paróquia de São Vito Mártir, no Brás. Vivia em São Caetano, com a Carmela. Aquela mesma que fazia o *crostoli* de massa, coberto com mel, que distribuía para os amigos e parentes. Cabelo amarrado para trás, meio vermelho, avental curto sobre vestido sem decote. Imagine o que diriam os outros... Por isso, trajava-se desse modo, mangas curtas e lenço estampado na cabeça. Era filha de imigrantes italianos do Norte da Itália, camponeses da região montanhosa de Capella Maggiore, no Distrito de Vittorio Veneto, Província de Treviso. Região ocupada por pequenos proprietários e estabelecimentos trabalhados em regime de parceria, como tantos outros de Sarmede, Rugolo e Montane-

der, foi também atingida pela crise agrária que tomou conta da Itália na segunda metade do século passado, decorrente da Unificação Italiana (1870). Eram esses camponeses, expulsos da terra por condições adversas, que vinham atraídos pela política de substituição da mão-de-obra escrava pela europeia.

Moravam na Rua 28 de Julho, em São Caetano, perto da pequena praça que receberia o nome de Comendador Ermelino Matarazzo. Amadeo e Carmela faziam parte da Sociedade Cultural Ítalo-Brasileira, fundada em 20 de Setembro de 1900, em Santo André. Era essa (20 de Setembro) a data da unificação da Itália.

O Amadeo, como todo anarquista, era fiel à família, aos princípios de honestidade, e empenhado no trabalho. Ser anarquista, naquela época, era um rótulo que as pessoas carregavam por serem contra a corrupção, o abuso, a propriedade e o patrão como instituição. Como diziam:

nem pai, nem pátria, nem patrão. Em realidade, ser anarquista era sinônimo de ser íntegro, estudioso, pesquisador, senhor do seu nariz e cumpridor de seus compromissos. Não havia necessidade de documentos escritos, mas bastavam a palavra e a memória. Eram perseguidos, eram. E muito. Hoje, os seguidores desse modo de agir e pensar são chamados elementos da autogestão. Isto é, autogestores, com independência no agir e liderança quando necessário. Submissão, somente para o bem de todos. Ninguém diz o que é o certo ou o que é o errado para ninguém, porque são fiéis aos bons princípios, sinceros e sensatos na conduta. Independentes. Se erram, são coerentes com o bom senso vigente, mas não abusam. Explicam-se, falam e dizem o que querem. A verdade. A gente se acerta. Tudo é regido pelos princípios de liberdade, igualdade, fraternidade, honradez e amizade. Com todos, a mesma coisa, coisa antiga, do final do século XIX, fora de moda hoje em dia.

No ponto alto da sociabilidade popular do início do século passado, havia um número considerável de bailes (públicos, privados, improvisados, organizados, temporários ou permanentes). Mas o baile era sobretudo um local de encontro entre as classes e os sexos separados da cidade. As narrativas contam sobre o prazer extraordinário que os imigrantes chegados à cidade de São Caetano tinham em dançar. O baile possuía múltiplas funções, entre elas o reagrupamento das comunidades étnicas, profissionais e de bairro. Gostavam Amadeo e Carmela de dançar valsas, marchas, maxixes e mazurcas.

Os imigrantes e seus descen-

des preservavam também o gosto pela música lírica. Árias do *Rigoletto* e da *Aida*, ambas de Verdi, podiam ser ouvidas com frequência, nas ruas, cantadas pelo povo. Quando companhias líricas italianas passavam por São Paulo, o Teatro Municipal ou, ainda, o Teatro Colombo, no Brás, ficavam repletos.

Na extensa atividade teatral que se desenvolveu em São Caetano, a partir dos anos 20, atrizes locais eram destaque (mesmo que, em várias ocasiões, os papéis femininos fossem desempenhados por artistas vindas de São Paulo).

Nos primeiros dois ou três anos, a Sociedade Ítalo-Brasileira não tinha sede. Depois, em 1903, foi construída a primeira sede no endereço ocupado até hoje pela entidade, na esquina das ruas Senador Flaquer e coronel Fernando Prestes, em Santo André.

Amadeo tinha dois amigos ferroviários na Estação de Paranapiacaba. Moravam em São Caetano e prestavam serviços nos trilhos da empresa inglesa. Anarquistas por princípio, alimentavam ideais do anarco-sindicalismo ferroviário. Brigavam com a companhia inglesa a fim de obter melhores salários e boas condições de trabalho (pois acreditavam que as normas trabalhistas dos ingleses não eram justas). Coisa das empresas estrangeiras da época, que funcionavam em terras brasileiras, tipo Ramenzoni, Stacamacchia, Indústrias Reunidas Francisco Matarazzo ou a consolidada linha São Paulo-Jundiaí Railway, que saía de Santos, vinha a São Paulo e ia até Jundiaí, passando por Paranapiacaba-Santos, usando *lock-break*, ou loco-brequé, sistema de cremalheiras e locomotivas especiais, com cabos, utilizado pelos ingleses para subirem e

descerem as composições pela Serra do Mar. Costumavam, os dois anarquistas, agitar politicamente, na parte baixa da cidade de Paranapiacaba, contra a corrupção no governo Washington Luiz, então prefeito de São Paulo e futuro governador. Quando a situação ficava delicada, fugiam pela parte alta da cidade, pelas estradas, rumo a São Bernardo do Campo ou Ribeirão Pires, com a polícia atrás.

Amadeo vivia assim. Comerciante de chapéus e bonés feitos a mão, com a Carmela, em meio a muitos amigos que freqüentavam a Sociedade Cultural Ítalo-Brasileira, em Santo André, desde sua criação em 1900. Convivia com todos. Na sociedade paulistana, com os bareses de Poligmano a Mare, recém-chegados ao Brás, e que formavam a comunidade São Vito Mártir desde 1919. Esses imigrantes faziam compras no Largo do Piques, no centro de São Paulo, adquirindo os hortifrutigranjeiros paulistas oriundos das terras cultiváveis dos confins de Santo Amaro. Para eles, a Várzea do Carmo, desde o século XVIII, era o local onde atracavam as barcaças sem proa dos, já então, libertos escravos oleiros sancaetanenses, no século XIX, que utilizavam as águas límpidas do rio Tamanduatehy como via de transporte, que traziam tijolos e telhas de barro até o Mosteiro de São Bento, que levavam remédios e alimentos de volta para o Núcleo Colonial de São Caetano e aportavam ali na Ladeira do Porto Geral, na Colina do Colégio dos Jesuítas, em frente às planícies indígenas tupis-guaranis da Moóca. Alimentava Amadeo, no entanto, ideais anarquistas. Não falava muito, mas refletia. Por que tanta safadeza por parte do poder público e

das instituições pré-estabelecidas? Por que tantos homens explorados por uma minoria de privilegiados? Por que a exploração das indústrias sobre o poder de trabalho das massas e o pouco caso das autoridades para com isso? Não eram regras infalíveis os exemplos benéficos da conduta do recém-instalado fornecimento público de energia elétrica, do serviço de gás nas alamedas posteadas, do sistema que levava água potável pelos dutos vindos da Serra da Cantareira, do comércio independente no Mercado Central (com a construção de armação de ferro na rua que se chamaria 25 de Março), dos serviços prestados pelo marechal Cândido da Silva Rondon, da companhia de bondes elétricos ou da distribuição dos serviços telegráficos, de 1900 a 1906. Havia, em realidade, exceções que deturpavam o espírito do trabalho por puro diletantismo, usando a palavra em falsete como diapasão. Deu no que deu, e em 1907, na área de tecelagem - começando ali, nas instalações do grande Cotonifício Conde Crespi, na Moóca, criado por empresários italianos vindos, em 1893, de Milão. Edifício quadrado, de muitos andares, erguido em estrutura de aço rebitado, de esquina, construído com técnica norte-americana, usado como lanifício, com suas janelas de grades cobertas por brancas camadas de tramas de tecido -, operários têxteis de todo o Estado de São Paulo terminaram por entrar em greve, com o apoio do pensamento libertário anarquista. E se fizeram presentes.

De repente, aos textos taciturnos e obscuros de uma realidade fugidia junta-se uma programática mais dinâmica, remontando aos pormenores mais relevantes.

De um texto simples surge a motivação dos personagens, com a coragem de omitir um dado ou escandalizar um fato despojado de enormes intuítos secretos e arredios. As palavras, então, refletem uma realidade escondida entre as aspas do formalismo, entre os revezes de uma contrariedade, desmotivando um caminho de firme espoliação intelectual na atmosfera trêmula de um passado que se vai longe. Finalmente, fatos novos são incluídos no texto. Uma real verdade impõe-se aos personagens viventes em um mundo convulsionado pela recente e atual imigração do início do século XX, dos desmandos de uma república recém-conquistada e de um país envolto em cruentas mazelas sociais.

Seguia, então, Amadeo rumo à pequena Estação Ferroviária de São Caetano. De madeira, com ferragens nas janelas e acabamento em ferro trabalhado, como eram feitas as estações, a exemplo da do Brás, de Ribeirão Pires e da enorme Estação da Luz, de piso bem colocado, iluminação moderna e apito alto do mestre com quepe lustroso, nos momentos de partida das composições esfumaçadas. Trêmulo de frio, mãos nos bolsos, gola suspensa, naquele ar da manhã de inverno, em meio à friagem que o consumia até os ossos. Via os ajudantes da fábrica de formicida em mangas de camisa, aventais brancos de pano de saco de farinha. Friorento, dizia um *bom dia* meio apagado, ao longe, ali do início da Rua Amazonas, e com um breve sinal continuava em direção à estação. Todas as manhãs a mesma coisa, hábito de muitos anos. Perduravam seus costumes.

Naquela manhã, foi uma surpresa: um corre-corre na estação. Desviou do primeiro com que

cruzou, mas do segundo foi em vão a manobra. Eram dois trabalhadores da fábrica de escovas que fugiam da polícia. Haviam sido identificados como ativistas anarquistas em campanha contra os baixos salários do dono da fábrica - Sr. Von Furkenthal - do Brás. Um fulminante encontro. Ambos perderam o equilíbrio por segundos. Retomada a posição, recomeçou a corrida. O Amadeo sabia o que fazer naquelas circunstâncias. Segurando o rapaz, seria contra os anarquistas. Deixando-o fugir, era a favor. Parou, apurou-se e foi ao encontro dos guardas, para explicações possíveis. Todavia, pareceu a todos que, ao invés de explicações, queria fazer frente aos milicianos. Imediatamente mais guardas surgiram, e Amadeo foi levado, sob a acusação de partidário e ativista do movimento grevista de cunho libertário, para aquilo que poderíamos chamar de delegacia da época. Na praça, ao lado da Matriz, um posto avançado na lei. Foi um susto. Para provar que não tinha nada com o caso, foi preciso muita conversa com o delegado de plantão, Alceu Albuquerque.

O texto transcorre fácil, sem entaves que possam interromper o fato abordado. Daí pensar por que não fazer mais vezes, sem reservas, num tempo do início do século precedente, que possivelmente poderia ter ocorrido, ou que prazerosamente ocorrera no passar do tempo. Mera conjectura, mas que apresenta uma realidade do cotidiano da época. É cultural, é. Até que ponto? Pode ser até o momento em que filigranas dos costumes forem expostas, em palavras soltas.

Amadeo foi para casa, com frio, deprimido, branco de susto e perplexo com a rapidez com que as coisas aconteceram. Encontrou, sentou-se no sofá, tirou as

Nívio Tessitore colaborou com a municipalidade por mais de dez anos

Wilson Nívio Tessitore nasceu a cinco de Novembro de 1950, em São Paulo, e faleceu, na mesma cidade, no dia cinco de Abril de 2001. Filho de Rubens Tessitore e Maria Pierro Tessitore, tinha Willian Tessitore como único irmão.

Arquiteto formado pela Faculdade de Arquitetura e Urbanismo (FAU) da Universidade de São Paulo, foi professor dessa casa e também da Faculdade de Desenho Industrial da FAAP (Fundação Armando Álvares Penteado). Em 1989, veio trabalhar na Prefeitura de São Caetano do Sul, a convite do prefeito Luiz Olinto Tortorello, no intuito de desenvolver programa para o planejamento da cidade (antes disso, porém, havia elaborado, na Prefeitura de São Paulo, gestão Jânio Quadros, projeto para a revitalização do Parque D. Pedro II). Juntamente com o arquiteto Ênio Moro e o engenheiro José Gaino, deu início ao Projeto Vida. A construção do novo Paço Municipal, o Programa de Revitalização do Parque Chico Mendes, o Programa de Instalação do Boulevard na Rua Santa Catarina



Em 23 de Agosto de 1997, foi realizado na Aciscs - Associação Comercial e Industrial de São Caetano do Sul, o evento *Vamos falar de São Caetano - Arquitetura*, coordenado pelo arquiteto Wilson Nívio Tessitore, à direita do arquiteto Ênio Moro Júnior.

e o Programa de Revitalização das Escolas foram alguns dos frutos dessa iniciativa. Em seu currículo junto à municipalidade ainda são acrescentadas as atividades de representante técnico em diversas frentes; a saber: Câmara Regional do Grande ABC; Projeto Billings-GT-Meio Ambiente; Comitê da Bacia Hidrográfica do Alto Tietê; Comissão Especial - Lei dos Mananciais do Consórcio Intermunicipal Grande ABC; Comissão de Resíduos Sólidos do Consórcio Intermunicipal Grande ABC; Conselho Estadual de Recursos Hídricos; Departamento de Parques e Jardins.

Em 20 de Março de 1997, ingressou na Fundação Pró-Memória de São Caetano do Sul. Na instituição, além de exercer a função de arquiteto (também foi indicado como assistente da presidência e membro do conselho diretor, a fim de acompanhar as obras de construção da reserva técnica do Museu Municipal), contribuiu com artigos para a revista *Raízes*. Ao todo foram oito textos - contando com este -, publicados nos números

14, 15, 16, 18, 19, 21 e 22, sempre relacionados à arquitetura e ao urbanismo. Respectivamente, foram estes os títulos dos sete últimos escritos: *A influência da imigração europeia na arquitetura paulista*; *A influência da imigração eslava na arquitetura paulista*; *O novo Parque D. Pedro II. A retomada do Parque*; *A arquitetura religiosa do Núcleo Colonial de São Caetano*; *Preservação do patrimônio cultural consolida identidade local*; *A arte religiosa e a arquitetura funerária revelam movimentos sutis e poéticos* e *O imigrante e a imprensa operária*.

botinas e dormiu. Não sairia mais. Achou aquele dia sem sorte. Tudo daria errado. Poderia ter acontecido bem pior. Ainda bem que a Carmela não tinha visto nada, nem o seu retorno para casa, em horas tão estranhas.

Na cidade, o mesmo de sempre. Muitos comentários pelas

esquinas, o centro como hoje é. O vaivém habitual e os preparativos para o 28 de Julho. O largo da igreja tomou forma, mais tarde, com a nova construção da Matriz do Núcleo Colonial. Nos momentos que se seguiram, iniciaram-se a ampliação e a renovação da cidade. Evidenciou-se a

urbanização da localidade com o surgimento de novas habitações, situadas além da via férrea, longe do centro velho (chamado Bairro Fundação), ou, ainda, no então chamado Bairro da Ponte, lá na Rua Ibitirama, antigo caminho dos bandeirantes, já quase nas futuras vilas Califórnia e Pruden-

te. O barro era por toda a parte. Nas várzeas dos rios, por entre as casas, no grosso do rio, com poças espalhadas. Depois vinha a seca. Evaporava a água empoçada das chuvas. Conseqüência: o nome do rio que banha essa região, isto é, o Tamanduateí, deriva do termo Tamandua-tehy, de origem tupi-guarani, que significa *rio do peixe morto ou rio que evapora deixando os peixes mortos nas poças de água da chuva*. Este fato deu a São Caetano, pelos idos do início do século, a fama de local onde se encontravam peixes com facilidade pelas várzeas do rio, depois das chuvas, o que proporcionava alimentação às famílias pobres ali residentes.

Em São Caetano ia crescendo. Primeiro, as ruas paralelas à via férrea - que levava o café produzido pelo Estado de São Paulo até o porto de Santos, marco do movimento cafeeiro. Surgiram as ruas Heloísa Pamplona, Perrela e o largo da Matriz, igreja construída pelos imigrantes. Em seguida, a Rua Baraldi, homenagem a Luigi Baraldi, no centro, perto da Rua João Pessoa. Depois, mais ao longe, as ruas junto à multinacional General Motors (1900-1920). Em seguida a Alameda São Caetano ou Estrada do Curandeiro, quase no território de Santo André, acompanhando o crescimento do Bairro Santa Paula, antes também conhecido como Vila Saúde, nos arredores do Cemitério da Vila Paula, na periferia da cidade. Na seqüência, apareceram as vias hoje conhecidas como Mariano Pamplona, Avenida Francisco Matarazzo e a antiga Rua dr. Flaquer, no Bairro da Ponte, todas perto da estação ferroviária, completando o traçado do Bairro Fundação. Delineavam, de um lado, o trajeto da via férrea, e limitavam, de outro, a própria cidade (mais

tarde demarcada pelas Indústrias Reunidas Francisco Matarazzo).

As olarias se espalhavam pelas cercanias. Muitas estavam ativas naquele período (por volta de 1910), como por exemplo a dos Irmãos Moretti, a maior e mais bem organizada. Possuía uma casa, destinada aos empregados, com quatro edifícios para produzir e moldar material. Para além do rio Tamanduteí, quase na atual Vila Califórnia, localizava-se a olaria do Parente. Junto ao rio dos Meninos, a dos Ferraris, na rua que receberia o nome de Roberto Simonsen. A olaria dos Garbelottos situava-se nessa mesma rua. Havia ainda a fábrica de bebidas e a fábrica de formicida, marcos do início da industrialização na cidade, localizadas além da estrada de ferro, quase depois do rio Tamanduateí. Ademais, não poderíamos esquecer da casa da conserva da Companhia Ferroviária, junto aos trilhos. Notemos, particularmente, que as olarias estavam localizadas nas margens dos rios dos Meninos e Tamanduateí, em terrenos onde a terra taguá é fácil de obter e em que o empilhamento de telhas e tijolos, bem como a secagem, eram favorecidos pelas grandes áreas disponíveis.

Não podemos esquecer do conde Francesco Matarazzo que, em 1887, já erguia o maior parque industrial da América Latina. Transformou-se num dos maiores capitães de indústria que o País já conheceu. Símbolo de empreendedor, ícone do esforço produtivo regamente recompensado. Em 1917, as indústrias empregavam mais trabalhadores do que as fazendas paulistas. E a prova mais robusta de que o País estava transitando da idade rural para a urbana podia ser encontrada nos autênticos motins de ope-

rários. Entre 1907 e 1920, o Estado de São Paulo passou a representar 31% do total da produção industrial brasileira. Matarazzo era um idealista pragmático. Nas suas fábricas procurava obstinadamente a integração, em busca da auto-suficiência.

BIBLIOGRAFIA

1. RAMOS, Adriana M.C. e SOUZA, Mônica de. Cotidiano e História de São Caetano do Sul. São Paulo e São Caetano do Sul: Editora Hucitec e Prefeitura de São Caetano do Sul, 1992.
2. FERES, Cristina de Lourdes Pellegrino. Herdeiros da Fundação. São Paulo e São Caetano do Sul: Editora Hucitec e Prefeitura de São Caetano do Sul, 1998.
3. MARTINS, José de Souza. Diário de Fim de Século. São Caetano do Sul: Fundação Pró-Memória de São Caetano do Sul, 1998.
4. LODUCA, Wilson. De Várzeas Alagadiças a Príncipe dos Municípios. São Paulo e São Caetano: Editora Hucitec - Fundação Pró-Memória - Prefeitura de São Caetano do Sul, 1999.
5. PIRATININGA, Luiz Gonzaga. Dietário dos Escravos de São Bento. São Paulo e São Caetano do Sul: Editora Hucitec - Prefeitura de São Caetano do Sul, 1991.
6. GARCIA, Carla Cristina. As Outras Vozes. São Paulo e São Caetano: Editora Hucitec - Prefeitura de São Caetano do Sul, 1998.
7. MARTINS, Heloísa Helena de Souza. Igreja e Movimento Operário no ABC. São Caetano do Sul: Editora Hucitec - Prefeitura de São Caetano do Sul, 1994.
8. TESSITORE, Nívio. A arte religiosa e a arquitetura funerária revelam movimentos sutis e poéticos. São Caetano do Sul: Fundação Pró-Memória de São Caetano do Sul, 2000 (Revista Raízes 21).
9. VERONESI, Casario. Planta baixa de São Caetano de 1910, em escala 1:10.000, com detalhes das ruas e olarias existentes na época.

() Nívio Tessitore é arquiteto com graduação e pós-graduação em nível de mestrado na área de concentração Estruturas Ambientais Urbanas da Faculdade de Arquitetura e Urbanismo da Universidade de São Paulo (FAU -USP). Faleceu em cinco de Abril de 2001*

Três décadas de agitação noturna

Ricardo Martins de SOUZA(*)

No início dos anos 60, enquanto as orquestras Toscano e Copacabana reinavam absolutas, tocando samba-canção e música romântica, em clubes dançantes, como Comercial, Teuto e Monte Alegre, a juventude de São Caetano se preocupava em assimilar as novas tendências de moda e comportamento, vindas principalmente dos EUA.

Até então as diversões noturnas eram as sessões *soirée* de cinema e os flertes na Praça Primeiro de Maio, com direito a cinema ao ar livre e shows de cantores do rádio na Concha Acústica, além de parques de diversões e circos nos bairros da cidade.

Com a explosão da *beatlemania*, surgem novas opções de entretenimento e os principais pontos de encontro voltam a ser os salões de baile; com uma diferença: agora se tocava música jovem e feita por gente escandalosamente jovem. Um dos bailes mais procurados era o dos Paqueras, no salão de bailes Acascs (Associação Cultural e Artística de São Caetano do Sul), sem contar os inúmeros bailes em casas de família. A partir da importação de estilos estrangeiros, surgem novos hábitos de consumo. Tomar um milk-shake no Babalu, comer um *cheeseburger* no Lanchurra, beber um hi-fi na Felows, provar um hot-dog no Gimba, jogar um fliperama no Bira e vestir uma calça Lee era o máximo para esta nova geração.

A partir deste momento, vários grupos de São Caetano começam a se destacar no cenário dos bailes, apesar da precariedade dos instrumentos musicais da época. Entre



Sêcos e Molhados no São Caetano Esporte Clube, em 1974

Alvaro José

eles: Os Botões, Roberto Ferri, Porão 99, Conselheiros do Diabo, antecedendo o Thompson 1880 e, por último, o grupo Monalisa. Todos tinham presença constante nas domingueiras do São Caetano, no clube Cerâmica e no AD General Motors, onde era realizado o concorrido Baile Branco, além do tradicional Grito de Carnaval. No auge da Jovem Guarda a Rádio Cacique transmitiu ao vivo, do Estádio Lauro Gomes, shows de vários artistas, como Roberto Carlos, Vanusa, Antônio Marcos, Wanderléa, entre outros.

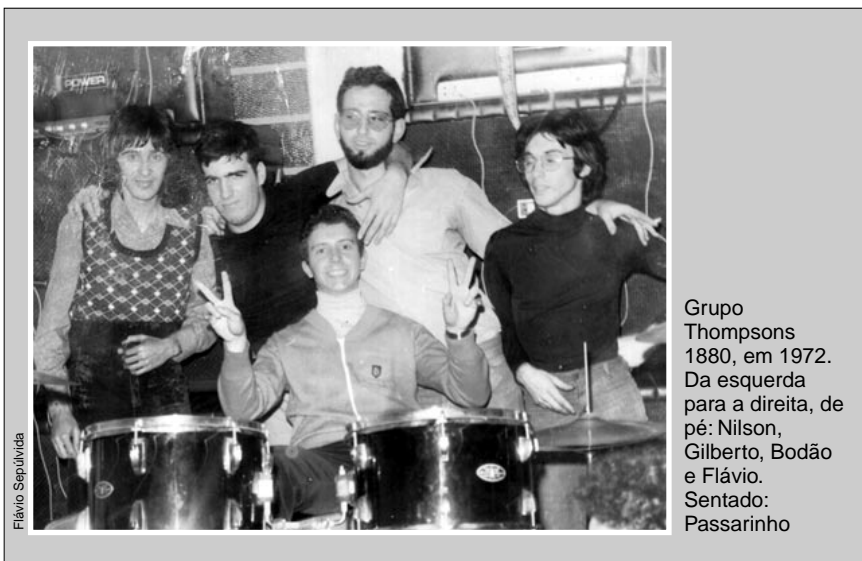
Em meio às manifestações estudantis de 1968, uma onda de campanhas beneficentes mobiliza a juventude de São Caetano e muitas gincanas automobilísticas são realizadas, com várias escuderias participando das mais extenuantes tarefas. Destas escuderias, as mais famosas eram: Mini-Dexa, Estadão, Ginbacana, Big-God, H-Romeu e, posteriormente, Pau na Máquina, Shalako e Kareta. Vale ressaltar o dinamismo do Tijucuçu Clube e do Clube dos Castores, que promoviam campanhas filantrópicas, culturais e desportivas, promovendo a união entre os estudantes. Com a inauguração do auditório Santos Dumont, vários grupos de teatro amador iniciaram suas atividades cênicas, entre eles A Turma e Scala. Interessante citar os modismos que, de uma hora para outra, invadiam a cidade, como tobogãs, ringues de patinação e as lutas-livres, que reuniam grande público.

A década de 70 foi marcada pela expansão dos grupos musicais amadores, motivando o surgimento, em São Caetano, de fábricas de instrumentos musicais como a Snake, de guitarras, e a Palmer, de amplificadores. Entre os



Platéia do show do centésimo aniversário da cidade de São Caetano do Sul (1976)

Alvaro José



Grupo Thompsons 1880, em 1972. Da esquerda para a direita, de pé: Nilson, Gilberto, Bodão e Flávio. Sentado: Passarinho

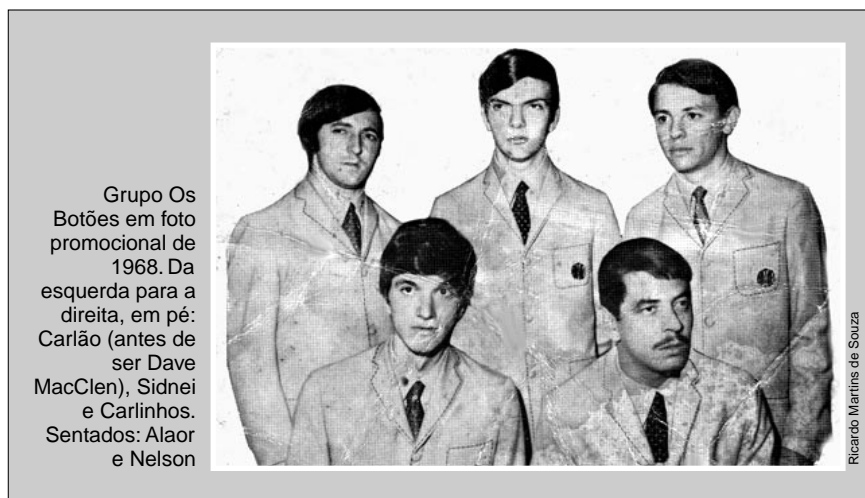
principais eventos musicais estão: as domingueiras do São Caetano Esporte Clube, promovidas pelo Divu, com apresentações de vários grupos como Sêcos e Molhados, Os Mutantes, O Terço, Casa das Máquinas, Os Botões, Rita Lee e Lúcia Turnbull, Pholhas, Mountry, Sunday, Memphis, Zappa, Kompha e Corrente de Força; as feiras das nações com shows de Renato e seus Blue Caps e Os Incríveis; a inauguração da loja matriz das Casas Bahia, com a presença de Ray Conniff e Johnny Mathis; o centésimo aniversário de São Caetano, em 1976, no Estádio Lauro Gomes, que reuniu os grupos Porão 99 e Joelho de Porco; e os bailes promovidos pela Associação dos Professores de São Caetano do Sul.

Com o avanço da música mecânica, os grupos musicais foram perdendo espaço nos salões de baile e, a partir desse momento, as equipes de som dominaram o cenário noturno. Das várias equipes que surgiram, as mais famosas eram a Magic, a Moby Dick e a Masters, que arrendou o Acascas, desempregando vários músicos. Centros comunitários de bairros, como Acranvoa-Santa Paula,

Sberoc-Oswaldo Cruz e Cresc-Santa Maria, também promoviam bailes nos fins de semana, com várias equipes de som disputando oportunidade para apresentar-se.

No embalo da mecanização da música, surgiram novos salões de baile, entre eles Buzzo Palace, Real Center, Tudo Bem, Hipnosos 2000, Babaréu e Tentação. Com a chegada da *disco music*, no final dos anos 70, foram inauguradas várias discotecas como Papadopolous, Fábio's, Esquilo's, sem contar com o clube dançante Luiz Gama, que promovia bailes de funk, soul e samba-rock. Além do circuito dos salões de baile e

discotecas, existiam opções noturnas para gostos diferenciados. Casais de namorados frequentavam o Samantha Drink's e o London Bar. E aos boêmios inveterados restavam os salões de *snooker* como Di Thiene, Vera Cruz e Bola Sete, além do tradicional Bar do Walter, ponto de encontro de políticos, artistas, estudantes e professores universitários (vale lembrar que este bar passou anos funcionando ininterruptamente). Outro ponto de encontro era a fonte luminosa da Praça Cardeal Arco Verde, onde se encontravam próximas várias lanchonetes, entre elas Minabella, Tapiti, e Lanchonete do Maneco (posteriormente Bar do China). Os espaços culturais na cidade também tinham atividades intensas. O Teatro Paulo Machado de Carvalho recebeu vários grupos musicais, entre eles o Made in Brasil, Tarancon, Raíces de América e Terra Sol. O Teatro Santos Dumont sempre destacou grupos dramáticos amadores, entre eles o MCTA - Movimento Cultural de Teatro Amador. No palco do teatro da Fundação das Artes, shows de Odair Cabeça de Poeta e do Grupo Capote, além das apresentações dos grupos de teatro, dança e música dos alunos da própria escola.



Grupo Os Botões em foto promocional de 1968. Da esquerda para a direita, em pé: Carlão (antes de ser Dave MacClen), Sidnei e Carlinhos. Sentados: Alaor e Nelson

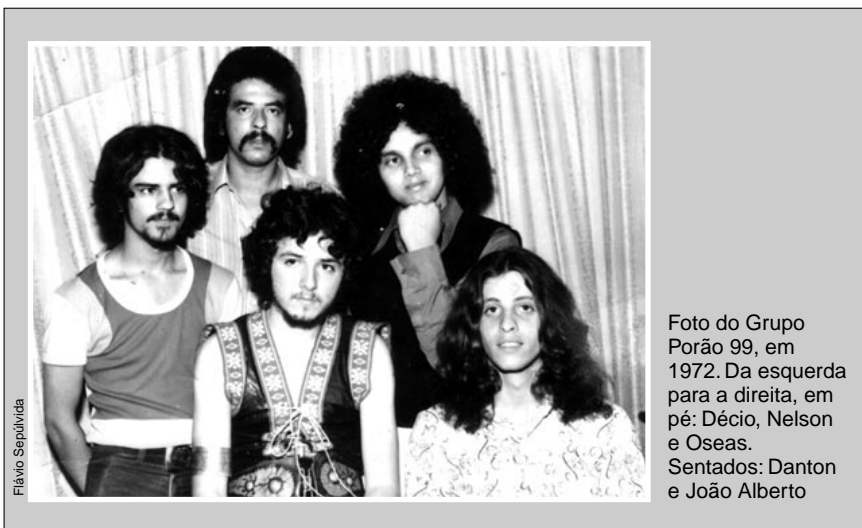


Foto do Grupo Porão 99, em 1972. Da esquerda para a direita, em pé: Décio, Nelson e Oseas. Sentados: Danton e João Alberto

A chegada da década de 80 abriu fronteiras de qualidade musical na vida noturna de São Caetano, e vários *cafés*, que prestigiavam a música ao vivo, começaram a surgir no cenário cultural de nossa cidade. Entre eles Café Luá, Café Casinha, Café Bangalô, Charlie Chaplin e Trem das Onze (da saudosa cantora Cláudia Regina).

Passada a euforia dos *cafés*, surgiram, das garagens e dos subterrâneos da cidade, vários grupos musicais como Kaes Vadius, Devotos de Nossa Senhora Apareci-

da, 64 & Seus Efeitos Colaterais, Mentecaptos Eróticos e AI-5, que ensaiavam e arriscavam uma oportunidade de se apresentarem em novos palcos. Vale lembrar a única apresentação de Raul Seixas, em 1986, no campo do Estádio Anacleto Campanella. Acompanhando as novas tendências musicais, surgem espaços alternativos como Duboiê, Casa Grande, Baldão, Zooster, Amarelo 20, Billboard e Magic, proporcionando o aparecimento de várias tribos urbanas, como Góticos, Punks e Rockabillies, que iriam encerrar a década de 80 com muita determinação e atitude. Ficam registrados nestas páginas o romantismo e a nostalgia de três décadas do melhor da noite de São Caetano e também o desafio para que as próximas gerações mantenham essa efervescência noturna, antenadas com o tradicional e o sofisticado (colaboração de Luiz Carlos Coelho, Flávio Sepulvida, Álvaro José, Paulo Roberto, Oseas Rodrigues e Garoto Cabeleireiro).



Poster do Primeiro Show de Rock realizado em São Caetano, no Teatro Santos Dumont, com a participação do Grupo Porão 99. Ano de 1974

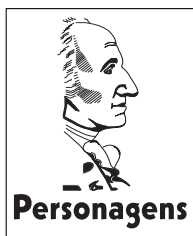
(*) Ricardo Martins de Souza (Rick and Roll), produtor cultural e assessor de cultura da Prefeitura Municipal de São Caetano do Sul

Porão 99: um capítulo à parte

O grupo musical Porão 99 surgiu em 1968, concorrendo com outro grupo de sucesso da época, Os Botões. Em sua formação original, era composto por Oseas (vocal), Danton (guitarra solo), Décio (guitarra base), João Alberto (contrabaixo) e Nelsinho (baterista). O nome Porão 99 foi inspirado numa falida casa de chope de São Paulo, chamada Porão 9, que incentivou o grupo a se chamar Porão 70. Evitando, contudo, a superação pela década de 70, optaram por Porão 99. O segredo do sucesso do grupo sempre foi devido às apresentações ao vivo, com direito a acrobacias no palco e a arranjos improvisados como utilizar extintores de incêndio, papel picado, pólvora e curto-circuito com bombril. Em 1973, o Porão 99 assinou contrato com a RCA Victor e lançou três discos sob o pseudônimo de DOC-O Proibido. Em 1976, foi eleito pela revista Pop como um dos dez melhores grupos de rock de São Paulo. Durante a década de 70, o grupo foi perseguido pela repressão por causa de performances polêmicas do vocalista. Com mais de 30 anos de estrada, o Porão 99 apresentou-se em dezenas de cidades e por muitas capitais, ganhando vários prêmios. Atualmente, o produtor Álvaro José e o cantor Oseas planejam convidar antigos membros do grupo para uma única apresentação, no intuito de gravar um cd comemorativo.

Bons tempos de Santo André dos anos 40 e 50 e a presença do professor Nicola Tortorelli

Celso de Almeida CINI (*)



Em 1953, ainda adolescente de 18 anos, eu frequentava curso regular noturno, no Ginásio Santo André, fazia o Tiro de Guerra local, também à noite, de forma alternativa, trabalhava durante o dia nos escritórios da Rhodia, e ainda encontrava tempo para dedicar-me à astronomia como amador em uma associação local e, empolgado pelo movimento da cidade, participar também ativamente das comemorações do IV Centenário de Santo André. Em oito de Abril desse ano teve lugar a I Exposição Filatélica Estadual, na cidade, na qual os filiados expuseram parte de suas coleções. A exposição fora promovida pela Sociedade Filatélica, presidida por Irineu Bagnarolli, igualmente funcionário da Rhodia. Eu era também representante brasileiro da Ibéria Cultural e Filatélica, sociedade espanhola, de Barcelona.

Santo André ganhara um selo postal comemorativo, alusivo ao IV Centenário, na cor azul, com a efígie garbosa de João Ramalho, em desenho de Octaviano Gaiarsa. Era a primeira impressão do novo equipamento adquirido pelo Brasil. O selo dessa comemoração foi emitido com álbum especial assinado pelos três prefeitos Fioravante Zampol (Santo André), Anacleto Campanella (São Caetano) e Lauro Go-

mes (São Bernardo do Campo), três figuras históricas do ABC. O selo postal veio acompanhado de dois carimbos comemorativos e com Envelope de Primeiro Dia (First Day Cover), muito cobijado pelos filatelistas. Ainda conservo exemplares raros dos álbuns com selos carimbados e do próprio selo postal, especialmente alguns, com defeito de impressão, cujo valor filatélico cresce, pelo reduzido número de exemplares. Valem pequenas fortunas, cada uma das peças.

As comemorações dos 400 anos da Vila Velha de Santo André da Borda do Campo foram grandiosas, em Santo André, naquele distante 1953, com muitas festas, concertos da antiga Orquestra Sinfônica local e com inaugurações do Paço Municipal, com seu teatro, com os novos edifícios da Câmara da Edilidade e também da Prefeitura, sem falar da notável pintura do interior da Catedral do Carmo. Tudo vinha emoldurado pelo clássico quinhentismo, sob as bênçãos da soberba e soberana figura pétreo de João Ramalho,

na Praça do IV Centenário, ao lado do pendão de Santo André, ostentando o dístico *Paulistarum Terra Mater* (Terra Mãe dos Paulistas)^[1]. Esse dístico figura no emblema da bandeira andreense, sob a égide da cruz de Santo André. A mesma cruz, aliás, em forma de X, na qual padeceu e morreu o apóstolo André^[2], cuja cena foi reproduzida pela notável arte do pintor italiano, Enrico Bastiglia, que decorou tetos, retábulo e as capelas internas da Catedral do Carmo. Lembro com carinho as muitas tardes, em fins de semana, e horas noturnas incansáveis, que passei admirando e acompanhando o famoso pintor a trabalhar naquelas alturas, com posições inimagináveis, para criar aquela belíssima arte que ainda hoje não me canso de admirar.

Tudo parecia ligar-nos àquele passado distante, como se Santo André de hoje, forte e grandioso, é verdade, fosse a continuidade da Vila Velha de Santo André da Borda do Campo. Puro engano, ledo e cego. Agora, passado quase meio século daqueles



Estação de São Bernardo (hoje Santo André) no dia da inauguração da Estrada de Ferro, dois de Fevereiro de 1867. Graças à S.P.R., nasceu a Santo André atual

Dep. de Cultura da Prefeitura Municipal de São Bernardo

eventos, comungo a opinião moderna de que poderemos relembrar, em 2.003, que 450 anos nos separam daquele passado quinhentista, quando o rude e valente português João Ramalho, mercê de sua vontade de gigante e do trabalho incansável de sua gente, conseguiu, após missa rezada pelo padre Leonardo Nunes, a oito de Abril de 1553, do Governador Geral Tomé de Souza, a elevação da Freguesia nascida e desenvolvida para os lados do rio Guarará, para além da atual Vila Luzita, neste mesmo Santo André, à categoria de Vila (município) de Santo André da Borda do Campo. Mas não podemos comemorar esse aniversário para a nossa Santo André de hoje, porque o município atual nasceu às margens, e em razão, da Ferrovia SPR (São Paulo Railway), a *inglesa*, e em torno à Estação de Santo André. Foi em dois de Fevereiro de 1867 que esta estação ganhou a denominação de Estação de São Bernardo, quando da sua inauguração. Um mini-bonde conduzia os passageiros da Freguesia de São Bernardo até a estação ferroviária que, mais tarde, se chamaria Santo André. Por volta de 1882, o povoado da região deu lugar ao Distrito de Santo André.

São Bernardo e São Caetano podem orgulhar-se de haverem nascido bem antes, com as capelas fundadas pelos frades da Ordem de São Bento, no início do século XVIII (entre 1712 e 1718) nas paragens da Borda do Campo e do Tijucuçu, muito embora com apoio em Wanderely do Santos, já ficou demonstrado que as terras bernardenses e até mesmo o Tijucuçu tiveram origem em muitas paragens da Vila Velha de João Ramalho (*São Bernardo Raízes e Evolução, in*

Esse mini-bonde transportava os passageiros destinados a embarcar no trem da via férrea SPR, na Estação de Santo André (antiga São Bernardo). Teve efêmera duração, substituído pelo transporte rodoviário



Depto. de Cultura da Prefeitura Municipal de São Bernardo

Raízes, Dezembro 2.000), fazendo parte de sesmarias antigas, depois doadas aos beneditinos. Já a nossa Santo André de hoje nasceu com a linha férrea, que atraiu indústrias para suas proximidades, que por sua vez, reclamavam empregados, funcionários, operários, que vieram morrer em torno às fábricas e, mais tarde, nos bairros mais afastados, formando a gigantesca cida-

de de hoje. Sem falar nas famílias italianas das linhas coloniais que envolviam terras pertencentes à antiga Freguesia de São Bernardo e que, mais tarde, se situaram dentro dos limites do Distrito de Santo André.

Mas lembrando a SPR, não posso calar o fundo saudosismo e as lembranças carinhosas que me trouxeram o texto de Marcos Imbrizi (*A Ferrovia Santos a Jundiá e o desenvolvimento de São Paulo, in Raízes, Dezembro 2000*), especialmente a iconografia, exibindo as estações da antiga São Paulo Railway. Rever a imagem da velha estação de Santo André, de dois ângulos diferentes, em imagem de um longínquo meio século atrás, mesmo não tendo sido identificada na nota ao pé das fotos, foi realmente um apelo saudoso com lembranças dos meus primeiros passos profissionais ao lado da personalidade do professor Nicola Tortorelli que ganharia, nessa época, destaque no ABC paulista em vários campos da educação, da cultura e da política, e que seria guia e farol em meu caminho, para meu seguro crescimento pessoal nos anos que se seguiriam.

Muitos dos leitores da revista *Raízes* podem não ter identificado a estação férrea das fotos.



Celso de Almeida Cini

O álbum filatélico comemorativo do IV Centenário da Vila Velha de João Ramalho, Santo André da Borda do Campo. Com o selo postal comemorativo, os carimbos do Correio, e a data de oito de Abril de 1953. No final do dia os carimbos são inutilizados e as peças ganham valorização

Não eu, que tantas e tantas vezes dali me acerquei e, bilhete verde ou branco na mão, caminhei pela plataforma, para viajar com o professor Tortorelli, de Santo André para o Brás, pela SPR, nos subúrbios, nos expressos e até mesmo na Litorina, com vagões luxuosos, com requintados assentos de encostos móveis, guarnecidos de palhinha, com a cabeceira revestida de tecido branquíssimo, todos muito *alvos como asas de pombo...* Só vendo que luxo, naqueles idos de 1946, 1947 e 1948, quando eu militava como auxiliar do *Borda do Campo*, jornal semanal que saía aos domingos. Nas viagens de trem, lia, relia e até decorava aqueles anúncios preciosos, em versos (reclames) de tônicos capilares, vendas imobiliárias, e do Rhum Creosotado:

*Veja, ilustre passageiro,
O belo tipo faceiro,
Que você tem ao seu lado,
E, no entanto, acredite,
Quase morreu de bronchite, o
coitado,
Mas curou-o, o Rhum Creosotado!*^[3]

Ou estes, da autoria do grande Olavo Bilac:

*Aviso a quem é fumante,
Tanto o Príncipe de Gales
Quanto o Doutor Campos
Sales,
Usam fósforos Brilhante!*

São saudades em versos simples. Memórias que remontam ao pós-guerra, em 1947.

Mas, enfim, esse era o retrato de Santo André nascido em torno da estação da via férrea, que distava do centro da Freguesia de São Bernardo cerca de 12 quilômetros. E o seu início teve

lugar no ano da graça de 1867, com a inauguração da Estrada de Ferro São Paulo Railway, em dois de Fevereiro desse ano. Mais tarde, por volta de 1880, tendo vindo para Santo André os políticos ituanos da família Flaquer, procuraram, através do mais jovem convencional republicano dentre eles, José Luiz



Textos sobre a fundação de Santo André, por João Ramalho, no interior do álbum, assinaturas históricas dos três prefeitos do ABC: Fioravante Zampol, Anacleto Campanella e Lauro Gomes, do presidente da Comissão IV Centenário e dos presidentes da Federação das Associações Filatélicas e Soc. Filatélica S. André

Flaquer, provar que aquele povoado era a continuidade de Santo André da Borda do Campo quinhentista. Mas a tarefa, confiada ao Instituto Histórico e Geográfico de São Paulo, não teve êxito. Não havia qualquer fundamento documental e histórico que comprovasse a tese de Flaquer. E a cidade foi crescendo, até ganhar foros do grandioso parque industrial em que se tornou, em torno dos anos 50.

TORTORELLI - Passado o tempo, no primeiro quartel do

século XX, uma figura singular que participaria ativamente da vida e do desenvolvimento da urbe andreense e também daqueles festejos do IV Centenário, em 1953, nascia na cidade de Caconde, São Paulo, em 11 de Setembro de 1913. Era o futuro professor Nicola Tortorelli, de família da terra. Ali mesmo iniciou seus estudos. Mas foi em Guaratinguetá, no Instituto de Educação Doutor Rodrigues Alves, que se formou no Curso Normal, em 1936. Ainda nesse mesmo ano prestou concurso para o magistério e, aprovado, foi nomeado para Major Prado, cidade próxima de Jaú, São Paulo. Depois de dois anos de estágio, efetivou-se em 1938. Lecionou no interior, próximo de São José do Rio Preto, tendo, mais tarde, prestado concurso para diretor e depois para inspetor de ensino, indo exercer esta última função em Orlandia, Cajuru, Pontal e finalmente na sede, em Ribeirão Preto.

Nos anos 40 veio residir em São Paulo, mas viajava diariamente para lecionar no Bairro de Santa Terezinha, em Santo André, para classes de meninos, no Grupo Escolar do Bairro da Torrinha, dirigido pelo circunspecto dr. Luiz Admann, onde permaneceu até 1947. Lecionava também em São Paulo, no Ginásio Hebraico-Brasileiro, por volta de 1945, sob a direção do dr. Moisés Weiner. Foi comissionado, nessa época, como diretor no Primeiro Grupo Escolar do centro de Santo André, hoje sob a denominação de José Augusto Antunes. Durante sua estada na capital, conheceu e fez amizade com o notável jornalista e escritor Monteiro Lobato, entre outros, com o qual teve muitos contatos, na roda dos in-

telectuais e literatos da São Paulo de então.

Nesse período, existia em São Bernardo o jornal *O Imparcial*, dirigido pelo conhecido jornalista Tabarelli. Interessado, o dr. Manoel de Góes, advogado da Prefeitura de Santo André, adquiriu o periódico, levando-o para essa cidade, onde mudou-lhe o nome para *Borda do Campo* e chamando, para dirigir o jornal semanal, o professor Nicola Tortorelli que dividia seu tempo entre as atividades de jornalista e as de delegado estadual de ensino na região do ABC.

Mercê de seu prestígio e de sua popularidade, além dos muitos contatos pessoais, Nicola Tortorelli elegeu-se vereador, por Santo André, na legislatura de 1947. Em 1950 foi nomeado como primeiro diretor da Escola Estadual Doutor Sylvio Romero, em São Caetano do Sul, pouco tempo após a emancipação. Permaneceu como delegado de ensino no ABC, durante grande período de sua atividade profissional. Casou-se em Janeiro de 1952 com a senhora Olga Dall'Oglio, de conhecida família de comerciantes de Santo André. O casal teve um filho, Márcio, hoje formado em Direito, pela Faculdade de Mogi das Cruzes, o qual exerce a profissão em Santo André.

Durante o governo estadual de Carvalho Pinto, este nomeou, para importante comissão, um grupo de professores paulistas, enviando-os para o Nordeste (Sergipe/Alagoas). Nicola Tortorelli fez parte da equipe paulista. A missão da comissão era a implantação do ensino regular para a erradicação do analfabetismo na região. Lá, o professor Tortorelli permaneceu dois anos, nessa árdua tarefa, entre os anos de

1954 a 1956. Retornando a São Paulo, reassumiu suas funções como delegado de ensino. Nesse período tornou-se amigo do poeta Guilherme de Almeida, que tinha escritório na Rua Barão de Itapetininga, era jornalista e colaborador do *Correio Paulistano* e da *Gazeta*. Encontravam-se para tertúlias, com outros literatos, no Restaurante Franciscano, da Rua Líbero Badaró, no centro histórico de São Paulo.

Em 20 de Dezembro de 1971 fundou, com o auxílio de membros do Conselho Federal de Educação e com o apoio da então ministra da Educação, Ester de Figueiredo Ferraz, a Organização Mantenedora da Faculdade de Ciências e Letras de Ribeirão Pires, reconhecida entre Março e Abril de 1973 e instalada no colégio das freiras, no ENAU, Externato Nerina Adelfa Ugliengo, quando o professor alcançava seus 60 anos de idade. Integrou a direção dessa faculdade por vários anos.

O professor Tortorelli recebeu duas importantes condecorações: a Comenda de Cavaleiro da Ordem de N. S. Aparecida, por indicação de sacerdote, hoje trabalhando no Vaticano, e foi condecorado com a Medalha de Honra Ana Nery, por serviços prestados à comunidade. Sempre

ligado às atividades intelectuais e muito participativo, inclinado às letras de modo geral, e cativante narrador que sempre foi, além dos dotes de orador, mais tarde, o professor Tortorelli passou a fazer parte da Academia de Letras da Grande São Paulo, onde ocupa a cadeira que tem como patrono o Príncipe dos Poetas Brasileiros, Guilherme de Almeida.

É o secretário geral da entidade, auxiliando a guiar o sodalício ao lado do seu presidente, o poeta e escritor, dr. Rinaldo Gissoni. Hoje, gozando de perfeita saúde, aos 87 anos, em suas atividades de pensador, poeta e literato, com seu carisma de mestre simples e humano, carregado de sabedoria mística e poética, Nicola Tortorelli tornou-se, sem nenhum favor, uma figura quase lendária entre todos os que o conhecem, o admiram e privam de sua amizade no ABC e no Estado de São Paulo.

CARINHO - Era assim uma tarde muito clara do verão de 1947 quando o professor chegou à minha casa. O ano letivo findara fazia pouco. A Segunda Guerra Mundial na Europa, que nos deixou fundas marcas, terminara em Maio de 1945. Menino de 12 anos, naquela hora eu jogava bola na rua, com meus amigos,



despreocupado, após cumprir as tarefas diárias em casa. O Parque das Nações era um bairro proletário, com muitas casas inacabadas que abrigavam famílias de operários das numerosas indústrias de Santo André.

Ali morava gente de todas as partes da Europa, tangida pelo troar da guerra. Muitos faziam trabalhos manuais em casa, para apoio da economia familiar, como nós. Éramos empalhadores de assentos de cadeiras para a Móveis Streiff, onde meu pai, marceneiro, lutava para defender suadamente seus 300 mil réis mensais, insuficientes para o sustento de mulher e seis filhos.

Meus quatro anos de primário no Grupo Escolar do Bairro da Torrinha, em Santa Terezinha, terminaram em Dezembro de 46. E, assim, após o trabalho de casa, nós os meninos, os dias passávamos na esperança de dias melhores, a cabeça feita de sonhos e povoada de idéias infantis, num tempo em que usar tênis

assinalava alta pobreza e usar sapatos significava vida remediada. Em casa, na escola, ou na rua, como agora estava, eu não tinha nem uns nem outros. Mas, era feliz. Era muito feliz e nem sabia... Nem sabia que, com a visita do professor, minha doce infância chegava ao fim. O professor que ali estava seria um dos meus guias. Isto também eu ainda não sabia.

O mestre chegou ao portão, procurando por minha mãe. Não me reconheceu, no meio da meninada. Mas eu já o vira de longe. Tinha-lhe grande temor reverencial: um misto de amor filial e profundo respeito. Ele era o mestre que todos os meninos da nossa escola sonhavam ter. Tinha orgulho de dizer que ele fora meu último mestre-escola e que nos brindara, ao final do curso primário, em 1946, com um lindo diploma, que trazia nosso nome gravado, por ele próprio, em letras góticas a cores e que eu exibia muito feliz aos parentes

encantados: *abraços cordiais; abraços cordiais*. E mais a saudade!

- *Boa tarde, minha senhora, sou o professor Tortorelli. É a mãe do Cini?*

- *Sou sim. Muito prazer, professor. Se procura por ele, eu o chamo já.*

E o professor esclareceu que buscava um menino para trabalhar na redação do jornal *Borda do Campo*. Lembrado de seus alunos do último ano do Grupo, viera buscar-me para ajudar a cuidar do periódico, pelo qual ele respondia e que era editado semanalmente, circulando aos domingos.

- *E... quando pretende levar o menino?* Perguntou minha mãe.

- *Já, respondeu o professor. Preciso dele hoje; agora!*

- *Sim, sim. Mas agora o senhor entre, vou passar um cafezinho enquanto ele se apronta.*

O que exatamente trataram, nunca soube, mas lembro que minha mãe chamou-me e ato contínuo mandou-me ao banho, enquanto se preocupava em arranjar-me um par de sapatos... emprestados de meu primo, naturalmente. O professor aguardou-me, enrolando e desenrolando no indicador direito a correntinha do seu chaveiro, marca registrada de um tique que eu observaria nele ao longo de muitos anos. Nunca se separava dela. Cinquenta e quatro anos se passaram e ela continua em seu poder, ainda hoje.

Café tomado e menino aprontado, fomos para o centro de Santo André, para a redação do *Borda do Campo* que ficava na Rua coronel Oliveira Lima, 147, no prédio onde hoje se encontra a Drogasil. Em frente ficava a padaria Dall'Oglio, do irmão de dona Olga Dall'Oglio, que mais



Monumento a João Ramalho inaugurado a oito de Abril de 1953 na Praça IV Centenário

Fundação Pro-Memória

tarde seria a esposa do professor Tortorelli. No alto daquele edifício ficava o Clube Atlético Rhodia, onde havia bailes, concertos e onde funcionava a biblioteca. Na mesma calçada da redação, um pouco mais abaixo, ficava a afamada Farmácia do Zezinho, do respeitado farmacêutico José Brancaglione. A redação do Borda do Campo fora montada na parte superior do prédio, com acesso por uma porta estreita, pintada de verde, que se abria para uma longa escadaria. No térreo, com frente para a Rua coronel Oliveira Lima ainda havia, naquele tempo, uma loja de material elétrico, A Instaladora, propriedade de Durval Dall'Oglio, outro irmão de dona Olga. Mais tarde, funcionou ali uma agência do Banco Central de Crédito, meu segundo emprego. Esse banco foi posteriormente absorvido pelo Banco Itaú.

Lá em cima, a redação abria-se espaçosamente em amplo salão, com uma sacada sobre a Rua coronel Oliveira Lima, poucos móveis, um telefone antigo, de parede, n.º 100, uma escrivaninha do professor, com a mesa coberta de madeira ripada, retrátil, uma mesa grande onde dobrávamos e endereçávamos os exemplares do jornal *Borda do Campo* que nos chegavam às 11h30 do sábado. A um canto do salão, uma porta misteriosa. Eu sabia, mais tarde, que era o dormitório do professor ao qual somente ele tinha acesso. Gostei tanto do local que abrigava o meu primeiro emprego que, de imediato, pus-me a espaná-lo e a limpá-lo, vigorosamente.

O professor Nicola Tortorelli fora o nosso mestre-escola do quarto ano primário. Mas, antes disso nós, alunos da turma do terceiro ano, composta só de me-

Grupo Escolar do Bairro da Torrinha - Santa Terezinha - Santo André, SP, 1944. Alunos do 2º ano, com a professora, Dna. Edna. O autor encontra-se sentado no banco, na primeira fila, à esquerda (sem a bandeira), junto à professora. Esses meninos seriam, dois anos depois, em sua maioria, alunos do professor Nicola Tortorelli, cursando o quarto e último ano do Grupo, no mesmo local



Celso de Almeida Cini

نینos de 11 a 14 anos, exultamos ao saber que teríamos um professor no último ano do grupo escolar, porque sempre tivéramos professoras, (dona Neide, dona Edna, dona Maria Edel, dona Ondina Ramos, esta última, esposa do escritor e confrade acadêmico da Algrasp, Paulo de Sousa Ramos). E, nossa felicidade foi ainda maior quando nos informaram que o novo mestre seria aquela simpática e carismática figura do professor Nicola Tortorelli. É que, além de sua fama de bom professor, todos pensávamos nas histórias que ele, invariavelmente, contava a seus alunos, no final de cada aula, especialmente a clássica *História dos Doze Capas Vermelhas*, de que tanto falavam seus alunos anteriores, e da qual só conheceríamos alguns capítulos durante o ano letivo de 1946.

Suas aulas eram verdadeiras mini-conferências, guardavam sempre um interesse vivo, atual e extremamente útil para os alunos. Na verdade, aulas antológicas. Respeitadíssimo e muito vivo, ele não precisava ralar, nem tampouco exigir silêncio de seus alunos. A obediência era exemplar em todas as suas aulas, porque só assim os alunos teriam direito de ouvir, antes do final, e

em complemento, as histórias, sempre tão esperadas. A turma nem tugia nem mugia; ficava ligada no jovem mestre, cujas lições eram diferentes de tudo quanto conhecêramos. Recordo-me que, durante a guerra, mesmo antes dele ser o nosso professor (foi em 1944 ou 45), ele organizou, com os meninos do Grupo Escolar, uma campanha da borracha, da qual participei, fazendo com que a meninada levasse ao Primeiro Grupo Escolar de Santo André, na Rua Senador Flaquer, todos os pneus usados que pudessem encontrar, para que fossem reciclados e reutilizados pelo governo brasileiro no atendimento às Forças Expedicionárias Brasileiras, em luta na Itália. Aquilo já significou uma festa para todos nós e motivo de muita admiração de seus futuros alunos.

Meu respeito e minha amizade por ele cresceram de mãos dadas com a admiração e o conhecimento de outras preciosidades pessoais entre os muitos talentos do mestre, decantados e revelados pelo tempo que se seguiria aos anos do mestre-escola, do jornalista responsável, do orientador e do amigo, na redação do *Borda do Campo*, ou fora dela, até aquele dia de Maio de



Celso de Almeida Cini e professor Nicola Tortorelli, em foto de 1999

1994, quando tomei posse na Academia de Letras da Grande São Paulo, quase meio século depois. Passaram os anos, mas ele se manteve o mesmo em corpo, alma, mente e coração!

As lembranças do tempo da redação são muitas. Nas primeiras vezes descíamos juntos, da redação para a Estação Férrea da SPR e ali, após as instruções do professor, às quartas-feiras, eu tomava o trem até a estação do Brás, que eu sentia repleta do cheiro de café fresco e dos ruídos alegres dos pregões de vendedores de guloseimas. Depois, tomava o bonde para a Rua Piratininga. As oficinas gráficas do Milesi, que se ocupavam de compor e imprimir o *Borda do Campo*, ficavam nessa rua, no número 154. Entregava a matéria do jornal que deveria ser preparado até a sexta-feira e terminada a tarefa, rumava de bonde até o centro paulistano, para a Praça da Sé e adjacências, a lamber as vitrinas de lindas coleções de selos postais, germe de um hábito saudável que cultivei muito tempo. Com a filatelia eu aprenderia a escrever em várias línguas, ao menos para aquele fim.

Na sexta-feira, seguíamos, eu e o professor Tortorelli, para a

estação, não sem mil encontros de conhecidos que tocavam respeitosa e o chapéu ao cumprimentá-lo. Só ele nunca usou chapéu. E lá ia ele rodando e rodando sua inseparável correntinha no indicador direito. Na Tipografia do Milesi, assentávamos ao fundo e fazíamos, juntos, a revisão do número do domingo seguinte do *Borda do Campo*. O jornal era o órgão oficial do Município de Santo André, pois trazia matéria da Prefeitura local, ao lado de artigos que o próprio professor redigia sobre Santo André, São Caetano, Mauá, Ribeirão Pires, São Bernardo, Utinga etc.

Durante a revisão, muitas vezes, para testar se eu estava mesmo acompanhando bem, ele dizia uma frase inteira que não estava impressa. E, quando eu me demorava um pouco para acusar o engano, ele me repreendia com habilidade e brandura, como a galinha que pisa seus pintinhos mas não os machuca. Um santo! Ele ainda continuou a ensinar-me como amigo, mas eu sempre o considerei e o considerarei meu professor... o melhor que já tivera, porque agora ele me orientava e me guiava, tomando-me pela mão, e dando-me lições

particulares de vida. Motivador, ele pensava no meu futuro, incomodava-se com o que podia suceder, criava condições de progresso e felicidade pessoal para mim. Um santo, sem dúvida.

POLÍTICA - Entre os talentos do professor Tortorelli, estava a vocação política. E foi assim que, na primeira legislatura, após a queda da ditadura Vargas, e após o advento da Constituição de 1946, o professor, graças à sua popularidade, sua habilidade pessoal e sua oratória fluente, elegeu-se vereador, mostrando-se muito capaz e participativo na edilidade de então. Eu mesmo tive a felicidade de vê-lo em ação na Câmara que ficava ao lado da Biblioteca Municipal e do Correio, no início da Rua Coronel Alfredo Flaquer, num tempo em que ali pontificavam Luiz Boschetti, Bruno José Daniel, Anacleto Campanela, Alfredo Maluf e outros que mencionamos em artigo publicado nesta revista, na edição de Dezembro de 1999.

No início de uma semana de Janeiro de 1952, ficamos sabendo que o professor ia casar-se. Aquela semana foi muito agitada. Mas o *Borda do Campo* tinha de sair. As bancas e os assinantes esperavam o hebdomadário no sábado. Então fui tratando de ajudar a cuidar de tudo. Porque, embora já estivesse fora do jornal, viera para o grande dia. Mas, no sábado, para minha surpresa, o professor lá estava durante boa parte da tarde a nos ajudar, dobrando jornais como todos os meninos que ali estavam.

- Ora, professor deixa isso p'ra nós, hoje é o dia do seu casamento! Mas ele, impassível, maneando a espátula, replicava:

- Sim, e o que tem isso? Há um tempo para tudo, Cini.

Depois tomando do chaveiro com a inseparável correntinha, abriu o seu quarto e começou a separar roupas, chamando-me para ajudá-lo. Então, no dia de seu casamento, pela primeira vez, ali entrei e vi aquele quarto simples, mas muito bem cuidado e arrumado. E, quando prestei atenção àquela cama que agora recebia a despedida de solteiro do professor, fiquei muito surpreso e impressionado: a cabeceira da cama exibia, hábil e artisticamente feita por um artesão, com os veios da própria madeira que a revestia, três belíssimas cabeças de Cristo a testemunhar as convicções religiosas que o professor Tortorelli sempre revelou pelos anos afora, além do fino gosto pela arte. Aqueles Cristos eram figuras poéticas, plenas de misticismo e serenidade como as madrugadas tênues dos tempos de Páscoa da minha infância. E eu conhecia bem o valor daquela arte em madeira... que meu pai trabalhava e eu o ajudava à noite em casa, mas nunca, nunca havia visto algo assim. Depois de casado, ele doou essa preciosidade a uma sobrinha do interior.

Esse era, e ainda é, o ilustre e notável professor Nicola Tortorelli, desde os tempos da minha

distante meninice e da minha adolescência: cavalheiro e viajante do tempo. Desse tempo que, por vezes, nem percebemos que passa.

A propósito, como singela homenagem, encerro minha crônica com um soneto de Nicolás Guillén, poeta cubano, que o terá escrito entre 1958/1959, o qual foi magistralmente traduzido por Guilherme de Almeida, o mesmo amigo e hoje patrono da cadeira, do ilustre acadêmico Nicola Tortorelli. O poema fala sobre a passagem do tempo de modo muito sutil. De um doce e resignado fatalismo, como o tempo, com as duas palavras do título, *Passam dias*, o poeta compõe o poema todo: *(veja abaixo)*

NOTAS -

[1] Alusão à cidade que fora destruída para garantir a vida, a segurança e a permanência de São Paulo de Piratininga, elevada à categoria de Vila em 1554.

[2] O apóstolo André, irmão de Simão Pedro, orago da primeira capela, de Santo André da Borda do Campo, onde o padre Leonardo Nunes rezou a primeira missa, em oito de Abril de 1553. Encimando a cena dessa notável pintura na Catedral do

Carmo, lê-se: *Hic est qui, pro amore Christi, pependit in cruce (Eis aquele que, por amor a Cristo, padeceu na cruz).*

[3] De autoria de Manuel Bastos Tigre, poeta, escritor e humorista pernambucano do grupo de poetas boêmios liderados por Olavo Bilac/Emílio de Menezes. *1882/+1957, autor de *Bolhas de Sabão*, *Arlequim*, *Penso, logo eis isto*, *Entardecer*, *As Parábolas de Cristo* e muitas outras obras. Criou diversas revistas, operetas e *vaudevilles*.

BIBLIOGRAFIA -

Coleção da revista *Raízes* - Fundação Pró Memória de São Caetano do Sul.
SANTOS, Wanderley dos. Antecedentes Históricos do ABC Paulista: 1550-1892.
PESSOTI, Atilio. Villa de São Bernardo (Memórias).
BARROS, Frederico Ozanam Pessoa de. Literatura Comentada: Abril Educação 1981/82.
MÉDICI, Ademir. São Bernardo, seus Bairros, sua Gente: Dep. Cultura SBC.

() Celso de Almeida Cini, 66, é advogado, com doutorado pela USP, sindicalista, professor de português e francês e membro da Academia de Letras da Grande São Paulo*

Passam dias

*Ondas de gordo azeite são meus dias:
passam tão lentamente que não passam.
Os homens a meu lado olham e passam,
lentos também como meus lentos dias.*

*O futuro aí está, cheio de dias,
mas é um charco cruel: por ele passam
lentas sombras de sonhos, quando passam...
Noturnos céus encobrem os meus dias.*

*Aprendi, ensinaram-me os que passam,
que sempre passam, passarão os dias,
pareça, embora, às vezes, que não passam.*

*Soube, ainda mais, que a bordo de meus dias
passarei eu também como os que passam,
cinza apenas na cinza desses dias.*

Eliseu Leoni(e), um dos primeiros imigrantes italianos do Núcleo Colonial

Mário DEL REY(*)

Nem cidadão nem estrangeiro, nem totalmente do lado do Mesmo, nem totalmente do lado do Outro, o "imigrante" situa-se nesse lugar "bastardo" de que Platão também fala, a fronteira entre o ser e o não ser social^[1].

Há muitos anos guardo documentos referentes a quatro antigas famílias de São Caetano do Sul: Leoni, Lorenzini, Del Rey e Campos. Assim tenho procedido na vã pretensão de ser um dos guardiões da memória dessas famílias e de publicar um livro referente à história das mesmas. Não fosse o convite de Sônia Maria Franco Xavier (presidente da Fundação Pró-Memória desta cidade) para participar do Conselho Editorial da Revista Raízes e apresentar textos para a mesma, possivelmente os documentos e artigos que passo a fornecer teriam sido protelados para um futuro longínquo e incerto.

Este artigo visa, ao mesmo tempo que destaca a pesquisa da imagem, da história oral e da memória, discutir questões acerca do imaginário sobre os antigos *fundadores* desta cidade.

No século XVIII já existiam em São Caetano a capela e a fazenda dos monges beneditinos, uma fábrica de louças, lajotas e telhas e necessariamente algumas casas para os trabalhadores. Nessa época já poderia ser mencionada esta região como um subúrbio de São Paulo. Em 1877, quando chegaram os primeiros imigrantes italianos (entre eles Eliseo Leoni), estes vieram de trem,

pois aqui já passava a ferrovia Santos-Jundiaí. Conforme nos ensina José de Souza Martins em seu livro *Subúrbio*^[2]: *Quando os primeiros imigrantes italianos chegaram ao núcleo colonial de São Caetano, na tarde de 28 de Julho de 1877, para inaugurá-lo, o velho Bairro de São Caetano já dispunha de pequena e antiga rede de caminhos.*



É aqui que começa a história dos *fundadores* de São Caetano, incluindo entre estes Eliseo Leoni. Se considerarmos que já existiam aqui outras famílias, a fazenda dos beneditinos, a fábrica de louças, lajotas e telhas, uma rede de caminhos, a capela, etc., fica abalada essa idéia *dos imigrantes italianos fundadores*, a menos que isto seja aceito em prol de uma história tradicional, consuetudinária, baseada no fato de que realmente foram os imigrantes que assentaram os alicerces básicos do desenvolvimento

da cidade. Através deste texto, vou transmitir informações colhidas junto a familiares (de lembranças de um mês atrás, com minha tia Palmira, de 82 anos, até recordações de minha infância).

Minha *nona* (Santa Leoni Lorenzini - 1881/18 de Agosto de 1962) costumava dizer que seu pai era alemão, tinha vindo para o norte da Itália quando criança, tinha cabelos ruivos, olhos azuis e alta estatura. Também dizia que ela (nascida em São Caetano) mesma era italiana, e que tinha vindo criança para o Brasil. Tudo isso Santa dizia numa mistura de português, italiano e dialeto veneto (que geralmente usava para citar provérbios, possivelmente aprendidos com o pai). Dizia que tinha tido uma vida muito dura e que quando criança ajudou o pai na plantação de uvas e na olaria.

Os relatos de meus tios (netos de Eliseo Leoni) Jacob Elyseu, Artemio, Henrique Mário, Eduardo, Palmira, Argemira (Zulmira) e Ida, juntamente com a fala de minha mãe, Olga Maria Lorenzini Del Rey, confirmam e reproduzem as características físicas dadas por Santa (a respeito de Eliseo), acrescentando que, quando esta tinha 18 anos de idade, em 1899, época de seu casamento com Giuseppe Pietro Lorenzini (nascido em 11 de Setembro de 1874 e falecido em três de Novembro de 1935), seu pai já estava com a vida mais tranqüila e bem sucedida. Os netos de Eliseo costumavam comentar que ele gostava de fazer seu próprio vinho e que em reuniões se destacava ao contar histórias sobre a velha Eu-

ropa. As netas gostavam de afirmar que ele tocava violino e que era uma espécie de veterinário, pois ajudava os vizinhos quando estes tinham problemas com os animais. Num mundo masculino, as únicas informações que restaram da avó foram o nome, Maria Varoli (Varolli), e a descendência: Bárbara em 1879, Santa em 1881 e Andrea em 1886.

Eliseu Leoni recebeu, em 1878, o título do lote número 48, do Núcleo Colonial de São Caetano. Ficava distante da atual Rua Perrella, onde quase todos os Leonis e Lorenzinis viveriam posteriormente. Quanto ao nome de família, Leoni era o que se usava, sendo que o nome Leone, que talvez fosse o usado na Itália, aqui não era empregado. As únicas exceções que conheço estão no nome da filha Bárbara Leone Malateaux (nascida em 12 de Junho de 1879, falecida em 20 de Outubro de 1956) e na certidão de nascimento da bisneta, Maria Helena Del Rey, onde consta, como avó materna, Santa Leone Lorenzini. Na capela dos descendentes, no cemitério do Bairro de Santa Paula, lê-se: Família Leoni. E todos ali enterrados têm o nome de família escrito dessa forma. Assim, temos: Maria Fiorotti Leoni (30 de Maio de 1885/18 de Dezembro de 1978); Elyseu Leoni (10 de Dezembro de 1908/20 de Março de 1983); Alberto Leoni (22 de Março de 1915/28 de Julho de 1995); Adelino Leoni (24 de Abril de 1921/4 de Junho de 1991); João Leoni (10 de Julho de 1924/16 de Janeiro de 1966). A maioria destes descendentes possuía um aspecto sangüíneo. Existe ainda nesse mesmo cemitério uma Capela da Família Leone, em que o patriarca é identificado como Miguel Leone (10 de Maio de 1874/23 de No-



Da esquerda para a direita: Bárbara Leoni Malateaux, Santa Leoni Lorenzini, Maria Varoli, Eliseo Leoni e Andrea Leoni. Aproximadamente, 1897

Mário Del Rey

vembro de 1947). Desconheço se esta família teria algum parentesco com a família de Eliseo Leoni.

Para finalizar o assunto do nome e origem da família Leoni(e), recordo que minha tia Zulmira (Argemira Lorenzini) costumava dizer que seu avô Eliseo, além da origem alemã, provavelmente tinha ascendência judaica. Estaria ela certa? Em vez de Leoni ou Leone, o nome de origem seria Loewe? (de origem ju-

daico-alemã). O fato de Eliseo ter sido ruivo e ter possuído traços que são encontrados em judeus europeus não pode apontar com segurança para essa direção, pois, como ensina Harry L. Shapiro em *O povo da Terra Prometida: As diversas comunidades judias apresentam portanto diferenças muito marcantes para serem consideradas como pertencentes a uma única raça*³¹. O fato de nomes bíblico-judaicos serem usados na família - Eliseo, Jacob Eliseo ou Sarah - não é conclusivo, uma vez que muitos cristãos usavam nomes bíblicos. Quanto a esses fatos só uma pesquisa maior poderia dirimir as dúvidas existentes (inclusive as datas de seu nascimento, morte, etc.).

Seguindo a trilha do historiador Carlo Ginzburg e de seu paradigma indiciário (utilizando técnicas de Morelli, Sherlock Holmes e Freud), pensei nos indícios, sinais que levariam a um maior conhecimento de Eliseo Leoni. Aí surgiu o estudo da imagem como fator importante para dialogar com os depoimentos emitidos. Vejamos as fotos incluídas neste texto. *A mensa-*



Santa Leoni Lorenzini e Giuseppe Pietro Lorenzini. Aproximadamente, 1899

Mário Del Rey

gem está aí: devemos contemplá-la, examiná-la, compreender o que suscita em nós, compará-la com outras interpretações; o núcleo residual desse confronto poderá, então, ser considerado como uma interpretação razoável e plausível da mensagem, num momento X, em circunstâncias Y⁴¹.

Nas fotos de Eliseo Leoni só e com a família vemos aparentemente um homem vestido elegantemente, um bom burguês. Caso só existisse a foto de Eliseo sozinho, possivelmente seria essa a mensagem passada. Contudo existe a foto dele com a família e, aí, vamos concluir com Miriam Lifchitz Moreira Leite: *O que ficou registrado pode não ser o que se quer reproduzir*⁴⁵.

Eliseo Leoni quis fotografar sua família para perpetuá-la aos descendentes. E como? Como um bom pai de família, bem sucedido, *um fundador* de São Caetano, todos os familiares bem alinhados. Ele com a mão na cintura, pose clássica de domínio, a corrente no colete indica um possível relógio de bolso. O que é curioso é a proteção (ao mesmo tempo enfeite) de pano branco ao redor do seu casaco. Bárbara segura os tradicionais lenço e sombrinha, Santa também segura uma sombrinha, Andrea faz pose com a mão direita no casaco e Maria Varoli fica sentada como boa *mater familiae*.

Foi esse ambiente que se quis reproduzir, porém, o que ficou registrado é mais do que isso. Devemos cuidar dos detalhes. Como Sherlock Holmes certa feita disse para o dr. Watson: *Você não sabia para onde olhar e, portanto, você perdeu tudo o que era importante*. Vamos tentar seguir a lição desse famoso detetive. A primeira observação óbvia é de que se trata de um ambiente não natural onde



Olga Maria Lorenzini Del Rey, neta de Eliseo Leoni. Aproximadamente, 1952

todos procuram exibir suas poses de importantes. As roupas, apesar de alinhadas, são simples. Com exceção da corrente no colete de Eliseo, não são vistas jóias. E, agora, o detalhe mais revelador: as mãos das três mulheres não são delicadas, ao contrário, mostram o contato direto com o trabalho rústico e pesado. Pelo pouco que aparece da mão esquerda de Eliseo, o mesmo pode se dizer dele, o que dificulta a teoria de ter sido ele violinista. O único que parece



Maria Helena Del Rey, bisneta de Eliseo Leoni. Por volta do ano de 1962

ter a mão menos rústica é o menino Andrea.

Para não alongar muito este artigo, vamos mencionar que em São Caetano do Sul existem praticamente dois grupos de descendentes desses *colonizadores* italianos: um que tem orgulho dos primeiros (pioneiros), que se considera ou se considerava herdeiro da nobreza da cidade, isto é, daqueles que logo se destacaram, dos que *fizeram a América*. O outro grupo de descendentes, contudo, ou por não ter sido bem sucedido, ou ainda envergonhado da pobreza narrada pelos familiares, procura ignorar sua origem.

O que gostaria de frisar aqui não é a importância de se considerar descendente dos *fundadores* ou dos *colonos*, de ter uma família da primeira ou da última leva de imigrantes, mas o que é realmente importante para se refletir, independentemente das origens, é o exemplo que esses imigrantes deixaram através do trabalho, da luta para fugir da miséria, da luta pela sobrevivência. Isto os deixa mais próximos do povo, da realidade brasileira.

BIBLIOGRAFIA

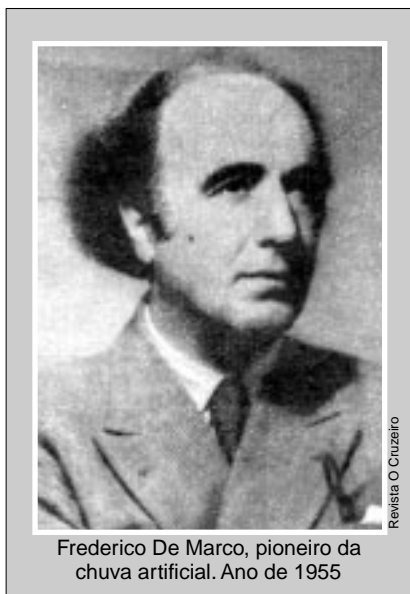
- [1] SAYAD, A.. A Imigração. São Paulo: Edusp, 1998
- [2] MARTINS, J. de S.. Subúrbio. São Caetano do Sul: Hucitec, 1992
- [3] SHAPIRO, H. L.. O povo da Terra Prometida in Raça e Ciência I. São Paulo: Editora Perspectiva, 1970
- [4] JOLY, M.. Introdução à análise da Imagem. Campinas: Papyrus Editora, 1999
- [5] LEITE, M.L.M.. Retratos de Família. Leitura da Fotografia Histórica. São Paulo: Edusp/Fapesp, 1993

(* Mário Del Rey é escritor, tradutor, advogado e mestrando em História na PUC-SP

Frederico De Marco: a relevante contribuição de um pesquisador

Em 1958, quando a Sociedade Portuguesa de Beneficência de São Caetano - mantenedora do Hospital Nossa Senhora de Fátima - realmente iniciou as atividades, foi contratado, para a chefia do departamento clínico, o médico e cientista Frederico De Marco, proveniente de Araraquara. De Marco estabeleceu-se no município e ajudou a criar as bases de um moderno e eficiente hospital, considerado um dos mais bem - equipados do Estado de São Paulo. Além das atividades exercidas no hospital, o médico dividia um consultório com o dr. Sabino Infanti, na Rua Baraldi, 702, próximo à Rua Senador Roberto Simonsen.

Muitos moradores da cidade têm na memória a figura de



Frederico De Marco, pioneiro da chuva artificial. Ano de 1955

Frederico De Marco: sério, introspectivo, envolvido com máquinas e equipamentos, e bastante dedicado a seus inventos e experiências ligados aos mistérios da natureza. Dizia-se, na época, que o médico mantinha correspondência com Albert Einstein, criador da Teoria da Relatividade, e que recebia visitas de ilustres cientistas brasileiros. Na realidade, uma suposta correspondência com Einstein pode ter existido enquanto De Marco trabalhava em Araraquara; pois o grande físico judeu-alemão faleceu em 1955, e o trabalho do médico, em São Caetano, começou em 1958.

Um dos trabalhos mais conhecidos do cientista refere-se ao processo de provocação de chuva artificial. O projeto teve início em 1917, na cidade de Buenos Aires, quando foi realizada a primeira experiência

com ar líquido. Em 1940, De Marco, utilizando um teco-teco, *semeou* as nuvens de Araraquara e produziu a primeira chuva artificial em nosso País, antes mesmo dos americanos Longnim e Shaeffer e de Janot Pacheco. Inventou também um foguete que levava, no bojo, substâncias que, na explosão, atuavam sobre o vapor aquoso. Essa última experiência, realizada em Araraquara, foi imortalizada: construiu-se um monumento, em homenagem ao invento, próximo ao aeroporto da cidade.

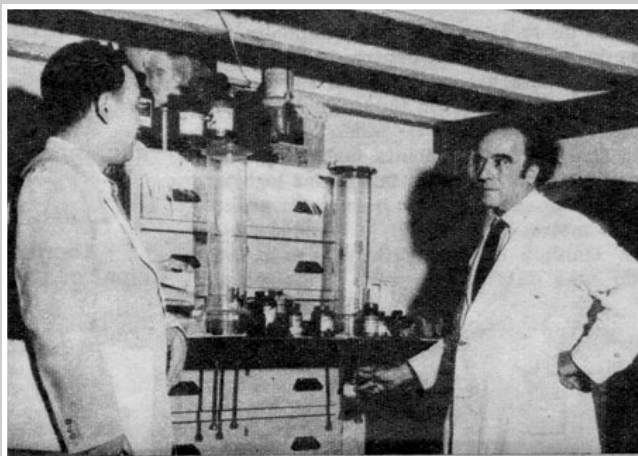
Outra contribuição importante foi a participação do pesquisador no *Ano Geofísico Internacional*, realizado entre Julho de 1957 e Dezembro de 1958. O acontecimento foi registrado em reportagens e en-



Frederico De Marco, à esquerda, junto à sua invenção: um foguete para perfurar as nuvens. Ano de 1955



Monumento construído junto ao aeroporto de Araraquara marca o local das experiências de chuva artificial



Frederico De Marco, em seu laboratório, acompanhado de J. Evangelista Ferraz, amigo e biógrafo

trevistas do *Jornal de São Caetano*, onde foram destacadas várias passagens da vida do médico. Durante o *Ano Geofísico Internacional*, a Terra foi estudada astrofísicamente graças às pesquisas programadas pelo ICSU (International Council of Scientific Unions) desde 1954. No curso dos 18 meses geofísicos, os trabalhos seriam apresentados a 38 nações interessadas no projeto. Nesse período, foi feito um levantamento do cadastro físico completo do globo, com o reconhecimento da configuração total do planeta: litosfera, hidrosfera e atmosfera.

No tocante à participação direta de Frederico De Marco, um trabalho - feito em conjunto com os professores Waldir Gallip, da Faculdade de Engenharia de São Carlos, e com o engenheiro eletrotécnico Benedito Brasileiro de Souza -, na área da atmosfera, incluindo meteorologia, mecanismo das tormentas tropicais ou furacões, vida nas nuvens e produção de chuvas artificiais, foi apresentado. A pesquisa dos brasileiros foi selecionada entre cinco mil estudos, prove-

nientes do mundo inteiro, enviados para a Academia Nacional de Ciências e para o Conselho Nacional de Pesquisas de Washington, órgão que supervisionou as atividades do *Ano Geofísico* nos Estados Unidos. O trabalho tinha o seguinte objetivo: *Averiguar a propagação da luz em relação ao arrasto do éter, numa triangulação em dois sentidos, com o fim de verificar, mais uma vez, a veracidade ou não da teoria de Einstein sobre a velocidade imutável da luz no*

vácuo. Outro estudo apresentado pelo trio foi um relatório a respeito de um giroscópio que deveria trabalhar em função da força de rotação da força da gravidade.

As duas sugestões haviam sido elogiadas pelo professor Righini, membro do observatório astrofísico italiano de Arcetri, que as julgou muito importantes tanto para a Astrofísica como para a averiguação mais ampla do chamado Fenômeno de Michelson, relacionado às concepções de Einstein.

Até hoje, os antigos funcionários do Hospital Nossa Senhora de Fátima recordam, com saudades, do dr. De Marco. Tímido e modesto, pouco falava das atividades como pesquisador e nada dizia sobre a importância de sua contribuição ao desenvolvimento científico do País. Frederico de Marco faleceu em 23 de Junho de 1960, aos 70 anos. (*Pesquisa e texto realizados pelo Serviço de Difusão Cultural da Fundação Pró-Memória de São Caetano do Sul*)

Diretoria do Hospital Nossa Senhora de Fátima, em 1959. Da esquerda para a direita: Alcides Soares, Antônio Miqueletti, Geraldo Braidó, Frederico De Marco, Antônio Soares, Alípio de Castro, José Mombelli, (?), José Rodrigues



Leonardo Sperate, vida dedicada a prestar serviços à comunidade

Yolanda ASCENCIO(*)

Leonardo Sperate nasceu no dia 12 de Agosto de 1924, no Bairro da Moóca. Os pais, Pedro Sperate e Genoéfa Passiani, eram imigrantes italianos. Leonardo tinha dois anos de idade quando a família veio para São Caetano, em 1926, instalando-se na Rua Afonso Pena. Foi na cidade que construiu toda a sua vida. Iniciou os estudos no Grupo Escolar Monte Alegre, onde fez o primário. Em seguida, foi para o Instituto de Ensino São Caetano, aí concluindo o curso ginásial e o segundo grau (técnico em contabilidade). Aos 16 anos, foi admitido na General Motors (em 26 de Agosto de 1940) e, conciliando trabalho e estudo, buscou adquirir novos conhecimentos. Estudou a língua inglesa no Instituto de Letras Inglesas, em São Paulo, fez vários cursos no SESI e também na General Motors do Brasil.

Em 1949, casou-se com Ivette Marcílio, com quem teve duas filhas: Ivanira e Jocimara. Ao lado da esposa, Leonardo Sperate dedicou muitos de seus esforços a atividades sociais. Participou de diversas campanhas para arrecadar fundos a instituições de caridade, famílias carentes e hospitais. Algumas iniciativas, em especial, merecem destaque: Cinco Toneladas de Solidariedade Humana, que obteve agasalhos para serem distribuídos a famílias carentes; Programa Cidade x Cidade, cuja arrecadação foi de 116 milhões de cruzeiros, destinados à cidade de Nova

Leonardo Sperate apresentando a festa junina da General Motors, em 1984



Ivete Sperate



Ivete Sperate

Missa campal no Clube da General Motors. À frente, Padre Irineu(?). Atrás, da esquerda para a direita: (?), Leonardo Sperate, Luiz Crepaldi, (?)

Leonardo Sperate, à direita, recebendo relógio de ouro pelos 25 anos de GM, em 1965



Ivete Sperate



Ivete Sperate

Da direita para a esquerda: Leonardo Sperate, José Polastrini e Ivette Sperate

Granada, a fim de que fosse concluída a Santa Casa de Misericórdia; e II e III Gincana Automobilística, cujas rendas foram distribuídas entre APAE, Apami e Abrigo dos Velhinhos Nossa Senhora das Mercês. Foi presidente do Lions Clube de São Caetano do Sul (1969-1970), dedicou-se à construção da Igreja São João Batista e do Santuário Nossa Senhora da Aparecida, e fez parte da Procissão de Corpus Christi, principal evento de caráter comunitário da cidade.

Paralelamente às colaborações para campanhas assistenciais, Sperate organizou variados eventos esportivos, festivos e religiosos. Na Prefeitura Municipal de São Caetano, integrou comissão encarregada da decoração da cidade para as festas natalinas, foi membro do Conselho de Curadores da Fundação das Artes, diretor de relações públicas, promoção e propaganda da Associação Comercial e Industrial de São Caetano do Sul (1979-1980), e participou da Comissão Executiva do programa Adote um Atleta, promovido pela Comissão Municipal de Esportes. No General Motors Esporte Clube, vivenciou intensamente as atividades esportivas e



Leonardo Sperate entregando um presente, do Grupo de Escoteiros João Ramalho, aos senhores Manoel C. Lucas e Milton Feijão



Ivete e Leonardo Sperate com as filhas Ivanira e Jocimara

sociais da entidade, chegando a ser, seguidas vezes, presidente do clube. Também ocupou a

presidência - em diversos anos, entre 1940 e 1980 - do Grupo de Escoteiros João Ramalho, além de presidir o Conselho de Orientação e Fiscalização do Clube dos Castores, entre 1979 e 1980.

A dedicação de Leonardo Sperate acabou sendo premiada com títulos honoríficos e troféus de destaque. Durante a segunda gestão do prefeito Oswaldo Samuel Massei, foi condecorado com o título de cidadão sancaetanense. Antes disso, porém, fora agraciado, com a comenda José Bonifácio de Carvalho, pelos relevantes serviços prestados à comunidade. O Lions Clube ofertou-lhe medalha de ouro por serviços prestados à população, e o Clube XV, de Santo André, concedeu-lhe o Troféu Destaque, pois, de acordo com uma pesquisa da época, Sperate foi considerado o homem mais ativo, na região do ABC, entre 1966 e 1969 (em 1967, todavia, já havia recebido o Troféu Personalidade de Destaque, promoção do Centro Acadêmico de São Caetano do Sul). Seis anos mais tarde, em 1973, conquistou o Troféu Galardão - prêmio destinado às personalidades mais ativas do ABC -, entregue pelo *Jornal de São Bernardo do Campo*. Em três de Junho de 2000, a Prefeitura de São Caetano prestou homenagem póstuma - Sperate morreu em 11 de Abril de 1984 - ao destacado cidadão: as piscinas do Complexo Poliesportivo Lauro Gomes receberam o nome de Conjunto Olímpico Aquático Leonardo Sperate.



Da direita para a esquerda, o terceiro é Leonardo Sperate

(*)Yolanda Ascencio é escritora, membro da Academia de Letras da Grande São Paulo e conselheira da Fundação Pró-Memória

Sinval, patrimônio artístico do município

Sônia Maria Franco XAVIER (*)



Nascido a 15 de Junho de 1927, em Morro do Chapéu, interior da Bahia, Sinval Correia Soares por 35 anos viveu e produziu em São Caetano do Sul. A antiga Via Sacra da Igreja Nossa Senhora Aparecida, de Vila Barcelona, composta de 14 quadros, e o mural do saguão do Edifício Elvira Paolilo Braido, na Rua Manoel Coelho, 500, são exemplos de sua marca na cidade. A fachada do prédio do *Diário do Grande ABC*, em Santo André, também registra a importância do artista em toda a região.

Ainda menino, no colégio, fazia desenhos e os mostrava a colegas e professores. Após o término dos estudos, exerceu várias atividades profissionais, trabalhando em joalherias, na indústria farmacêutica e como funcionário público. Em 1953, participou da Bienal Internacional de São Paulo. A carreira, então, definitivamente tomava impulso. Nos anos seguintes, participou de várias exposições coletivas. Em 1964, passou a dedicar-se inteiramente à produção artística.

Os trabalhos de Sinval são reconhecidos em todo o Brasil, visto que apresentam a cultura do País através de estilo e técnica própria. A gênese de tal originalidade está em sua postura, pois optou por afastar-se do meio artístico e das galerias. Entre as exposições e obras realizadas, algumas são como marcos da trajetória do pintor baiano. Em or-

Sinval Correia Soares no hall do Edifício Elvira Paolilo Braido, da Rua Manoel Coelho, 500. Ao fundo aspecto do mural de sua autoria. Ano de 2001



Fundação Pró-Memória



Fundação Pró-Memória

Detalhes do mural do Edifício da Rua Manoel Coelho, 500. Ano de 2001

Mural interno do Edifício da Avenida Conde Francisco Matarazzo, 628, onde funcionaram as agências bancárias do Banco de São Caetano, Bamerindus e HSBC. Ano de 2001



Fundação Pró-Memória



Fundação Pró-Memória

Painel em madeira, elaborado a partir da técnica de entalhes, no hall do Edifício da Rua Amazonas esquina com a Rua Niterói

Painel externo do Edifício Di Thiene, localizado na Rua Monte Alegre



Fundação Pró-Memória

dem cronológica: Salão de Arte Moderna, São Paulo (1963 e 1966); Biblioteca Municipal de Santo André (1965); Galeria F. Domingos, São Paulo (1966); KLM, São Paulo (1967); Zegi Gallery, Nova Iorque, EUA (1967); Salão de Arte de Santo André (1968 e 1970); Instituto Cultural Brasil - Alemanha, Salvador, Bahia (1972); União Cultural Brasil - EUA, São Paulo (1973); Mural, fachada do jornal *Diário do Grande ABC*, Santo André (1975); Caesarea Art Gallery, Telaviv, Israel (1978); Auditório Paulo Machado de Carvalho; Banco Bamerindus; Mural de 520 m² no Pampas Palace Hotel; Fundação das Artes de São Caetano do Sul; Departamento de Educação e Cultura de Santo André (todos esses entre os anos de 1978 e 1982); Galeria Hebraica, São Paulo (1979); Centro Cultural Tokuyama, Japão (1981); Bienal Internacional de São Paulo (1984 e 1985); Mult Arte Galeria, São Caetano do Sul (1986); Inter Art Gallery, Paris, França (1987 e 1989); Bric Abrac Galeria de Arte, São Paulo (1990); Galeria de Arte Frente e Verso, Salvador, Bahia (1990); Ada Galeria de Arte, Salvador, Bahia (1992, 1993 e 1996); Europ'Art, Genebra, Suíça (1994 e 1995)

SÃO CAETANO - No início do mês de Abril, Sinval esteve visitando São Caetano do Sul e a Fundação Pró-Memória. Acedendo a nosso convite, esteve em diversos pontos residenciais e comerciais em que deixou marcas de sua arte. Na oportunidade, fotografamos e registramos os trabalhos, e o artista teceu comentários sobre seu período em São Caetano, principalmente a respeito da década de 60. Nessa época, aliás, foi criada a Fundação das Artes, fato que veio influenciar a construção civil no sentido de abrigar em seus projetos obras de arte. Houve, enfim,

feliz comunhão entre a urbanização e a arte, ainda tímida, mas gerando oportunidades aos artistas da região.

Estivemos, por exemplo, revendo um painel existente no Edifício Elvira Paolilo Braido, situado na Rua Manoel Coelho, 500. A obra foi recém-restaurada, e Sinval elogiou o trabalho feito por Paulo D. Tachinardi e observou que novos materiais, como concreto e retícula de botões das Indústrias Aliberti, foram introduzidos na obra. O objetivo foi criar uma nova proposta de arte com materiais disponíveis no nosso meio. Isso não tem muita explicação. Trata-se de uma fuga da arte acadêmica.

Visitamos também o painel instalado na parede lateral do antigo prédio do Banco Bamerindus, na Rua Conde Francisco Matarazzo, 628. Nesse momento, o artista mostrou-se preocupado com sua obra. O prédio, hoje, é particular, e o futuro do trabalho é preocupante. *Precisamos retirá-la! Sugiro que isso seja feito e que ela fique em um lugar bastante seguro e visível à população. Considero-a bastante importante para a cidade, pois mostra a força econômica da região, as torres das fábricas e seu grande poder*, comentou o pintor. Data de 1968, período em que o artista se definiu com um conceito de arte mais aprimorado.

Visitamos ainda outras importantes obras de Sinval, como o painel do saguão do Teatro Paulo Machado de Carvalho e o painel do Edifício Di Thiene, localizado na Rua Monte Alegre. Na ocasião, mostrou-se muito satisfeito em rever os trabalhos, classificando-os como pertencentes a uma fase bastante moderna, em que a variedade de materiais, cores e formas é muito presente. Por último, vimos dois trabalhos feitos em madeira. Elaborados a partir da técnica de

entalhe, encontram-se nas ruas Niterói e Bom Pastor.

Sinval Correia Soares reside, atualmente, em Salvador, Bahia, mas sua arte ficou para sempre em São Caetano do Sul, onde, além de prédios públicos, muitas residências têm o privilégio de abrigar seus quadros.

DOAÇÃO - A Fundação Pró-Memória tem em seu acervo sete obras do artista e, nessa visita, fomos agraciados com a doação dos seguintes trabalhos: desenho preto e branco a lápis: *Retirantes* (1961), tela de 21 x 28 centímetros; *Noiva a cavalo* (1961), tela de 21 x 28 centímetros; *Casamento do Vaqueiro* (1961), tela de 21 x 28 centímetros; *Retorno da Pesca* (1961), tela de 21 x 24 centímetros; *Torre da Catedral da Sé* (1961), tela de 18 x 27 centímetros; *Lenhador* (1961), tela de 19 x 29 centímetros; *Estivadores* (1961), tela de 20 x 20 centímetros. Desenho a lápis de cera: *Barcos na Rampa* (1963), tela de 18 x 25 centímetros; *Capoeirista* (1963), tela de 18 x 28; *Tocador de Berimbau* (1963), tela de 20 x 28 centímetros. Obra à base de guache: *Parturiente e Parteira* (1962), tela de 26 x 21 centímetros. Óleo sobre tela: *Natureza Morta* (1957, primeiro quadro do artista), tela de 36 x 24 centímetros; *Paisagem de Santo Amaro de Pitanga* (1981), tela de 50 x 70 centímetros; *Natureza Morta com Vasilhames* (1981), tela de 50 x 70 centímetros; *Ritus Formais da Bahia, números 1157-725* (2001), tela de 100 x 100 centímetros.

Ficam registrados aqui nosso apreço e gratidão a tão ilustre figura da arte sancaetanense.

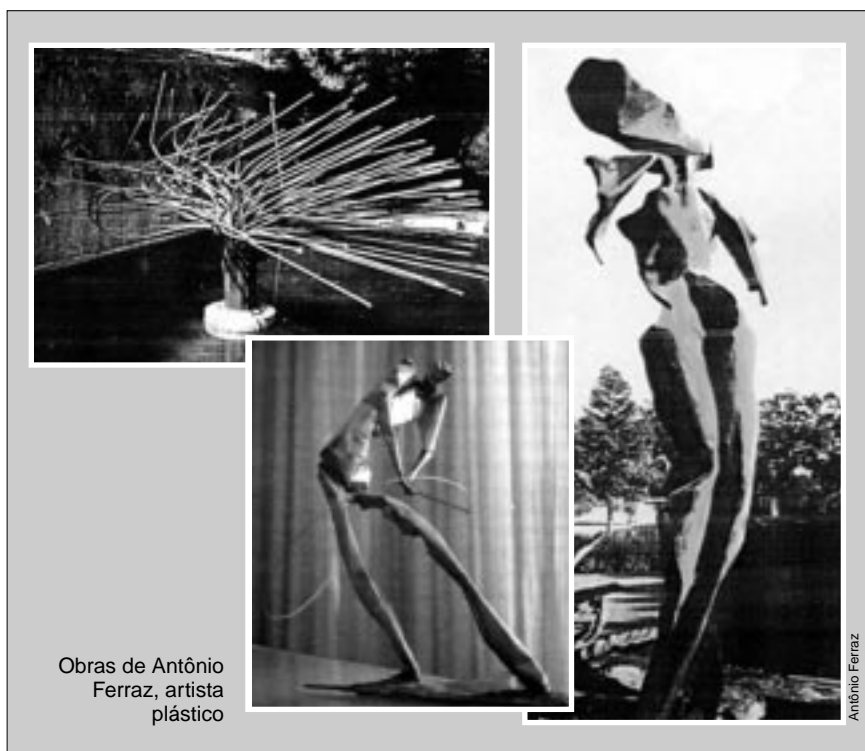
(*) Sônia Maria Franco Xavier é professora e presidente da Fundação Pró-Memória de São Caetano do Sul

Arte de Nino Ferraz: homem do aço supera-se como escultor do aço

Antônio Ferraz de Andrade Filho, paulistano da Moóca, é artista plástico. Os estudos tiveram início na escola de Antônio Rocco, renomado pintor italiano. Em seguida, cursou a Escola de Belas Artes. A produção artística, com o passar dos anos, foi realizada em conjunto com as atividades profissionais de arquiteto (formado pelo Mackenzie) e empresário. *Todas essas funções - empresário, arquiteto e artista - foram executadas ao mesmo tempo.*

É possível visualizar, em seqüência cronológica, a simultaneidade das ocupações de Antônio Ferraz. Iniciou com uma pequena comercializadora de aço, a Coferraz Comercial de Ferro e Aço, na Moóca (a origem do nome está relacionada à presença de ferro e aço no sobrenome do artista, isto é, Ferraz). Em 18 de Maio de 1966, veio a São Caetano do Sul e passou a produzir aço na Metalúrgica São Francisco. No fim da década de 60, expôs esculturas em aço no Instituto dos Arquitetos do Brasil.

Ao longo dos anos 70, desenvolveu a siderurgia tanto aqui como no exterior. Implantou, no País, a reciclagem de sucatas de ferro e aço, importando equipamentos pesados. Em associação com o grupo italiano Danielli, criou a Minidan Minisider - Danielli Equipamentos Siderúrgicos. Em 1978, nova incursão no mundo das artes. Projetou e pintou o afresco de 4x5 metros da



Obras de Antônio Ferraz, artista plástico

Capela Santina, na Igreja da Cruz Torta, Alto de Pinheiros. Aí representou os sete sacra-



Escultura em aço escovado e pintado dinâmica - Peso 50 quilos

mentos. A própria capela, na verdade, é obra do artista: *Fiz a capela, nessa igreja, em homenagem à minha mãe (...)* Ela se chamava Santina, então, ficou Capela Santina (...)

Guardo ainda o projeto (...) No teto, pintei "O Divino Espírito Santo" (...)

Trabalhava a portas fechadas (...) Ninguém entrava (...)

Era um compromisso com o padre (...) "Padre, eu faço se ninguém entrar aqui. E entrego tudo pronto".

No ano seguinte, 1979, principiou a fazer esculturas em bronze, tendo por base chapas de cobre dobradas a mão, fundidas em caixas de areia em sua própria fundição de peças em São Caetano. *Também fiz trabalhos com chapas de cobre, dessas com que são*



Escultura em aço compressiva e dinâmica, triarticulada. Peso de 43 quilos



Escultura em Bronze - Giratória



Escultura em aço compressiva e dinâmica biarticulável, peso 302 quilos



Escultura em aço compressiva e dinâmica, biarticulável, peso de 150 quilos

feitas as calhas (...) Eu fundia as esculturas aqui em São Caetano, na Rua Major Carlos del Prete (na própria Metalúrgica São Francisco).

Na década de 80, mais precisamente a partir de 1986, Antônio Ferraz, aos poucos, foi diminuindo as funções empresariais, podendo dedicar-se com

mais afinho às artes plásticas. Nesse ano, apresentou, no Rio de Janeiro, vernisagens nas Galerias Ipanema e Shelly. *Como fiquei 12 anos no Rio*, comentava o artista, *boa parte das minhas obras se encontra lá (...) Existe até uma escultura, de uns 400 quilos, que está na casa de um grande amigo meu, Mário Agostinelli - morto há pouco tempo -, escultor internacionalmente conhecido.*

Com mais tempo disponível às produções artísticas, em 1991 expôs trabalhos em Nova Iorque e Miami. *Arrumamos tudo aqui no Brasil e fomos para lá (...) Me lembro da exposição de Nova Iorque (...) Foi em um pavilhão enorme (...) Os anos 90, de fato, representaram um retorno àquilo que sempre mais gostou de fazer: Arte. Não faz muito tempo, no Clube Paulistano, fizemos uma exposição sobre os 50 anos de minha carreira artística, em que mostramos desde pinturas até esculturas pesadas, de cerca de 200 quilos (...) Transportar tudo isso não é fácil (...)*

O aço, principal matéria-prima das obras de Antônio Ferraz, apesar da importância na carreira do escultor, não é o único material utilizado. Na realidade, tudo o que estiver ao alcance das mãos pode ser transformado com criatividade. *Havia um lugar que eu costumava frequentar (...) Chamava-se "A Tal da Pizza", no caminho de Embu (conhecida como Embu das artes, graças à grande concentração de artistas no local) (...) Uma vez, pedi quatro tampas de caixas de pizza e desenhei tudo o que se passava ali (...)* *As cenas costumeiras (...)* *Gosto muito desses desenhos ligeiros (...)* *A gente representa o que vê, no momento em que as coisas acontecem.*

Estátua de São Pedro: referência artística marcante

Oscar GARBELOTTO(*)

A estátua de São Pedro, exposta em frente ao IMES (Instituto Municipal de Ensino Superior), atual Centro Universitário de São Caetano do Sul, desde 1975, tornou-se uma referência para o Instituto e para o Município de São Caetano do Sul. No entanto, muitas pessoas que a admiram desconhecem a sua história.

Tudo começou no ano de 1968, quando o conhecido escultor Agenor Francisco dos Santos propôs ao prefeito, Hermógenes Walter Braido, o patrocínio de uma obra artística, em madeira, representando o apóstolo Pedro. A carta de Agenor preconizava doação da mesma ao Papa Paulo VI, em retribuição ao presente dado ao povo brasileiro na época: a Rosa de Ouro. Informou, ainda, sobre sua pretensão de realizar a obra gigantesca utilizando-se de uma árvore encontrada nas florestas do Norte do Paraná, nas proximidades da cidade de Cianorte. O prefeito aceitou a proposta e determinou as providências necessárias para a contratação da obra pela Prefeitura.

O ato seguinte foi enviar uma equipe ao Paraná para localizar a imensa árvore e providenciar seu transporte a São Caetano do Sul. A equipe era chefiada pelo jornalista Alcécio Strabelli, chefe de relações públicas da municipalidade, acompanhada pelo escultor. Localizado o tronco milenar, iniciaram-se os trabalhos de re-

O jornalista Alcécio Strabelli, em floresta próxima à cidade de Cianorte, Paraná, em busca da árvore. 1968



Oscar Garbelotto

Localizada e já sem galhos, a grande árvore está pronta para o corte. 1968



Oscar Garbelotto

O tronco chega a São Caetano, 1968



Oscar Garbelotto



Oscar Garbelotto

O escultor Agenor, em pleno trabalho, dá forma à estátua. O galpão montado na praça, em frente ao antigo Paço Municipal, recebia visitantes curiosos. Ano de 1968



Oscar Garbelotto

O artista
posa ao
lado da
estátua
concluída



Oscar Carbelotto



Oscar Carbelotto

A estátua de
São Pedro,
finalmente,
ganha um lugar
definitivo em
frente ao prédio
do IMES, na
Avenida Goiás.
Ano de 1975

Ajardinado o
local, a
estátua ganha
destaque. Já
havia se
incorporado
às imagens do
IMES e da
cidade. Ano
de 1977



Oscar Carbelotto

moção. Para evitar trincas e rachaduras, o corte precisou ser feito a partir da escavação do solo, até deixar a raiz exposta. Oito homens cavaram a terra durante cinco dias. Mais uma

semana foi gasta com o corte de galhos e com a confecção de uma plataforma que deixasse o tronco na mesma altura de uma carreta. Para erguê-lo, foram necessários mais três dias, com

a ajuda de 16 homens, oito guinchos e três caminhões. Outros seis dias completos foram utilizados para percorrer a distância entre Cianorte e São Caetano do Sul.

Enfim, o tronco de 31 toneladas, 12,20 metros de comprimento e dois metros e quarenta centímetros de diâmetro chegou em frente ao Paço Municipal, à Avenida Goiás, onde recebeu as bênçãos de dom Agnelo Rossi, cardeal arcebispo de São Paulo na época. Diante do Paço Municipal um enorme galpão foi construído para abrigar o artista e sua obra. Após quase um ano de trabalho, o gigantesco tronco de peroba tomou forma: a escultura do apóstolo Pedro estava pronta.

Passou-se à etapa seguinte: o envio da estátua àquele primeiro preconizado destino, o Vaticano. Para tentar viabilizar o presente, uma comissão oficial foi nomeada pelo prefeito Oswaldo Samuel Massei, sucessor de Walter Braidó: Alécio Strabelli, Dilvo Silvestre e Oto Direnger. Era 1969. Foi quando surgiram as principais dificuldades para concretizar a proposta da municipalidade. Com o impasse, a Prefeitura de São Caetano obteve autorização para colocar a estátua na Praça da Sé, diante da Catedral. Lá foi deixada durante anos até a remoção executada pela Prefeitura de São Paulo.

Em 1975, Hemógenes Walter Braidó é novamente eleito prefeito. Logo ao assumir, determinou ao então chefe de relações públicas, Domingo Glenir Santarnecchi, que desse buscas até localizar a obra. Santarnecchi, de forma eficiente, localizou-a no Viveiro Manequinho Lopes, no Parque do Ibirapuera, jogada

ao chão. E mais, relatou o estado de completo abandono em que se encontrava. Os sérios danos indicavam que deveria receber, urgentemente, reparação e restauração.

Diante do crítico estado descrito e documentado por fotos, foi contratado o próprio autor, Agenor, para recuperar a obra. Terminada a restauração, a Prefeitura retomou as tentativas, junto ao alto clero, de levar o presente ao papa. Diversas outras medidas foram tomadas e até mesmo o transporte, gratuito, foi garantido pela oferta da Sociedade Comercial e Transportes Transatlântico.

Foi quando ocorreu a resposta clara e objetiva de dom Carmine Rocco, do Núncio Apostólico no Brasil, sugerindo, diante dos naturais problemas que o Vaticano enfrentaria para abrigar escultura de tais dimensões, que a estátua permanecesse em São Caetano. Diante da resposta enfática do Núncio, a Prefeitura passou a buscar local adequado para implantar a obra. Assim, ainda em 1975, o diretor do IMES, Oscar Garbelotto, sugeriu ao prefeito Braido que a colocasse nos jardins fronteiros ao prédio do Instituto, na Avenida Goiás. Aceito o pedido, a empresa local do engenheiro Zilac Bianchi providenciou o transporte da estátua e a sua colocação de forma segura. Iniciava-se ali um processo que marcaria em definitivo a entrada da cidade e o próprio IMES.

A estátua tornava-se um marco indissociável da imagem da cidade; um verdadeiro símbolo. Símbolo mantido e cuidado com todo o zelo por todos os diretores do IMES desde então. Apenas em 1991, por força das

IMES INSTITUTO ANHEMBÍ DE ENSINO SUPERIOR DE SÃO CAETANO DO SUL

*Em nome do Pai, do Filho e do Espírito Santo.
Senhor, examao prestados, ajoelhado, ante o estátua de Pedro,
o Tu Apóstolo maior, símbolo de Tua Igreja,
Símbolo de nossa igreja: o IMES.*

*Diante dela, com todas as forças das sensíveis
queremos Te agradecer pela vida
e pela oportunidade de estarmos aqui,
nostalgia e saudade a nossa Casa.*

*Obrigado, Senhor, que nos deste olhos para ver o IMES:
Seus alunos carregando livros e incertezas;
Seu crescimento e progresso atados ao bem comum da sua grande família;
Seus salões de aulas – escadarias – pátios e corredores,
Quadra de esportes de acares e extrasseamentos,
Seus caminhos de cimento e lajeado, seu teatro de poesia e apelo.*

*Obrigado, Senhor, que nos deste ouvidos para ouvir o IMES:
O hálito das chapéus, respirinas e noturnas,
As palavras ditas que nos visitam e os discursos das formaturas,
As músicas dos intervalos e as histórias das partidas,
As reintroduções das suas filhas que crecem, os alunos dos abadás á tarde,
Os gritos de euforia, o silêncio das provas e os pontos das despedidas.*

*Obrigado, Senhor, que nos deste boca e lábios para bendizer o IMES.
Porque oferece uma chance a quem aspira,
Porque dá, muito mais do que recebe,
sem alarido de cor, alarde, ouço, orgulho ou crente.*

*Obrigado, Senhor, que nos deste coração e braços para sentir o IMES.
Para sentir a glória dos que triunfam e prosperam,
mas partilha de angústia dos que choram
e do drama dos que se desiludem e desistem.
Para sentir em cada um dos seus filhos que sentem, que sentem todos,
Para sentir o exemplo de tantos mestres sábios, sábios e exatos deste casa.
Para nos abraçar aos formandos que partem
e associar-nos ao fêlido dos calouros que chegam.
Um, reunido em banca dos seus sonhos, outros, após a reunião final,
aplicando o aprendizado e na certeza de que,
se retornarem, encontrarão o chão ainda quente.*

*Obrigado, Senhor, que nos deste uma mente
para escolarmos, entre tantas opções – O IMES.*

*Obrigado, enfim, por constataremos que ao final desta prova,
não Te pedimos nada, só temos coisas para agradecer.*

Claudino de Lucca

EOFINES

Oscar Garbelotto

O professor José Claudino de Lucca, inspirado no símbolo que já representava a estátua, escreveu a Oração do IMES, lida pela primeira vez por ocasião da formatura IMES/1986, no Anhembi

obras de ampliação do Instituto, a estátua foi removida de seu local original pelo Corpo de Bombeiros. Foi guardada, com toda técnica necessária, no estacionamento, e recebeu um novo tratamento de conservação e reparos pelas mãos dos restauradores Paulo e Otávio Vieira.

Em 1996, retornou ao seu local privilegiado em frente ao novo prédio, guardando a entrada da instituição que a abri-

ga. Para a cidade é um guardião verdadeiro. Ergue-se em sua divisa, recebendo quantos passam por sua frente. Autêntico ícone cantado em verso e prosa e na Oração do IMES. (colaboração e revisão: Morisa Garbelotto Rodegher)

(*) Oscar Garbelotto é advogado e professor do IMES

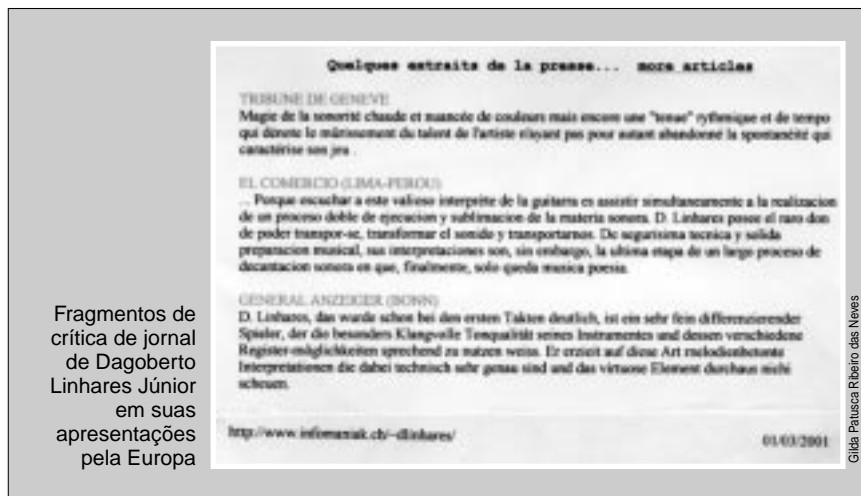
Dagoberto Linhares Júnior representa a música brasileira no exterior

A música erudita eleva o espírito e transforma o homem em viajante de sonhos e devaneios. É assim que vejo o trabalho de Dagoberto Linhares Júnior, músico sancaetanense que honra as tradições do violão brasileiro perante o público internacional

Gilda Patusca Ribeiro das NEVES (*)

Nossa família, oriunda de São Paulo, fixou residência em São Caetano do Sul na década de 60, pois o chefe da casa trabalhava em estabelecimento comercial - de sua propriedade - na Avenida Senador Roberto Simonsen. Muito cedo nos consideramos parte integrante desta cidade e fincamos raízes afetivas aqui. Assim sendo, relato a história de um menino, Dagoberto Linhares Júnior - o mais velho de meus quatro filhos -, que cresceu em São Caetano.

Nascido em São Paulo, no dia nove de Setembro de 1953, filho de Dagoberto Linhares e Gilda Patusca Linhares, desde pequeno sempre demonstrou sensibilidade pela música, uma vez que a mãe dava aulas particulares de violão popular. Aos oito anos, decidiu-se pela música erudita e iniciou estudos com o professor Manoel São Marcos. Viveu grande parte da infância em São Caetano do Sul, cursando primário, ginásio e colégio no Centro de Especialização Educacional do Instituto de Educação Estadual Coronel Bonifácio de Carvalho. Concomitantemente, fez o curso de música e violão na Fundação das Artes de São Ca-



Fragments de crítica de jornal de Dagoberto Linhares Júnior em suas apresentações pela Europa

tano do Sul, sendo aluno do professor Henrique Pinto.

Na adolescência, participou de um programa de televisão, animado por Sílvio Santos, o *Cidade contra Cidade* - espécie de gincana -, na noite de dez de Outubro de 1969. São Caetano competiu com Nova Granada e saiu-se vencedor. O objetivo era a arrecadação de fundos que seriam destinados às obras das Santas Casas municipais. No programa, cada cidade levava as principais atrações culturais e artísticas, e São Caetano primou pelo bom gosto e organização. Dagoberto Linhares foi levado como violonista. Um pouco antes, em 1967, havia sido laureado no *Concurso da Cidade de São Paulo Jovens Instrumentistas*.

Aos 16 anos, executou, pela primeira vez no Brasil, sob a regência do maestro Walter Lourenção, o *Romanceiro Cigano*, texto de Garcia Lorca e música de Castelnuovo Tedesco. Posteriores exibições da peça musical evocaram a pioneira audição em

solo brasileiro. O prospecto do Museu de Arte de São Paulo, do dia 14 de Setembro de 1974, é prova disso. *O Romanceiro Gitano foi apresentado no MASP em 1971, em primeira audição, com Dagoberto Linhares e o então Grupo Coral do ICIB. O programa foi gravado pela TV-2 Cultura. Em princípios de Julho passado a obra foi reapresentada em São José dos Campos e no MASP (...)*. Em seguida, fez vários recitais em lugares como a Pró-Arte e o Clube Pinheiros, ambos em São Paulo, e, aos 18 anos, partiu para a Suíça no intuito de cursar a virtuosidade, no Conservatório de Genebra, com a professora brasileira Maria Lívia São Marcos. Antes, porém, de partir para a Europa, despediu-se do Brasil apresentando-se no Parque Balneário (Centro de Expansão Cultural de Santos), em nove de Dezembro de 1971.

Na Europa, ainda estudante, foi nomeado professor no Conservatório de Friburgo (Suíça), aperfeiçoando-se nas Master

Classes de Turíbio Santos, Julian Bream e do grande mestre André Segóvia (este, aliás, impressionou-se com o talento de Dagoberto Linhares e previu-lhe brilhante carreira). Ao terminar o curso do Conservatório de Genebra (1973), obteve o *Prêmio de Virtuosidade* e o *Prêmio da Associação dos Músicos Suíços* (esses prêmios, na verdade, foram as avaliações finais do curso de virtuosidade). As boas notas obtidas perante o júri garantiram-lhe a primeira colocação nos exames. Vale lembrar que Dagoberto Linhares foi o primeiro brasileiro a receber tais condecorações. No ano seguinte, foi laureado no *Concurso Maria Callas*, em Barcelona.

Após as estréias, em 1974, no Wigmore Hall (Londres), no Alice Tully Hall (Lincoln Center - Nova Iorque) e em Paris, na sala Gaveau, passou a ser convidado, regularmente, a participar de numerosos festivais em importantes centros musicais na Europa, Estados Unidos, Rússia, Polônia, Bulgária, Romênia, Hungria, ex-Tchecoslováquia, Austrália e Ásia, apresentando-se como solista, acompanhado de orquestras. Nessas exposições, seu repertório incluía: Quarteto de Schubert, Serenata de Schoenberg e Trios e Quartetos de Paganini (registrados mundialmente pela primeira vez). Em 1977, recebeu o primeiro prêmio no Concurso de Execução Musical de Genebra.

Além dessas performances (tive o privilégio de acompanhar algumas), gravou programas, na TV Suisse Romande, em que tocou peças de Villa-Lobos e do compositor contemporâneo Frank Martin, e fez concertos ao lado de cantoras como Marina Tafur e Leiliane Bizineche (na



Dagoberto Linhares Júnior músico brasileiro que aos 18 anos foi para Europa e lá fez carreira

Gilda Fátusca Rêheiro das Neves

Igreja de Budé). Na seqüência, viajou por toda a Suécia, executando 54 concertos para o público em geral e também em hospitais, colégios, prisões, sanatórios, igrejas e universidades. Realizou gravações para a BBC de Londres e para diversas outras rádios, televisões e gravadoras européias.

Em 1979, veio ao Brasil, a convite da Secretaria da Cultura de São Paulo, para realizar, na Sala Guiomar Novaes, recital único. Em seguida, encenou uma série de apresentações em várias capitais brasileiras. Nesse mesmo ano, abriu a Temporada Oficial de Concertos na Sala Cecília Meireles, no Rio de Janeiro. Em 1986, de volta à Europa, participou do Festival Internacional da Rádio France e do Festival de

Montpellier. Doze anos depois, realizou um importante concerto ao tocar peças de Vivaldi, Haydn, Paganini e Schubert com os renomados Músicos Vênets (I Musici Veneti).

Ao longo da carreira, Dagoberto Linhares Júnior atuou ao lado de diversas orquestras: Suisse Romande, Birmingham Symphony, Orquestras de Câmara de Lausanne, Dietmold, Sófía, Zilina, Manchester, Porto, Neuchâtel, Collegium Academicum, I Solisti Veneti, Fundação Gulbenkian, Istambul. Desde 1978, é responsável pelas classes profissionais, diploma e virtuosidade no Conservatório de Lausanne (em que é catedrático). Os alunos e ex-alunos de Dagoberto são como uma família, tal o carinho, amizade e reconhecimento que



Gilda Patusca Ribeiro das Neves

Dagoberto Linhares e sua mãe Gilda P. R. das Neves

têm pelo mestre e amigo. De fato, são constantemente recebidos na residência do músico, em Genebra, ou na fazenda que possui na França, local onde se realizam estudos de peças e concertos de violão (esses encontros são feitos por dilentatismo). Tenho satisfação de dizer que sou considerada a mãe do grupo.

Atualmente, Dagoberto Linhares realiza apresentações, em duo e em quarteto (Quarteto Linhares), em vários países europeus. As atrações mais apreciadas do repertório são as peças de Villa-Lobos, as músicas tocadas - com o parceiro de duo - a quatro mãos no violão e os choros. Vários discos - vendidos exclusi-



Gilda Patusca Ribeiro das Neves

Dagoberto Linhares em duo com Raymond Migy e com o Quarteto Linhares

vamente na Europa - foram gravados pelo compositor.

Ainda hoje, meu filho continua seu trabalho no Conservatório de Lausanne, Suíça, e viaja pela Europa, América Latina e América Central fazendo apresentações solo, em duo e com o Quarteto Linhares. Esta é a carreira do músico brasileiro que saiu de São Caetano do Sul para enaltecer, com seu violão, nossa cidade e também o País. Confesso que é com muita satisfação e orgulho que deixo aqui este registro.

DISCOGRAFIA

Dagoberto Linhares violão: obras de Granados, Sanz, Tarrega, Torroba, Sor, Falla.

Música para quatro violões - Quarteto Linhares: obras de Dowland, Staak, Piazzolla, Gagnani, Joplin

Dagoberto Linhares violão - Villa-Lobos e a Música Popular Brasileira: obras de Villa-Lobos, Dilermando Reis, Catullo da Paixão Cearense, São Marcos, Sávio, Pernambuco

Música para canto e violão - Dagoberto Linhares e Leiliane Bizineche (meio-soprano) - obras de Lorca, Giuliani, Pisador, Encina

Dagoberto Linhares, 12 estudos e 5 Prelúdios - obras de Villa-Lobos

Concertos de violão: Dagoberto Linhares e Raymond Migy; obras de Giuliani, Vivaldi, Torroba

Música para dois violões: Dagoberto Linhares e Raymond Migy. Obras de Lawes, Dowland, Carulli, Piazzolla, Boccherini, Albeniz, Nazareth

Sinfonia com violão - I Solisti Veneti e Dagoberto Linhares, direção de Claudio Scimone; obras de Boccherini

(*) Gilda Patusca Ribeiro das Neves é pedagoga e pesquisadora em Educação da Fundação Pró-Memória de São Caetano do Sul

São Caetano do Sul

em uma visão poética

Claudino de LUCCA (*)

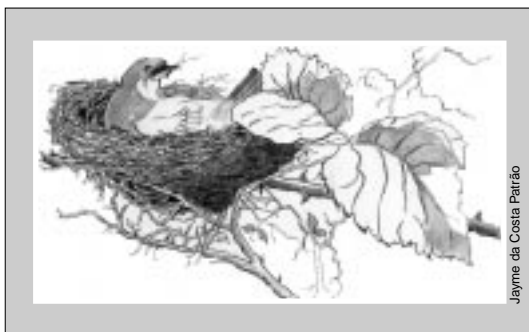
Os rios que corriam aqui não são mais rios. Os animais que eram os verdadeiros donos dessas terras são hoje estranhas imagens nos livros escolares. E nem faz tanto tempo assim - são só 124 anos. Nossos filhos, a geração do videogame e dos shopping centers, precisam saber que aqui aportaram um dia 26 famílias de pobres colonos italianos. Passavam fome na Itália. Foram seduzidos por propaganda enganosa. Incutiram-lhes na mente sonhos de muitas terras - férteis e documentadas. Prometeram-lhes novas vidas, amparo, fortuna e os abandonaram no meio do mato. Passavam fome na Itália - Passaram fome aqui!

Enquanto a Europa queria se livrar de uma superpopulação, o Brasil queria substituir a mão-de-obra barata dos escravos recém-libertados. Das casas prometidas, nem sinal. As terras férteis eram banhados e alagadiços dos rios Tamanduateí e dos Meninos. E aqueles colonos, acostumados ao trato da terra de agricultura de montanha, não tinham ferramentas, nem sementes. Era inverno e chovia muito. O trem, como quem descarrega animais no matadouro, descarregou aqui seres humanos da melhor qualidade. Crianças, mulheres grávidas, recém-casados com anseios, com olhos brilhantes - com fé - com esperança e com Deus no coração.

Quanta tristeza. Quanta frustração. A sensação do logro. O sentimento verdadeiro da traição. E eles não eram aventureiros - des-

bravadores - não eram heróis - não portavam armas. Não traziam nas veias a inconstância dos nômades - não ostentavam flâmulas de cruzadas, nem colhiam no peito o choque do êxodo. Nem sequer eram exímios artesãos. Eram colonos - humildes - pobres e semi-analfabetos. Sua arma: a esperança.

Mas havia determinação - vontade - fibra. Havia uma igreja e principalmente havia um Deus.



Jayme da Costa Patrão

Ser supremo que era unânime da fé de cada um. Aí, se a terra era imprópria para agricultura, era excelente para a olaria. Então, os colonos, mesmo sem tradição, passaram a fabricar tijolos e telhas. Começaram a vender em São Paulo e não pararam mais. Foram crescendo. Foram se multiplicando entre si e com outros que vieram depois. E vieram os filhos - os netos - e todos quantos aqui estão. E veio o progresso. A emancipação e, com ela, os problemas urbanos que estigmatizam as metrópoles.

E hoje, passados 124 anos, só nos resta agradecer a Deus, pela força desses pioneiros que hoje são ruas, clubes e logradouros. Pelo progresso, pelas escolas, pelas indústrias, pelo povo bom e ordeiro. Obrigado, Senhor! Pelos hospita-

tais, pela água encanada, pelo saneamento, pelas ruas asfaltadas, pelos jardins, pelos poços e pelas praças. Obrigado, Senhor! Pelas lojas, pelas igrejas, pelo trem e pelos ônibus, pelos teatros e cinemas, pelos bares e pelos telefones e pela eletricidade em todas as casas. Obrigado, Senhor! Pela Academia de Letras, baluarte de cultura e criação desses novos tempos. Pela Fundação das Artes, pelo IMES, pelo Jorge Street, pelas Emeis, pela Fundação Pró-Memória. Obrigado, Senhor!

Só vos pedimos que olheis pelas nossas crianças às portas das escolas. Pelas avenidas perigosas e pelo trânsito pesado que fere e mata. Fazei, Senhor, com que nossos vizinhos, ao utilizarem as nossas ruas como simples corredor de tráfego, respeitem nossas leis, nossos idosos, nossos bens e nossos filhos. Fazei com que as chuvas, tão necessárias, não se tornem martírio constante para algumas famílias.

Que o nosso céu seja mais limpo.

O nosso ar, mais puro.

Que pardais voem livres nas nossas praças.

Que os bem-te-vis cantem felizes nas nossas antenas.

Que as drogas fiquem distantes dos nossos lares.

E que a Vossa presença seja cada vez mais viva em nossos corações.

(*) Claudino de Lucca é membro da Academia de Letras da Grande São Paulo

Tempos Felizes: lembranças da infância nos bairros da cidade

Cláudio Rogério BRACO(*)

Assim como os pintores que levam seu talento às exposições, e, enquanto suas obras favoritas permanecem expostas, eles, ausentes, lembram detalhes de sua criatividade, cada traço do pincel e das nuances que definem e embelezam as formas, esperando que os apreciadores percebam as características do seu trabalho, também guardo na memória passagens da minha infância, e quando elas afloram, afloram os episódios, mas não os revelo, ainda que desejando dividir um pouco da beleza que me traz a felicidade daqueles tempos.

A minha alma se inquieta, algumas vezes implora, outras vezes ordena para que alguns daqueles momentos sejam, ainda que superficialmente, narrados, ou comparados com os momentos atuais e assim, revividos.

Não há sequer uma só pessoa, que tenha vivido na década de 60, ou nas imediatamente anteriores, em São Caetano do Sul, e não se recorde da simplicidade da cidade e das opções de desenvolvimento e lazer, por ela oferecidas, principalmente às crianças. Em todos os bairros havia um campo de futebol de várzea, porém, não tinham estes campos tanta importância para o lazer infantil, como tinham os campinhos de futebol que se distribuía pelas ruas da cidade.

Em algumas ruas encontravam-se vários destes campinhos, que nada mais eram do que terrenos particulares, sem nenhum tipo de cercado, que as crianças transformavam numa singela área de lazer. Essa transformação era efetuada pe-



rua, devidamente aplanado por meios próprios, num mini-campo de futebol, com traves, travessões, demarcações como área pequena, área grande ou meia lua proporcionais ao tamanho do campinho, pré-determinado por elas. As traves, os travessões e as bandeirinhas eram confecções artesanais e nelas eram usadas as sobras de madeira das construções esparramadas pela cidade ou troncos de árvores. Ao redor do campinho, o espaço era destinado a outras atividades de lazer tais como: birocas para o jogo de bolinhas de gude, demarcações, para o jogo de peão de feira, jogo de taco, queimada, espaço para que se pudesse empinar pipas, espaço para as fogueiras nas festas juninas, sempre no terreno ao redor do campinho de futebol, ah! esse era intocável! Lembrava os cemitérios dos índios americanos

(nos filmes). Esses campinhos eram de tal maneira bem cuidados e vigiados que, jamais, uma turminha de outra rua ousava jogar futebol naquele que não fosse o campo de sua própria rua, a não ser que fosse convidada para um jogo *contra*. Aí era diferente!

las mãos das crianças, por suas próprias forças e com sua enorme criatividade. E como ocorria a transformação? Vou tentar explicar. A cidade parecia ser habitada essencialmente por crianças, e enquanto os adolescentes formavam seus grupos, times ou bandas nos bairros, elas formavam suas turminhas nas ruas, de modo que, em quase toda rua havia uma turminha com seu timinho de futebol. Essas crianças se reuniam e transformavam parte daquele terreno baldio de sua

*Juntar figurinhas, bater bafô, ganhar,
Trocar a difícil ou a carimbada tirar
Bola-de-gude, fubeca jogadeira, escape, matinha,*

Não dou nada, escaramboulou-deixou, limpinha

Triângulo, rapa-tudo, biroca, teca, bochão,

Reclame, três palmas, quatro dedos e um canhão.

Casa na cela, sai da feira,

Olha a fucada, roda peão,

Olha a ducada, sai zuncando,

Roda na lata, no chão,

Na unha e na palma da mão.

O jogo *contra* acontecia quando a turminha de uma rua desafiava a turminha da outra rua para um jogo de futebol. Para acontecer o desafio, a turminha desafiante oferecia o seu campinho de futebol para o jogo e algum mimo como prêmio em caso de vitória da turminha desafiada. Esse mimo poderia ser desde uma flâmula ou algumas garrafas de refrigerante até uma bola de futebol. Em caso de ser aceito o convite, a turminha desafiada na mesma hora também desafiava, acontecendo, assim, nos mesmos moldes, a retribuição do desafio.

Os times de futebol infantil possuíam jogos de camisa tanto para o primeiro quadro como para o segundo, e geralmente conseguiam os uniformes, assim como o restante do material necessário para o jogo - bola, apito, chuteiras, etc. -, através de arrecadações efetuadas na própria rua, onde as crianças apresentavam, aos pais e aos vizinhos, os projetos para que o time fosse formado, solicitando-lhes contribuição financeira para aquele fim, sendo que os que contribuíssem teriam seus nomes e respectivas assinaturas anotados no *livro de ouro*, espécie de caderno para prestação de con-

tas. O nome do time, geralmente, era escolhido democraticamente pela molecada, que acabava adotando o nome de algum time grande da capital, sempre no diminutivo (Palmeirinhas, São Paulinho, etc.), ou o nome do bairro, ou ainda o nome do apelido do bairro, isto porque os bairros tinham outro nome para as crianças, por exemplo: a turma da parte baixa do Bairro Osvaldo Cruz, próxima à Rua Amazonas, os moleques chamavam de Turma da Barroquinha, já a turma da parte de cima era chamada de Turma da Candelária. No Bairro da Cerâmica havia várias turminhas: a Turma do Cemitério, a Turma do Barreiro, etc. Na Vila São José havia a Turma do Bosque e também a Turma do Terreno do Banco. Na Vila Gerti, a Turma do Sete, a Turma da Sílvia e assim por diante, de modo que cada bairro possuía pelo menos três ou quatro turminhas que jogavam futebol entre si ou contra as de outros bairros. Até campeonatos eram organizados.

Era um mundo à parte, desconcertante, diferente, onde a convivência era valorizada desde a mais tenra idade, onde os pais incentivavam tais práticas. A maioria dos brinquedos era artesanal, não só pela pouca condição financeira, mas também pelo prazer de confeccioná-los. O *papagaio*, o *balão*, o próprio campo de futebol, etc. Também havia brincadeiras mistas, meninos e meninas uniam-se para algumas brincadeiras, ao redor dos campinhos ou nas próprias ruas, tranquilas na época.

Mãe da lata, bate-cara, carrocinha,

Cama-de-gato, pega-pega, café com leite e perereca.

Leço atrás, passa anel, corupiu e amarelinha.

Salva, gode, batata quente, queima e peteca.

Boca de forno, bugalho e ciranda-cirandinha.

P-vo, p-cê, p-é, p-ma, p-ri, p-qui, p-nha.

Une dune tê, salamê mingüê

Jan ken pô, bang-bang, bombeirinho,

Bid bouquet, cabra-cega, ioiô, bambolê,

Anel de brucutu, vitrolinha, canudinho,

Futebol de botão, quermesse, tata-deixa,

Alto balão não se mexa.

Bolso esquerdo, casca-dura licença.

Chapa branca: - um, dois, três.

Como está fica, duro ou mole, Falei antes por um triz.

Pomponeta, peta peta, petá perruge,

Pomponeta, peta peta, petá petris.

Casinha, jogo de faca, taco e pica,

Estilingue, pedregulho, mamoná e água de bica.

O castigo cacholeta.

Quadrado, pipa, papagaio, capucheta,

Lata de óleo, três varetas, peixinho, maranhão,

Estirante, telegrama, corta linha e alho na mão.

Batizei, crismeí, não dou nada pra ninguém.

Caixa, peão, almofada, mexerica,

Chinesinho, careca de padre, charuto, barrica,

Tocha, mecha, vela, pinga breu na escuridão.

*Pintinha no céu, sumidinho
balão,*

*Fogueira, Santo Antônio,
São Pedro e São João.*

*Bola de meia, borracha ou
capotão, bobinho,*

*Jogar contra, tirar pelada
no campinho,*

*Lambuja, gol a gol, um to-
que só de pé em pé,*

*Altinha, rebatida, dois em
dois, golzinho*

*Só vale gol de letra, descal-
ço, talho no pé.*

De vez em quando, ocorria um fato que preocupava as crianças. Os parques de diversões, a exemplo dos circos, eram itinerantes e ocupavam os campinhos. Quantas vezes eu fui dormir preocupado com o jogo *contra* do dia seguinte em nosso campinho e pela manhã, junto com os colegas, me decepçionava.... Logo cedo, o campinho estava completamente tomado por estranhas bugigangas. Sentávamos lado a lado, no próprio campinho, e acompanhávamos aquelas pessoas rústicas, naquele momento já quase inimigas, cavocando a área grande, arrancando as traves, enfim, destruindo nosso campinho.

Mas algumas horas mais tarde, a roda gigante tomava forma, o chapéu mexicano era testado, a barraquinha de tiro ao alvo se erguia sobre a pequena área do campo, e então aquela revolta inicial ia se amenizando, aquela vontade de furar os pneus daquele caminhão, que sem a nossa permissão invadira o nosso espaço, passava, e tudo se transformava numa ansiedade, numa mistura de tristeza e alegria inexplicável. Quando o parque es-

tava totalmente armado, outro problema: Como usufruir de toda aquela parafernália sem dinheiro e sem a confiança do pessoal que trabalhava ali e que dias antes havíamos hostilizado? Após várias reuniões decidíamos qual seria a estratégia a ser seguida, e no primeiro dia de funcionamento, já conhecendo todos os trabalhadores pelo nome e alguns até pelo apelido, lá estávamos a postos, um ajudando a empurrar os cavalinhos, outro ajudando na barraquinha de tiro ao alvo, outro ajudando no balanço, etc. Depois nos revezávamos no trabalho para que pudéssemos também brincar. Em troca, ganhávamos tantos ingressos, que até mesmo os coleguinhas que não conseguiam uma *colocação* para ajudar nos brinquedos tinham a possibilidade de brincar, pois dividíamos os ingressos fraternalmente.

Alguns meses depois, sentíamos outra vez aquela sensação estranha, aquela mistura de angústia, ansiedade e entusiasmo novamente ocupava os nossos corações. O parque partiria. Logo estaria ocupando um outro campinho, atrapalhando as brincadeiras de outra turminha e nós, bem, nós reconstituiríamos o nosso campinho.

Mais tarde, as ruas ficaram mais perigosas, os terrenos foram ocupados por imóveis, por praças públicas, por estádios distritais e, sobre os telhados das residências, milhares de antenas de TV anunciavam que as sociedades-mirins estavam com os dias contados...

- *Apresento meu amigo.*
- *De onde ele veio?*
- *De trás do trem.*

- *O que ele merece?*
- *Assistir ao Ultraman*

*Superman, Zorro, Nacional
Kid, Jonhny Quest,*

*Vigilante Rodoviário, Três
Patetas, Flipper, James West*

*Perdidos no espaço, Lassie,
Os Monstros, Rin-tin-tin,*

*Bat Masterson, Bonanza,
Batman com o Coringa e o Pin-
güim,*

*Agente 86, A Feiticeira,
Jeannie é um Gênio, Tarzan,*

*Dr. Kildare, Daniel Boone,
Agente da U.N.C.L.E. e Shazan.*

*Zé Colméia, Mandachuva,
Ricochet, El Kabongue-Pepe-
Legal,*

*Corrida Maluca, Papa-Lé-
guas, Pantera Cor-de-Rosa, Pi-
ca-Pau,*

*Tartaruga Toucheé, Flinsto-
nes, Jetsons, Capitão América,*

*Donald, Mickey, Pardal, Me-
tralhas, Patinhas, Pateta,*

*Tom e Jerry, Pernalonga,
Patolino, Frajola, Mr. Magoo,*

*Hércules, Fantasma, Ho-
mem-Aranha e Scoobidoo.*

*Gibis, corte americano ou
escovinha.*

*Crivo, Bituca, bia-menor,
parque de diversão,*

*Pegar rabeira em ônibus ou
caminhão.*

*Patinete, bicicleta, carrinho
de rolemã,*

- *Domingo de manhã, sai
pra caçar rã.*

- *Sou bobo e sou feliz,
mais bobo é quem me diz.*

Acabou-se o que era doce.

(*) Cláudio Rogério Braco, membro da
Academia de Letras da Grande São
Paulo

Viva! O carteiro chegou! Dois antigos profissionais relatam as experiências vividas

Humberto Domingos PASTORE (*)



Duas vidas. Cada um oriundo de mundos distantes. Dois modos de pensar, mas que o destino tramou para que tivessem a mesma profissão. Um nasceu em São Caetano e é descendente de espanhóis. O outro nasceu em Piracicaba e é descendente de italianos. Um tem 60 anos. O outro 61. Um torce para o Corinthians e o outro para o Palmeiras. Um ainda reside no município, o outro em um bairro da capital. As diferenças acabam aí. No mais, seus mundos se igualam. Ambos são carteiros. Os dois possuem 45 anos nesta profissão. E a curiosidade maior: 37 anos atuando no Bairro Fundação.

Estamos falando de Francisco Cervan Frias, que foi admitido nos Correios e Telégrafos no dia dois de Dezembro de 1955, e de Luiz Nicoletti Sobrinho, que está na empresa desde o dia 27 de Outubro de 1955. Eles deram o depoimento que se segue, no dia três de Março de 2001, durante entrevista realizada no interior do Museu Histórico Municipal de São Caetano do Sul.

Francisco foi registrado na empresa com 15 anos, mas desde os dez já estava envolvido com as correspondências. É ele quem nos conta como foi: *Por volta de 1950 não existia o serviço de entrega de cartas nas residências. As pessoas é que saíam de suas*



casas e se dirigiam até um local que era denominado Posta-Restante, onde as cartas eram colocadas em caixinhas identificadas pelo primeiro nome. E ali perguntavam se havia chegado alguma correspondência. Dessa forma as pessoas eram obrigadas a irem diariamente ao local até poder pegar a sua carta. As decepções eram em grande número, sem contar a perda de tempo.

Continuando: Naquele tempo deveria ter só meia dúzia de carteiros na cidade. Um deles era o João Antônio de Medeiros, que mais tarde viria a se candidatar e a se eleger vereador por São Caetano. Ele abriu um Posta-Restante numa das salas de sua casa, na Rua Manoel Augusto Ferreirinha, no Bairro Nova Gerti. Nesse período, eu estudava no Grupo Escolar Padre Alexandre Grigoli, e recebi um convite que veio modificar a minha vida. O Sr. Medeiros sugeriu que após a aula eu fosse até a sua ca-

sa e lá pegasse as cartas para entregar nas residências. Por este serviço o beneficiado pagaria a quantia de 200 réis. Metade ficava comigo e os outros cem réis eu entregava para a esposa do "seu" Medeiros, que atuava como uma administradora do setor.

Nem é preciso dizer que o jovem Francisco aceitou a proposta e no dia seguinte já estava em seu novo posto. Anos depois, quando surgiu uma vaga na agência, Medeiros não pensou duas vezes em indicá-lo para o posto, o que lhe permitiu trabalhar com os carteiros Valdemarzinho e Rodriguero. Outra curiosidade está no fato de o Medeiros ter sido carteiro no Bairro Fundação e ter passado, anos mais tarde, esse mesmo setor para o seu então pupilo: Francisco.

MENSAGEIRO - Luiz tinha 16 anos. Fazia três anos que sua família tinha se mudado do interior do estado para São Caetano do Sul. Soube da existência de uma vaga para estafeta do Correio. Dessa forma ele se tornou o primeiro mensageiro de São Caetano. Sua função era entregar telegramas. As empresas tinham adotado a prática de efetuar cobrança bancária através dos telegramas que eram entregues nas residências. Segundo Luiz, que cobria o trecho desde a Rua Espírito Santo até o Bairro São José (inteiro), o estabelecimento que mais se utilizava desse meio era o grupo das Lojas Assunção.

Por volta de 1955, os carteiros de São Caetano eram responsáveis também pela entrega das correspondências das vilas



Luiz Nicoletti
Sobrinho quando
do depoimento
no Museu
Histórico
Municipal

vizinhas, como Alpina, Califórnia, Bela e até Parque São Lucas. A tenra idade dos novatos carteiros fazia com que brincassem também na hora do serviço. A diversão predileta, contada por Francisco, consistia em, mesmo carregando a sacola com os telegramas nas costas, subir na porteira do trem e ficar se balançando (isso antes de galgarem a escadaria e rumar para o Bairro Fundação).

Luiz também se recorda com saudade do fato de as casas não terem muros (possuíam, no máximo, uma cerquinha de madeira). Os jovens carteiros eram autorizados pelos proprietários das residências a entrar no terreno a fim de pegar as frutas diretamente das árvores, mesmo que não fossem ali entregar alguma carta.

Francisco fala com carinho especial da sua profissão. Teve oportunidade de subir na carreira, e diversas vezes foi convidado a chefiar posto, mas sempre recusou. Desde a entrega da primeira carta, só tinha um objetivo: ser carteiro, e não trocaria isso por nada na vida. *Sou de um tempo em que o carteiro era realmente respeitado por todos. Éramos como qualquer outro agente federal. Assim como tinha prestígio o representante da Marinha, do*

Exército e da Aeronáutica, o carteiro tinha um status elevado, apesar de ser civil.

Valorizando esse reconhecimento, Luiz relembra do carteiro Ismael de Oliveira, que vinha diariamente de Pirituba, onde morava, e que não faltou um só dia no serviço. Ele abria o Correio e ficava esperando o trem chegar com o malote, que era trazido em suas costas até a sede central. Havia também um segundo profissional, com idêntica dedicação, chamado Andreliño Lopes.

Era um tempo diferente. Francisco também nos lembra que, ao contrário de hoje, quando temos em São Caetano várias unidades do Correio, até mesmo algumas que funcionam na forma de fran-

quias, naquela época só existia um Correio central. Funcionou em vários endereços: Rua Santo Antônio, depois Rua Pará e, anos mais tarde, na Rua Baraldi. Foi para a Rua Amazonas, em seguida para a Alameda São Caetano, e agora retornou para a Rua Amazonas.

Luiz também falou das dificuldades: *Naquele tempo era terrível. Existiam muitas casas com o mesmo número, ou então eram denominadas só por número e letra. Por exemplo: rua 10 A, 10 B, 10 C. Imagine quando o remetente escrevia apenas "casa 10". Nós tínhamos que ficar batendo em todas até achar a correta.*

Já Francisco fala de um outro problema, o do estado precário das ruas: *Eram na maioria de terra. Quando chovia era aquele lamaçal. Os ônibus, que eram conhecidos por jardineiras, não iam até os bairros. Mesmo sem chuva, eles só chegavam até a Rua Gonzaga. Depois, até a Rua Ingá, no começo da Visconde de Inhaúma. Era o máximo que dava para chegar. Nós tínhamos o cartão-passe, que permitia usar o transporte de forma gratuita, mas o restante do caminho era feito mesmo a pé. Para se ter uma idéia, até a região central sofria com essa situação precária. Basta dizer que o terreno on-*



Francisco
Cervan Frias
quando do
depoimento
no Museu
Histórico
Municipal

de está o prédio do ex-Cine Vitória era um grande brejo.

Se ambos reclamam das ruas de outrora, sabem por outro lado reconhecer que existia muito mais paz: *Antigamente não tinha violência. As famílias demonstravam mais facilmente suas emoções, toda a sua alegria. Eles gostavam da gente de uma maneira bastante verdadeira. Naquele tempo a maioria das cartas era remetida por familiares. Hoje é diferente. São, na quase totalidade, propagandas para vendas de produtos. Antes, quando chegava uma carta de um outro país, era uma choradeira só. Os espanhóis eram os mais sensíveis. Eles nos aguardavam com muita ansiedade e sempre gritavam ao nos ver: "carteirito, carteirito". E as gorjetas também eram sagradas. O curioso é que não entregávamos apenas uma carta, a gente entregava dez, quinze de uma vez em cada casa. Era uma para cada morador do local. Só que as gorjetas também eram individuais. A gente saía, com o dinheiro, correndo para comprar barras de chocolate da Pan.*

CURA - Francisco recorda também de uma emocionante passagem: *Teve uma ocasião, quando o correio era na Rua Pará e a chefe do correio era a dona Leonor (...) Certo dia, numa tarde entrou um espanhol gritando muito e ninguém entendia o que ele queria dizer. Como eu era o único que sabia falar a língua espanhola, dona Leonor foi me chamar para conversar com o explosivo cidadão. Fui acalmando-o, fazendo perguntas, e acabei por descobrir que ele estava esperando algumas cartas da Espanha, mas que elas nunca chegavam. Para piorar, sua mãe estava de cama, chorando angustiada pela falta de notícias de*

seus familiares. Por sorte, vim a saber que ele morava bem próximo de minha casa. Expliquei que assim que chegasse alguma correspondência levaria imediatamente. Por sorte no dia seguinte chegaram as tão sonhadas cartas e pude trazer de volta o sorriso no rosto de sua mãe. Aliás, aquela mulher saiu rapidinho da cama. A leitura das cartas trouxe-lhe ânimo, deixando-a curada.

Francisco tem mais uma história para contar. Certa ocasião, dentro do Bar do Mineiro, no Bairro Nova Gerti, um funcionário da antiga empresa de eletricidade se gabava de saber onde estavam todas as ruas de São Caetano. Meus amigos ficaram atirando até que resolvemos apostar uma caixa de cerveja. Eu lhe disse que ele poderia perguntar sobre 20 ruas e que eu só queria saber de uma. Ele riu e pensou que venceria fácil. Só que respondi a todas as perguntas de forma correta e, quando lhe perguntei onde ficava a Rua Vitória, ele gaguejou e não soube informar. Teve que pagar as cervejas enquanto eu lhe explicava que a mesma ficava próxima ao Fórum da cidade, entre a Rua Porto Calvo e a Estrada das Lágrimas.

Mais numerosos do que os

Francisco e Luiz durante entrevista realizada no Museu Municipal



Museu Histórico Municipal

poucos de antigamente, hoje estão em ação cerca de 50 carteiros. O número de mensagens também aumentou. São 120 mil itens diários que precisam ser entregues. E não pense que é só chegar, pegar as cartas e ir embora. Antes é preciso separar por rua e, dependendo da direção, colocar em ordem crescente ou decrescente. Como informação complementar, citamos que, para ser carteiro, é necessário ter o segundo grau completo e passar em concurso público. O salário gira em torno de 500 reais. Hoje cada carteiro anda em média 15 quilômetros por dia. Antes chegou-se a 30. Em cada viagem o peso do malote não pode exceder a 12 quilos. Para isso, existe o DA - Depósito Auxiliar -, que tanto pode ser uma padaria, uma farmácia, ou outro estabelecimento similar, e que é o ponto onde os atuais motoqueiros deixam os fardos com a nova remessa de correspondências a ser entregues aos destinatários.

(*) Humberto Domingos Pastore é jornalista. Atualmente dirige o Museu Histórico Municipal de São Caetano do Sul



Fundação Pró-Memória

Ângelo Tomazella em depoimento à Fundação Pró-Memória

A trajetória quase ininterrupta dos 80 anos de Ângelo Tomazella na cidade

Ângelo Tomazella, nascido em 30 de Janeiro de 1921, na Rua Perrella, em São Caetano, tem um cuidado especial pela conservação da memória. Em algumas pastas, guarda documentos da família. Origem do nome, chegada dos primeiros imigrantes, certidão de casamento dos pais, enfim, papéis que permitem reconstituir a trajetória dos Tomazellas na cidade. Boa parte desse caminho, ou seja, 80 anos, foi percorrida por ele. Na prática, aqui esteve durante toda a vida. Quando ainda era bem pequeno, passou breve período em Santo André, onde o pai montara olaria. No fim dos anos 20, pressionados por dificuldades econômicas, Ângelo e os familiares foram para José Teodoro (hoje Comarca de Martinópolis), no interior paulista. Aí passaram três anos, retornando, depois, a São Caetano. De cada momento, da infância à maturidade, Ângelo Tomazella guarda recordações. Alguns episódios, ricamente detalhados, permitem que um quadro das décadas entre 30 e 80 - período em que cresceu, atuou e retirou-se dos afazeres - seja delineado.

TOMAZELLA - O correto é To-

masella, como está explicado nos documentos da família, e não Tomazella, grafia que acabou sendo consagrada devido a um erro nos registros. Com efeito, eram muito comuns problemas desse tipo; aliás, até hoje alguns enganos são cometidos. Além disso, a desordem na averiguação das informações e a falta de atenção e cuidado em relação a certidões

de nascimento, testamentos e afins provocaram e provocam inconvenientes.

Eu tinha um tio. Ele se chamava Domingos Luiz Giacomini (...) O padrinho que o batizou - e o padrinho, na época, era como um segundo pai -, porém, se chamava Ângelo (...) Desde então, começaram a chamar o menino de Angeliinho (...) Foi ficando (...) Nunca ninguém falou para ele que o seu nome era Domingos Luiz Giacomini (...) Foi para a escola como Ângelo Giacomini (...) Casou, comprou propriedades, tudo como Ângelo Giacomini (...) Um dia, o Otávio Tegão, que era íntimo da família, olhando os livros, não sei por qual graça divina, exclamou: "Alguns coisa está errada!" (...) Mandou chamar o meu tio. Perguntou: "Como é o teu nome?". A resposta: "É Ângelo Giacomini, você está cansado de saber" (...) E o Otávio Tegão retrucou: "Não, teu nome é Domingos Giacomini" (...) O outro falou: "Como pode ser isso?" (...) Foi preciso providenciar outra documentação, pois Ângelo Giacomini não existia. Quem existia era Domingos Giacomini!, exclamava, entre risos, Ângelo Tomazella. E



Ângelo Tomazella

Ângelo Tomazella, Izalina Speratte Tomazella e sua irmã Tereza Tomazella, (ao fundo) na Rua Direita, São Paulo, em aproximadamente 1943

acrescentou, reforçando o argumento da falta de ordem vigente no campo dos registros em cartórios, o caso do pai: *Meu pai se chamava Antônio Tomazella (...) Depois de um tempo, passou a se chamar Antônio João Tomazella (...) Não sei de onde tiraram esse João (...) Passaram-se alguns anos, e surgiu um Ignácio (...) Meu pai virou Antônio João Ignácio Tomazella (...)*

Antônio João Ignácio Tomazella, nascido em São Caetano, na Rua Rio Branco, era filho de Ângelo Tomazella, primogênito de Francesco Tomazella, imigrante italiano que veio para o Brasil no dia primeiro de Março de 1888. No Memorial do Imigrante, constam os seguintes dados: *Francesco Tomasella (está grafado com s), marido, italiano, 63 anos, casado. Ângelo Tomasella, filho, italiano, 17 anos, solteiro. Ângela Tomasella, esposa, italiana, 50 anos, casada. Luigi Tomasella, filho, italiano, 21 anos, solteiro. Vindos no navio S. Martino, chegando em primeiro de Março de 1888. Há um erro nessas informações. Ângelo Tomazella, filho de Francesco, conforme documento expedido na Itália, nascera em 20 de Julho de 1866, ao passo que Luigi era de seis de Janeiro de 1870. O mais velho, portanto, com 21 anos, era Ângelo.*

Em Fevereiro de 1892, o italiano Ângelo Tomazella casou-se com Tereza Perin. Da união, nasceram sete filhos: Angelina; Francesco (que morreu novo, vítima de um acidente de trabalho); Antônio João Ignácio; João; Paulo; América e Helena. Antônio João Ignácio Tomazella casou-se com Ana Luíza Giacomini. Tiveram os filhos Ângelo, Adalfe, Idamis e Tereza Iole.

VIDA - A vida de Ângelo Tomazella, filho de Antônio João Ignácio Tomazella e Ana Luíza Gia-

comini, teve início em uma casa da família Dalcin, situada na Rua Perrella. Uma das primeiras recordações de infância é a Escola Sete de Setembro, que ficava na Rua Goiás, uns 50 metros depois da Amazonas, no sentido de Santo André. Tem nítidas, também, as figuras das professoras: *dona Rita e dona Escarlina (...) Moravam na Rua Alegre, numa casa alugada (...) Quando alguém fazia bobagem, por exemplo, não fazia a lição direito, a dona Rita, que era muito severa, pegava o caderno do infeliz, pendurava-o nas costas do mesmo, e deixava o aluno encostado na janela (...) As janelas dos prédios antigos eram altas (...) Passavam uma porta (...) Assim, aqueles que, lá de baixo, viam o baita zero em vermelho, escrito no caderno, diziam: "Oi, burro!" (...) Mas não tinha problema, o pessoal não lixava muito para isso.*

Dos tempos de menino, Ângelo Tomazella tem inúmeras lembranças. A paisagem, a diversão dos garotos, além de outras imagens, foram relatadas ponto a ponto: *- Havia muito terreno vazio (...) Tinha o Bairro Fundação (...) Mais para cima, estavam as terras da minha avó (...) Ali na Goiás, perto do Colégio Santo Antônio (hoje Externato Santo Antônio), existia uma fábrica de formicida chamada Elekeiroz (...) Então, antigamente, o bairro todo se chamava Vila Elekeiroz (...)*

Na década de 20, São Caetano era marcada por aspectos predominantemente rurais. A industrialização estava no início, e as fábricas, como a de formicidas do grupo Elekeiroz, não eram tão comuns quanto as olarias. As ruas, de terra, formavam, com os rios limpos e as muitas árvores frutíferas, uma paisagem bucólica.

- Entre as ruas Augusto de To-

ledo e Oswaldo Cruz havia um riozinho (...) Hoje está canalizado (...) Toda a mulherada ia lavar roupa ali (...) O rio passava onde hoje é o Bonifácio de Carvalho (...) Existia um encanamento que, pegando a água do rio, a levava até à estação (...) Ali se vendia água mineral (...) Você podia comprar um garrafão por 200 réis (...) Beber, podia quanto quisesse (...) As torneiras estavam lá, era só se servir (...) Todo mundo bebia daquela água.

O ambiente calmo, com trânsito raro e pouco concreto, era propício às brincadeiras das crianças. Todo tipo de divertimento de rua era realizado, desde os jogos de futebol até o jogo de pica (semelhante ao que os garotos chamam hoje de taco). *Nos reuníamos, geralmente, na Rua Santa Catarina. A gente fazia duas casinhas de madeira, cada uma com três pauzinhos encostados um no outro (...) Uma casinha ficava afastada da outra (...) Em cada uma delas estavam duas pessoas (...) Uma ficava na frente, com um cabo de vassoura, e a outra atrás da casinha. O objetivo de quem estava atrás era derrubar a casinha oposta com um pedaço de cabo de vassoura, afinado nas pontas. Quem estava na frente, defendia a casinha dando uma cacetada, com o taco que tinha na mão, no pedaço de madeira arremessado (...) Se o cara conseguisse mandar longe a madeira, então corria de uma casinha para a outra, marcando um ponto a cada volta.*

Os campos de várzea, abundantes, permitiam a diversão de crianças, jovens e adultos. Não eram apenas os jogadores que se distraíam, mas um grande público acompanhava as pejejas. Ao redor do gramado, as pessoas vibravam com os lances. *Onde hoje é o Bonifácio de Carvalho, lembrou*

Ângelo Tomazella, *havia dois campos de futebol. Um era do Saldanha da Gama, o outro era do Monte Alegre (...)* *Eram fechados, circundados por caibros (...)* *A torcida ficava ao redor dos caibros (...)* *Um dia, sentei atrás de um dos gols (...)* *O cara mandou um chute, que me pegou no nariz, e eu caí para trás (...)* *Fiquei uma semana com o nariz que parecia uma batata (...)* *Nunca mais sentei atrás das traves.*

O aspecto rural da cidade compunha cenário adequado às brincadeiras com balões e aos roubos de fruta nos terrenos vizinhos. *O divertimento predileto era roubar frutas (...)* *Em tudo quanto é lugar tinha fruta, mas a do vizinho sempre era melhor (...)* *No fim da Rua Amazonas, havia um grande canavial, de propriedade do Marinotti (...)* *A farra da molecada era roubar a cana que o Marinotti usava para alimentar a mula (...)* *A famosa mula do Marinotti (...)* No tocante aos balões, *a gente fazia e soltava. Aqui era tudo campo aberto, não tinha problema (...)* *Lá pelas cinco da tarde, a meninada se reunia e ficava esperando (...)* *Eram quinze, vinte, trinta balões por dia.*

As pescarias também ocupavam o tempo dos sancaetanenses. O rio dos Meninos era limpo e piscoso. Refrescava os garotos nos dias quentes e fornecia, às várias famílias, mistura para o jantar. Rememorou Ângelo Tomazella: *No rio dos Meninos tinha tudo quanto é peixe (...)* *Minha mãe, às vezes, não sabendo o que fazer de mistura na janta, falava assim: "Angelinho, vai buscar quatro traíras" (...)* *Eu tinha um bambu, um barbante e um araminho, que funcionava como anzol (...)* *Pegava um pedaço de toucinho defumado, punha no anzol, e ia lá (...)* *Minha mãe dizia quatro, eram*

quatro que eu pegava. Outro método é descrito por Ângelo Tomazella. A mãe, por vezes, pedia-lhe para trazer duas ou três dúzias de lambaris. O menino pegava uma enxada e dirigia-se aos cupinzeiros, que ficavam próximos à Estrada das Lágrimas. Dava um golpe na morada dos cupins e pegava os siriris (cupins com asa). *Pegava um monte deles e colocava num copo de vidro, pois assim eles não voavam (...)* *Depois, espetava um siriri no anzol e lançava na água (...)* *Eram duas ou três dúzias de lambaris em questão de quinze minutos.*



Em frente à casa onde nasceu, na Rua Rio Branco, Ângelo Tomazella, à esquerda, acompanhado de Orestes (?), (?)

A descrição das pescarias foi complementada com a exposição de um terceiro método. Nas palavras de Ângelo Tomazella: *Às vezes, meu pai dizia: "Angelinho, vai lá no Zeca Foguetreiro" (...)* *Era um vendedor de fogos que ficava encostado da Igreja de São João Clímaco (...)* *Com dois mil réis eu comprava dois cartuchos de dinamite, quatro peças de estopim e quatro espoletas (...)* *A dinamite é um cartucho de mais ou menos uma polegada de espessura e uns dez centímetros de comprimento (...)* *Ao chegar em casa,*

cortava o cartucho ao meio, pegava a espoleta e colocava na dinamite - que era como uma massa vermelha (...) *Punha o pavio dentro da espoleta (...)* *Depois, apertava aquela massa e amarrava tudo na metade de um tijolo (...)* *Ia para o rio (...)* *Onde o rio faz a curva, você acende o estopim e joga a dinamite dentro da água (...)* *Uns 50 metros lá para baixo, fica alguém com uma peneira, amarrada num bambu (...)* *Então, a gente ouve o estouro, abafado pela água (...)* *Os peixes vêm todos à tona, mortos (...)* *Dois tiros, um saco de peixes.*

Muitas dessas memórias de infância datam da época em que Ângelo Tomazella morou na Vila São José. Por volta de 1927, o pai abriu um armazém e uma olaria no local. Dois anos depois, porém, devido a dificuldades financeiras, a família viu-se obrigada a deixar São Caetano. Antônio João Ignácio Tomazella resolveu montar uma cerâmica de telhas em José Teodoro. Na cidade, entretanto, não permaneceram por muito tempo, visto que, em 1932, voltavam a São Caetano. Contudo, os anos passados no interior são revividos com bastante gosto.

- Por vezes, conseguia mais dinheiro do que meu pai (...) *Às cinco e meia da manhã, levantava e ia para a estação carregar as malas dos viajantes (...)* *Se algum deles ordenasse: "Grande Hotel!", eu respondia: "Sim, senhor!" (...)* *Eu sabia que ele iria me dar um dinheirinho (...)* *Volta e meia, me perguntavam: "Você conhece uma pensão baratinha?" (...)* *"Conheço", dizia eu (...)* *Cada viajante que levasse a uma determinada pensão, eram quinhentos réis pagos a mim pelo dono do estabelecimento (...)* *Junto com a gorjeta do turista, havia dias em que acabava com mil e quinhentos réis.*



Terceiro à direita, em primeiro plano, Ângelo Tomazella participa com os colegas da festa de confraternização da Ford Taboão, em São Bernardo

Outro artifício de Angelinho para aumentar os lucros era vender gralhas, fazendo-as passar por excelentes cantoras. *A noite, lá pelas sete horas, ia vender passarinho no trem (...)* Passarinho, onde eu morava, a gente pegava de monte (...)
Eu capturava muitas gralhas (...) A gralha é um pássaro bonito, grande. A cor das costas é preta, o peito é branco, e o penacho, azul (...)
Mas o bicho não canta, só grasna (...) No trem, eu oferecia: "Vai um passarinho para a sua mulher?" (...)
 O sujeito perguntava: "Ele canta?" (...)
 "Pelo amor de Deus, como canta! Vai levar? Mil réis!" (...)
 Era difícil não vender uma ou duas gralhas (...)

O garoto não se preocupava apenas em ganhar dinheiro, mas também em economizá-lo. Quando o circo vinha para o interior, de imediato arranjava um modo de assistir de graça ao espetáculo: - "Quero falar com o dono do circo!" (...)
 Me levavam até o homem. Eu dizia: "O senhor vai precisar de um moleque para fazer propaganda?" (...)
 O cara falava: "Por quê?" (...)
 Eu rebatia: "Porque estou acostumado a fazer isso" (...)
 No dia da estréia do circo, me davam um bumbo, que eu pendurava no pescoço, e saíamos pe-

las ruas, palhaços, bichos e outras atrações, fazendo a propaganda do evento (...)
 A entrada estava garantida (...)

As molecagens feitas em José Teodoro não se estenderam por muito tempo. Em 1932, Ângelo Tomazella retornava à cidade natal, indo morar, temporariamente, com a avó Marina Giacomini, na Rua Rio Branco. Nesse ínterim, o pai construía a casa na Rua Piauí. Depois, voltei para São Caetano. Fui morar na Rua Rio Branco, na casa da minha avó (...)
 Então, fui estudar no Senador Flaquer (...)
 Eu tinha uns 11 ou 12 anos (...)
 Ao mesmo tempo, trabalhava no Aliberti (Fábrica de Botões Aliberti) (...)
 Ia para a escola de manhã e, à tarde, ia bater coco no Aliberti (...)
 Era um coco que vinha lá do Ceará (...)
 Meninos, meninas, mulheres, todos trabalhavam (...)
 Para ganhar mil réis, era preciso descascar um monte de coco (...)
 Após isso, as frutas iam para um lugar onde só havia homens (...)
 Eram cortadas em sete fatias (...)
 Cada fatia, um botão (...)
 Fatia grande, botão grande, fatia pequena, botão pequeno (...)

Ao completar 14 anos, Ângelo Tomazella passou a trabalhar como furador de botões. Em seguida, começou a fazer botões de ma-

dreperola. Aos 18 anos, deixou a Aliberti. Foi trabalhar como mecânico nas Indústrias Reunidas Francisco Matarazzo. Durante alguns anos, permaneceu nessa função, até que, ao reivindicar melhorias salariais, envolveu-se em uma greve e acabou demitido. *Eu ganhava 3500 réis por hora (...)* Eu já era casado, e achava que isso era muito pouco (...). De fato, Ângelo Tomazella, aos 21 anos, casara-se com Isalina Speratte. Da união, nasceram os filhos Marli, Ariadene e Cleiton.

Buscando melhores salários, com vistas ao bem-estar da família, foi procurar trabalho na General Motors. *Fui até a General Motors procurar emprego (...)* O chefe da oficina era um tal de Jorge Diabo (...)
 Ele me disse: "O senhor sabe fazer ferramentas?" (...)
 Eu disse: "Sei" (...)
 Ele continuou: "Estou precisando de um homem que saiba fazer ferramentas (...)
 Se você fizer uma, o emprego é seu" (...)
 Respondi: "Se o senhor me der o desenho, eu faço" (...)
 A ferramenta saiu perfeita, e o Jorge Diabo me levou para falar com um americano, cujo apelido era Boiadeiro (...)
 Os dois começaram um palavrório em inglês (...)
 Eu não estava entendendo nada (...)
 De repente, o boiadeiro virou e disse: "O senhor quer trabalhar na General Motors?" (...)
 "Quero" (...)
 "Quanto o senhor quer ganhar?" (...)
 "Quanto o senhor pode me oferecer?" (...)
 "Cinco mil réis por hora, tá bom?" (...)
 Orra! Quase morri do coração! (...)
 "O senhor quer que eu comece já?" (...)
 "Não, não, amanhã, amanhã" (...)
 Voltando para casa, Ângelo Tomazella surpreendeu a esposa: "Mulher, arrumei um emprego. Adivinha quanto eu vou ganhar?" (...)
 Ela foi dizendo, até chegar nos quatro mil por hora (...)
 "Nada disso, vou ganhar cin-

co paus por hora" (...) "Ângelo, nós vamos ficar ricos!"

Tempos depois, corria a notícia, entre os trabalhadores de indústrias, de que a Fichet Schwartz Hautman, empresa especializada em estruturas metálicas, situada em Santo André, estava pagando seis mil réis por hora. Entusiasmado com a nova, Ângelo Tomazella saiu da General Motors. *Fui para a Fichet, em Santo André, para ganhar seis mil por hora (...) Mas não gostei do serviço (...) Saí de lá e fui para a Ferro Puro (...) Trabalhei aí por um tempo, e então fui para a Souza Noschese, no Brás.*

A maneira como foi admitido na firma do Brás ficou marcada em sua memória. Ao chegar na indústria, perguntaram-lhe se sabia mexer com fundição. Respondeu que não, e tomou o rumo de casa. No meio do caminho, resolveu voltar e pedir para ver o serviço. Isso feito, comentou com o engenheiro que lhe apresentava a fábrica: *"Engenheiro, se quiser acreditar em mim, acredite, se não, tanto pior (...), mas eles estão fazendo tudo errado"*. Fazia seis meses que os homens estavam trabalhando em uma placa, e o serviço não acabava. *"Errado!? E em quanto tempo você terminaria a obra?" (...) "Em 90 dias, desde que o senhor compre tudo o que eu pedir"*. O engenheiro concordou, e Ângelo Tomazella pôs mãos à obra. Antes do fim do prazo, a placa estava pronta. Semanas mais tarde, o chefe da seção foi mandado embora. Outros, de imediato, fizeram-lhe companhia. Um dia, disseram a Tomazella: *"O engenheiro quer falar com você"*. Ele entrou no escritório, debochando: *"Engenheiro, pode falar, minha conta já está feita?"* Para sua surpresa, ouviu como resposta: *"Não, não, você*

agora vai ser o chefe da seção. Você sabe trabalhar, rapaz" (...) Ganhei até um aumento, complementou.

Todavia, o contato diário com metais pesados prejudicava-lhe a saúde. A poeira do cobre, espalhando-se por toda a pele, causava-lhe fortes coceiras. Resolveu deixar o local. Logo arrumou trabalho nos Brinquedos Bandeirantes de onde, sem perspectivas de melhorias financeiras, rapidamente saiu. *Ainda quando trabalhava nos Brinquedos Bandeirantes, já procurava emprego folheando o jornal O Estado de São Paulo (...) Certa vez, encontrei um anúncio: "Precisa-se de chefe de estamparia. Tratar com Máquinas Benix" (...) Às cinco da tarde, ao sair do serviço, passei na Benix e conversei com o pessoal (...) Me disseram que eu tinha um belo currículo, mas o emprego já estava reservado (...) No entanto, tudo dependia de uma coisa, isto é, se o fulano indicado iria ou não sair de onde estava (...) Se ele não pegasse o trabalho, a vaga era minha (...) Pediram para eu ligar na outra semana (...) Telefonei (...) O emprego era meu (...) Lá fiquei por sete anos.*

Todos esses anos de trabalho, mudando de emprego constantemente, foram passados em São Caetano (isto é, Ângelo Tomazella morava na cidade). Na época em que estava na ativa, o ferramenteiro - profissão que exercia - era extremamente valorizado. Visto que o serviço exigia conhecimento e técnica, esses profissionais sempre foram bem pagos e requisitados. A ocupação, contudo, com o passar dos anos foi sendo substituída pelas máquinas, bem como grande parte das funções dentro das indústrias, e, com isso, veio a desvalorização. Naquele tempo, entre-

tanto, um trabalhador tão gabaritado não ficava desocupado:

Ao sair da Benix, fui para a Ford (...) Não esquentei o lugar, pois, quando o Jânio entrou, as fábricas deixaram de produzir (...) Deu uma caída (...) Como eu era novo na firma, fui dispensado. De fato, o conturbado clima político, durante o governo de Jânio Quadros, dentro de um discurso populista, com ares nacionalistas, teve reflexos na economia, provocando desconfiança nos investidores estrangeiros. Saindo da Ford, Ângelo Tomazella foi para a Pirelli. No cargo de chefe de manutenção, permaneceu na firma italiana por 12 anos. E aposentou-se.

- *Agora minha profissão é a de aposentado, comentava, segurando nas mãos um papel em que estavam escritas as normas que um aposentado deve seguir: Ame a sua cama, ela é o seu templo (...) Se vir alguém descansando, ajude-o (...),* entre outras máximas. Morando sozinho em sua segunda casa (pois a primeira foi na Rua Pinheiro Machado, para onde se mudou após o casamento), na Rua General Osório, ainda demonstra vitalidade e bom humor. Ocupa-se com a história dos Tomazellas e com os vinhos de sua adega. *Eu estava fazendo umas sessões de fisioterapia, pois tive um problema na perna (...) Certa vez, uma mulher, que estava comigo na sala, perguntou: "O senhor está com a perna ruim? (...) Como faz para vir até aqui?" (...) "Venho a pé, minha senhora" (...) "A pé!? Mas não é possível! Quantos anos o senhor tem?" (...) "Tenho 80 anos" (...) "Não acredito! Meu marido tem 69 e está acabado!" (...) "Diz para ele, dona, tomar um copo de vinho por dia!"*. (Depoimento de Ângelo Tomazella à Fundação Pró-Memória no dia 23 de Janeiro de 2001)



Fundação Pró-Memória

Jean Wild em depoimento à Fundação Pró-Memória no dia 12 de Janeiro de 2001

O alemão Jean Wild finca raízes no município

Jean Wild nasceu em Catari-
na, Alemanha, a 18 de Se-
ntembro de 1922. No início da
década de 50, desembarcou na
Ilha das Flores, Rio de Janeiro,
dirigindo-se, em seguida, à cida-
de de São Paulo. Na seqüência,
veio para São Caetano, estabele-
cendo-se, fincando raízes. O
marco divisório entre os anos de
Europa e a vida no Brasil é re-
presentado pelo fim da Segunda
Guerra Mundial. A juventude
passou nas trincheiras, lutando
pela Alemanha em território rus-
so. Como milhares de moços
germânicos, filhos de uma pátria
economica e politicamente debi-
litada pela Primeira Guerra
Mundial, acatou os discursos de
Hitler, porque via o país crescer,
ainda que alicerçado em armas.
Não deixou, porém, de perceber
o ódio que emanava da alma do
líder nazista. Disciplinado ale-
mão, Jean Wild não se opunha a
Adolf Hitler, mas nem por isso
compartilhava do seu revanchis-
mo (mesmo que, magoado,
lamentasse a ocupação das cida-
des alemãs, por tropas francesas
e inglesas, durante o conflito que

durou de 1914 a 1918).

Amadurecido, chegou a São
Paulo. Em São Caetano, consti-
tuiu família, sustentando-a com o
trabalho que sempre exerceu por
conta própria: a fotografia. Criou
três filhos, os quais, junto com a
esposa, ajudaram-no a tocar o la-
boratório fotográfico que mante-
ve por 46 anos: o Foto Ideal (ini-
ciado, em 1953, na Rua Rio
Grande do Sul, e transferido, oito
anos depois, para a Rua Manoel
Coelho). Em 1999, o local foi
alugado. O imigrante alemão
aposentava-se.

EUROPA - Em 1922, ano do
nascimento de Jean Wild, a Ale-
manha vivia as desastrosas con-
seqüências da Primeira Guerra
Mundial. As potências vencedo-
ras submetiam-na a um tratado
de paz humilhante: cessão de
territórios, pagamento de altas
indenizações e desarmamento.
As grandes cidades - Berlim,
Munique, etc. - estavam arrasa-
das, bem como a economia do
país, e os alemães tinham ape-
nas as ruínas da nação como
apoio para um recomeço. Mui-
tos locais haviam sido, ou esta-

vam sendo, ocupados pelos
exércitos vitoriosos.

Os discursos de Adolf Hitler,
inflamado orador, canalizavam
as mágoas remoídas do povo
humilhado. *Ele tinha um senti-
mento de vingança contra as
forças européias que, ao fim da
Primeira Guerra Mundial, sub-
jugaram a Alemanha. A verdade
é que todo o povo estava ma-
goado com isso*, ressaltou Jean
Wild. Com Hitler cresciam o ra-
dicalismo e o Partido Nacional
Socialista, ou Nazista.

O orador austríaco cativou o
povo. Os nazistas assumiram o
controle da situação. A econo-
mia falida recebia impulso com
a produção de armas. *Os ale-
mães, não deixando nada trans-
parecer para o resto da Europa,
começavam a fazer armas pesa-
das. Todo mundo se ocupava
com isso (...)* Corria até mesmo
o boato de que eram os america-
nos que patrocinavam toda a
produção. Tamanha preparação
não era à toa. A Polônia foi a
primeira a ser invadida. Sucessi-
vamente, grande parte do Conti-
nente Europeu recebia a investi-



Fundação Pró-Memória

Aspecto externo do estúdio do Foto Ideal na década de 60

da dos nazistas. No início dos anos 40, Bélgica, Holanda e França haviam sido ocupadas pelas tropas germânicas.

Isso foi feito (a tomada dos territórios do continente) *para que os americanos não se apoderassem do chão europeu, atacassem a Alemanha e a derrubassem.* Os norte-americanos entraram na guerra quando a balança pedia para o lado nazista. As potências européias não conseguiam deter o avanço alemão. Paris estava ocupada. Londres chegou mesmo a ser bombardeada. Livres da ameaça de guerra em seu território, os yankees podiam suprir perenemente as tropas aliadas com soldados e armamento. Os alemães, ao contrário, tendo as fábricas atacadas, não conseguiam, com a mesma rapidez e profusão, reabastecer os exércitos. O conflito começava a ser decidido. *Eles* (os americanos), *apesar de tudo, ganharam terreno na Europa. Os bombardeios não deixavam que a Alemanha trabalhasse (...)* *O país foi estorvado pelas bombas (...)* *Em Maio de 1945, quando terminou a guerra, ocuparam a Alemanha inteira, frissou o imigrante.*

Por um ano e meio, após o

término das batalhas, Jean Wild foi feito prisioneiro. Os aliados, que haviam libertado os judeus dos campos de concentração, testemunhando as conseqüências da intransigência e da desumanidade, mantinham soldados alemães sob condições extremamente precárias: *Eu fui prisioneiro de guerra, durante um ano e meio, depois do fim da luta (...)* *Puseram a gente atrás de arames farpados e nos alimentaram mal (...)* *Eu só tinha pele e osso, e assim era todo mundo.* Aos poucos, os combatentes germânicos iam sendo libertados. Exaustos, não mais queriam guerrear. *O homem alemão, eu era um deles, não tinha mais interesse em pegar as armas e continuar a guerra (...)* *Estavam todos cansados dos vários anos de conflito, pontuou o ex-soldado.*

Como que esquecendo as lições ensinadas pela Primeira Guerra Mundial, os líderes europeus impuseram duro castigo ao povo alemão. A nação germânica foi dividida entre as potências vencedoras. *Os russos ficaram com a porção oriental. Ingleses, franceses e americanos retalharam a parte ocidental. Apesar da arbitrariedade da divisão, o ocidente da Alemanha oferecia*

maior liberdade do que o oriente. Os russos ocuparam a metade do território (...) *Depois veio o Muro de Berlim, pois milhões de alemães fugiram da brutalidade russa (...)* *Eles dominaram com força mesmo (...)* *Não foi brincadeira.* Catarina, cidade natal de Jean Wild, está situada na ex - Alemanha Oriental. De navio, o imigrante alemão, já perto dos 30 anos, veio para o Brasil, escapando da ditadura comunista dos soviéticos.

BRASIL - *O mais difícil era a língua, pois eu não falava Português (...)* *Aprendi, no dia - a - dia, umas tantas palavras (...), e fui juntando.* Sozinho e com dificuldades para se comunicar, Jean Wild desembarcou no Rio de Janeiro, de onde imediatamente veio para São Paulo. Na capital paulista, em poucos meses arrumou trabalho. Começou por tirar retratos de feirantes. Muitos deles eram imigrantes europeus e asiáticos que, entusiasmados com as fotografias, enviavam-nas aos parentes nos respectivos países de origem. Além disso, fazia fotos de peças industriais, a fim de que as mesmas, sendo vistas por diversos interessados, fossem mais facilmente vendidas. O emprego garantia-lhe o sustento, uma vez que o dinheiro trazido da Europa estava se esgotando. *Eu trouxe, naturalmente, algum dinheiro. Mas comi, paguei (...)* *E o dinheiro ia terminando (...)* *Procurei vários empregos, e o único que achei foi mesmo o de fotógrafo (...)* *Visitava indústrias, fotografando peças industriais (...)* *Também tirava retratos dos feirantes (...)* *Assim estive por quatro anos.* A clientela do retratista alemão foi sendo cativada desde esse tempo.

No período em questão, mantinha, por meio de cartas, contato



Fundação Pró-Memória

Jean Wild e esposa durante depoimento à Fundação Pró-Memória no dia 12 de Janeiro de 2001

com os familiares. A mãe e os três irmãos - um homem e duas mulheres - haviam ficado em Catarina. Durante os combates, o irmão faleceu. As irmãs, assim que puderam, deixaram a porção dominada pelos soviéticos. Passaram a residir na então chamada Alemanha Ocidental.

Afastado do lar, Jean Wild começou a estabelecer, no Brasil, o seu próprio núcleo familiar. Por meio de alguns clientes, para os quais fazia trabalhos fotográficos (registrava casamentos, festas de crianças, etc.), conheceu aquela que viria a ser sua esposa: Liselotte Metzger. A moça, nascida em Munique, pisou em solo brasileiro no ano de 1950. Foi morar com parentes, em São Caetano. Jean Wild, na mesma época (início da década de 50), graças a contatos com famílias germânicas residentes no município, veio morar na cidade. Jean e Liselotte casaram-se (na Matriz Nova) e tiveram três filhos: Matilde, Jorge e Mônica.

No Município de São Caetano, o alemão continuou a exercer a atividade de fotógrafo. Ao mesmo tempo em que tirava retratos de peças industriais, também se encarregava de fotografar casamentos, festas e comemora-

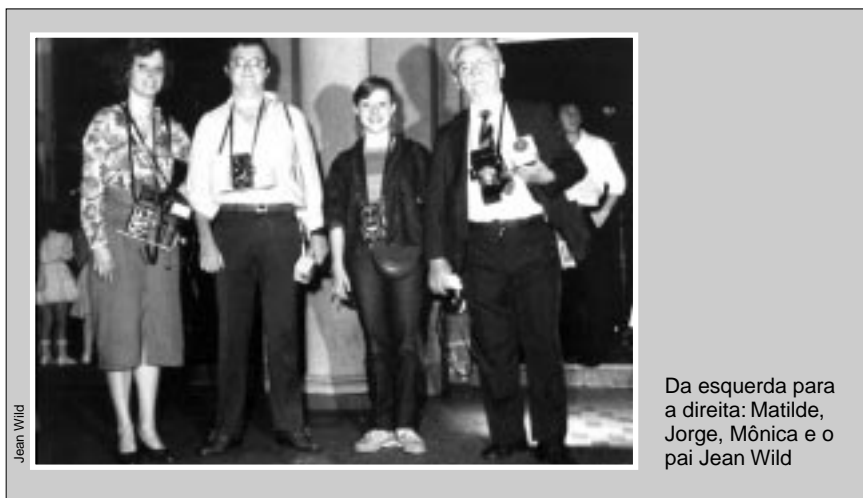
ções do gênero. Paralelamente, buscando publicidade, retratava tanto políticos locais como certas personalidades que, de um modo ou de outro, acabavam por relacionar-se com a cidade. Cedia as fotos aos jornais do município. Estes, publicando-as, nos créditos colocavam o nome de Jean Wild, tornando-o mais popular. *Trabalhei aqui na minha profissão (...)* *Pode-se dizer que eu era fotógrafo ambulante (...)* *Me deram serviço com peças de indústrias, para publicar nos jornais (...)* *Também tirava fotos de pessoas que se destacavam (...)* *Por exemplo, alguns políticos da cidade, e até mesmo a Marta Rocha (...)* *Não guardei nenhuma dessas fotografias (...)* *Eu as fornecia (...)* *Eram publicadas nos jornais, e isso ajudava na minha propaganda.*

No início da década de 50, precisamente em 1953, o imigrante alemão deixou de atuar como fotógrafo ambulante para ser um profissional estabelecido. Nesse ano, era fundado o Foto Ideal. Inicialmente situado na Rua Rio Grande do Sul, foi transferido, em 1962, para a Rua Manoel Coelho. Em 1999, os Wilds alugaram o negócio.

Enquanto discorreu sobre os

tempos de guerra, refletindo a respeito da situação da Europa de então, Jean Wild, desembaraçado, tecia comentários detalhados. No entanto, quando o assunto passou a ser ele mesmo, juntamente com as coisas que realizou após a chegada ao Brasil e o estabelecimento de família e trabalho em São Caetano, retraiu-se, não ficando muito à vontade nessa tarefa. O auxílio da esposa, então, foi fundamental: - *Jean, você falou sobre o Foto Ideal? Disse algo a respeito dos problemas com o padre?* Liselotte Wild, participando da conversa, rememorava com o marido os 46 anos de atividade profissional na cidade. Durante todo esse período, esposa e filhos ajudaram-no nas tarefas. Quando ele nada dizia, ela mesma se encarregava de relatar os acontecimentos:

- *Quando o Foto Ideal começou, em 1953, fazíamos álbuns de casamento. Os noivos vinham tirar fotos ali na Rua Rio Grande do Sul, e os táxis que os traziam acabavam por causar engarrafamentos. O povo não gostava, não é, Jean?* Jean Wild, concordando com um sinal de cabeça, acrescentava: *Eram entre 25 e 30 casamentos por sábado. Um episódio, ocorrido quan-*



Jean Wild

Da esquerda para a direita: Matilde, Jorge, Mônica e o pai Jean Wild

do os Wilds foram alugar, na Rua Rio Grande do Sul, o prédio em que por oito anos funcionou o laboratório fotográfico, foi lembrado por Liselotte Wild. Demonstrando agradecimento, disse: *Quando alugamos o imóvel, na Rua Rio Grande do Sul, o proprietário, Antônio Carvalho, confiando em nossa honestidade, permitiu que o negócio fosse fechado sem a presença de um fiador. Para nós, na época, que não conhecíamos muita gente, era difícil conseguir um fiador. Essa atitude do sr. Carvalho nos ajudou bastante.*

Para que os álbuns de casamento ficassem completos, era preciso que algumas fotos fossem tiradas na igreja. Foi então que, na Matriz Nova, houve problema com um padre. Liselotte Wild relembrou o episódio: *Os flashes das fotografias chamavam a atenção das pessoas. Elas eram atraídas pelas câmeras e deixavam de prestar atenção naquilo que o padre falava. Durante seis meses ficamos proibidos, junto com outros fotógrafos, de entrar na Matriz. O assunto só foi resolvido depois que um advogado publicou a história em um jornal. Em pouco tempo, os Wilds e demais fotógrafos, ga-*

rantidos pela polícia, voltaram a trabalhar normalmente.

Não apenas atividades externas eram realizadas por Jean Wild, esposa e filhos. Dentro do laboratório, além dos serviços necessários de revelação dos retratos, muitas vezes foram executadas tarefas que exigiam perícia e técnica. *Vários catálogos industriais, enviados ao Foto Ideal, foram coloridos manualmente. Não existia ainda o processo automático, por isso, precisávamos fazer desse modo. A mesma coisa também era feita com alguns retratos de pessoas,* contou Liselotte Wild.

DIÁLOGO - O monólogo de Jean Wild, a respeito dos tempos

em que foi soldado na Segunda Guerra Mundial, transformou-se em diálogo com a esposa, quando o assunto passou a ser a vida que fixou no Brasil. De fato, assim foi dividida sua existência. Num primeiro momento, combatente lutando pela sobrevivência, separado da família pela guerra, estava só. Dependia somente de seu próprio esforço, e sobre isso falou desembaraçadamente, pois ninguém mais poderia relatar suas memórias.

Numa segunda etapa, imigrante alemão fixando raízes no Brasil, casando-se e constituindo família, não estava mais só. Pessoas dependiam do seu trabalho, e a ajuda dos familiares não foi menos importante do que seu próprio esforço. Encontrou menos dificuldade para falar dos tempos de guerra do que dos de paz. Com efeito, o relato desses anos não seria completo apenas com o seu depoimento. Todas as lembranças do período foram divididas com esposa e filhos. O complemento era necessário. Liselotte Wild, dialogando com o marido, completou o relato do imigrante alemão. *(depoimento de Jean Wild e Liselotte Wild à Fundação Pró-Memória no dia 12 de Janeiro de 2001)*



Trabalho de Jean Wild para o Jornal de São Caetano. O mendigo e alcoólatra Portaberta posteriormente recuperou-se graças à ajuda do padre Êzio, da Igreja Matriz Sagrada Família

Fundação Pró-Memória



Ada Morelato, em depoimento à Fundação Pró-Memória, no dia 25 de Janeiro de 2001

Fundação Pró-Memória

Ada e Wilson Morelato, narradores da história da família

Ada e Wilson Morelato, tia e sobrinho, reservaram a tarde do dia 25 de Janeiro de 2001 para relembrar a trajetória dos familiares em São Caetano. Dos próprios punhos, anotaram alguns tópicos, a fim de não perderem o fio condutor dos discursos. Cada episódio, entretanto, dava espaço a recordações que não seguiam ordem cronológica. Wilson Morelato, buscando sempre exposição organizada dos acontecimentos, muitas vezes tocava em assuntos que eram vivamente detalhados por Ada Morelato. Assim foi quando falou a respeito do avô, Eugênio Primo Morelato, pai de Ada Morelato, ou ainda dos eventos protagoniza-

dos por Marcos Ângelo Morelato e Tereza Morelato, pais de Eugênio Primo Morelato, imigrantes italianos que, depois de muito viajarem pela Europa, em procura de boas condições de vida, acabaram por se instalar em definitivo no Brasil.

O mesmo ocorreu quando, juntos, reviveram os tempos da Padaria Central, estabelecimento criado por Eugênio Primo Morelato. Localizado na Avenida Conde Francisco Matarazzo, o negócio foi a base do sustento dos Morelatos em São Caetano. Os pães, doces, pizzas e outras iguarias permitiram o equilíbrio financeiro e patrocinaram o estudo de Antônio Marino Morelato

(filho de Eugênio Primo Morelato), cirurgião dentista formado pela Universidade de São Paulo. Tudo o que girava em torno da panificadora foi recordado: o sítio, que abastecia o empreendimento com variados produtos; o processo de feitura de pães e outros alimentos; o carteado nas dependências do lugar; os fregueses, que se relacionavam com os Morelatos; enfim, as vidas de Ada e Wilson Morelato, narradores da história da família.

INÍCIO - O patriarca, Marcos Ângelo Morelato, casado com Tereza Demari, já no século XIX veio para o Brasil, estabelecendo-se em Juiz de Fora, Minas Gerais. No local nasceu Eugênio



Wilson Morelato, em depoimento à Fundação Pró-Memória, no dia 25 de Janeiro de 2001

Fundação Pró-Memória

Primo Morelato, em oito de Abril de 1894. Quando o garoto tinha seis anos de idade, a família retornou à Itália. Outras quatro crianças nasceram após a volta: José, Dante, Marino e Pedro. Miguel e Maria Morelato nasceram quando da vinda definitiva ao Brasil.

A terra natal de Marcos Ângelo Morelato, entretanto, estava abalada, política e economicamente, pela Primeira Guerra Mundial. Acossados pela miséria, os Morelatos migraram para a França. Na seqüência, partiram para a América do Norte, ficando por um tempo nos Estados Unidos e no Canadá. *Meu pai Eugênio, comentava Ada Morelato, foi criado na Itália (...) Lá havia muita miséria (...) Por isso, meus avós saíram de lá (...) Depois de um tempo, foram para o Canadá (...) Trabalharam nas estradas de ferro, e o meu pai, com oito anos de idade, foi contratado para levar água aos trabalhadores (...) Um dos engenheiros sempre o observava. Vendo-o ativo, saudável, cheio de vida, queria adotá-lo (...) Meu avô não concordou, dizendo que só tinha aquele filho.* Wilson acrescentou: *No Canadá, aos 12 anos, vô Eugênio começou a trabalhar como apontador nas minas (...) Ele anotava o horário de entrada e saída dos mineiros (...) Sabia ler e escrever, mas nunca tinha ido à escola.* O hábito da leitura acompanhou Eugênio Primo Morelato durante a vida toda. Lia dois jornais por dia: *O Estado de São Paulo e Fanfulla*, órgão de imprensa escrito em italiano, mas impresso no Brasil.

Ao completar 22 anos, Eugênio Primo Morelato quis voltar para o país em que nascera. Convenceu os familiares e, após muitas viagens marítimas, todos



Carta de Cocheiro de Eugenio Primo Morelato, de 15 de Dezembro de 1919, emitida pela Prefeitura Municipal de São Bernardo

desembarcaram na condição de agricultores imigrantes. Primeiramente em Minas Gerais, não tardaram a trabalhar nos cafezais paulistas e, em Jundiáí, Eugênio Primo Morelato casou-se, no dia primeiro de Outubro de 1914, com Regina Pasiani (tiveram os filhos Edmundo Luiz, Yolanda Maria, Ida Zenira, Antônio Marino e Ada Morelato). Em seguida, vieram para São Bernardo do Campo, estabelecendo residência. *Meu pai veio para o Brasil, casou-se, trabalhou como açougueiro, carvoeiro, cervejeiro (...) Depois disso, montou um armazém e uma padaria, ambos em São Bernardo do Campo. (...) Ficavam na Rua Marechal Deodoro.*

A cidade de São Bernardo do Campo não agradava a Eugênio Primo Morelato. A falta de uma estação ferroviária prejudicava o comércio. Um dos motivos do atraso de São Bernardo, do ponto de vista do crescimento industrial, em relação aos vizinhos São Caetano e Santo An-

dré, foi o fato de que a Estrada de Ferro Santos - Jundiáí, cortando esses locais (então apenas distritos do Município de São Bernardo, visto que a época retratada corresponde ao fim dos anos 20 e início da década de 30), não passava pela sede municipal. Comentou Wilson Morelato: *Na estação, onde se descarregava a farinha, o movimento era gigantesco (...) Todo o pessoal da Vila Bela, Vila Alpina e arredores vinha para o centro de São Caetano fazer compras (...) Comprar pão, leite (...) Vinham também aqueles que desciam em São Caetano para fazer compras e, depois, seguir viagem. Ada Morelato complementou: Por isso que o meu pai sempre gostou de negócio perto de estação (...) Ele veio de São Bernardo para cá por esse motivo (...) Se não é perto de estação, não tem movimento (...) Aqui era uma terra em progresso, com gente, com movimento (...) Mas foi só o meu pai que veio para São Caetano (...) Meus avós e tios ficaram em São Bernardo. Wilson lembrou: Tem uma parente de São Bernardo, Maria Morelato, filha caçula do meu bisavô Ângelo, que está viva (...) É uma senhora muito lúcida.*

Eugênio Primo Morelato chegou em São Caetano no dia 14 de Outubro de 1928. Vinha com a idéia de montar uma padaria, pois, como afirmou Ada Morelato, lembrando as palavras do pai, *comida se come todo dia, não tem jeito.* O negócio teve início na antiga Rua São Caetano (depois Avenida Conde Francisco Matarazzo), a cerca de 100 metros da estação férrea. A vontade de ampliar o empreendimento, contudo, forçou a procura de um espaço maior.

- Ele queria aumentar o negócio (...) Procurando terreno, foi-lhe oferecida, por Maximiliano Lorenzini, a área onde depois se localizou o Cine Max (...) Não houve entendimento (...) Meu pai continuou procurando até que, relatou Ada Morelato, no começo da Avenida Conde Francisco Matarazzo, achou o que buscava: um terreno com duas entradas (...) Ergueu um prédio tipo sobrado. Em cima, nossa moradia, em baixo, três salões - sendo que um era bem grande -, incluindo laboratório para massas e um forno a lenha. Também havia um cômodo para guardar os estoques de farinha de trigo, óleo, gordura e açúcar (...) Dos três salões de frente, o maior era para a Padaria Central. Um era para o escritório de Verino Segundo Ferrari e o outro para a Loja de Móveis de Marcos Karlik (...) Com a Padaria Central teve início a labuta da família (...) Meu pai, experiente, produzia em grande quantidade e com alta qualidade.

PADARIA - As lembranças relacionadas à Padaria Central não seguiram ordem cronológica. Ada e Wilson Morelato falaram sobre episódios gravados em suas memórias. As recordações de um suscitavam as do outro, e um quadro bastante rico, com fundo detalhado, foi pintado sobre os anos em que ambos estiveram ocupados em ajudar a panificadora a crescer.

Meu pai enchia o carro Ford, tipo furgão, com sacos de pães, e fazia três entregas por dia. Às cinco horas da manhã, distribuía o alimento no Bairro Fundação. Duas horas mais tarde era a vez do Sacomã. Às nove e meia atendia o Bairro Cerâmica (...) O movimento crescia muito naquela época (...). As palavras



da tia deram origem a uma digressão de Wilson Morelato: *Esse carro (furgão), aliás, foi muito conhecido na cidade (...) Todo mundo lembra dele. Quando falamos do automóvel, as pessoas exclamam: "Ah! Aquele azul, da Padaria Central" (...)* Uma outra coisa, que poucos sabem hoje em dia, é que os motoristas comerciais eram obrigados a usar chapéu e gravata (...). Meu avô aparece nesses trajes em algumas fotos.

A conversa sobre os meios de



Da esquerda para a direita: Marcos Ângelo Morelato (patriarca da família), Yolanda Morelato (filha), Eugênio Primo Morelato (filho) e Teresa Morelato (esposa)

transporte utilizados na entrega dos pães despertou, em Wilson Morelato, a lembrança de como chegava à padaria a matéria-prima necessária à produção das iguarias: *A matéria-prima para fazer pão, isto é, o trigo, principalmente, vinha de trem (...)* Desse modo, fica evidente a importância da Estrada de Ferro Santos - Jundiá (...). *Os vagões ficavam na estação (...)* Meu pai, Edmundo Luiz Morelato (filho de Eugênio Primo Morelato), *trazia uns carroções, no intuito de descarregar os vagões (...)* Era preciso encostar a carroça no vagão, passar o produto para o interior dela, e então tomar o rumo da padaria (...). *Da estação à Padaria Central eram uns 400 ou 500 metros (...)* Entrávamos pela Manoel Coelho (a entrada dos fundos da panificadora era nessa rua).

Algumas cenas do cotidiano foram prontamente revividas. Ada Morelato, imediatamente após a última palavra do sobrinho, rememorou passagens do dia-a-dia na panificadora: *Os pães e os doces eram servidos pelas minhas irmãs Yolanda e Ida. Havia trabalho para todos (...)* Minha mãe Regina lavava os aventais e cozinhava para os empregados do laboratório. Wilson

também se lembrou de outros episódios diários. Victório Dal'Mas, muito amigo de Eugênio Primo Morelato, costumava, no fim das tardes, tomar uma cerveja com o companheiro nas dependências da panificadora. Muitas vezes, no mesmo local, alguns colegas reuniam-se para jogar truco. Nas ocasiões, *as notícias corriam, e todos ficavam informados. Era uma espécie de jornal falado.*

Apesar das relações amistosas com grande parte dos habitantes da cidade, os Morelatos não costumavam freqüentar eventos sociais. Quando o Edifício Vitória foi construído, obra patrocinada pela família Dal'Mas, Eugênio Primo Morelato foi um dos convidados de honra; nem assim, porém, compareceu ao acontecimento. *A família não participava dos encontros públicos (...)* Desse modo, *é difícil reunir fotos e material (...)* Eu recolhi algumas coisas, justamente pensando nessa característica dos meus familiares, que eram muito arredios (...). *Não que eles não fossem convidados (...)* Pelo contrário (...). *Na inauguração do Edifício Vitória, meu avô foi um dos convidados de honra do*



Eugênio Primo Morelato e o filho caçula, Antônio Marino Morelato, ostentando uniforme do Liceu Coração de Jesus, onde era interno

Victório Dal'Mas (...) Amigões, *tomavam cerveja juntos (...)* Meu avô parece que não foi, *mas deve ter mandado algum filho para representá-lo (...)* Difícilmente ele ia para qualquer lugar (...). *Ele era assim: jogava um carteadado, sentava com alguém, batia um papo, mas não saía, em hipótese alguma, para ir a festas ou reuniões (...)* Outra coisa, os Morelatos, além de arredios, eram apolíticos (...). *Meu nono fugia disso (...)* Tratava bem os políticos, achava-os necessários, mas nunca quis nada com eles (...). *Muitos de nós fomos convidados a partici-*

par da vida pública, entretanto, sempre fomos ariscos (...)

O cotidiano da panificadora foi bastante alterado na época da Segunda Guerra Mundial. De acordo com Ada Morelato, começaram a faltar farinha de trigo, carne, açúcar e outros produtos. Formavam-se filas para tudo. Houve racionamento, e cada pessoa tinha direito a apenas 100 gramas de pão por dia. Além disso, as autoridades determinaram que os padeiros com maior estoque de farinha deveriam vender parte da reserva aos companheiros cuja situação era mais difícil. O preço tinha que ser o de custo. *Na tentativa de amenizar o prejuízo, meu pai, seguindo o exemplo dos italianos, começou a fazer pão usando massa de macarrão (...)* Pegávamos uma pipa de vinho vazia, muito bem lavada, enchia-mo-la de água, e nela depositávamos o macarrão (...). *Depois que a água escorria, a maçaroca era posta na masseira (...)* Fermento, um pouco de farinha, e o pão estava pronto (...). *Era pesado (...)* Dava muito trabalho e pouco lucro. Wilson Morelato acrescentou: *Durante a guerra (Segunda Guerra Mundial), a padaria chegou a elaborar - na expressão dos padeiros era "desmanchar" - 42 sacos de farinha diariamente (...)* As padarias eram obrigadas a misturar farinha - importada do Uruguai e da Argentina - com fubá (...). *Não existia ainda a farinha de feijão de soja (...)*

Apesar das dificuldades financeiras, Eugênio Primo Morelato resolveu fazer investimentos. Ainda nos anos do segundo grande conflito mundial, ampliou o estabelecimento, que passou a se chamar *Padaria, Bar e Restaurante Central*. O pai de Wilson Morelato, Edmundo Luiz



Inauguração da Padaria Central, em 1928

Morelato, destacou-se na época. Após freqüentar aulas de confeitaria, ministradas por um quituteiro alemão da Doceria Elite, no Brás, tornou-se especialista em bolos, doces confeitados, pães doces, roscas de Santa Clara, biscoitos de polvilho, etc. *Foi um sucesso*, lembrava Ada Morelato, *os doces enchiam uma vitrine de três ou quatro metros, localizada no meio do salão.*

Edmundo Luiz Morelato também se revelou pizzaiolo de mão cheia. A *Padaria, Bar e Restaurante Central* foi o primeiro estabelecimento do gênero a fazer pizzas (...). *Quem se encarregou disso foi Edmundo Luiz Morelato (...)* No começo, o pessoal achava estranho, no entanto, o movimento, aos poucos, foi crescendo. Ada Morelato ainda frisou que o aumento da freguesia deveu-se, acima de tudo, aos moços do Ipiranga, Brás e Moóca, freqüentadores dos bailes do São Caetano EC, que vinham saciar a fome na Padaria Central. *O Edmundo, muitas vezes, chegava a preparar 180 pizzas entre o sábado e o domingo (...)* O movimento só diminuiu um pouco quando outras panificadoras resolveram fazer pizzas, concorrendo conosco.

O movimento na Padaria Central, todavia, sempre foi bom. Além dos gerentes da General Motors que, almoçando na Pensão Italiana, exigiam o pão francês dos Morelatos, havia os funcionários dos escritórios da mesma firma, assíduos fregueses do restaurante de Eugênio Primo Morelato. Não fosse o tempero da comida, também eram atraídos pelo bate-papo com as senhoras da casa, isto é, Regina Morelato (esposa de Eugênio Primo Morelato), Rosa Morelato (esposa de Edmundo Luiz More-

lato) e Ida Morelato (filha de Eugênio e Regina Morelato).

O tempero e muitos dos produtos da panificadora eram trazidos de um sítio - propriedade de Eugênio Primo Morelato - com frente para a Rua Conde de Porto Alegre e fundos para a Avenida Presidente Kennedy. *Na verdade*, explicava Wilson Morelato, *eram três propriedades que existiam nesse lugar (...)* Uma pertencia ao doutor Souza Voto, médico respeitado na cidade, outra era de um português chamado Manoel Ribeiro, que possuía uma serraria em frente à Rua Alagoas, ao lado da farmácia dos Cambaúvas (...). A serraria desse português, aliás, era tão grande que pegava um lado da Rua Santa Catarina (...). Mas, voltando ao assunto, havia esses dois sítios, e o terceiro era do meu avô (...). No local, ele criava porcos e galinhas, destinados a abastecer a padaria com carne e ovos, e, em menor proporção, cuidava de umas cabeças de gado, a fim de ter leite e carne para consumo da família. Segundo Wilson Morelato, teve início, no sítio, a criação de aves em escala comercial. Criou-se um galpão, com estrados, bebedouro e aquecimento, cuja função era abrigar

duas mil galinhas vermelhas. *Galinhas de raça, com as penas muito brilhantes (...)* Uma das maiores pesava oito quilos. Em outro galpão, havia duas mil galinhas brancas, voltadas sobretudo ao fornecimento de ovos. *Além disso, tínhamos os porcos (...)* A carne desses animais era transformada em lingüiças.

Wilson Morelato, recordando de mais detalhes da propriedade do avô, prosseguiu: - *Existia um represamento da água do Córrego do Moinho (...)* Ficava atrás do sítio do meu avô (...). Ali, numa parte havia agrião, planta aquática, na outra, patos e marrecos (...). *Se você for, hoje, no Bosque do Povo, onde antes era o sítio do meu avô, ainda estão lá, em menor quantidade, os patos e marrecos (...)* É como uma vaga recordação daqueles tempos. Os animais do sítio despertaram em Ada Morelato a lembrança dos gansos, que atuavam como cães de guarda: *Os gansos, quando algum estranho dava as caras, faziam um barulhão (...)* O caseiro ia logo ver quem era (...). *Esses bichos, além de barulhentos, eram perigosos (...)* Atacavam em bando e davam bichadas muito fortes.

Wilson Morelato deixou transparecer, ao contar a história



Último furgão da Padaria e Confeitaria Central: à esquerda, Antônio Marino Morelato, acompanhado de (?). Ano de 1928

Família Morelato



Fundação Pró-Memória

Ada e Wilson Morelato

das propriedades da família, algumas tristezas. Os Morelatos sofreram demais com os processos de desapropriação de terras. O caso mais traumático foi o relacionado ao terreno na então Vila Barcelona. A área foi expropriada, em prol da Igreja Católica, para que se erguesse um templo no bairro. O terreno do sítio acabou por ter o mesmo destino (com a diferença de que não se destinou à Igreja Católica, e sim a políticos locais). Essas não foram as únicas perdas de Eugênio Primo Morelato. A despeito de ser homem prudente e com tino para negócios, acabou por se envolver em transações que lhe trouxeram prejuízos.

Um dos negócios que fizeram meu pai perder dinheiro foi a sociedade na empresa Vidro Plano (...) Não eram gente de bem (...) Perdemos um imóvel, em São Bernardo, por causa das dívidas (...) Outro investimento desvantajoso foi a associação de meu pai com outros sancaetanenses na abertura de uma sala de cinema (...) Foi quando a televisão chegava com tudo (...) Fracasso total (...) Wilson complementou: Meu avô foi honesto (...) Nunca usou de má fé com ninguém (...) Mas algumas pessoas não foram leais com ele.

A maior tragédia ocorrida entre os Morelatos, no entanto, nada teve a ver com dinheiro. O assassinato de Antônio Marino Morelato, cirurgião dentista, abalou a família. Na década de 70, existia, em São Paulo, um bando especializado no roubo de consultórios dentários. Antônio Marino Morelato, aos 44 anos, foi vítima dos marginais. Wilson Morelato comentou: *Ele recebeu um tiro de calibre 22 no peito (...) Talvez, se tivesse sido a bala de um calibre mais forte, teria atravessado a carne e o tio Marino se salvaria (...) A bala de 22, porém, ricocheteou nos ossos e causou vários ferimentos internos (...) Foi essa a causa da morte (...).* Muito triste, Ada Morelato adicionou: *Meu irmão morreu em meus braços (...) Foi um trauma imenso. Terminando o relato do funesto episódio, Wilson Morelato lembrou do enterro do tio: Tinha muita gente (...) Foi quase igual ao enterro de Ângelo Raphael Pellegrino (...) Apareciam pessoas estranhas e nos contavam, aos prantos, que tio Marino as havia atendido de graça, por serem pobres (...)*

As feridas causadas pela morte de Antônio Marino Morelato foram profundas. A vida, porém,

teve continuidade. Ada Morelato, casada com Izidoro Buratto, precisava cuidar do futuro da filha. Assim fez, até que a moça pudesse decidir por si mesma os melhores caminhos a seguir. O marido morreu, e Ada Morelato vive sozinha. O contato com o sobrinho Wilson, todavia, é constante. Wilson Morelato, por sua vez, trabalhando na padaria até os 18 anos e, em seguida, empregando-se na farmácia dos Cambaúvas, continuou as atividades profissionais no Banco do Comércio e Indústria do Estado de São Paulo. Saindo daí, foi para a Aços Villares. Após deixar a metalúrgica, dirigiu-se à multinacional automobilística General Motors, onde ficou por 39 anos, aposentando-se ao cabo desse período. *Foi meu avô Eugênio que me aconselhou a trabalhar como empregado nas fábricas (...) Ele dizia que não valia mais a pena montar um negócio (...) Os encargos eram muitos (...) Acatei a sugestão de meu avô (...) Consegui criar meus filhos, vivo bem, sem preocupações financeiras (...) Sempre segui os conselhos dele, e nunca me arrependi.* (Pesquisa e texto realizados pelo serviço de Difusão Cultural da Fundação Pró-Memória)

Narração de episódio da meninice se transforma em dissertação sobre o ensino infantil

Gisberto GRIGOLETTO(*)



Minha intenção era apenas contar uma história de infância. Falar sobre o sr. Cezarino, agente do correio, que sempre pedia

aos garotos para levar cartas ao pessoal do Bairro Monte Alegre. No entanto, ao lembrar da meninice, não consegui deixar de comparar os garotos da década de 20 com os de hoje. Veio-me à cabeça a questão do ensino. Acredito que, atualmente, as crianças, apesar de tantas informações disponíveis, sabem menos. E tentei buscar explicações para isso. Em resumo, um texto que evoca a infância deu origem a uma reflexão a respeito do nível de conhecimento em épocas diferentes. Narração que acabou se transformando em dissertação. Se não estão unidas pela forma - e pelo tema -, têm em comum os meus primeiros anos de vida, que conto e analiso.

CEZARINO - Por volta de 1920, a Agência de Correios ficava na esquina das atuais ruas Conde Francisco Matarazzo e João Pessoa, onde hoje se encontram as Casas Bahia. O agente, sr. Cezarino, homem de estatura mediana, não muito gordo, semicalvo, com os óculos sempre apoiados na testa, semblante fechado, dava a impressão de ser bastante bravo. Entretanto, era gentil no trato com as pessoas. Zangava-se somente quando pas-

sávamos, em frente à agência, e fazíamos algazarra para irritá-lo.

Conhecia todo mundo. Quando chegava correspondência para alguma família residente nas cercanias do Bairro Monte Alegre, ele aguardava, na porta da agência, a passagem dos alunos que estavam voltando do Grupo Escolar e, chamando-os pelos sobrenomes - Ga-



lo, Grigoletto, Fiorotti -, dizia: *Hoje não tem carta para seus pais, porém, chegou uma para a família Matiello. Você quer levar?* O menino chamado apanhava a carta, e Cezarino tinha certeza de que a mesma chegaria rapidamente ao seu destino.

ENSINO - Não menosprezando o método atual, tampouco diminuindo os méritos dos atuais mestres do ensino primário, tenho a impressão de que a escola, na minha

época, década de 20, era mais eficiente, mais forte. É possível, contudo, que os alunos de hoje deixem os deveres escolares em segundo plano devido à televisão, aos videogames, às máquinas eletrônicas e às calculadoras. Em consequência, no fim do ano a maioria faz segunda época ou simplesmente repete. Outra possibilidade (relacionada ao baixo desempenho das crianças na escola) é a de que, nas primeiras décadas do século, as mulheres ainda não haviam conquistado os espaços que ocupam, hoje, na medicina, na engenharia, na advocacia, na psicologia, etc. A ambição das moças era tornar-se professoras. Assim, aquelas que conseguiam o cobiçado diploma começavam a ministrar, ainda jovens, mesmo com sacrifícios, as suas lições para o aprendizado das crianças, ano após ano, com eficiência, dedicação, amor.

Eram boas, mas enérgicas. Eram amadas, respeitadas, porém, não eram tímidas. Vez ou outra colocavam alguma criança mais peralta de castigo, no canto da sala, olhando para a parede. Quando necessário, acompanhavam-na, até à diretoria, para um pito mais severo. Orgulhavam-se de ver os alunos, quase na totalidade, passarem para o ano seguinte. Consideravam-nos como filhos, e muitas vezes assumiam seus pequenos problemas, procurando resolvê-los. Em compensação, exigiam o máximo de comportamento, de aplicação.

Eram boas, mas enérgicas. Eram amadas, respeitadas, porém, não eram tímidas. Vez ou outra colocavam alguma criança mais peralta de castigo, no canto da sala, olhando para a parede. Quando necessário, acompanhavam-na, até à diretoria, para um pito mais severo. Orgulhavam-se de ver os alunos, quase na totalidade, passarem para o ano seguinte. Consideravam-nos como filhos, e muitas vezes assumiam seus pequenos problemas, procurando resolvê-los. Em compensação, exigiam o máximo de comportamento, de aplicação.

Mensalmente, entregavam um boletim em que constavam as fal-



Ilustração (litografia) de Jean G. Villin para as guardas da primeira edição de As Reinações de Narizinho, 1931

tas e as notas - relativas à aplicação nos estudos e ao comportamento em sala de aula - dos alunos. Esse boletim deveria ser entregue aos pais, para que, cientes de tudo, apusessem as assinaturas.

Assim, graças à dedicação e aos esforços das professoras, já

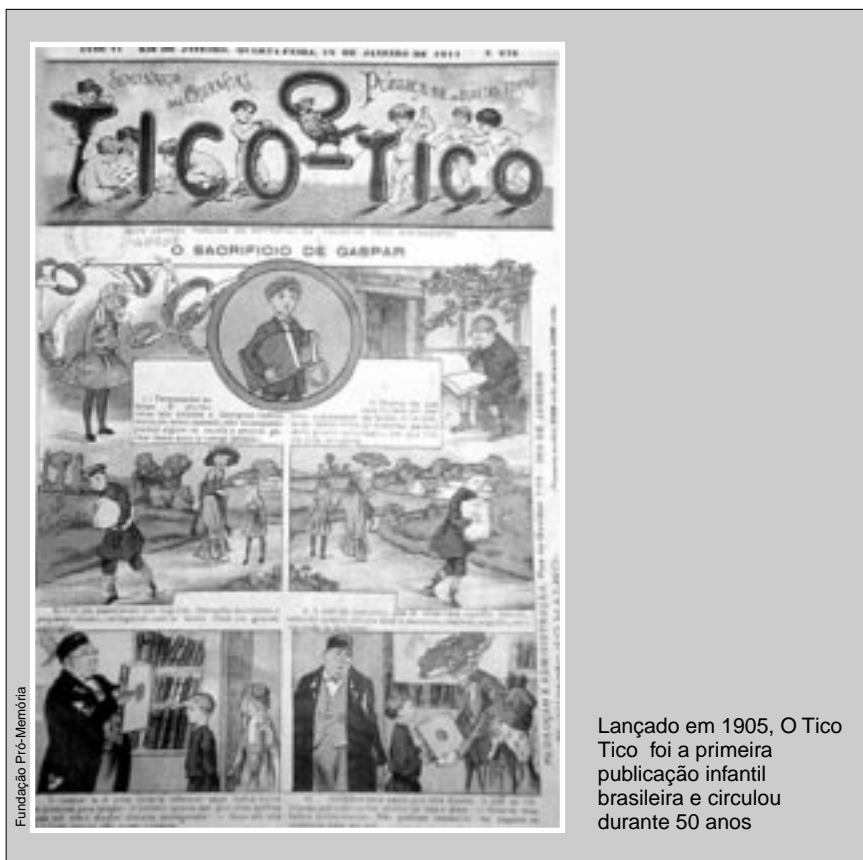
no segundo ano os alunos começavam a escrever, tanto no caderno de caligrafia como no de linguagem. Decifravam pequenos problemas, faziam corretamente as quatro operações, mesmo a de dividir com três ou quatro números na chave. No tercei-

ro ano, começavam a dominar as frações decimais, a regra de três, os números complexos, os algarismos romanos.

Certa feita, eu e alguns colegas, de volta do Grupo Escolar, casualmente parados em frente ao armazém de secos e molhados do sr. Figueiredo, na Rua São Caetano, estávamos lendo as marcas de cigarros – *Tenis*, *Iolanda*, *Joquei-Club*, *Luiz XV* – escritas no muro que existia na Rua Santo Antônio. O sr. Figueiredo, que estava, na porta do armazém, observando aqueles pirralhos lerem *Luiz 15*, interveio dizendo que lá não havia nenhum número quinze, mas sim duas letras, X e V. Respondemos que de fato eram letras, mas representavam algarismos romanos. O X valia dez e o V, cinco. Somados totalizavam 15. O sr. Figueiredo sorriu para nós, entrou no armazém e voltou com um punhado de *mistura japonesa*, uma bala colorida, bastante açucarada, que era vendida à granel, dizendo que era um prêmio pela nossa sabedoria. Lá fomos nós, em direção ao Monte Alegre, para casa, contentes, chupando as deliciosas balas.

Atualmente, quando passam, em frente à minha casa, alunos do curso primário, bem crescidinhos, vez ou outra pergunto a eles, por exemplo, quanto é oito vezes sete. Eles olham uns aos outros, vendo se alguém responde, esboçam um sorriso amarelo, apalpm os bolsos, procurando a maquininha de calcular, e vão embora, sem matar a minha curiosidade de saber quanto é oito vezes sete.

(*) *Gisberto Grigoletto nasceu em 1911, em Jaguari (atual Jaguariúna). Veio para São Caetano do Sul aos três anos de idade. Foi secretário e duas vezes presidente do Clube Esportivo Lazio, entre 1932 e 1936. Faleceu em 11 de Setembro de 1999*



Lançado em 1905, O Tico Tico foi a primeira publicação infantil brasileira e circulou durante 50 anos

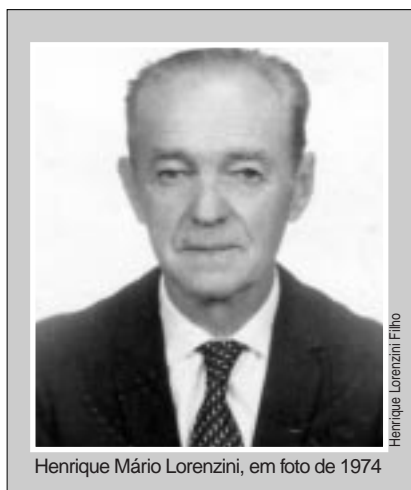
Os detalhes trazidos à tona pelo relato de um filho de imigrantes

Mário BOTTEON(*)

Para um melhor conhecimento da História, é importante ouvirmos os relatos de testemunhas oculares das transformações. Henrique Mário Lorenzini, nascido em São Caetano, no dia 26 de Maio de 1902, filho do casal de imigrantes Pedro Lorenzini e Santa Leoni, relatou-nos diversos episódios relativos à cidade.

MEMÓRIA - Henrique Lorenzini lembrou a infância passada junto à família. Seu pai era proprietário de uma venda que, além de funcionar como bar, possuía canchas de bocha. Naquele tempo, recordou o entrevistado, todas as propriedades dispunham de quintais enormes, com árvores frutíferas, e o terreno de Pedro Lorenzini tinha até quiosques para o conforto dos clientes. Entre os inúmeros jogadores de bocha que freqüentavam o estabelecimento, um dos mais assíduos era o dr. Rubo, médico que morava em São Paulo, porém, clinicava em São Caetano. O entrevistado ainda se recordou de que, quando tinha pouco mais de oito anos, já cuidava da limpeza da venda e do engarrafamento de vinhos. Na época, os vinhos estrangeiros eram importados da Itália e, dentre os nacionais, havia alguns produzidos na cidade. De fato, além das mais diversas árvores frutíferas, era grande a existência de parreiras em todas as chácaras localizadas no Bairro Fundação.

Uma das mais gratas recordações do filho de imigrantes dizia respeito às partidas de futebol disputadas sob a luz dos lampiões. Em seu tempo de menino, a Rua Perrella era iluminada por lam-



piões a querosene, apagados e acesos diariamente, e os garotos, após o cumprimento das tarefas diárias, brincavam com uma bola de pano até quase não poderem mais ver uns aos outros.

Henrique Lorenzini tinha muito nítido, em sua memória, o dia em que completou 16 anos. Isso se deve ao fato de que, nessa data, seu pai foi até São Paulo e comprou um automóvel francês da marca *Gajenean*. O carro foi deixado na porta da casa. O garoto ficou embasbacado diante daquela soberba máquina francesa. Sem nunca ter guiado carro algum, recebeu uma ordem do pai para dirigir o *Gajenean*. Não sabendo recusar um comando, deu a partida no veículo. Seguiu pela Rua Perrella e dobrou à direita, entrando na hoje Avenida Conde Francisco Matarazzo. Nessa rua, o rapaz estacionou o auto, deixando-o bem próximo às porteiras da estação (na verdade, o carro não estava exatamente estacionado, pois o adolescente ainda mantinha o pé na embreagem). Naquele momento, um senhor idoso, que passava pelo lo-

cal, percebeu a aflição do jovem e resolveu ajudá-lo. O homem mostrou-lhe como fazer uso dos freios e, abertas as porteiras, lá se foi o motorista a passear pelas ruas centrais da cidade. Ao retornar, o pai recebeu-o calorosamente e deu-lhe os parabéns pela façanha.

Na juventude, defendeu, como meia - direita, as cores do São Caetano Esporte Clube. Guardava com muito carinho um exemplar do *São Caetano Jornal*, datado de 31 de Março de 1929, em que fora noticiado o maior título do clube: campeão do interior. A final foi realizada no campo do SIEX, no Ipiranga, contra o Botafogo de Ribeirão Preto. O placar foi de 2x0. Os campeões foram: Lucas, Fiorotti, Moura, Spagnolo (capitão), Braido, Eduardo, Lorenzini, Zanella, Baptista, Guerreiro e Manoel.

Ainda a respeito de futebol, relatou um caso pitoresco ocorrido no ano de 1928. O São Caetano fora jogar, na cidade de Piracicaba, contra o XV de Novembro. O primeiro tempo havia terminado com dois tentos a favor dos visitantes. Parecia que tudo iria transcorrer normalmente, mas não foi o que aconteceu. O time local não queria perder de forma alguma e, para isso, contou com uma arbitragem tendenciosa. O juiz inventava faltas, não deixando os jogadores do São Caetano passarem da meia - cancha. Vendo que seria impossível o prosseguimento da partida, os sancaetanenses resolveram retirar-se de campo. Não haviam dado mais de dez passos fora do grama-do, quando avistaram a torcida piracicabana, cujos membros carregavam ameaçadores porretes. Os

Vida e realizações de Mário Botteon

Mário Botteon, filho de Antônio Botteon e Augusta Dalcin Botteon, nasceu no Bairro Fundação, em São Caetano do Sul, a três de Julho de 1923. Junto com os irmãos Helena, Maria, Tereza, José Francisco, Francisco João, Yolanda e Alberto, foi criado em São Caetano. O avô, Giacomo Dalcin, chegou em 1877, com a primeira leva de imigrantes italianos, quando o atual município era formado, em grande parte, por lotes de terra inculca.

As primeiras letras fez no Grupo Escolar Senador Flaquer. Desde cedo, porém, dividia o tempo entre trabalho e estudo (na época do primário, exerceu a função de auxiliar na Metalúrgica Barile). O secundário concluiu no Externato São Caetano (hoje Instituto de Ensino de São Caetano do Sul). Ao obter o diploma, prestou serviço a diversas empresas. Buscando aperfeiçoar-se, participou de cursos relacionados sobretudo ao trabalho nas indústrias.

Além das atividades profissionais, ocupou-se com teatro e jornalismo. Foi ator amador, entusiasta das artes cênicas e escritor de obras de dramaturgia. Como cronista, colaborou com vários jornais da região, sempre escrevendo sobre teatro ou a respeito dos imigrantes italianos que vieram para São Caetano no fim do século XIX.

Foi casado com Vera Marsitch Botteon (falecida em 1992) e teve quatro filhos: Vera Lúcia, Mário Edson (casado com Marli Denardi), Kátia Regina e Lincoln Augusto (falecido em 1988). Giuliano Denardi é o único neto. No dia 24 de Setembro de 2000, aos 77 anos, morreu Mário Botteon.

VIDA - Quando menino, estudou de manhã no Grupo Escolar Senador Flaquer e, à tarde, trabalhou na Metalúrgica Barile. Em seguida, passou ao então Externato São Caetano, onde concluiu o curso secundário. Trabalhando em diversas empresas, começou a obter estabilidade quando, em 1945, no ofício de apontador, na Rayon Matarazzo, foi encarregado de fazer a inscrição dos eleitores para a eleição de 1947. No mesmo período, foi incumbido de legalizar as carteiras dos trabalhadores estrangeiros, devi-

do a legalização dos estrangeiros. A experiência profissional e o conhecimento que obteve ao participar, ao longo dos anos, de cursos relacionados ao Direito Trabalhista, à Previdência Social, à supervisão de pessoal nas indústrias, ou, ainda, aos aspectos humanos da racionalização do trabalho, deram-lhe condições de exercer o cargo de chefe de seção de pessoal, na Empresa de Transportes 1001 Ltda, durante 18 anos e meio.

Paralelamente, dedicou-se com paixão ao teatro. Em 1948, começou o interesse pela dramaturgia. Visando cativar o público sancaetanense, idealizou o espetáculo Original Show, mesclando encenação e música. O evento antecedia os costumeiros bailes realizados na sede social do São Caetano Esporte Clube. Tratavam-se de pequenos diálogos, escritos com base nas letras de músicas populares, complementados com cenas teatrais. O bom acolhimento do público levou-o a escrever peças de teatro. Compôs e encenou *Delírio de Grandeza ou Fazenda do Suplício* (1948), *Pai Ambicioso* (1948), *Fidelidade* (1948), *Ladrão Romântico* (1957), *Noite de Natal* (1950), *Um Homem Só* (1964) e *Um Viúvo Alegre* (1948). Além disso, escreveu o conto *O Caetaninho* (na verdade, esta obra surgiu de um artigo, publicado no *Jornal de São Caetano*, chamado *Imigrantes: Uma epopéia de bravos*. Nesse texto era retratada a imigração italiana, e o personagem principal era Giacomo Dalcin, chamado de Caetaninho. Foi o artigo, e não o conto, que foi publicado). Foi também ator do Teatro Operário do SESI, dirigido por Nicenor Miranda, crítico teatral do jornal *O Estado de São Paulo*. Desempenhou papéis relevantes nas peças *À Espera do Trem*, *O Mestre de Dança* e *Uma Criada Impagável*. Atuando, fez incursão no mundo do cinema: teve pequena participação no filme *Paixões Tempestuosas* (1951), estrelado por Jardel Filho e Vida Alves.

A dramaturgia predominou em sua atividade como cronista. Escreveu, para veículos de comunicação tais como *Arauto do Pentágono*, *Sancaetanense* *Jornal*, *Jornal do Lar*, *A Voz do Oeste* (Lins), *Folha do ABC*, *Jornal da Re-*

gião, *A Voz do ABC* e *Jornal de São Caetano*, 41 artigos abordando o teatro amador. Outro assunto que muito lhe interessava era a história dos imigrantes italianos do Núcleo Colonial de 1877. Procurou sempre destacar o esforço dos estrangeiros para sobreviver em terra estranha e fazê-la prosperar. Os interesses de Mário Botteon podem ser ilustrados por alguns artigos que preparou para a revista *Raízes* (órgão para o qual, aliás, muito colaborou. Além de escrever seis artigos - *No tempo dos ladrilhos de cimento*, *O gosto pelo teatro amador*; *A família de Fernando Capuano*; *Imigrante Francesco Botteon relembra passado dos familiares*; *Augusta Dalcin Botteon, um exemplo de fé, trabalho e muita perseverança* e *As olarias e as recordações do imigrante João* -, ainda participou do Conselho Editorial durante os três primeiros números publicados). No segundo número da publicação, relembrou o início do teatro amador em São Caetano por meio do artigo intitulado *O gosto pelo teatro amador*. No décimo oitavo número da revista, abordando o tema dos imigrantes italianos, relatou a história da mãe, Augusta Dalcin Botteon. Filha de imigrantes, testemunhara o cotidiano da cidade em fins do século XIX e início do século XX.

Sua contribuição à vida cultural do município não se restringiu ao teatro e ao jornalismo. Nos anos de 1962, 1963 e 1964, participou da Comissão de Festejos, encarregada de organizar as festas em comemoração ao aniversário de São Caetano (ao mesmo tempo, isto é, nas décadas de 60 e 70, participava da Sociedade Amigos do Bairro Fundação). Em 1983, foi presidente interino da Fundação das Artes. No dia 15 de Agosto de 1989, junto com outros 24 escritores, recebeu diploma e medalha em reconhecimento aos serviços prestados à cultura em São Caetano do Sul. Em 27 de Setembro de 1995, foi um dos agraciados, pela Sociedade Amigos do Bairro Fundação, com o título de Sócio Benemérito, em comemoração aos 35 anos de existência da entidade. Cinco anos depois, no Hospital do Câncer, em São Paulo, faleceu Mário Botteon.

jogadores foram obrigados a retornar ao campo. Sentaram-se em círculo e assim ficaram. O juiz apitou o recomeço da partida e apenas o XV de Piracicaba jogou. O placar foi de 5X2 para a equipe da casa. Finda a atmosfera de violência que rondava o estádio, houve uma festa para a qual até mesmo os jogadores do São Caetano foram convidados.

Em 1924, irrompeu a Revolução Tenentista, comandada pelo general Isidoro Dias Lopes. Numa certa manhã, Acácio Novaes, então delegado de polícia, entrou na venda dos Lorenzini com ordem para apreender o caminhão de entregas. Ordenou a Henrique Lorenzini que conduzisse o veículo a um determinado local. Naquele instante, Lorenzini teve vontade de protestar, uma vez que achava absurdo ficar privado do caminhão de entregas e, pior do que isso, ter ele mesmo que se desfazer de seu próprio bem. Não tendo a mínima vontade de acatar as ordens do delegado, disse que o motorista ainda não havia chegado e que nada poderia ser feito naquele momento. As autoridades, entretanto, conseguiram um outro condutor e levaram o veículo para um local ignorado pelo proprietário. Ao término da Revolução, Henrique Lorenzini soube, através de jornais, que os caminhões estavam à disposição dos donos no pátio de manobras de trens no Bairro do Pari, Brás. Dirigiu-se, pois, ao local indicado e, de fato, lá estava o caminhão. Foi informado que a liberação do veículo somente poderia ser feita pela polícia central. Numa sala da delegacia, esperou a resolução do caso. Nesse ínterim, veio ao seu encontro um homem fardado que, de forma ríspida, quis saber o porquê de sua presença no local. Esclarecido o motivo, o militar encolerizou-se de tal forma que, incontinente, declarou que Henrique Lo-

renzini estava desde aquele momento preso. E saiu abruptamente, ficando a vítima aniquilada. Depois de algum tempo, outro homem fardado apareceu na sala. Perguntou a Lorenzini por que ele estava a tanto tempo na delegacia. Informado sobre o que havia ocorrido, o militar, elevando a voz, afirmou que o colega responsável pela confusão não mandava absolutamente nada na delegacia. Não havia ordem de prisão, e Lorenzini poderia retirar-se quando quisesse. Após tantos contratempos, Henrique Lorenzini não quis mais saber do caminhão, utilizado pelos revolucionários de 1924.

Em 1932, durante a Revolução Constitucionalista, o filho de imigrantes viveu situação parecida; no entanto, o desfecho foi outro. Alguns dias antes de estourar o conflito, Henrique Lorenzini havia trocado todos os pneus de seu caminhão, fazendo questão de trazer de volta todos os seis pneus usados. Lembrando-se do drama em que se viu envolvido na Revolução de 1924, quando perdeu um veículo e quase terminou preso, quis evitar novos prejuízos. Ocorreu-lhe, então, a idéia de substituir novamente os pneus novos pelos velhos. Foi um trabalho estafante, que levou a noite toda, pois os pneus tiveram que ser enchidos por meio de uma bomba manual. Logo no dia seguinte, recebeu a visita de autoridades - aliás, como já havia previsto - que tinham ordens para requisitar o caminhão. O encarregado para conduzir o veículo foi seu cunhado Fiorotti. Todavia, chegando ao local do destino, o automóvel foi recusado por não estar em condições de uso para longas viagens.

Outra lembrança muito nítida na mente do descendente de imigrantes era a da venda de alimentos aos trabalhadores da estrada de ferro. O armazém de Lorenzini forne-

cia, diariamente, produtos alimentícios a 600 homens - de origem russa - abrigados em seis grandes barracões localizados perto da estação. Pelos comentários que existiam na época, tais funcionários não se adaptavam bem ao trabalho pois, dizia-se, eram antigos comerciantes e profissionais liberais que haviam fugido da então União das Repúblicas Socialistas Soviéticas. Durante esse tempo, Henrique Lorenzini chegava a vender mais de 60 cartolas de vinho por ano. Além disso, também importava muito queijo (cada unidade medindo cerca de 60 centímetros de diâmetro).

Em 1942, em plena Segunda Guerra Mundial, Lorenzini era proprietário de uma empresa de ônibus que fazia a ligação entre São Caetano (estação) e a Vila Prosperidade. Naquele tempo, havia racionamento de quase todos os artigos, inclusive de combustível. Era-lhe reservada uma quota de apenas dez litros de gasolina para cada ônibus. Não teve outra alternativa senão instalar, em todos os veículos, o gasogênio. Nas primeiras e últimas viagens era ele quem conduzia o ônibus. As passagens custavam 400 réis.

As atividades de Henrique Lorenzini, como é possível perceber através de seus relatos, foram as mais diversas. Foi jogador de futebol, presidiu o São Caetano Esporte Clube e o Clube Ideal, e exerceu, por longos anos, a função de presidente do diretório local do PR (Partido Republicano). As inúmeras realizações do filho de imigrantes sempre tiveram as marcas do trabalho e da dedicação, e essa é a herança que os primeiros habitantes deixaram à cidade.

(*) Mário Botteon, ator do antigo Teatro Operário do SESI, é colunista de vários jornais locais. Faleceu em 24 de Setembro de 2000

História da AD São Caetano, da fundação ao primeiro título

José Odair da SILVA(*)



O futebol no Brasil começou oficialmente em 1894, quando as primeiras bolas aqui chegaram pelas mãos de

Charles Miller. Apesar do nome, esse filho de pais ingleses era brasileiro nascido no Brás. Essa data coincide com a posse do primeiro presidente civil eleito na República brasileira: Prudente de Moraes. Esse ano inaugura oficialmente o começo da consolidação do novo regime de governo.

Os últimos anos do século XIX são marcados pela política de valorização do café, que passou a ser o principal produto brasileiro de exportação, ganhando posição de destaque na economia nacional. Estava lançada a base do que seria um poderoso Estado industrial.

Derrubaram-se matas; abriram-se fazendas; estenderam-se estradas de ferro; atraíram-se imigrantes; fundaram-se bancos, escolas, indústrias; instalaram-se usinas de energia; importaram-se máquinas; controlou-se o câmbio; elegeram-se presidentes; a oitava cidade do Brasil tornou-se a primeira da América Latina.^[1] Foi a cidade de São Paulo o ponto de partida para aquilo que se tornaria a paixão e o vício nacionais. O jogo de bola com os pés. O futebol.

A São Paulo de Charles Miller tinha perto de 240 mil habitantes e atravessava um período de grande desenvolvimento. Vul-

tosos investimentos estrangeiros eram feitos em diversos setores de atividade, principalmente na indústria. Eram esses investimentos que atraíam inúmeras famílias estrangeiras.^[2] Formaram-se os primeiros impérios industriais na capital e, no interior, os cafezais gravavam fortunas.



Distintivo da Associação Desportiva São Caetano, que recebeu o apelido de *azulão*

A vida na capital era intensa, pontilhavam o romantismo e a boêmia. A cidade se transformava. Tudo o que surgia de novidade, nas grandes capitais do exterior, logo era visto em São Paulo. Assim foi com o cinema, a moda, o teatro, a iluminação elétrica e o futebol.

Hoje é impossível imaginar o Brasil sem o futebol. O esporte ganhou forma nas escolas e depois chegou ao povo. No início era elitizado, grã-fino e racista. Acabou atingindo em cheio o gosto popular. Em nossos grama-

dos, o futebol ganhou pátria e inspiração, numa relação de emoção, sofrimento e conflito que passou a alimentar a alma e o caráter do brasileiro de todas as classes sociais. Quem diria que aquele corre-corre nos pastos esburacados iria se transformar em uma coisa séria neste país?

A importância institucional do futebol fê-lo tornar-se um dos mais importantes elementos culturais da nação. É fator determinante do caráter nacional e é a grande paixão do brasileiro. Demos ao futebol uma identidade tropical, resultado do caldeirão das raças que formam nosso povo. *Ao contrário de outras partes do mundo onde o futebol é visto como um esporte, um espetáculo das massas ou um negócio, no Brasil ele faz parte do pensamento de todo brasileiro desde quando ele nasce.*^[3]

Os ingleses inventaram um corpo para o futebol e nós a alma. É como uma verdadeira unanimidade nacional. No Pará, pode-se não comer muita feijoada ou no Rio Grande do Sul se ouvir pouco samba, mas futebol todo brasileiro joga, até no meio da floresta amazônica em uma tribo de índios. Basta uma bola, qualquer bola, feita até de papel amassado, e um pedaço de chão, algo que o Brasil tem de sobra, e o cenário para a prática do futebol está pronto. Pode ser numa rua, num parque, num quintal, na calçada, na praia ou no próprio escritório. Chinelos ou pedras viram traves. Não são necessários 22 jogadores. Joga-se quatro contra três, dois contra dois, um

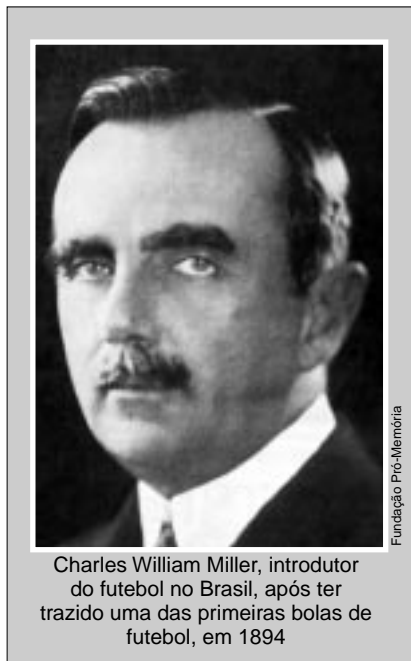
contra um. O brasileiro joga até sozinho. Em todos os pontos do Brasil, há a todo momento times disputando uma partida de futebol, seja profissional, amador, colegial ou amistoso. É uma verdadeira paixão.

Foi essa paixão que fez surgir, em quatro de Dezembro de 1989, sob o signo de Sagitário, a Associação Desportiva São Caetano, que passou a representar oficialmente o futebol profissional da cidade.

Por exigência da Federação Paulista de Futebol, um clube, antes de participar de qualquer campeonato profissional, precisaria ter disputado, no mínimo por três anos, campeonatos amadores. Assim, para dar condições legais ao nascimento da nova agremiação, a SER União Jabaquara do Bairro Prosperidade deixou de existir por um dia. Foram aproveitados os três últimos anos de futebol amador do Jabaquara para se criar o São Caetano.

Mais de 100 pessoas dos mais variados seguimentos da sociedade compareceram à assinatura da ata de fundação da AD São Caetano. Dentre todos os presentes havia apenas duas mulheres - a vereadora Yolanda Ascêncio e Sandra Aparecida Marquesin da Silva, sua secretária. A assembleia geral foi comandada pelo presidente do Jabaquara, Roberto Righeto, com secretaria de Dionízio Lozano Rúbio e assessoria de Jayme Tortorello. Compondo o conselho deliberativo, elegeu-se para presidente Luiz Trevelin; vice-presidente, Ignácio Gandolpho; secretário geral, Dionízio Lozano Rúbio; e primeiro secretário, Reinaldo Rabone. Para o conselho fiscal foram eleitos Leopoldo Koerner, Clodoaldo Vecchi e José Fréo.

A diretoria executiva ficou assim composta: patrono e con-



selheiro, Luiz Olinto Tortorello, prefeito da cidade; presidente de honra, André Beer; presidente administrativo, José Bezerra Galvão Sobrinho; primeiro vice-presidente, Roberto Righeto; segundo vice-presidente, Carlos Roberto de Jesus Polastro; tesoureiro, Miguel Campanella; primeiro tesoureiro, Leonildo Franco; segundo tesoureiro, Antônio Roberto Esteves; secretário geral, Dionízio Lozano Rúbio; primeiro secretário, Genésio Ferrante; segundo secretário, Onivaldo Secatto; diretor de patrimônio, Wenceslau Teixeira; diretor social, João Anhê; diretor de eventos, Paulo Assano; diretor de relações públicas, Alberto do Carmo Araújo; diretor geral de esportes, Jayme Tortorello; diretor de futebol profissional, Alvir Vargas Anhê; diretor de futebol amador, Jorge Tanuci; diretor de esportes amadores, Cássio de Miranda Meira; diretores adjuntos de futebol profissional, Nairo Ferreira de Souza, Miguel Simão Hibanês e Wagner Toledo. Com a diretoria empossada, no dia 19

de Dezembro, a AD São Caetano oficializou sua filiação junto à Federação Paulista de Futebol.

Para dirigir a equipe foi convidado o técnico José Gazzeto, que esteve por 20 anos na SE Palmeiras. Tinha como característica a dedicação ao trabalho e procurava, pessoalmente, os novos talentos. Sua marca era a humildade e o carinho no trato com os comandados. Sempre compreensivo e investindo na criatividade dos jogadores, ganhou rapidamente o respeito de todos. Zelão, como era carinhosamente chamado, tinha um currículo invejável: em 1977, campeão da Taça São Paulo; em 1979, campeão paulista mirim; em 1980, campeão estadual mirim; em 1981/1982, bicampeão paulista mirim; em 1983/1984, bicampeão panamericano infantil; em 1983, campeão, na Argentina, do Sul- Americano Infantil; em 1985, campeão paulista infantil; em 1986, campeão paulista juvenil; em 1987, vice-campeão paulista juvenil; em 1988, campeão mundial interclubes juniores na Alemanha. Todos os títulos foram conquistados defendendo as cores do Palmeiras.

O primeiro elenco para disputar o Campeonato Paulista da Terceira Divisão de Profissionais^[4], em 1990, contou com jogadores vindos de clubes como Palmeiras, São Paulo, Corinthians, Santo André, além de representantes da própria cidade. O elenco completo era formado por Alexandre, Camargo, Marcel, Emiliano, Delei, João Carlos, Uilton, Cacá, Rogério, Taloni, Reinaldo, Luis Carlos, Roni, Luiz Pereira, Nivaldo, Paulinho, Adriano, Loro, Alemão, Tião, Giba, Amaral, Claudinho, Zé Félix, Batata, Robson, Xaléu, Fernando e Marcão. O preparador

físico era Laurindo Menezes e o massagista, Garrote.

Para treinar a equipe e montar o time base, vários amistosos foram marcados. Mas, a princípio, não foi fácil colocar os atletas em campo. No dia 20 de Janeiro de 1990, o Guarulhos não compareceu ao jogo marcado, o mesmo se repetindo, cinco dias depois, com a Seleção da Argentina, que estava no Brasil participando do Mundialito dos Imigrantes.^[5] A Seleção da Argentina não se apresentou ao amistoso marcado alegando que, após ter disputado a final da Copa do Craque, contra a Itália, no Pacaembu, e vencido por 3 X 2, os jogadores ficaram comemorando até tarde. Como havia sido feriado, em São Paulo, por causa do aniversário da cidade, ficou impossível reunir todo o grupo de jogadores. O amistoso só se realizou em 16 de Fevereiro, e o time de São Caetano venceu por 2 X 0, com gols de Tião e Félix.

A AD São Caetano fez uma campanha brilhante. Mesmo tendo perdido quatro pontos, depois os recuperou em duas vitórias contra o Paulistano de Jundiaí. Por determinação da Federação Paulista de Futebol, a equipe da cidade de Jundiaí foi eliminada do campeonato e todos os seus pontos foram cancelados. O regulamento do campeonato determinava a divisão dos 27 participantes em quatro grupos : Série A - União Cruzeirense, Paulistano de São Roque, União de Suzano, Comercial de Registro, Paulista de Jundiaí, Taboão de São Bernardo; Serie B - São Caetano, XV de Novembro de Caraguatatuba, Guarani Saltense, Vila das Palmeiras de Guarulhos, Embu-Guaçu, Atibaense; Série C - Corinthians de Presidente Venceslau, Andradina, São

Paulo de Avaré, Nevense, Ranchariense, Guariba, José Bonifácio; Série D - Palmeiras de Franca, Severinia, Estrela da Bela Vista, Monte Azul, São Simão, Cravinhos, Ituveravense, Palmeirinha de Porto Ferreira. Jogou o Grupo A contra o Grupo B, em turno e retorno. Depois, as equipes se enfrentaram, dentro do próprio grupo, novamente em turno e retorno. Se classificaram as quatro melhores de cada grupo, totalizando 16 equipes que foram novamente reagrupadas em quatro conjuntos de quatro equipes, que jogariam entre si dentro da própria chave. Para se saber o campeão geral, foi computada a soma de pontos dos primeiros colocados de cada grupo desta última fase.

Deu AD São Caetano, com uma campanha impecável : 28 jogos, 15 vitórias, 11 empates e apenas duas derrotas. Marcou 49 gols e sofreu 21, tendo um saldo positivo de 28 gols. Os artilheiros da temporada foram : Taloni com 8 gols, Loro e Xáleu com 6 gols cada um. Dos 56 pontos possíveis, a agremiação conquistou 41, isto é, 73% de aproveitamento.

E assim, com muita paixão - como deve ser, pois futebol sem paixão não existe -, a AD São Caetano ganhou o título, primeiro de uma série de muitos outros que viriam. Escreveu seu nome para sempre na lembrança e no coração do torcedor apaixonado.

NOTAS -

[1] Em 1907, o Distrito Federal (Rio de Janeiro) detinha 33% da produção industrial do País, enquanto São Paulo era responsável por 16,5%. Em 1920, contudo, São Paulo já era a primeira cidade em capital, produção, número de empresas e operários. O rápido desenvolvimento foi fruto do

café, das ferrovias, porto, cidades e mercados criados.

[2] Até 1900, entraram quase um milhão de estrangeiros, ao custo de US\$ 7 milhões. O número ultrapassou as necessidades da lavoura, e o excedente foi para as fábricas.

[3] Definição do escritor espanhol Júlio Maçares para a paixão do brasileiro com o futebol.

[4] Na realidade, era a Quarta Divisão, pois de 1988 a 1990 os clubes do campeonato paulista estavam divididos em níveis denominados: Primeira Divisão, Divisão Especial, Segunda Divisão e Terceira Divisão. A AD São Caetano, como equipe estreante, disputaria o último nível.

[5] Torneio promovido pelo Clube Argentino do Brasil. Contou com a participação das seleções do Chile, Espanha, Holanda, Turquia, Argentina e Itália.

BIBLIOGRAFIA -

- BAER, Werner. A Industrialização e o Desenvolvimento Econômico do Brasil. Rio de Janeiro: Fundação Getúlio Vargas, 1966.
- DIEGUEZ, Gilda. Esporte e Poder. Petrópolis: Vozes, 1985.
- FARAH, José Jorge Neto e KUSSAREV, Rodolfo Jr. Almanaque do Futebol Paulista 2000. Osasco: Panini, 2000.
- FREYRE, Gilberto. Casa Grande & Senzala. Rio de Janeiro: Record, 1995.
- LEITE, Dante Moreira. O caráter nacional brasileiro. São Paulo: Ática, 1992.
- LEVER, Janet. A loucura do futebol. Rio de Janeiro: Record, 1983.
- NEEDELL, Jeffrey. Belle époque tropical. São Paulo: Companhia das Letras, 1993.
- MATTOS, Cláudia. Cem Anos de Paixão. Rio de Janeiro: Rocco, 1997.
- SANTOS, Joel Rufino dos. História política do futebol brasileiro. São Paulo: Brasiliense, 1981.

(*) José Odair da Silva, mestre em História



Fundação Pró-Memória

Depoimento de Armando Amadeu dado à Fundação Pró-Memória em 31 de Agosto de 2000

Armando Amadeu, craque que passou pelo São Caetano EC na década de 40

No final da década de 40, quando o São Caetano Esporte Clube disputou a segunda divisão profissional da Federação Paulista de Futebol, um jogador despontou como craque completo. Tratava-se do apoiador Armando Amadeu que, posteriormente, jogaria no Palmeiras, no Bahia e em outras equipes. Possuía características que foram extintas: classe e elegância.

Atualmente, Armando Amadeu trabalha com o filho, Adilson Armando, em um escritório no Bairro do Brás, onde

mantém uma sala especial, que leva seu nome, e na qual estão guardados taças, troféus, medalhas e fotografias que registram toda a carreira de futebolista. No dia 31 de Agosto de 2000, o esportista, em depoimento à Fundação Pró-Memória, rememorou a trajetória de vida, dando atenção especial aos anos de jogador profissional.

Nasci no Bairro do Brás, São Paulo, em 1924. Sou filho de imigrantes portugueses, e meu pai trabalhava como ajudante de caminhão na

Companhia Antártica Paulista (...) Éramos em quatro irmãos. Nesse local passou a infância, em uma casa localizada na Rua Marcolina. Curcando o primário no Grupo Escolar Orestes Guimarães, no tempo livre divertia-se disputando partidas de futebol em dezenas de terrenos baldios. Lembro-me de que, embora participasse de todos os jogos naquela época, gostava mesmo era de automobilismo e boxe (...) Eu era um verdadeiro fanático por estes dois esportes (...) Mas o tem-



Fundação Pró-Memória



Armando Amadeu na equipe campeã do Quinto Grupo da Federação Paulista de Futebol (segunda divisão), em 1950. Em pé, da esquerda para a direita: Vítor, Armando, Neno, Orestes, Nilo e Mário. Agachados: Lula, Andó, Oswaldo, Walter e Elzo

po foi passando, e eu completava as vagas dos jogadores que faltavam (...) O pessoal achava que eu tinha qualidades para o futebol, e a minha presença passou a ser exigida pelos torcedores daqueles clubes de várzea onde eu atuava.

Na capital de São Paulo, no início da década de 40, o futebol varzeano era muito presente. Vários campeonatos amadores eram disputados em quase todos os bairros da cidade. Segundo o ex-jogador, havia clubes muito bons, com grandes jogadores, como eram os casos do Lusitano Futebol Clube, do Brás; do Esporte Clube Silva Teles; do Flamengo do Pari; ou ainda do Guanabara da Vila Mariana. Armando Amadeu, mesmo não sendo profissional, diferenciava-se dos demais atletas por receber alguns trocados para jogar. *Era pouco, mas era um incentivo muito grande para quem já pensava em profissionalizar-se. Em casa eu não recebia apoio como jogador (...)* Meu pai, português, só me aceitaria na Portuguesa de Desportos - aliás, com muita razão -, e

minha mãe tinha outras preocupações. Temia, por ser eu muito magro, que eu sofresse um acidente (...) Quebrar um braço, uma perna, ou seja, preocupação de mãe mesmo.

Desde cedo começou a trabalhar. Aos nove anos, arrumou o primeiro emprego. Era na firma Almeida Landry, localizada na Rua Florêncio de Abreu. Assim, foi obrigado a frequentar a escola de manhã. Em seguida, passou para a Casa Armênia, propriedade dos irmãos Gasparians, na Rua 25 de Março. Ao deixar o local, ficou por um tempo desempregado. Entretanto, não tardou para que se transferisse à empresa Laborterá-

pica, cujo time de futebol disputava, aos sábados à tarde, o campeonato da LECI (Liga de Esportes do Comércio e Indústria). *Uma das pessoas que me acompanhava nos jogos pela várzea paulistana era químico neste laboratório (...)* Senhor Canovas (...) Então eu pedi a ele que me arrumasse emprego (...) Porém também quis que ele me promettesse o seguinte: Não falar que eu jogava futebol, mas dizer apenas que eu queria trabalhar na Laborterápica (...) Não deu outra, aconteceu exatamente o contrário. Um dos jogadores da empresa, o Ribeiro, recebeu convite para ir jogar no América do Rio de Janeiro. Ele aceitou e o time ficou incompleto para o campeonato varzeano. A diretoria do Laborterápica, preocupada, começou a procurar outro jogador, até que o meu amigo Canovas entregou o jogo (...) Chegou para os diretores e disse: "A nossa empresa possui, no quadro de funcionários, o maior jogador da várzea paulistana e vocês estão preocupados em substituir o Ribeiro!" Armando Amadeu foi logo convocado a comparecer ao gabinete



Time do São Caetano Esporte Clube, em 1950, no campo da Rua Paraíba, onde Armando Amadeu atuou. Da esquerda para a direita: Vítor, Sidney, Armando, Walter, Neno, Rubens, Tube e Schuber

do presidente da firma, José Pires. O executivo não abriu mão da participação do rapaz, na época com 17 anos, no campeonato que iria começar. O primeiro jogo foi no campo da Klabim (hoje Terminal Rodoviário Tietê). O trabalho na fábrica, porém, continuou. Chegou mesmo a ser promovido à função de representante comercial. A atuação da empresa na cidade se fazia pela divisão por zonas. O futuro jogador profissional era responsável pela região que abrangia os bairros do Ipiranga, Socorro e arredores. No Bairro do Ipiranga, existia o Clube Atlético Ypiranga, na Rua dos Sorocabanos. *Eu não resistia à paixão de ver este time treinar e, numa das visitas ao clube, conversei com o técnico, o Garbo, um argentino, que me propôs fazer alguns testes (...) Fui e agradei (...) Comecei a participar de alguns treinos e jogos amistosos, escondido da Laborterápica (...) No entanto, não dava mais para disfarçar (...) Então, resolvi abandonar o Clube Atlético Ypiranga e voltar à minha vidinha simples de representante comercial.*

A vontade de se tornar jogador profissional, todavia, não lhe permitiu acomodarse. Nessa época, recebeu convite para treinar no São Caetano Esporte Clube. As atividades físicas, como a maioria dos atletas trabalhava, começavam após às quatro horas da tarde. Os jogadores só treinavam às quintas-feiras, em campo localizado na Rua Paraíba. Desse modo, Armando Amadeu, que deixava o mate-



Armando Amadeu, na companhia do filho Adilson Armando, juntamente com os netos. Agosto de 2000

rial esportivo guardado no bar de um amigo na Praça da Sé, pegava trem ou ônibus e, uma vez por semana, vinha para São Caetano do Sul.

- Fui contratado, e o ordenado era bom (...) O diretor do clube era o sr. José Fuchs, e o presidente era Walter Braido, que depois foi prefeito (...) Comecei a treinar e a

jogar (...) Não me esqueço do Walter Queiroz, um menino pobre do Cambuci, que fez carreira no Vasco, Santos, Seleção Brasileira de Futebol e que, quando jogava no Valência, na Espanha, morreu em um acidente de automóvel (...) O final da década de 40 foi o apogeu do São Caetano Esporte Clube (...) O time disputava a segunda divisão de futebol profissional da Federação Paulista de Futebol.

De fato, o São Caetano Esporte Clube, em 1948, possuía um bom time. A linha de frente era formada por Elcio, Andó, Oswaldo, Walter e Wilson. O jogador Lula, ex-Palmeiras, veio depois. Na reta final do campeonato desse ano, o São Caetano Esporte Clube enfrentou as agremiações do Limense, do Botafogo de Ribeirão Preto e do Noroeste de Bauru. Armando Amadeu acabou por transferir-se a essa equipe. Em Bauru, trabalhou com técnicos como Begliomini e Valdemar de Brito (que descobriu Pelé). *Fiquei dois anos no Noroeste, e de lá fui para a Portuguesa*



Reportagem publicada no Jornal Notícias Populares, em 30 de Agosto de 1988, sobre o futebolista Armando Amadeu



Armando Amadeu diante da sala de troféus, no escritório do Brás. Agosto de 2000

Santista. Devo lembrar que já havia me desligado da Labor-terápica. Não consegui ganhar muito, mas o suficiente para quebrar o galho (...) Fazia um bico aqui, outro ali, lembrou o ex-atleta.

Armando Amadeu, interrompendo o relato com uma rápida digressão, fez questão de lembrar dos dias de pagamento e das confraternizações dos jogadores do São Caetano Esporte Clube. *Voltando aos tempos de São Caetano Esporte Clube, lembro-me de que os jogadores eram obrigados a esperar o fim do baile, na sede social da Rua Perrella, a fim de que os diretores conferissem a renda e nos pagassem o salário (...) Quanto às confraternizações, sempre nos juntávamos, para comemorar os êxitos, nas cervejadas, acompanhadas de pizzas, realizadas na Pizzaria Brasil, na Rua Baraldi.*

Ao deixar a Portuguesa Santista, foi jogar no Bahia Esporte Clube. *Participei, se não me engano, da inauguração do Estádio Fonte Nova, em memorável jogo contra o*

Clube Atlético Mineiro. Entretanto, devido à doença do pai, acabou retornando a São Paulo. Em 1952, passou a atuar pela Sociedade Esportiva Palmeiras, cujo quadro era composto por craques como Jair da Rosa Pinto e Rodrigues. Sete anos depois, abandonou o profissionalismo. Antes do fim da carreira, jogou pelo Paulista de Jundiaí, disputando novamente a segunda divisão do futebol paulista. Lá encontrei o Nicanor, o Dalmo, o Bene, e outros grandes craques do futebol (...) Em Jundiaí, eu era conhecido como bigode (...) O Paulista contratou outro Armando, do São Paulo Futebol Clube (...) Na hora da escalação, o radialista me chamou de bigode, e o outro Armando foi chamado de "Armando cara manchada" (...) Deu o maior quebra-pau (...). Armando Amadeu, em realidade, só deixou de jogar futebol profissional algum tempo depois, na cidade de Bebedouro.

Encerrada a carreira de futebolista profissional, começou a trabalhar no Fórum de São Paulo, onde se aposen-

tou. Mas ainda jogava bola. Nesse tempo, comenta, viajei com os veteranos do Palmeiras, acompanhando ex-craques como Oberdan, Jair da Rosa Pinto, Fiúme, Dema e Aquiles (...) Foram doze anos de viagens, onde ganhávamos um cachêzinho (...) Até hoje mantenho amizade com todos esses veteranos (...) Todo mês de Setembro, o Palmeiras oferece um jantar aos jogadores que passaram pelo clube. O orador é sempre o locutor Fiori Giglioti.

Armando Amadeu, mesmo tendo passado por inúmeros clubes e cidades, guarda um carinho especial por São Caetano do Sul. Com efeito, os anos em que atuou pelo São Caetano Esporte Clube foram muito importantes para o crescimento enquanto jogador, além de lhe trazerem à memória alegres lembranças de episódios vividos com os companheiros. *Em relação a São Caetano do Sul... (...) Tenho muitas saudades daquele tempo (...) Foi uma época marcante na minha vida profissional (...) Recentemente, voltei a São Caetano e fiquei surpreso com o crescimento e desenvolvimento local. Aproveito este depoimento para mandar um abraço a todos os meus ex-colegas do famoso esquadrão do São Caetano Esporte Clube, uma verdadeira família, e também lembrar a figura do sr. José Fuchs, diretor de esportes, que só entrava nos vestiários quando o time perdia, pois nas vitórias não eram necessários afagos e tapinhas nas costas.* (depoimento de Armando Amadeu à Fundação Pró-Memória em 31 de Agosto de 2000)

Início da segunda fase do projeto de musealização da Arqueologia



O projeto *Musealização da Arqueologia e a preservação dos lugares da memória como*

fatores de revitalização urbana: o caso de São Caetano do Sul, SP, cuja primeira fase ocorreu no biênio 1999/2000, entra na segunda etapa neste ano de 2001. Coordenado pela professora Maria Cristina Oliveira Bruno, o trabalho - orientado para o Programa de Políticas Públicas/Fapesp (Fundação de Amparo à Pesquisa do Estado de São Paulo), em iniciativa conjunta entre o Museu de Arqueologia e Etnologia da USP e a Fundação Pró-Memória de São Caetano do Sul -, na atual etapa, tem o propósito de identificar, estudar e musealizar os lugares indicadores da história cultural do município, buscando também colaborar com os processos de revitalização urbana. A primeira fase, em rea-



Arqueólogos do MAE (Museu de Arqueologia e Etnologia) executam o Teste Geofísico na área da antiga Indústria Matarazzo, no Bairro Fundação, em Maio de 2000

Fundação Pró-Memória

lidade, teve o objetivo de consolidar a parceria institucional e experimentar o modelo teórico metodológico desse segundo passo.

Em suma, a primeira parte apontou as principais questões a ser levadas em conta no tocante à construção da memória coletiva da cidade: busca e interpretação de documentos e vestígios que possam sustentar uma cronologia permeada por distintos momentos de conquista, formas de trabalho e expressões culturais; e com-

preensão de quase quatro séculos de apropriações, transformações e convivência, no intuito de tornar mais claros os estudos sobre a existência de indígenas (na região, no século XVI), o início da atuação dos beneditinos, os primeiros limites da Fazenda de São Caetano do Tijucuçu, as edificações pioneiras, a configuração do Núcleo Colonial, as expressões culturais dos imigrantes e migrantes, a emancipação política, a orientação industrial e outros aspectos que tangenciam os limites e as reciprocidades entre público e privado, sagrado e profano, particular e coletivo.

O caminho proposto para a elucidação dos tópicos procura articular Arqueologia e Museologia, na intenção de implementar diretrizes para a recuperação, o estudo, o tratamento e a valorização dos lugares da memória. O programa pretende estar estreitamente ligado aos históricos e aos projetos de recuperação urbana. No mais, há um compromisso



Entre os dias sete e nove de fevereiro de 2000, um seminário interno entre o MAE e a Fundação Pró-Memória deu início ao projeto de escavação arqueológica

Fundação Pró-Memória

com a formação de novas gerações, no que diz respeito ao uso qualificado do patrimônio, e a intenção de atuar em conjunto com os projetos *A evolução da paisagem urbana em São Caetano* e *Renovação urbana de um município em transição: a colaboração de São Caetano do Sul, São Paulo, Brasil*, desenvolvidos pela Fundação Pró-Memória.

ANDAMENTO - Seguindo o que foi testado na fase inicial, o estudo pretende dar continuidade à metodologia apoiada em seis conjuntos de procedimentos a serem implantados ao longo das etapas subseqüentes. São eles: leitura e análise documental e bibliográfica; seminários intensivos (entre a equipe e abertos a setores da comunidade); diagnóstico sobre atividades museológicas e referências patrimoniais; prospecção, sondagens e escavações arqueológicas com a finalidade de elaborar-se a Carta de Valoração Arqueológica; tratamentos curatoriais e museológicos dos vestígios evidenciados (organização de acervo e preparação de exposições); edições de recursos didáticos e de volume especial sobre o projeto.

Na prática, tais conjuntos de procedimentos devem ser concretizados nas seguintes ações técnico-científicas e culturais: escavação nas imediações das Indústrias Reunidas Francisco Matarazzo e Matriz Velha; seminários intensivos sobre musealização da Arqueologia para professores de primeiro, segundo e terceiro graus, associações profissionais, sociedades étnicas, consórcio de municípios do ABC, Gipem (Grupo Independente de Pesquisadores da Memória) e comuni-

dades próximas ao roteiro dos lugares da memória, com o fim de divulgar as propostas; tratamento curatorial e museológico dos vestígios evidenciados pelas escavações; estudo, documentação, conservação e exposição para subsidiar projetos educativos e editoriais; edição de um volume especial referente aos trabalhos desenvolvidos; edição de recursos didáticos visando à preservação patrimonial; edição de prospectos informativos para divulgação do roteiro dos lugares da memória; preparação museográfica do primeiro lugar da memória como experiência piloto do estudo. Ao cabo das pesquisas, pretende-se elaborar projeto executivo para a musealização da experiência piloto e preparação do roteiro dos lugares da memória.

FUNDAÇÃO PRÓ-MEMÓRIA TEM PROJETO APROVADO NA COMUNIDADE EUROPÉIA – Nos dias um e dois de Março de 2001, a Fundação Pró-Memória participou de encontro da rede temática nº 2, do programa URB-AL, em Beja, Portugal, onde expôs apanhado geral do Município de São Caetano do Sul, incluindo dados estatísticos, localização, imagens e resumo das ati-



Coordenadores e arquiteta do Projeto Urb-AI na sede dos serviços de Administração Urbanística da cidade de Beja para apresentação do Plano de Salvaguarda e recuperação do Centro Histórico de Beja.

vidades econômicas. Uma vez aprovado o Projeto Comum URB-AI R2 P6 98, Contexto Histórico Urbano, Território e Emprego, que havia sido apresentado em 1998, pretende-se viabilizar sua execução.

Em realidade, trata-se de plano que envolve, além da entidade sancaetanense, as câmaras municipais de Caxias do Sul e Rio Grande (Brasil), as municipalidades de Colonia Caroya e Casilda (Argentina), a Câmara Municipal de Beja (Portugal), a Província de Ter-



Reunião dos coordenadores da sub-rede - 2 - Projeto URB-AL da União Européia - Câmara Municipal de Beja. Da esquerda para a direita: Hugo Daniel Peschiutta (Colonia Caroya, Argentina); Norberto André (Villa-Casilda, Argentina); Josep Soler i Barcelo (Vilafranca del Penèdes, Espanha); Fernando de León Colombo (Vilafranca del Penèdes, Espanha); Victor Paulo S. Silva (Beja, Portugal); Sônia Maria F. Xavier (S. Caetano do Sul, Brasil); Tadiane Tronca (Caxias, Brasil); Fábio de Oliveira Branco (Rio Grande, Brasil) e Donatella Venti (Província di Terni, Itália)

ni (Itália) e Villafranca de Penedes (Espanha). Todas essas cidades participam da rede nº 2 do programa URB-AL.

As redes temáticas são grupos de cooperação cujo objetivo é a realização de projetos comuns para tornar possíveis parcerias sólidas. Ainda que a estratégia seja conjunta, a execução é condizente com a realidade de cada lugar. A rede nº 2 possui o tema A conservação dos contextos históricos urbanos, e a preocupação maior é a de perceber os anseios da população quanto aos bairros e construções, tendo em vista preservá-los. A União Européia propõe-se a ajudar financeiramente e com apoio técnico os projetos comuns.

Na última semana de Junho deste ano, de acordo com o que ficara agendado na reunião de Beja, foi realizado um seminário internacional, em Caxias do Sul, a fim de discutir propostas com vistas a atingir os objetivos da rede nº 2. Os coordenadores apresentaram relatórios de atividades e forneceram dados à cidade sede. Foi elaborado, também, um Catálogo de Boas Práticas - obra dos representantes de Villafranca de Penedes - e foram formados operadores locais. Esse último quesito coube a São Caetano do Sul que, através da Fundação Pró-Memória, coordenou a instrução ou habilitação de profissionais de várias áreas para atuação no projeto. Assim, a Fundação recebeu informações de experiências desenvolvidas em outras localidades, efetuando trabalho adequado à sua realidade.

Tal procedimento, com efeito, enquadra-se nas atribuições

estatutárias da corporação; a saber: pesquisar, contextualizar, preservar, organizar e devolver aos cidadãos sua própria produção cultural, que envolve bens arquitetônicos, memória oral, escrita e iconográfica, logradouros e interferência nas várias etapas de sua história. Verifica-se, na prática, que essas prerrogativas vêm contribuindo para a cidadania, o respeito ao espaço em que habitam as pessoas, a auto-estima do ser humano comum e o desenvolvimento sócio-político de forma positiva e produtiva.

PROJETO MUSEU NA ESCOLA



2001 PASSA POR 33 ESCOLAS ATÉ O FINAL DO ANO – O Projeto Museu na Escola 2001 teve abertura oficial no Colégio Tjucussu Pueri Domus, no dia seis de Março de 2001. Estiveram presentes diversos diretores de escolas e alunos, além da primeira-dama do município, Avelina Tortorello. Atores do Núcleo de Prática da Fundação das Artes fizeram a apresentação de uma pequena esquete baseada na História de São Caetano, o que divertiu adultos e crianças.

Para este ano, o tema explorado está sendo *Imagens de São Caetano do Sul no Século XX*. Dois painéis contendo reproduções de fotos estão circulando por 21 escolas estadu-

ais, cinco municipais e sete escolas particulares do município, ficando uma semana em cada local.

A programação está fechada até o final do ano. Até o momento, o projeto já passou pelos seguintes locais: Colégio Tjucussu Pueri Domus, CIM Alcina Dantas, Feijão, EMEF Ângelo Raphael Pellegrino, EE Profº Rosalvito Cobra, EE Anacleto Campanella, Instituto de Ensino de São Caetano do Sul, EE Dom Benedito Paulo Alves de Souza, Fundação Municipal Anne Sullivan, EE Senador Flaquer, EE Profª Yolanda Ascêncio, EE Profª Eda Mantoanelli, EE Laura Lopes, EE Bartolomeu Bueno da Silva, EE 28 de Julho, EE Padre Alexandre Grigoli e SESI de São Caetano.

A História do município nos últimos 100 anos está representada por duas fotos de cada década. Os alunos acompanham desde a imigração e a formação das olarias até a transformação de São Caetano numa cidade moderna, com altos índices socioeconômicos.

PRÓ-MEMÓRIA PARTICIPOU DE



HOMENAGEM NO DIA INTERNACIONAL DA MULHER – No dia oito de Março, Dia Internacional da Mulher, a Fundação Pró-Memória participou do evento *Mulheres 2001*, promovido pelo Fundo Social de



Solidariedade, no Teatro Municipal Paulo Machado de Carvalho.

A homenagem às mulheres contou com a apresentação do cantor Agnaldo Rayol, acompanhado da Orquestra Filarmônica de São Caetano do Sul e de bailarinas da Escola Municipal de Bailado. A Fundação Pró-Memória montou duas exposições no saguão do teatro.

Fotos de mulheres que fizeram parte da história da cidade, como uma das primeiras imigrantes e a primeira mulher nascida no município, compuseram a exposição *Imagens de Mulher*, que ainda contou com duas reproduções, em tamanho natural, de duas mulheres de épocas diferentes.

Numa visão mais atual, as obras dos artistas plásticos Eden Coppini, Edson Raposo, Fabrizio Dell'Arno, Flavia Ricci, Paulo Boldrini, Renato Brancatelli, Roselita Croda, Valdir Ribas Rodrigues e Wilmar Gomes, mostraram a mulher sob diversas interpretações.

EXPOSIÇÕES - As duas exposições sobre a mulher, montadas pela Fundação Pró-Memória para o evento *Mulheres 2001*, fizeram um sucesso tão grande com o público que circularam em espaços da cidade

durante o mês de Março.

Na agência central do Banco Banespa, esteve a exposição *Imagens de Mulher*. E as obras de arte dos artistas plásticos ficaram na Concessionária Sopave.

ESPAÑA EXPÔS IMIGRAÇÃO



ESPAHOLA NO MUSEU MUNICIPAL - A história dos imigrantes espanhóis chegados em São Paulo e em São Caetano do Sul pôde ser conhecida na exposição *España*, cujos temas eram *A Imigração Espanhola em São Paulo e Presença Espanhola em São Caetano do Sul*, que ficou no Museu Histórico Municipal de 14 de Março a 15 de Maio.

A exposição foi fruto de parceria entre a Fundação Pró-Memória e o Memorial do Imigrante de São Paulo e mostrou vários painéis, com fotos e textos, produzidos pelo Memorial do Imigrante e pelo Museu Municipal, além de diversos objetos deste país da península ibérica.

Peças como leques, pentes de cabelo, roupas típicas, cartazes de touradas, chaveiros e miniaturas, que fazem parte do acervo do museu, ou que foram especialmente emprestadas por famílias espanholas, compuseram o trabalho. A abertura contou com a participação especial do grupo

de dança flamenca Palo Santo e do músico Daniel Caldeira.



CARTEIROS MAIS ANTIGOS DO BAIRRO FUNDAÇÃO HOMENAGEADOS NO MUSEU MUNICIPAL - No dia 31 de Março, o Museu Histórico Municipal de São Caetano do Sul prestou homenagem aos dois carteiros mais antigos do Bairro Fundação. Francisco Cervan Frias e Luiz Nicoletti Sobrinho completaram 37 anos de serviços prestados somente no bairro.

O evento contou com participação de diversos moradores locais, que fizeram questão de parabenizar pessoalmente os dois carteiros, assim como de representantes da Empresa de Correios e Telégrafos.

PRÓ-MEMÓRIA RELEMBROU



CIRCO EM EXPOSIÇÃO - Fotos de domadores, trapezistas, malabaristas, dançarinas e os inesquecíveis palhaços estiveram na exposição *Memórias do Circo*, uma parceria entre a

Fundação Pró-Memória de São Caetano do Sul e o Museu da Imagem e do Som de São Paulo (MIS), que ficou em cartaz no Salão de Exposições de seis de Abril a 22 de Maio.

Cerca de 30 fotografias, do acervo do MIS, mostraram alguns dos profissionais que marcaram a história do circo no Brasil. O Salão de Exposições ficou com jeito de circo de verdade, com lona e picadeiro.

Integraram ainda a exposição objetos antigos, utilizados pelo palhaço Estrimilique, como sapatos, relógios, tesoura, revólver e navalha, emprestados pelo palhaço Cavadinha. Um ovo de brinquedo, pertencente ao palhaço Piolin, também esteve na mostra.

Mais de 1400 alunos de 17 escolas da cidade visitaram a exposição, receberam explicações sobre a história do circo no mundo e no Brasil, e assistiram a um show com o mágico Barbarossa.

CAVADINHA - A abertura da exposição aconteceu no dia cinco de Abril, num completo espírito de circo. Enquanto eram servidos algodão-doce, pipoca e maçã-do-amor, os convidados acompanharam a apresentação do palhaço Cavadinha, que encantou adultos e crianças, da Alberto Banda Show e dos alunos da EMEI Abelardo Galdino Pinto, que fizeram uma homenagem ao palhaço Piolin.

PRÓ-MEMÓRIA ABRE NOVOS ESPAÇOS CULTURAIS NA CIDADE – A Fundação Pró-Memória está com novos espaços culturais na cidade, seguindo a meta de ampliar o número de



espaços para a difusão de seu acervo.

Além do Circolo Italiano, da Associação Comercial e Industrial, do Shopping São Caetano e do Espaço Verde Chico Mendes, estão recebendo exposições a agência central do Banespa (Rua Rio Grande do Sul, 247), o Centro de Convivência da Terceira Idade João Nicolau Braido (Rua Humberto de Campos, 600), o Instituto de Previdência e Assistência Social Municipal (Rua Pernambuco, 100) e o Terminal Ferroviário de São Caetano do Sul.

FUNDAÇÃO PRÓ-MEMÓRIA E



MAE APRESENTARAM PROJETO DE PRESERVAÇÃO DA MEMÓRIA DE SÃO CAETANO DURANTE SEMINÁRIO – A Fundação Pró-Memória de São Caetano do Sul e o Museu de Arqueologia e Etnologia da Universidade de São Paulo realizaram, no dia cinco de Maio, o seminário *Lugares da Memória: Diagnóstico Museológico*, no anfiteatro do Colégio Tijuçussu Pueri

Domus. O evento teve apoio da Fapesp (Fundação de Amparo à Pesquisa do Estado de São Paulo) e do Colégio Tijuçussu Pueri Domus.

O objetivo principal do encontro foi a divulgação e explicação do projeto *Musealização da Arqueologia e a Preservação dos Lugares da Memória como Fatores de Revitalização Urbana: o Caso de São Caetano do Sul*.

A realização de seminários está dentro da metodologia do projeto, que também visa à participação de escolas, associações e entidades conhecedoras da história e cotidiano do município, para que indique estes lugares da memória.

Entre os palestrantes estavam a presidente da Fundação Pró-Memória, Sônia Maria Franco Xavier, e a museóloga do MAE, Prof. Dra. Maria Cristina Oliveira Bruno. Foram apresentados temas como *A Musealização Patrimonial e a Revitalização de Processos Urbanos, Trajetória Histórica em São Caetano do Sul e O Diagnóstico Museológico de São Caetano do Sul*.

No final, os participantes responderam a um questionário e analisaram todas as etapas do projeto, dando sugestões para o aprimoramento do trabalho.

PRÓ-MEMÓRIA FEZ ARTE NO DIA DO ARTISTA PLÁSTICO – Para comemorar o Dia do Artista Plástico, oito de Maio, a Fundação Pró-Memória de São Caetano do Sul realizou evento diferente e beneficente, totalmente dedicado à arte.

Durante todo o dia, 15 artistas plásticos da região do



ABC, de São Paulo, do litoral e do interior, ficaram espalhados nos jardins do prédio da Câmara Municipal de São Caetano, munidos de pincéis e telas, produzindo pinturas. A produção chamou a atenção de muitas pessoas que passaram pelo local e não resistiram em parar a fim de apreciar como se faz uma obra de arte.

Os trabalhos foram doados ao Fundo Social de Solidariedade local, que realizou um leilão das peças. A primeira-dama e presidente do Fundo Social, Avelina Tortorello, esteve presente no evento e acompanhou de perto a elaboração dos trabalhos.

ARTISTAS - Participaram do evento os seguintes artistas plásticos: Edson Raposeiro, Fabrizio Dell'Arno, Renato Brancatelli, Ribas, Wilmar Gomes, Thiana Lucca, Cida Muffa, Damara Bianconi, Francisco Ferreira e Susie Hervatin, de São Caetano, Cecy Matos, de São José do Rio Preto, Jane Figueiredo, de São Paulo, Márcia Covino, de Santo André, e Marja e Carmem Sabatini, de Santos.

PRÓ-MEMÓRIA CRIA PROJETO MEMÓRIA E CIDADANIA – A Fundação Pró-Memória de São Caetano do Sul lançou, durante a primeira edição do Governo Itinerante 2001, no dia 12 de Maio, no Bairro Barcelona, o

projeto Memória e Cidadania. Seguindo o princípio do Governo Itinerante, de aproximar a administração pública aos moradores da cidade, a Fundação Pró-Memória pensou em estreitar o envolvimento com a população dos bairros.

A aproximação está sendo feita de duas maneiras. Primeiramente, durante cada edição do Governo Itinerante, uma exposição conta um pouco da história de cada localidade. Outro item do projeto é a identificação dos agentes que contribuíram para a construção da cidade e dos bens patrimoniais preservados por eles. A identificação é feita a partir dos dados levantados pelo Censo Histórico, realizado em 2000.

A partir desse censo, são localizados os moradores mais antigos de cada bairro. As pessoas são homenageadas durante os Governos Itinerantes e recebem convite para serem entrevistadas pelos pesquisadores da Fundação Pró-Memória.

Os depoimentos estão gravados para compor uma base de dados de história oral, formando valiosa fonte de pesquisa e instrumento de preservação de um patrimônio de grande valor, a memória.

MUSEU MUNICIPAL FALOU DE AMOR EM EXPOSIÇÃO – *Falando de Amor - O Amor Romântico* enfocou o relacionamento amoroso através dos anos em exposição montada no Museu Histórico Municipal de São Caetano do Sul, de 19 de Maio a quatro de Julho.

Enfocando a produção cultural, os usos e comportamentos sociais dentro do tema,



foram apresentadas diversas manifestações do amor romântico desde o início do século XX.

Foram lembrados os trovadores e várias manifestações onde o amor esteve presente, como literatura, cultura, pintura, propaganda e outras referências. Cartas amorosas do início do século passado, assim como objetos relacionados ao tema completaram o visual romântico da exposição.

PRÓ-MEMÓRIA RECEBE VISITA DO GRUPO DE ESTUDOS DO ROTARY – A Fundação Pró-Memória recebeu, no dia 23 de Maio de 2001, a visita de participantes do Grupo de Estudos do Rotary. Ana Mercedes Massol Lugo, gerente de marketing, Magali Monserate Cerpa, jornalista, Vanessa Villafañe Cruz, técnica químico-ambiental e João Carlos, professor de História, todos de Porto Rico, vieram acompanhados de Mariano Molini Faber, líder do grupo de intercâmbio do Rotary de Porto Rico.

Segundo Mosavi Aparecida Ribeiro, rotariana de São Caetano do Sul, todos os anos a cidade recebe a visita destes grupos de intercâmbio (atividade promovida entre os Rotaries). O líder Mariano afirmou que a

visita ao Brasil serviu para conhecer um pouco da cultura do País.

Durante todo o dia, o grupo circulou pela cidade, conhecendo seus principais pontos. Na passagem pela Fundação Pró-Memória, acompanhados pela presidente Sônia Maria Franco Xavier, os visitantes puderam apreciar a exposição Memórias do Circo, em cartaz no Salão de Exposições.

EXPOSIÇÃO COMEMOROU CIN-



QUENTA ANOS DO ROTARY – De 24 de Maio a 29 de Junho, o Salão de Exposições da Fundação Pró-Memória esteve com a exposição comemorativa *Rotary São Caetano - 50 Anos*, uma mostra fotográfica e de objetos alusiva ao 50º aniversário do Rotary Club-Centro. Contou com 30 painéis onde foram apresentadas fotografias em ordem cronológica dos principais eventos realizados pelo Rotary.

A trajetória desse clube de serviços foi contada desde a década de 50 até os dias atuais, resgatando a participação dos rotarianos na vida política e cultural da cidade, com ênfase na criação da Delegacia do CIESP (Centro de Indústrias do Estado de São Paulo) e na fundação da Companhia Telefônica da Borda do Campo (CTBC).

Além das fotografias, a ex-

posição trouxe também objetos, livros, documentos, revistas, flâmulas, troféus, medalhas, diplomas, jornais e bandeiras que atestam o trabalho contínuo e edificante realizado em 50 anos de história. Nas vitrines, foram expostos os relatórios de atividades de cada presidente, com os respectivos jornais rotários, onde foram registrados detalhes de cada ano.

EXPOSIÇÃO DA PRÓ-MEMÓRIA NO SHOPPING ABC RELEMBRA ANTIGOS CASAMENTOS – De três a 31 de Maio, a Fundação Pró-Memória de São Caetano do Sul manteve em cartaz a exposição *Retratos de Casamento*, no Shopping ABC, como parte de uma homenagem que o shopping fez ao mês das noivas.

Composta por imagens que resgatam o romantismo do casamento através da lembrança da união de antigos casais sancaetanenses entre as décadas de 10 e 50 (do século XX), *Retratos de Casamento* traz uma série de informações que podem ser constatadas através de um olhar mais atento, como o envolvimento amoroso dos noivos, o clima romântico e festivo dado pelas flores e os detalhes e a simbologia das roupas.

Puderam ser apreciados e lembrados os vestidos de noiva, sempre na cor branca, e os detalhes como o véu, a grinalda e o buquê. Os noivos, geralmente de preto, também apareceram em seus trajes finos e elegantes, mostrando que os homens também sempre deram importância ao ritual das cerimônias de casamento.

PRÓ-MEMÓRIA LANÇA LOGO-

TIPO PARA OS DEZ ANOS – A Fundação Pró-Memória de São Caetano do Sul, criada pela Lei Municipal nº 3.147, de 12 de Junho de 1991, completou dez anos no último dia 12 de Junho. Para celebrar a data, foi lançada uma marca comemorativa, que já vem acompanhando todas as correspondências da Fundação, e vai permanecer até o final do ano.

O logotipo foi desenhado por Jayme da Costa Patrão, cartunista, artista-plástico e membro dos Conselhos Diretor e Editorial da Fundação Pró-Memória. Nele, a História de São Caetano do Sul está representada através do desenho da Igreja São Caetano (a Matriz Velha do Bairro Fundação), ponto de referência histórica e única construção tombada pela municipalidade (Lei nº 1.142 de 12 de Novembro 1965).

A primeira atividade econômica desenvolvida no município também está presente no desenho. A pequena parede de tijolos, em frente à igreja, faz referência às olarias.

CONVÊNIO – A Fundação Pró-Memória de São Caetano do Sul e o Museu Paulista da Universidade de São Paulo assinaram, no primeiro semestre deste ano, um protocolo de intenções que estabeleceu convênio para a realização de projetos em conjunto. A assinatura foi feita em cerimônia ocorrida no gabinete do prefeito.

O convênio estabelecido entre as duas instituições permite a realização de projetos nas áreas de educação, pesquisa ou extensão de serviços à comunidade, durante o período de dois anos.

Paula Ferreira Fiorotti



Memória Fotográfica

Fundação Pró-Memória



1

1 - O vice-prefeito Lauro Garcia discursa, diante do retrato do pai, José Mariano Garcia Júnior, na inauguração do Parque Infantil Vila Barcelona, em 29 de Julho de 1960

Paulo Roberto Tacchinardi



2

2 - Nos festejos comemorativos do 90º aniversário de São Caetano do Sul, em 1967, a Rádio Cacique promoveu evento, com artistas populares, no ginásio de esportes do Estádio Municipal Lauro Gomes. Um dos que se apresentaram foi Nelson Gonçalves, entusiasmando o público presente ao cantar grandes sucessos de seu repertório. O patrocínio era da Casa Bahia e da Philco

Fundação Pró-Memória



3

3 - Quadro principal do C. A. Ipiranguinha de 1955: João, Mário, Nenê, Guido, Didi e Luiz. Agachados: Lindolfo, Monvi, Cavalinho, Negão e Norival. O Clube Atlético Ipiranguinha, time de futebol amador da antiga Vila Paula (atual Bairro Santa Paula), foi fundado em 23 de Abril de 1939, passando a integrar, mais tarde, a Federação Paulista de Futebol e a Liga Esportiva de São Caetano do Sul. Conquistou, em 1947, o título de campeão na categoria do 2º quadro e, em 1948, foi campeão da cidade pela categoria principal. Possuía sede na Rua Martim Francisco, nº 267. Hoje em dia, a agremiação não existe mais. Os antigos jogadores, porém, ainda se reúnem no intuito de prestar homenagens à extinta equipe

Família Viana



4

4 - Ano de 1948 - Rua Niterói, Bairro Centro, próximo à esquina da Rua Amazonas. O prédio à direita era a sede da Companhia Telefônica Brasileira, com entrada pela Rua Amazonas. Maria Conceição Viana e a neta Fátima Aparecida Viana moravam na Rua Niterói, 263



**Memória
Fotográfica**

1 - Quase no término das obras, o prefeito Oswaldo Samuel Massei (segundo da esquerda para a direita) visitava o futuro Paço Municipal, acompanhado do diretor de administração, Antônio Russo (à direita de Massei), do chefe de gabinete, Oscar Garbelotto (primeiro à esquerda de Massei), e do vereador Luiz Rodrigues Neves. Fim dos anos 50



Oscar Garbelotto

2 - Ano de 1963. Grupo de amigos, secundaristas do Instituto de Ensino Barão do Rio Branco, da Vila Gerti, ao lado da recém-inaugurada fonte luminosa da Praça Cardeal Arcoverde, em frente à Matriz da Sagrada Família. Da esquerda para a direita: Walter Santi, Nivaldo Santi, José Parra e Dárcio Poveda



Armando Lopes

3 - No ano de 1966, a Sociedade Amigos do Bairro da Fundação homenageou os fundadores da cidade. Ao fundo, da esquerda para a direita: Ítalo Dal'Mas, Rafael Daniel Filho, Madalena Rossi, Armando Lopes, Luiz Martorelli, Ieso (?) e João Marcelino Braido



Armando Lopes

4 - Entrega de diploma às personalidades de maior destaque no ano de 1963. A premiação fora concebida pela Comissão do Grêmio 28 de Julho. Da esquerda para a direita, em pé: Sinval Correia de Araújo; Plínio de Assis; Antônio Carlos Carvalho; Armando Lopes; Keigo Toyoda; Floriano Leandrini; (?); Sidnei Cavassani; (?); (?); Sentados, da esquerda para a direita: Antônio Caparros; Vilibaldo C. Maia; Vincenzo Giordano; Túlio Negro; José Teixeira Gonçalves; Orlando de Souza; (?); (?)



Fundação Pró-Memória



Fundação Pró-Memória

1 - A Real Academia Filarmônica de Bolonha concedeu a Lucille Trentine, em 20 de Janeiro de 1914, o título de violoncelista. Além de músico, também era empresário. Em 1925, fundou empresa de bebidas que existe até hoje (o sobrinho Cezare Trentine mantém à risca a tradição dos antecessores). Os produtos mais famosos são o Ferro Quina e o Ferro Cálcio, com baixa graduação alcoólica, indicados pelos médicos como fortificantes devido a propriedades medicinais



Fundação Pró-Memória

2 - A Agência dos Correios, em São Caetano, passou por vários endereços desde a primeira instalação, na Rua Rio Grande do Sul, nº 126. Em 14 de Outubro de 1956, eram inauguradas novas instalações, na Rua Pará, onde hoje se localiza a parte térrea do Cartório de Registro Civil. No local, também funcionava a Agência Postal Telegráfica



Fundação Pró-Memória

3 - Em 31 de Janeiro de 1981, o prefeito de São Caetano do Sul, Raimundo da Cunha Leite, cumpriu uma das promessas de campanha, ou seja, arborizar a antiga Rua dr. Ramos de Azevedo, em frente às instalações da Aços Villares. Atrás do chefe do Executivo - que segura uma pá -, estavam, em meio a outros, Floriano Leandrini (de óculos) e Antônio José dos Santos, presidente da Comissão de Esportes



Fundação Pró-Memória

4 - Em Janeiro de 1977, foi entregue, a Francisco Matarazzo Júnior, pela Câmara Municipal, o título de cidadão sul-sancaetanense. O autor da homenagem foi o vereador Oswaldo Martins Salgado que, para tanto, fez uso do Decreto Legislativo nº 106, de 11 de Agosto de 1976. A sessão solene ocorreu na residência de Francisco Matarazzo Júnior, na Avenida Paulista, em São Paulo, e contou com a presença dos políticos de São Caetano. Da esquerda para a direita: Walter Braidó, Antônio José Dall'Anese, Fábio Ventura, Raimundo da Cunha Leite e Francisco Matarazzo Júnior



Memória Fotográfica

1 - Em 25 de Setembro de 1947, no pátio da General Motors do Brasil, em São Caetano do Sul, fora promovido curso, bancado pela própria multinacional, no intuito de premiar mecânicos das lojas concessionárias espalhada pelo País. Da esquerda para a direita, o primeiro, agachado, é Oswaldo Bisquolo, que teve atuação destacada no movimento autonomista de São Caetano em 1948



Oswaldo Bisquolo

2 - Ficha de inscrição do jogador de futebol amador de São Caetano do Sul, Alexandre D'Agostini, de tradicional família sancaetanense. Na temporada de 1953, defendia as cores do São Cristovão Futebol Clube



Fundação Pró-Memória

3 - Aspecto parcial do restaurante, que funcionava junto com o salão de bailes, do Clube Comercial, sucessor do Ideal Clube (que se situava no quarto andar do Edifício Vitória). Ao fundo, o palco onde se apresentava a Orquestra Copacabana, dirigida pelo maestro Afonso Torossian



Fundação Pró-Memória

4 - Um dos mais tradicionais bailes de São Caetano do Sul era o Baile da Pipoca, patrocinado pela Acascs (Associação Cultural e Artística de São Caetano do Sul). Era realizado desde finais dos anos 50 e durou até à década de 70. Mobilizava, em Junho, a juventude local, proporcionando atrações como a dança da quadrilha. Em 10 de Junho de 1972, foi celebrado um dos últimos bailes, no quarto andar do Edifício Vitória, na Rua Santo Antônio, 500



Fundação Pró-Memória



Memória Fotográfica



Fundação Pró-Memória

1 - O Cruzeiro Futebol Clube foi um time amador, de São Caetano do Sul, que participou da fundação da Liga de Futebol, em 1949. Seu campo ficava na Rua Major Carlos Del Prete, esquina com a Rua São Paulo. Na década de 50, a equipe era formada por Gilberto (diretor), Cerquinha, Albino, Hélio, Durval, Alcides, Paulo (em pé, da esquerda para a direita), Guiça, Sule, Eduardo (macaco), Ierich, e Renato (agachados, da esquerda para a direita)



Fundação Pró-Memória

2 - A camionete do cinegrafista amador Odilo Dorazzo, estacionada em frente à sua casa, na Rua Nelly Pellegrino, era usada, em visitas feitas aos bairros periféricos de São Caetano, para transportar o material necessário à projeção de filmes a crianças pobres e também para fazer publicidade de lojas comerciais e bailes de carnaval, que tinham lugar no antigo Cine Urca (depois Cine Lido e hoje Country-Bear). Década de 50



Fundação Pró-Memória

3 - Antiga Casa Massei, propriedade de José Massei, que funcionou, de 1928 a 1940, na esquina das ruas Amazonas e Rafael Correia Sampaio, atual Bairro Santo Antônio (antigo Bairro Monte Alegre)



Fundação Pró-Memória

4 - Equipe de xadrez de São Caetano do Sul, que se sagrou campeã nos XXVII Jogos Abertos do Interior, realizados na cidade de Marília entre 15 e 23 de Setembro de 1962. Da esquerda para a direita: José de Paula (dirigente técnico), Laszlo Keresztes, Keigo Toyoda, Roberto Schmidt, e Messias A. Zaia



**Memória
Fotográfica**

1 - Casamento de Eva Gerber e João Ehremerger, membros da colônia alemã da Vila Paula, muito importante para a formação cultural de São Caetano do Sul. A cerimônia foi realizada em 1937, na Rua Marechal Deodoro, na antiga sede do Teuto. O menino agachado ao lado da noiva é Miguel Konacsnyl



Família Konacsnyl

2 - Dois de Setembro de 1934. Grupo de amigos sancaetanenses na praia do José Menino, em Santos. Da esquerda para a direita: Amadeu (?), Nicola Perrella, José Musumeci e Imbrione Paolone



Fundação Pró-Memória

3 - Fachada do Hospital São Caetano, década de 50, após a inauguração. Nos anos 70, o estabelecimento médico cresceu e foram construídas novas áreas, proporcionando melhores condições de atendimento



Fundação Pró-Memória

4 - Os tanques de armazenamento de combustíveis da Texaco, localizados ao longo da Rua Heloisa Pamplona, Bairro Fundação, sempre foram referências visuais e históricas para os sancaetanenses. Instalada na década de 40, a firma The Texas Company (South America Ltda.) tinha endereço oficial na Travessa São José, nº 101, hoje apenas um prolongamento da Rua Perrella, junto aos trilhos da Estrada de Ferro. Ao fundo, parte das instalações do Moinho Santa Clara



Fundação Pró-Memória

ISSN 1415-3173

